

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

BOLETIM DO CDPHA
Número 26

APOIO:



Mariana, MG
2016

Ficha catalográfica:

Boletim do CDPHA / Centro de Documentação e Pesquisa
Helena Antipoff – N. 26(2016).
Belo Horizonte: CDPHA, 1981-

Anual
ISSN 1806-1931

1. Educação – Periódicos. 2. Psicologia – Periódicos
Pesquisas. I. Centro de Documentação e Pesquisa Helena
Antipoff.

CDD 370

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF CDPHA

Diretoria 2015-2017

PRESIDENTE

Regina Helena de Freitas Campos

VICE-PRESIDENTES

Maria do Carmo Lara Perpétuo
(Fundação Helena Antipoff)

Maria do Carmo Coutinho de Moraes
(Associação Pestalozzi de Minas Gerais)

Sílvia Maria Medeiros Magalhães
(ACORDA – Associação Comunitária do Rosário)

Filomena de Fátima Silva
(ADAV – Associação Milton Campos para o Desenvolvimento e
Assistência a Vocações de Bem Dotados)

DIRETORIA TÉCNICA

Adriana Araújo Pereira Borges
Adriana Otoni Silva Antunes Duarte
Carolline Souza Martins
Christiane Campos de Araújo
Deolinda Armani Turci
Miriam Aparecida de Brito Nonato
Renata Pimenta Sadi

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Carlyle dos Passos Laia
Kétherine Oliva Alencar
Larissa Assunção Rodrigues
Lilian Erichsen Nassif
Maria das Graças Ferreira Coimbra
Raquel Martins de Assis
Rosana Matias de Sousa

DIRETORIA FINANCEIRA

Carla Andrea Teixeira Dias Camargos

Delba Teixeira Rodrigues Barros
Fernanda Flaviana de Souza Martins
Luis Flávio Silva Couto
Riviane Borghesi Bravo

CONSELHO FISCAL

Titulares

Cecília Andrade Antipoff
Elizabeth Dias Munaier Lages
Maria de Fátima Pio Cassemiro

Suplentes

Elizabeth Coutinho de Moraes
Rita de Cássia Vieira
Sônia Vieira Coelho

CONSELHO CONSULTIVO

Adriana Cláudia Drumond
Ana Maria Milagres Belo Francisco
Anália das Graças Gandini Pontelo
Camila Jardim de Meira
Clarice Loureiro
Cleuza Glória de Fátima Amorim de Oliveira
Lilian Sipoli Carneiro Cañete
Ricardo José Miranda
Rodrigo Lopes Miranda
Romilda Oliveira Alves
Sérgio Dias Cirino
Sérgio Domingues
Sérgio Farnese
Wellington Marçal de Carvalho

COORDENADORES REGIONAIS

Marilene Oliveira Almeida (FHA)
Erika Lourenço (UFMG)

Contato:

Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central - Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte (MG)

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA**

Boletim do CDPHA

COMISSÃO EDITORIAL

Regina Helena de Freitas Campos
Delba Teixeira Rodrigues Barros
Deolinda Armani Turci
Erika Lourenço
Larissa Assunção Rodrigues
Margareth Diniz
Raquel Martins de Assis

COMISSÃO ORGANIZADORA

Regina Helena de Freitas Campos
Adriana Araújo Pereira Borges
Adriana Otoni
Delba Teixeira Rodrigues Barros
Deolinda Armani Turci
Elizabeth Munaier
Erika Lourenço
Larissa Assunção Rodrigues
Lilian Erichsen Nassif
Luis Flávio Silva Couto
Marcos Vieira Silva
Maria de Fátima Pio
Maria do Carmo Lara
Marilene Oliveira Almeida
Raquel Martins de Assis
Sérgio Domingues

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriana Araújo Pereira Borges (UFMG), Béatrice Haengelli-Jenni (UNIGE, Suíça) Carolina Bandeira de Melo (EHESS, Paris), César Rota Júnior (Fac. Pitágoras Montes Claros, MG), Delba Teixeira Rodrigues Barros (UFMG), Dener Silva (UFSJ), Denise Jodelet (EHESS, Paris), Deolinda Armani Turci (Fac. Pitágoras BH/UFMG), Eda Tassara (USP), Elizabeth Munaier Lages (UEMG), Erika Lourenço (UFMG), Ingrid Gianordoli do Nascimento (UFMG), Larissa Assunção Rodrigues

(UFMG), Laurent Gutierrez (Univ. Rouen, França), Lilian Erichsen Nassif (UFMG), Luís Flávio Silva Couto (PUC-MG), Marcelo Ricardo Pereira (UFMG), Marcos Vieira Silva (UFSJ) Margareth Diniz (UFOP), Maria do Carmo Guedes (PUC-SP), Maria do Carmo Lara Perpétuo (FHA), Maria Isabel Antunes Rocha (UFMG), Marilene Oliveira Almeida (Fund. Helena Antipoff/UEMG), Marina Massimi (USP), Marina Sorokina (Alexander Sozenitcyn Centre for the Study of the Russian Diaspora, Moscou), Mitsuko Aparecida Makino Antunes (PUC-SP), Nádia Maria Dourado Rocha (CFP), Rita de Cássia Vieira (UFVJ), Rodrigo Lopes Miranda (UCDB), Romilda Oliveira Alves (UEMG), Sérgio Farnese (CDPHA), Sílvia Parrat-Dayana (Archives Jean Piaget, Genebra), Stella Rodrigues (PUC-MG), Tânia de Freitas Barros Maciel (UFRJ)

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF -
CDPHA**

BOLETIM DO CDPHA

Número 26

Ano 2016

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
XXXIV Encontro Anual Helena Antipoff e XIV Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia	14
Programação	15
Sessões coordenadas	22
Resumos das conferências, mesas e workshop.....	46
Resumos das sessões coordenadas	79
Assuntos do CDPHA.....	312
Ata da Assembléia Geral do CDPHA.....	313
Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil	327
The UFMG Archives of the History of Psychology in Brazil.....	340
Boletim do CDPHA – Instruções para os autores.....	357
Índice Remissivo	363

APRESENTAÇÃO

Temos a satisfação de apresentar aos colegas e amigos a 26ª edição do nosso **BOLETIM DO CDPHA**, publicação do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff iniciada em 1980 e que traz informações sobre os eventos e atividades do Centro, em especial sobre os Encontros Anuais Helena Antipoff.

Neste ano de 2016, o 34º Encontro Anual Helena Antipoff é realizado no período de 6 a 8 de abril de 2016, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), localizado na cidade de Mariana, MG, atendendo o honroso convite da Diretora do Instituto, Professora Doutora Margareth Diniz, psicóloga e pesquisadora que tem participado com frequência de nossos Encontros, trazendo contribuições relevantes de pesquisas realizadas por ela, seus alunos e colaboradores nas áreas da Psicologia, Psicanálise e Educação.

O evento abriga também o 14º Encontro Interinstitucional de História da Psicologia, que reúne número expressivo de pesquisadores da história dessa ciência e profissão, da qual Helena Antipoff foi uma das pioneiras no Brasil. Já há alguns anos nossos Encontros tem sido realizados em conjunto, trazendo novos estudos sobre a história dessa área.

O tema escolhido para a presente edição do Encontro Anual Helena Antipoff é “Psicologia, educação e o debate ambiental – retomando a perspectiva ecológica de Helena Antipoff”. Esse tema, definido por Assembleia do CDPHA realizada em 15 de novembro de

2015, foi motivado por nossas reflexões sobre o desastre sócio ambiental ocorrido próximo a Mariana em outubro passado, devido a rompimento de barragem de rejeitos de mineração. O rompimento da barragem está sendo considerado o maior desastre ambiental já ocorrido no Brasil, e ocasionou mortes e grande sofrimento à população local e de todo o vale do Rio Doce, com consequências ainda imprevisíveis para o futuro da região.

Nossa mestra Helena Antipoff já nos anos de 1950 chamava a atenção dos educadores, psicólogos e intelectuais para nossa responsabilidade para com a proteção do meio ambiente em que vivemos e com a sustentabilidade de nossas ações em relação ao habitat natural e cultural, visando sua integridade para as futuras gerações. Naquela época em contato com organizações como a União Internacional Pró-Proteção da Natureza, Antipoff orientava os alunos da Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário nos seguintes termos:

“(sobre) os objetivos da escola urbana e da escola rural (...): ambas as escolas formam a criança para sua missão humana e de cidadão, porém o dever específico da escola rural é o de preparar cada um de seus alunos para a alta função de guardião do tesouro terrestre, de zelador do solo. (...) Amoroso e diligente a uma vez, o homem rural, instruído e educado, saberá usar de suas riquezas sem desperdício e devastação, garantindo assim uma indispensável herança de bens naturais às gerações vindouras.” (Antipoff, 1958)

A educadora demonstrava em seu trabalho grande fé nas possibilidades que a ciência e especialmente as ciências da educação poderiam oferecer no sentido de promover os valores humanistas e, por conseguinte, garantir a sociabilidade saudável e a aliança entre a preservação da cultura e do ambiente. Para ela, a educação deveria ser

“a arte de conviver de modo que haja equilíbrio entre os indivíduos, condições para que não haja miséria material ou moral, equidade”, enquanto que a ciência se definiria pela “clareza de percepção da meta, dos objetivos, do plano coordenado, da maneira de manter os homens em harmonia” (Antipoff, 1979, p. 378). Com essas ferramentas é que cientistas, intelectuais e educadores poderiam contribuir para orientar as comunidades no sentido de procurar o desenvolvimento sustentado e a harmonia social.

Lembrando essas reflexões, e tendo em mente os acontecimentos de Mariana, que evidenciam como a atuação das instituições e comunidades é importante para desenvolver a consciência em relação à necessidade de organização comunitária para a defesa do ambiente, foram propostos aos pesquisadores e estudantes os seguintes eixos, nos quais se desdobra o tema principal:

- 1) Psicologia social, estudos de comunidades e a questão ambiental;
- 2) Psicologia das Emergências;
- 3) Educação Ambiental;
- 4) Educação Integral;
- 5) História da Psicologia, História da Psicologia Social, História dos Estudos de Comunidades;
- 6) História das Ciências Ambientais.

Os eventos são uma promoção conjunta do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e da Universidade Federal de Ouro Preto (Instituto de Ciências Humanas e Sociais), contando com o apoio da Fundação Helena Antipoff, da Faculdade de

Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité e da Sociedade Brasileira de História da Psicologia – SBHP. Apoiam ainda os Encontros diversos núcleos e grupos de pesquisa, como o Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff (Laped-UFMG), o Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Psicologia (Depsi/UFMG), o Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP, o Laboratório de Estudos e Pesquisa Psicanalíticas e Educacionais (LEPSI), o Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE), o Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial da Universidade Federal de São João Del Rei (LAPIP-UFSJ), o Núcleo de Pesquisas em Educação do Campo (EDUCAMPO/FAE/UFMG). Esses núcleos e grupos dedicam-se à pesquisa sobre a história e desenvolvimentos atuais da psicologia e das ciências da educação, em especial da psicologia educacional, psicologia e educação especial, psicologia e educação de crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial, educação no meio rural e demais temáticas relevantes na obra de Antipoff como professora universitária, pesquisadora e criadora de instituições.

O programa do evento inclui contribuições inestimáveis de pesquisadores que tem investigado a história da Liga Internacional da Educação Nova na Europa e suas repercussões na América Latina, como Laurent Gutierrez, da Universidade de Rouen, na França, e Béatrice Heangelli-Jenni, da Universidade de Genebra na Suíça. Nos anos de 1920-1930, a Liga foi uma instituição de grande relevância na defesa de ideais pacifistas, humanistas e do papel da educação na promoção do bem estar social, com grande influência no desenvolvimento das ciências da educação no século 20. Várias

propostas educacionais que Helena Antipoff desenvolveu no Brasil, especialmente a experiência do Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, foram inspiradas nos ideais da rede de educadores ligados à Liga.

Os eventos trazem também conferências e mesas-redondas que investigam as relações entre a psicologia ambiental, a psicologia social de comunidades e a ecologia social, como as de Eda Tassara, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; de Tânia Maciel, do Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS-UFRJ); de Denise Jodelet, do Instituto Interdisciplinar de Antropologia do Contemporâneo da École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, de Maria do Carmo Guedes, do Núcleo de História da Psicologia do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e outros colegas. Duas mesas redondas tratam dos efeitos humanos e sócio-ambientais do desastre da Samarco, em Mariana, e das contribuições de profissionais das ciências humanas e sociais no cuidado com as populações afetadas. Nossos colegas ambientalistas José Cláudio Junqueira, da Escola Superior Dom Helder Câmara, e Maurício Andrés, ambientalista, autor de vários trabalhos sobre a questão ambiental na contemporaneidade, da Agência Nacional de Águas, trazem ao evento sua experiência na gestão ambiental e na promoção da educação voltada para o desenvolvimento da consciência em relação à necessidade da organização comunitária para a preservação de um meio ambiente saudável e adequado à vida humana.

Neste ano, recebemos 104 trabalhos inscritos para apresentação em sessões coordenadas organizadas segundo os eixos temáticos propostos. Destes, a metade diz respeito às temáticas da psicologia social e das questões ambientais e metade diz respeito à história da psicologia e das ciências ambientais, contemplando de maneira abrangente as propostas dos dois eventos.

São apresentadas ainda exposições sobre as relações entre Psicologia, Educação e Ciências Ambientais na Fazenda do Rosário, na perspectiva dos trabalhos da equipe coordenada por Helena Antipoff nos anos de 1950 e 1960, e sobre o acervo bibliográfico em Psicologia e Educação da Subgerência de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, a cargo da pesquisadora Nádia Maria Dourado Rocha.

Agradecemos a presença e as contribuições de todos os colegas que prestigiam e enriquecem nossos eventos!

Mariana, abril de 2016

A Comissão Organizadora

Regina Helena de Freitas Campos
Erika Lourenço
Delba Teixeira Rodrigues Barros
Deolinda Armani Turci
Larissa Assunção Rodrigues
Margareth Diniz
Raquel Martins de Assis

**XXXIV ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF
XIV ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL DE PESQUISADORES EM
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)
UFOP – Campus Mariana-MG
06 a 08 de abril de 2016

Temas

Psicologia, Educação e o debate ambiental – retomando a perspectiva ecológica de Helena Antipoff
História da Psicologia – Novos Estudos

Promoção

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA)
Fundação Helena Antipoff (FHA)
Faculdade de Educação da UFMG
Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS-UFOP)
Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP)

Apoio

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff
Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Psicologia –
Departamento de Psicologia da UFMG
GT em História da Psicologia da ANPEPP
LEPSI – Laboratório de Estudos e Pesquisa Psicanalíticas e
Eduacionais
NIPSE – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação
LAPIP/UFSJ - Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial –
Universidade Federal de São João Del Rei
EDUCAMPO/FAE/UFMG – Núcleo de Pesquisas em Educação do
Campo

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO

TEMAS:

**PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E O DEBATE AMBIENTAL-RETOMANDO
A PERSPECTIVA ECOLÓGICA ANTIPOFFIANA**

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA – NOVOS ESTUDOS

DIA 06.04.2016

Horário	Local: Auditório
8:00-10:00	Credenciamento e inscrições (durante todo o evento) Apresentação do Coral “Canarinhos de Itabirito” Coordenação: Regina Helena de Freitas Campos – Presidente do CDPHA Participantes: Maria do Carmo Guedes – Presidente de Honra da SBHP Célia Nunes – Vice-reitora da UFOP Margareth Diniz – Diretora do ICHS/UFOP Maria do Carmo Lara – Presidente da Fundação Helena Antipoff Romilda Oliveira Alves – Diretora da Unidade UEMG/Ibirité Juliane Correa – Diretora da Faculdade de Educação da UFMG

10:00-12:00	Conferência de abertura: EdaTassara (USP) Psicologia ambiental no Brasil – história e atualidade Coord.: Maria do Carmo Guedes (PUC-SP)
12:00-14:00	INTERVALO – ALMOÇO
14:00-16:00	Mesa Redonda: Desafios psicossociais e sócio ambientais do desastre da Samarco, em Mariana Coord.: Maria do Carmo Lara (Presidente da Fund. Helena Antipoff) Participantes: Sérgio Rossi (Coord. De Saúde Mental de Mariana; UFMG) Éder Nogueira (PBH/Secretaria de Saúde; UFMG) Luís Felipe Viana Cardoso (UFSJ)
16:00-18:00	Mesa Redonda: Psicologia e a questão ambiental – contribuições históricas Coord.: Regina Helena Campos (UFMG) Participantes: Maria do Carmo Guedes (PUC-SP) Mitsuko Aparecida Makino Antunes (PUC-SP) Eda Tassara (USP)

	Sérgio Farnese (CDPHA) Sessões coordenadas simultâneas
18:00-20:00	Abertura das Exposições: Helena Antipoff – educadores rurais como agentes de defesa ambiental (Orgs.: Equipe do CDPHA Ibirité e Ricardo Miranda, diretor da Biblioteca Alaíde Lisboa, FaE/UFMG) Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia do acervo da Faculdade de Medicina da Bahia – olhares sobre Psicologia e Educação (Org. Nádia Rocha)
20:00-22:00	Jantar de confraternização (por adesão)

DIA 7.04.2016

Horário	Local: Auditório
08:00-10:00	Conferência: Denise Jodelet (EHSS, Paris) Mobilisation Communautaire et Prevention des Risques Coord.: Tânia Maciel (UFRJ)

10:00-12:00	Mesa Redonda: Dispositivos de tratamento à angústia pós-traumática: sem standards, mas não sem princípios Coord.: Marco Antônio Torres (UFOP) Participantes: Carla Jatobá Ferreira (UFOP) Marcelo Ricardo Pereira (UFMG) Cláudia Mayorga (UFMG) Margareth Diniz (UFOP)
12:00-14:00	INTERVALO – ALMOÇO
14:00-16:00	Mesa Redonda: Comunidades e a questão ambiental – contribuições contemporâneas Coord.: Erika Lourenço (UFMG) Participantes: Tânia Maciel (UFRJ) Marcos Vieira (UFSJ) Maurício Andrés Ribeiro (Ambientalista) Sessões coordenadas simultâneas

14:00-18:00	WORKSHOP EM ARTE E EDUCAÇÃO Olhar barroco: através das janelas da minha história Coords.: Marilene Oliveira Almeida (UEMG) Amarílis Coelho Coragem (UFMG)
16:00-18:00	Sessões coordenadas simultâneas
18:00-20:00	Assembleia Geral da Sociedade Brasileira de História da Psicologia

DIA 08.04.2016

Horário	Local: Auditório
08:00-10:00	Mesa Redonda: O movimento da Educação Nova na Europa, as ciências da educação e suas repercussões no Brasil Coord.: Mitsuko Aparecida Makino Antunes (PUC-SP) Participantes: Laurent Gutierrez (Univ. Rouen, França) Béatrice Haengelli (Univ. Genebra, Suíça) Carlos Monarcha (UNESP)

10:00-12:00	Mesa Redonda: Trabalho em comunidades – experiências contemporâneas Coord.: Raquel Assis (UFMG) Participantes: Miguel Mahfoud (UFMG) Isabel Antunes (UFMG) Ingrid Gianordoli (UFMG)
12:00-13:00	INTERVALO – ALMOÇO
14:00-15:00	Conferência: José Cláudio Junqueira Ribeiro (Escola Superior Dom Helder Câmara) A importância da Educação Ambiental para a compreensão dos impactos ambientais Coord.: Lenora Ludolf Gomes (UNB)
15:00-17:00	Sessões coordenadas simultâneas
17:00h	Encerramento – Assembleia Geral do CDPHA

SESSÕES COORDENADAS

SESSÃO COORDENADA 1 – SALA 07 – PRÉDIO REUNE

PSICOLOGIA SOCIAL E PRÁTICAS EDUCACIONAIS COORDENADORA: Welessandra Aparecida Benfica (FAE-UFMG)	
Welessandra Aparecida Benfica Maria Isabel Antunes-Rocha	A escrita de educandos(as) no curso de formação de professores para as escolas do campo LECAMPO: um estudo na perspectiva das representações sociais
Luiz Paulo Ribeiro Maria Isabel Antunes-Rocha	A educação e a superação da violência do campo: representações sociais dos graduandos em Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) da FaE/UFMG
Daniela Teixeira Dutra Viola	A transmissão geracional dos saberes e o suicídio de jovens ameríndios na contemporaneidade: uma reflexão transdisciplinar
Karol Oliveira de Amorim-Silva	Educar em prisões: um estudo na perspectiva das representações sociais
Cristiene A. da Silva Carvalho Maria Isabel Antunes-Rocha	Práticas artísticas dos estudantes do curso de licenciatura em educação do campo- uma análise a partir da perspectiva das representações sociais

SESSÃO COORDENADA 2 – SALA 08 – PRÉDIO REUNE

PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES COORDENADORA: Waleska Medeiros de Souza (UFOP)	
Bruna Rocha Amaral Lorena Kelle Silva Vaz	Revisão sistemática sobre psicologia das emergências e desastres na base de dados pepsic e scielo entre os anos de 2005 a 2015
Angélica Silva Moreira Caren Samantha Teixeira Fonseca	Estudo da produção científica acerca da psicologia aplicada em desastres socioambientais
Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha Diana Ramos de Oliveira	Uma proposta de pesquisa-ação na situação de abrigo em psicologia do desastre
Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha José Carlos Tavares da Silva Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte Luiz Henrique de Sá	O caso do Vale do Cuiába em Petrópolis de 2011: uma intervenção em psicologia do desastre
Waleska Medeiros de Souza	Psicologia das emergências e dos desastres: rompimento da barragem de fundão em Mariana-MG

SESSÃO COORDENADA 3 – SALA 09 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: CONCEITOS E TEORIAS COORDENADORA: Delba Teixeira Rodrigues Barros (UFMG)	
Paulo Coelho Castelo Branco Sérgio Dias Cirino	Noção de consciência em Carl Rogers: apontamentos epistemológicos e históricos ao cenário brasileiro
Delba Teixeira Rodrigues Barros	Saindo de casa: o adolescente e seus planos de vida - uma perspectiva hollingworthiana de 1926
Sérgio Domingues Riviane Borghesi Bravo	O conceito de ambiente na obra B. F. Skinner: contribuições para a psicologia ambiental
Riviane Borghesi Bravo Raquel Martins de Assis Regina Helena de Freitas Campos	As individualidades humanas e a condição ambiental para a formação da personalidade
Heitor Blesa Farias Cândida de Oliveira Carpes Laryssa Soares Leite Paulo Coelho Castelo Branco	Circulação do Psicodrama no Brasil: apontamentos sobre um drama histórico
Heitor Blesa Farias Paulo Coelho Castelo Branco	Recepção da Fenomenologia na Psicologia estadunidense (1940-1960)

SESSÃO COORDENADA 4 – SALA 10 – PRÉDIO REUNE

EDUCAÇÃO INTEGRAL E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES COORDENADORA: Adriana Otoni Silva Antunes Duarte (FAE-UFMG)	
Adriana Otoni Silva Antunes Duarte Maria de Fátima Pio Cassemiro Marilene Oliveira Almeida	Educação integral no polo Fundação Helena Antipoff: possibilidade de um diálogo com a educação antipoffiana
Marilene Oliveira Almeida Christiane Campos de Araújo	Educação Estética nas Escolas de Ibirité: o que revelam os alunos sobre o ensino de arte?
Marielle Costa Silva Stela Maris Bretas Souza	Autodeclaração de cor e raça de crianças da educação básica de uma escola pública
Elizabeth Dias Munaier Lages Maria do Carmo Lara	Projeto “escola de Helena”: experiências e vivência de educação integral na Fundação Helena Antipoff
Elizabeth Dias Munaier Lages Carolina Zimer Silva Mariana Aparecida Pereira da Cruz Sousa Túlio Matheus Gomes de Sousa	Educação em direitos humanos e cidadania: diálogos entre a proposta pedagógica de Helena Antipoff e três escolas estaduais no entorno da UEMG-Ibirité

Lirlaine C. Vaz de Oliveira Dener Luiz da Silva	Oficinas de xadrez: instrumento interdisciplinar de aprendizagem em uma escola pública
--	---

SESSÃO COORDENADA 5 – SALA 11 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS COORDENADORA: Adriana Araújo P. Borges (FAE-UFMG)	
Daniela Leal	Institucionalização da pessoa com deficiência no Brasil: primeiro passo à compreensão da educação especial
Kátia de Oliveira Mariás	Educação e profissionalização de jovens em conflito com a lei: interferências do despertar da puberdade na tarefa de inserção no mundo do trabalho
Adriana Araújo P. Borges	Assistência às crianças em risco social na década de 1930 – a experiência inovadora da Casa do Pequeno Jornaleiro
Fernanda Flaviana de Souza Martins	A história da Institucionalização de crianças pobres no Brasil
Sonia Maria Berbare Albuquerque	IAMB - Instituto Agrícola de

Parente Gilberto Safra	Menores de Batatais: Memória em construção
---------------------------	---

07/04/2016 – QUINTA-FEIRA – 14:00 – 16:00hs

SESSÃO COORDENADA 6 – SALA 07 – PRÉDIO REUNE

AS CONTRIBUIÇÕES DE HELENA ANTIPOFF PARA O CAMPO DA PSICOLOGIA COORDENADORA: Larissa Assunção Rodrigues (UFMG)	
Carmen García Colmenares	Helena Antipoff en la psicología española: cartografía de un legado difuso (1915- 1936)
Larissa Assunção Rodrigues Delba Teixeira Rodrigues Barros Erika Lourenço	Helena Antipoff e Emílio Mira y López: histórias que se encontram
Maria de Fátima Pio Cassemiro	Clube Agrícola: as relações com as granjinhas e a educação emendativa no período de 1951 a 1966
Adriana Otoni Silva Antunes Duarte Camila Jardim Meira	Granjinhas escolares: experiências de formação integral vivenciadas na Fazenda do Rosário no período de 1954 a 1974

SESSÃO COORDENADA 7 – SALA 08 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES COORDENADORA: Deolinda Armani Turci (UFMG)	
Rita de Cássia Vieira	Pensamento e ação: contribuições da história da psicologia ao campo da formação de professores
Paulo Souza Monteiro Lucas Matias Felix Paulo Coelho Castelo Branco	Diálogo entre os métodos educacionais de Paulo Freire e Carl Rogers
César Rota Júnior Sérgio Dias Cirino Laurent Gutierrez	Théodore Simon e a circulação dos testes de inteligência entre França, Estados Unidos e Brasil na primeira metade do século XX
Deolinda Armani Turci Erika Lourenço	A psicologia que circulava na Escola Normal de Ouro Preto em Minas Gerais, entre 1890 a 1930
Renata Capeli S. Andrade	Educação como cuidado com o mundo: reflexões a partir do pensamento de Hannah Arendt

SESSÃO COORDENADA 8 – SALA 09 – PRÉDIO REUNE

QUESTÕES METODOLÓGICAS NA HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA COORDENADOR: Rodrigo Lopes Miranda (UCDB)	
Rodrigo Lopes Miranda Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota Elde Alves de Castro	Controvérsias de um objeto psicológico: saúde mental e problemas de ajustamento (1949-1968)
Paulo Coelho Castelo Branco Sérgio Dias Cirino	Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica
Ellen Araújo Lima Feitosa Janderson Carneiro de Oliveira	Memória coletiva e história das ideias psicológicas: interlocuções entre duas perspectivas historiográficas
Fernanda Gontijo de Araújo Abreu	Diários, desejo de memória e o mal de arquivo: entre o público e o privado, entre a marca e a impressão
André Elias Morelli Ribeiro Leonardo Lemos de Souza	Projeto de uma história da psicologia a partir da teoria ator-rede

SESSÃO COORDENADA 9 – SALA 10 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DAS INSTITUIÇÕES COORDENADOR: Rodolfo Luís L. Batista (UFSJ)	
Rodolfo Luís Leite Batista Marília Novais da Mata Machado Carlos Henrique de Souza Gerken	O laboratório de psicologia experimental da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras entre 1953 e 1971
Laryssa Soares Leite Heitor Blesa Farias Paulo Coelho Castelo Branco	Circulação da Psicologia Humanista no Brasil: o caso PUC-Campinas
Clarice Moukachar Batista Loureiro Raquel Martins Assis	“Instituições geradoras de conhecimento” em educação ao final da primeira guerra mundial na Europa
Gisele Resende Silva Marcos Vieira-Silva	Uma história da associação brasileira de Psicologia Social – regional minas gerais (ABRAPSO-MG): resgate dos anais dos encontros mineiros (1985-2006)
Cecília Andrade Antipoff Regina Helena de Freitas Campos	Educação voltada para a natureza – Escola Educ, um estudo de caso

Aline Moreira Gonçalves	Assistência à Saúde no Brasil: algumas considerações históricas
-------------------------	---

SESSÃO COORDENADA 10 – SALA 11 – PRÉDIO REUNE

EDUCAÇÃO INTEGRAL E AÇÕES INTERDISCIPLINARES COORDENADOR: Sérgio Domingues (UNIVIÇOSA)	
Camilla Martins de Oliveira	Reflexões sobre experiências numa equipe interdisciplinar no campo da educação
Luana Campos e Silva Lúcia Helena Alvarez Leite	A educação para além da escola
Sérgio Domingues Regina Helena de Freitas Campos Riviane Borghesi Bravo	Atuação do psicólogo escolar na educação integral: possibilidades e perspectivas
Dener Luiz da Silva Ana Lúcia de Santana Almeida Célio Ferreira Santos Heloisa Edwards Magda Valesca de Carvalho Fróis Maria do Carmo da Silva Marytânia Rodrigues Barboza Regilene Cristina da Silva Simone de Jesus Ribeiro Almeida	Mudar a escola e a educação escolar: dois anos de implantação de um projeto inovador

Beatriz de Souza Silva Dener Luiz da Silva	Oficinas de inclusão digital: mediação e autonomia a partir do estudo de um caso
Elizabeth Dias Munaier Lages Edinélia Ramos Silvio Freitas Soares	O blog do programa institucional de educação integral da UEMG: ferramenta de publicização e construção de ideias

07/04/2016 – QUINTA-FEIRA – 16:00-18:00hs

SESSÃO COORDENADA 11 – SALA 07 – PRÉDIO REUNE

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COORDENADOR: Fernando de Sousa Santana (FUPAC Ponte Nova/MG)	
Fernando de Sousa Santana Samuel Gonçalves Pinto Telma de Oliveira Vidigal Ulivânia Faustino Vasconcelos	Educação ambiental no ensino superior: perspectivas em debate
Samuel Gonçalves Pinto Fernando de Sousa Santana Reginaldo Lúcio Lopes da Veiga Ronaldo Andrade Alloca Diego Marcos Aguilar	O trato da questão ambiental tendo a experiência como foco de trabalho
Sânia M.Freire Machado	Uma experiência em educação ambiental e mineração em minas gerais
Avezeny Araújo Costa Bruna Rocha Amaral Ivana Lago Pires	Discutindo a educação ambiental para um desenvolvimento sustentável
Joana Beatriz Barros Pereira Carla Maria Nogueira Carvalho Solange Christina Carneiro Rodriguez	Educação ambiental: tema água na transversalidade
Alison Azevedo Souza	Educação ambiental: uma

Polyana Aparecida Valente	experiência na rede pública de Belo Horizonte
---------------------------	---

SESSAO COORDENADA 12 – SALA 08 – PRÉDIO REUNE

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL COORDENADORA: Margareth Diniz (UFOP)	
Marcilene Magalhães da Silva Margareth Diniz	Inclusão educacional/social: barreiras atitudinais
Bárbara Ramalho Mariana Marilack	Programa Mais Educação e a sexta meta do PNE: Um estudo exploratório do Estado de Minas Gerais
Gleice Tatiana Marques Barbosa da Silva Camila Jardim de Meira	Reflexões sobre a educação integral e em tempo integral: concepções dos educadores em uma escola confessional do Município de Belo Horizonte com crianças de 1 a 5 anos
Rozaine A. Fontes Tomaz LoyanE C. de Lima Tomaz	Escola de tempo integral, educação integral e sujeito integral: breves considerações
Erica Fernanda Justino	Programa Mais Educação: Educação integral à luz da

	Educação do campo
--	-------------------

SESSAO COORDENADA 13 – SALA 09 – PRÉDIO REUNE

RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES PSICOLÓGICOS COORDENADORA: Daniela Leal (FFCLRP-USP)	
Daniela Leal Marina Massimi	Arthur Ramos e as primeiras apropriações da Teoria Adleriana nas clínicas de orientação infantil
Paulo Coelho Castelo Branco Sérgio Dias Cirino	Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (1945-2014)
Luisa Xavier de Brito Silva Paulo Coelho Castelo Branco	Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Abraham Maslow no Brasil (1970-2010)
Lucas Matias Felix Paulo Coelho Castelo Branco	O programa de pesquisa experimental de Carl Rogers esua recepção no Brasil
Cândida de Oliveira Carpes Paulo Coelho Castelo Branco	Recepção da Psicologia Humanista Existencial de Rollo May No Brasil (1960-2000)
Cândida de Oliveira Carpes Paulo Coelho Castelo Branco	Circulação da Gestalt-Terapia no Brasil: apontamentos históricos

	sobre o seu status corrente
--	-----------------------------

SESSAO COORDENADA 14 – SALA 10 – PRÉDIO REUNE

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO COORDENADORA: Tânia Ferreira (UFMG)	
Bruna de Sousa Cavalcanti	Análise de processos subjetivos na relação de cuidado entre familiares
Carolina Gonçalves Moreira Fonseca	Síndrome de down e sexualidade
Cynara Soares D. Anício Pereira Elenice Procópio Araújo Marielle Costa Silva Maria do Rosário de Fátima Rodrigues	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e medicalização
Fernanda Carvalho de Faria Vila Real	Grupo de pais de crianças de 0 a 11 anos: um dispositivo possível em saúde mental
Renata Capeli S. Andrade	O Plantão psicoeducativo para educadores: compromisso com a preservação do mundo comum

Tânia Ferreira Ângela Vorcaro	Crianças que incluem: superando a exclusão de crianças autistas na escola contribuições da Psicanálise
--	---

08/04/2016 – SEXTA-FEIRA – 15:00-17:00hs

SESSÃO COORDENADA 15 – SALA 07 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA COORDENADORA: Laênia Martins Petersen (PUC-MG)	
Laênia Martins Petersen Raquel Martins Assis	A Ortopedia Mental: contribuições de Helena Antipoff para a educação especial
Mariana Batista Vieira Mitsuko Aparecida Makino Antunes	A (In)Visibilidade da timidez nos estudos acadêmicos brasileiros no período de 1980-2015
Kaciana Nascimento da Silveira Rosa	Maria Montessori e a educação da criança com deficiência: contribuições para a história da Psicologia da Educação
Erika Lourenço Ana Paula Ferreira Leite Camila Dulce Gorgulho	As propostas de Helena Antipoff para o atendimento à criança excepcional: um estudo sobre a circulação e recepção de saberes psicológicos
Marilene Oliveira Almeida	Escolologia: a Pedagogia

Alessandra do Prado Cunha e Silva Jacqueline Gonçalves dos Santos Tânia Cristina Moreira Souza Tavares	antipoffiana e a formação de professores em Minas Gerais na década de 1930
--	--

SESSÃO COORDENADA 16 – SALA 08 – PRÉDIO REUNE

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COORDENADOR: Samuel Gonçalves Pinto – FUPAC (Ponte Nova-MG)	
Samuel Gonçalves Pinto Fernando de Sousa Santana Ronaldo Andrade Alloca Carmen Lidia Vieira Leite	A educação ambiental e o ensino superior: experiências desenvolvidas na graduação em educação física da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova/MG
Adriana Lacerda de Brito	A Educação nas áreas verdes de Belo Horizonte: possibilidades pedagógicas de tratamento da percepção ambiental no Projeto Águia não é Galinha
Mara Lúcia Rodrigues Costa Ana Maria Milagres Belo Francisco Adriana Cláudia Drumond	Análise da percepção ambiental de estudantes das séries iniciais do ensino fundamental de dois ambientes distintos, zona rural e urbana, por meio de desenhos

Santos, K.J. Mendes, S.O. Mendes, R.S.M.	Produção de mudas como estratégia para recuperação de áreas degradadas e nascentes sob vegetação de cerrado
Romilda Oliveira Alves	Terra e trabalho: ocupação e povoamento da área central da Zona da Mata Mineira (1808-1850)

SESSÃO COORDENADA 17 – SALA 09 – PRÉDIO REUNE

PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNIDADES COORDENADORA: Graciella Faico Ferreira (UFRJ)	
Lenora Nunes Ludolf Gomes Ariuska Karla Barbosa Amorim Ricardo Tezini Minoti Ricardo Silveira Bernardes	Experiência com a comunidade da cidade Estrutural/DFna discussão da qualidade e salubridade do ambiente onde vive
Maria Cecília Freitas de Souza	Parque Nacional da Serra do Cipó: conflitos ambientais, violência simbólica a partir da ótica do sujeito da história
Elenice Procópio Araújo Stela Maris Bretas de Souza	Projeto de vida: um estudo exploratório sobre o protagonismo juvenil

Fernanda Cilene Moreira de Meira Beatriz Regina Pereira Saeta	Medidas explícitas e implícitas de atitudes sociais em relação à inclusão
Graciella Faico Ferreira Marta de Azevedo Irving Cristiane Passos de Mattos Edilaine Albertino de Moraes	Psicologia Ambiental: uma via possível para a interpretação de questões socioambientais contemporâneas

SESSÃO COORDENADA 18 – SALA 10 – PRÉDIO REUNE

PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS COORDENADORA: Mitsuko Aparecida Makino Antunes (PUC-SP)	
Bruna Borba de Araújo Tchalekian	A resistência à ditadura militar através do teatro: Morte e Vida Severina no TUCA
Henrique Meira de Castro	O medo como instrumento de repressão e controle pelo Estado: episódios do Movimento de Ocupação das escolas públicas dos Estados de São Paulo e Goiás em 2015 e 2016
Claudia da Silva Leite	Implicações da massificação do ensino nas IES privadas mercantilistas: em foco a formação discente

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa	Da “criança que não aprende” a “toda criança tem potencial para aprender”: lições da História
--	--

SESSÃO COORDENADA 19 – SALA 11 – PRÉDIO REUNE

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA A PARTIR DE AUTORES E SUAS BIOGRAFIAS COORDENADOR: Paulo Coelho Castelo Branco (UFBA)	
Luiz Eduardo Prado da Fonseca Leonardo Rocha Silva da Rosa Arthur Arruda Leal Ferreira	Yes, nós temos Wundt: Radecki e a produção histórica de um pioneiro
Paulo Coelho Castelo Branco Sérgio Dias Cirino	Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica
Heitor Blesa Farias Paulo Coelho Castelo Branco	Recepção da Psicologia Humanista de Amedeo Giorgi no Brasil (1960-2000)
Paula Cristina David Guimarães	Maria Lacerda de Moura e seu projeto de Psicologia experimental aplicada à Pedagogia, MG (1919)
Ellen Araújo Lima Feitosa Paulo Coelho Castelo Branco	Notas sobre a visita de Carl Rogers ao Brasil: uma

Emanuel Meireles Vieira	revolução silenciosa
Lidiane de Oliveira Goes Ana Maria Jacó-Vilela	Estudos com comunidades pesqueiras: o trabalho de Gioconda Mussolini Entre As décadas de 1940 e 1960
Carolina S. Bandeira de Melo	Pierre Janet no Brasil: a missão francesa na psicologia e a disputa entre a psiquiatria e o espiritismo

RESUMOS
CONFERÊNCIAS
MESAS REDONDAS
WORKSHOP

CONFERÊNCIA

A PSICOLOGIA AMBIENTAL NO BRASIL - ASPECTOS HISTÓRICOS, DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Eda Terezinha de Oliveira Tassara
Universidade de São Paulo

Em 1999, instituiu-se, na Universidade de São Paulo, o primeiro laboratório de investigação em Psicologia Ambiental do Estado de São Paulo, inspirado no modelo de laboratório francês congênere instalado na Universidade de Paris VII, à época conduzido por Gabriel Moser. Esta ausência não significava a inexistência de investigadores operando no referido campo de conhecimento, fato comprovado pela centena de pesquisadores de todo o Brasil que participaram no Primeiro Encontro Nacional de Psicologia Ambiental realizado na USP neste mesmo ano. Neste momento, assistia-se ao recrudescimento mundial do discurso ambientalista o qual, no Brasil, refletia influências das teses propugnadas pelo socioambientalismo. No primeiro caso, *ambiental* qualificava a partição de um campo de conhecimento, a Psicologia; no segundo, configurava previsões distópicas de caminhos trilhados pelo *Ocidente* em sua expansão global, traçando panoramas de fatos e acontecimentos a requerer intervenção. A aproximação *a priori* entre o conhecimento produzido pela Psicologia Ambiental e as demandas do clamor da *crise ambiental* visando o seu enfrentamento, não pode ter êxito sem que se considerem as implicações, se não do paradigma metodológico que a caracteriza, comprometido com uma ontologia realista-materialista, uma

epistemologia objetivista e dualista e uma ortodoxia metodológica de cunho experimentalista-empirista, da macro escala das dimensões do universo de fenômenos em pauta e dos parâmetros nele em movimento, das urgências das ações e das emergências produzidas por catástrofes e desastres. Neste confronto, tem-se que transcender à cultura que caracteriza as escolas científicas em Psicologia. Elas foram configuradas entorno do debate de seu objeto e da escolha do paradigma de conhecimento adequado para propiciar representações competentes da realidade sob análise, a qual, em consequência, metamorfoseia-se sob diversas materialidades. Influências advindas da Física, Matemática, Geografia, Biologia, Sociologia, Política, Antropologia, Psicanálise e de outros domínios do conhecimento direcionam enfoques temáticos e metodológicos propagados sob forma de ideologias científicas em *colégios invisíveis*. Neste panorama situa-se a Psicologia Ambiental, configurando escolas científicas que, não constituindo em sua evolução histórica antinomias, produzem resultados paralelos que se unem pelo adjetivo *ambiental* mas que não podem, espontaneamente, se dirigir a experimentos históricos determinantes de avanços na escolha de caminhos futuros comuns de investigação. Todas estas vertentes estão representadas de alguma maneira na produção científica brasileira. Neste momento histórico, de forma paradoxal mas como uma exigência ética, a *crise ambiental* consiste em um êmulo a esta integração, um foco colimador, uma crise política da razão, cuja gênese é independente das questões que vêm sendo abordadas na história das diferentes psicologias ambientais mas, para cujo enfrentamento, estas mesmas psicologias ambientais poderão e deverão contribuir. Para tal, atenderiam, de forma isolada ou em conjunto, necessidades de

conhecimento e ação originárias das várias dimensões filológicas que convergiram para o afloramento da *crise ambiental*, a saber: a dimensão da crítica biopolítica e/ou contracultural; a dimensão da crítica do *progresso* e/ou do *desenvolvimento*; a crítica civilizacional e a crítica ecológica. A face paroxística da crise se manifesta reificada nas paisagens mineiras.

Palavras-chave: psicologia ambiental; crise ambiental; metodologia; catástrofes; distopia.

CONFERÊNCIA

MOBILISATION COMMUNAUTAIRE ET PRÉVENTION DES RISQUES

Denise Jodelet
Directeur d'Études Emérite
Institut Interdisciplinaire D'anthropologie Du Contemporain
Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales

Un examen des conditions d'une mobilisation communautaire dans la prévention des risques prendra appui sur les cadres de réflexion et d'intervention offerts par les courants de la psychologie communautaire et de l'éducation populaire. Après avoir rappelé leurs principes et leurs conceptions de l'action en faveur de l'empowerment et de l'engagement des acteurs de la société civile, on les situera dans le contexte de l'ensemble des «sciences participatives» ou «collaboratives», depuis celles qui associent des amateurs à des protocoles de collecte ou de traitement des données, jusqu'à celles qui sont consacrées à «l'épidémiologie populaire» et portent sur des initiatives de recherche impulsées par des publics profanes. Cet examen servira de base pour répondre aux questions suivantes: Quelles sont conditions de l'implication des acteurs dans les politiques de prévention des risques? Quels sont les apports attendus de ce point de vue de la psychologie communautaire et de l'éducation populaire, en prêtant une attention particulière à ce que l'étude des représentations sociales peut apporter. Quelles sont les méthodologies à considérer? A cet effet, on présentera et tirera les conséquences des récentes formulations théoriques et méthodologiques de la recherche participative qui associe chercheurs et

acteurs communautaires, en vue de la prévention et de la gestion des risques. Bien qu'en cette matière, la réflexion se soit surtout attachée au domaine de la santé et de la santé mentale, les ressources offertes par les travaux qui marquent ce champ depuis plus de trente ans, peuvent être utilisées pour armer une approche de l'engagement citoyen concernant d'autres risques, notamment les risques environnementaux. On sera ainsi conduit à examiner les problèmes posés par la collaboration entre chercheurs et acteurs communautaires, les conditions d'un partenariat optimum qui suppose inter connaissance et reconnaissance, les modalités de formulation des problèmes de recherche, la structuration des opérations de la recherche participative, la définition de ses outils et la formation à leur usage, les applications des résultats de la recherche participative du point de vue de l'action sociale. Il s'agit là d'un secteur innovant qui devrait avoir une portée décisive pour le développement des situations de coproduction de connaissances scientifiques utiles au bien-être social.

Mots-clés: psychologie communautaire; éducation populaire; recherche participative; coproduction de connaissances scientifiques.

CONFERÊNCIA

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A COMPREENSÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS

José Claudio Junqueira Ribeiro
Escola Superior Dom Helder Câmara

Se nos primórdios o meio ambiente apresentava boa capacidade de suporte, esta condição foi se perdendo pelo aumento dos meios de produção e pelo crescimento populacional, fatores que exercem grande pressão no meio natural na busca de um desenvolvimento desejado. A educação ambiental surgiu para promover a consciência tanto nos indivíduos como na coletividade, não apenas para os impactos positivos, mas também para os negativos, associados às alternativas desse desenvolvimento desejado. O termo educação ambiental foi utilizado pela primeira vez em uma conferência sobre Educação na Universidade de Keele, Londres, com o objetivo de introduzir a questão ambiental no processo educacional de todos os cidadãos. A Conferência da Biosfera, realizada em Paris em 1968 pela UNESCO, elaborou propostas para a Educação Ambiental, que foram discutidas na Conferência de Estocolmo em 1972, cuja declaração enfatizou a urgência de mais trabalhos em educação voltados para as questões ambientais. A abordagem da Educação Ambiental nesta Conferência concedeu-lhe notoriedade internacional, passando a ser considerada de importância fundamental para o auxílio na resolução de problemas provenientes das crises ambientais. O Encontro Internacional de Educação Ambiental ocorrido

em 1975 em Belgrado teve como pauta estabelecer os princípios da Educação ambiental. A Carta de Belgrado, que se constitui num dos importantes documentos sobre o tema, principalmente pela preocupação com as questões sociais, propõe rever o conceito de desenvolvimento e para isso considera fundamental a reforma dos processos e sistemas educacionais, devendo considerar as relações com a comunidade e a sociedade em geral. Ressalta que deve ser um processo contínuo, multidisciplinar e integrado às diferenças, cujo objetivo é diagnosticar as causas dos problemas ambientais, desenvolver e aprimorar um senso crítico e habilidades que favoreçam a solução desses problemas. Em 1977, foi realizada na cidade de Tbilisi a Conferência Mundial sobre Educação Ambiental, com o principal objetivo de suscitar o compromisso dos governos no sentido da instituição da Educação Ambiental enquanto área prioritária nas políticas nacionais. Foram discutidos os princípios e objetivos que haviam sido delineados em Belgrado, apresentadas experiências de trabalho e propostos conteúdos, estratégias de abordagem e recomendações para a implantação da educação ambiental. Esse contexto internacional teve grande influência na legislação brasileira, primeiramente em 1981 com a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, que estabeleceu como um dos princípios a educação ambiental em todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente, princípio este que passou a ser preceito constitucional em 1988. A Política Nacional de Educação Ambiental, Lei 9795/99, que prevê sua adoção no País, dispôs o conceito legal de Educação ambiental como sendo os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos,

habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente. Apesar de tudo isso, principalmente da obrigação legal, a educação ambiental ainda não é uma realidade no sistema educacional brasileiro.

Palavras-chave: educação ambiental; conferências internacionais; impactos ambientais.

MESA REDONDA

“PSICOLOGIA E A QUESTÃO AMBIENTAL – CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS”

INTERPRETAÇÃO DO BRASIL EM MANOEL BOMFIM: O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA E A DEVASTAÇÃO AMBIENTAL

Mitsuko Aparecida Makino Antunes
Pontifícia Universidade Católica -SP

Os estudos sobre as ideias de Manoel Bomfim (1868-1932) têm sido mais frequentes nas áreas da História e da Sociologia, embora suas ideias acerca da Psicologia e da Educação não sejam de todo desconhecidas, particularmente em produções historiográficas da Psicologia no Brasil. Entretanto, há uma carência de estudos e pesquisas que tenham como objetivo articular as ideias por ele defendidas nas muitas áreas de conhecimento sobre as quais escreveu. Assim, este trabalho, baseado em pesquisa documental-bibliográfica, teve como objetivo analisar a interpretação do autor sobre o processo de colonização da América Latina pelos ibéricos, a partir da obra germinal, *A América Latina: males de origem*, escrita entre 1902 e 1903, e publicada no Brasil em 1905, seguida por outras obras, que aprofundam e ampliam essa discussão, como *O Brasil Nação* e *O Brasil na História*. O autor enfatiza o caráter de exploração e espoliação desse processo, mostrando o caráter devastador e predatório da colonização, tanto no

âmbito da economia, incluindo aí a devastação ambiental, como no âmbito propriamente humano, no qual a Educação foi, de certa forma, negada ao povo brasileiro, produzindo práticas, sobretudo no campo, que levaram à destruição ambiental. Uma dessas práticas, a coivara, é por ele analisada, mostrando a relação entre a agressão ao meio ambiente e a carência de conhecimentos do povo do campo. Considera o autor que a construção de uma nação desenvolvida, entendida como uma sociedade efetivamente democrática e livre, só poderia ser obra coletiva e, para isso, a Educação deveria ser instrumento fundamental para a construção de homens conscientes e livres, protagonistas desse processo. Dessa preocupação decorrem também suas concepções de Pedagogia e Psicologia. Entende Bomfim que a Educação deva ser um direito de todos, não apenas como mera instrumentalização para as necessidades da indústria nascente, mas garantia para todos de acesso ao conhecimento acumulado historicamente. Para a concretização desse direito, seria necessária a adoção de uma Pedagogia baseada, entre outras ciências, na Psicologia. Numa perspectiva contra-hegemônica, concebia Bomfim o psiquismo como fenômeno de natureza essencialmente histórica, social e cultural, constituído ao longo do processo de humanização e engendrada em cada indivíduo a partir das relações estabelecidas com outros seres humanos. O conhecimento desse processo deveria dar os alicerces para o processo educativo. Nesse sentido, ao defender a Educação para todos e esta como uma necessidade para a construção de uma sociedade democrática e justa, entendia que o acesso ao conhecimento permitiria a transformação do pensamento e da prática, sendo uma delas a consciência da necessidade de preservar o meio ambiente e de romper com os hábitos

predatórios estabelecidos, sobretudo, no campo. Entende-se, pois, que Manoel Bomfim, profícuo pensador em várias áreas do conhecimento, preocupava-se em estabelecer mediações entre estes, tendo como horizonte a análise da realidade brasileira e latino-americana, com vistas à sua transformação. Conclui-se que é necessário o empreendimento de mais pesquisas sobre suas obras, buscando identificar as relações que se estabelecem entre elas e as implicações para a realização de uma práxis social transformadora.

Palavras-chave: História da América Latina; colonização; educação ambiental.

A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO BRASIL - TOXEMIA SOCIOAMBIENTAL

Eda Terezinha de Oliveira Tassara
Universidade de São Paulo

Desenvolveu-se estudo naturalístico da paisagem contemporânea do Vale do Paraíba paulista. Mediante observação sistemática, aplicou-se no estudo um sistema de categorias teóricas preconizado por Aziz Ab'Saber e Milton Santos: ecossistemas naturais remanescentes, ecossistemas remanescentes oriundos de áreas definidas como rurais, agro-ecossistemas pautados na industrialização, ecossistemas urbanos sobre bacias hídricas. Ao longo do estudo, acrescentou-se uma nova categoria, ecossistemas tóxicos presentes no ambiente observado, considerada como um complemento necessário à leitura adequada da

paisagem. Na análise dos descritores das paisagens foram utilizados os fatos sociais que dinamizam as transformações das paisagens, tendo como referência os parâmetros representativos da formação histórica do território de estudo, de sua contextualização geográfica, da planificação, da produção e da gestão do ambiente construído e das formas de inserção do mesmo em instâncias econômicas. A decisão de aplicação ao universo urbano do método de observação naturalista implicou na leitura do socioambiente composto por terra, natureza, cidade, território, homem e sociedade, constituindo-se em um estudo *in situ* observacional em mão dupla. Desta exploração resultaram diários de viagem, escritos com a função de registrar impressões e descrições de leituras das paisagens sob observação, enfatizando-se fatos sociais que determinariam e/ou condicionariam transformações intersistemas e/ou outras formações. Neste estudo, foram considerados, como fatos sociais, fatores histórico-geográficos constitutivos da formação do território em análise. Levou-se também em consideração o desafio instaurado, naquele território, por um processo de urbanização contínuo e extensivo, tendo sido utilizados parâmetros derivados de estudos sociourbanos. O intenso trabalho de campo foi baseado em percursos pela região adotando escalas gradativas de aproximação, partindo-se do geral para o particular e priorizando-se a orientação pelas grandes vias das estruturas rodoviária, ferroviária e hídrica, para permitir a captação panorâmica da paisagem. Resultado significativo do estudo, a expressão *toxemia socioambiental*, passou a representar um conceito que transcende a categoria *ecossistema tóxico*, como categoria de leitura, constituindo-se como um domínio emergente da natureza, reificando-se como um fato social constitutivo da geografia do socioambiente, pelas

formas contemporâneas de exploração capitalista do campo, liquidando as bases sociais da vida coletiva nas áreas agrícolas tradicionais. Não seriam, por acaso poluídas, tóxicas, tais formas de ruptura dos modos tradicionais de vida no campo, impondo novos padrões e ritmos de vida, de trabalho, de alimentação e de consumo, às grandes levas de trabalhadores deslocados forçosamente para os aglomerados urbanos dispersos nessa região conurbada? Uma transformação vertiginosa e sobretudo deslocada das bases dos lugares, em parte assentada sobre a natureza pré existente e, em outra parte, conduzida pelas implicações da ação da máquina do capitalismo global, cindindo identidades individuais e grupais com rupturas topológicas de difícil trânsito entre estou dentro e estou fora, era e é, aqui e ali, e outros. Toxemia socioambiental, um objeto novo que emerge, dialética indissociável de interferências antrópicas no socioambiente: esmaecimento das bases materiais da memória coletiva, rompimento dos laços de convivência e de vizinhança pelas interferências fragmentárias no espaço produzido, veiculação, sem *ethos*, de um novo espaço-tempo nos lugares, o espaço-tempo da globalização com as implicações anômicas desse processo sobre indivíduos e grupos.

Palavras-chave: socioambiente; observação naturalística; ecossistemas; toxemia socioambiental; paisagem; Vale do Paraíba paulista.

Apoio: FAPESP e CNPq

**HELENA ANTIPOFF,
ENTRE AS EMERGÊNCIAS DE UMA GUERRA
E DE UMA REVOLUÇÃO**

Sérgio Faleiro Farnese
CDPHA

O acolhimento psicológico para sobreviventes de homicídios resultantes de crimes ambientais, como os que se investigam em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, Minas Gerais, provocados pelas mineradoras Vale e BHP(australiana), impõe perspectivas pedagógicas ousadas e auxílio de filosofias contemporâneas que antepõem um desapego vital e sistemático a amarras do cotidiano, da memória e da tradição. Desapego volitivo que aponta a liberdade, antes que certos acontecimentos executem de modo brutal, repentino e dramático. A vocação da jovem Helena Antipoff para a psicometria na educação surgiu em meio ao envolvimento russo na guerra de 1914, e a revolução de 1917. Sob o agravante de ser filha de um alto oficial do exército czarista, viu a vida ser colocada em tábula rasa, viu o pai ser tratado como antagonista dos leninistas, viu abater sobre seu marido, Victor Iretzky, a ira stalinista dos anos 20, viu pelas costas o escritor, com quem veio mais tarde ter um filho, Daniel Iretzky Antipoff. Na Rússia, Helena iniciou seu trabalho pedagógico junto a crianças órfãs daquela guerra e daquela revolução, erigindo ali o norte inicial de seus estudos e pesquisas. Com a opção por deixar a Europa e o filho, em 1929, alinhou-se na diáspora russa. Desprendimento e abandono, de pai, marido, filho, irmãos, colegas ilustres como Piaget e Bergson, mais do que uma reação positiva a

vicissitudes presenciadas ou pressentidas, encontram guarida em posturas filosóficas avançadas ante o que a vida reserva, de surpresa, para outros. A foice da morte, com seu assombro, nada mais faz que brandir em lume a perda total que o abandono das possibilidades aparentemente nulas exercita dia a dia, de modo bem pensado, praticando, mesmo com grãos de dor, pena e pesar, aquilo que Ludwig Wittgenstein chamava de *jogar fora a escada, depois de ter subido por ela*. Esse pequeno trabalho vai pinçar em escritos, em correpondências e em depoimentos preciosos de pessoas que conviveram com Helena Antipoff, marcas fragmentárias de suas experiências originárias e pessoais com as “emergências” históricas que assolaram o século XX e auditar em suas atitudes mais admiráveis e edificantes para jovens e velhos, uma sintonia com o que se pode esperar do ser humano afligido pelos dias que correm, sob a pauta de atitudes científicas e emocionais condizentes com o que nos oferecem os últimos dois mil e quinhentos anos de reflexão filosófica. Por outro lado, lembrar na postura ecológica e terapêutica de seus escritos, o conforto que a proximidade com a natureza, silente, tão ao gosto de Rousseau, proporciona a todos nós, pretensamente mais, pretendidamente menos, são, ao custo de nossas escolhas. Quiçá isso possa servir de luz para aqueles profissionais universitários e seus críticos que atuam generosamente junto às vítimas de Mariana, bem como aos que se pretendam aliar em sua causa.

Palavras-chave: Antipoff; emergências; Mariana; filosofia.

MESA REDONDA

“DISPOSITIVOS DE TRATAMENTO À ANGÚSTIA PÓS- TRAUMÁTICA: SEM STANDARTS, MAS NÃO SEM PRINCÍPIOS”

Marco Antônio Torres

Carla Jatobá Ferreira

Margareth Diniz

Universidade Federal de Ouro Preto

Marcelo Ricardo Pereira

Cláudia Mayorga

Universidade Federal de Minas Gerais

A mesa terá como eixo a discussão em tono dos dispositivos de tratamento à angústia após situações pós-traumáticas como a da tragédia Mariana-Rio Doce interrogando leituras standartizadas, as quais podem ocorrer precipitadamente, como nos impõe a mídia, especialmente quando conversamos com crianças. Visamos com essa discussão apresentar uma concepção de "sujeito que tem o que fazer com isso", bem como os dispositivos que ofertamos tanto na Psicanálise via Conversação, quanto na Psicologia Social comprometida com uma política da ação, ambas balizadas por princípios próprios a cada campo de saber.

AS CRIANÇAS E O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO

Carla Jatobá Ferreira

Mônica Rahme

Fernanda Carvalho

Universidade Federal de Ouro Preto

O trabalho tem como objetivo discutir como o discurso midiático, impresso e virtual, aborda a situação das crianças dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, pertencentes ao município de Mariana, no estado de Minas Gerais, Brasil, atingidas, em 05 de novembro de 2015, pela maior desastre ambiental ocorrida no país. Aproximadamente 40 bilhões de litros de rejeitos de minério de ferro vazaram da Barragem do Fundão, de propriedade da empresa Samarco (Vale e BHP Billinton), transformando as localidades acima citadas em verdadeiro mar de lama. O desastre provocou a morte de 17 pessoas, entre estas 2 crianças, destruindo completamente esses distritos, onde residiam aproximadamente 254 famílias. Os moradores, quando entrevistados por emissoras de televisão, relataram que viviam em lugares pacatos, onde a vida corria calmamente, embalada pela natureza e pelo silêncio, onde as crianças brincavam livremente, ocupando suas ruas, livres de quaisquer ameaças. O presente trabalho propõe a análise preliminar das formas utilizadas pelo discurso midiático para abordar, ou não, a situação das crianças diante dos acontecimentos. Como aporte teórico referencia-se nos pressupostos da Sociologia da Infância para discutir questões como: a (in)visibilidade das crianças; a forma como suas vidas foram afetadas; a escola; as futuras ocupações de seus pais; as incertezas que cercam as possibilidades de moradia; o caráter

provisório das condições de residência atuais (hotéis e casas alugadas); e, finalmente, como os rumos que as negociações entre a Empresa Samarco, a representação dos moradores dos distritos, o poder judiciário, o poder político local, a Igreja Católica e outras entidades poderão afetar a vida das crianças.

DE QUE LUGAR RESPONDE O SUJEITO?

Marcelo Ricardo Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais

O trabalho visa discutir a singularidade do sujeito e suas respostas sobre o que fazer com "isso" a partir da Psicanálise.

OBSERVATÓRIO DA TRAGÉDIA MARIANA - RIO DOCE

Cláudia Mayorga
Universidade Federal de Minas Gerais
Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto

O trabalho visa apresentar a proposta do Observatório Interinstitucional da tragédia Mariana-Rio Doce como resposta política da UFOP, UFMG e UFES à questão balizadas por princípios que assegurem a singularidade e a coletividade.

MESA REDONDA

“COMUNIDADES E A QUESTÃO AMBIENTAL- CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS”

ECOLOGIA INTEGRAL E A CONSCIÊNCIA HUMANA

Maurício Andrés Ribeiro
Ambientalista

São diversificados os níveis e estágios de consciência ecológica em comunidades. A percepção ambiental está condicionada por interesses, visões de mundo, crenças, desejos, valores, formações profissionais, educação e condicionantes culturais, histórias pessoais e coletivas. As diversas partes interessadas envolvidas com uma atividade econômica (stakeholders), também têm diferentes interesses de emprego, renda, qualidade de vida, proteção ambiental. Há disputas e conflitos em função de tais diferenças. A questão ambiental deixou de ser uma questão romântica, de qualidade de vida, para tornar-se também questão de segurança individual e coletiva, de sobrevivência, de economia, diante dos riscos de desastres, catástrofes e tragédias. Há uma grande diversidade de campos nos quais se desdobrou a ecologia a partir de suas origens nas ciências biológicas. A ecologia política procura entender as relações de poder entre os vários atores. Ela trata de um nível das relações humanas, como outros campos da ecologia social, cultural, e aqueles que tratam das relações interpessoais. A ecologia do ser, a ecologia interior, a ecologia pessoal e transpessoal, são campos das ciências ecológicas relacionados com a subjetividade e com os aspectos psicológicos, culturais e espirituais. A ecologia integral realça

esses aspectos subjetivos, ao lado dos aspectos sociais e das ciências naturais. Além de comunidades locais fisicamente próximas, existem comunidades globais distantes, mas unidas em seus interesses, como por exemplo os investidores numa empresa. Há quem lucre imediatamente com a redução de custos, a externalização de custos para a sociedade e internalização de lucros. Gestão temerária, reduzindo custos e comprometendo a segurança, tende a ocorrer quando a pressão dos acionistas é exclusivamente voltada para o lucro. Há aqueles que contabilizam riscos de perdas com desastres. Investidores éticos demandam responsabilidade socioambiental das empresas em que investem. O movimento dos acionistas engajados (concerned shareholders) que no seu próprio auto interesse de não terem prejuízo em seus bolsos, passa a exigir dos gestores e executivos de empresas não somente lucros, mas também responsabilidade socioambiental. A mudança de atitudes e valores entre os acionistas pode fazer a diferença pois, com o poder do capital, são uma comunidade com forte influência sobre o modo como se gerencia uma corporação. Uma evolução na consciência humana é crucial para lidar com os múltiplos desafios que se apresentam nesse período antropoceno da história e nessa atual mudança de eras em que nos encontramos. Por meio dos processos culturais, educacionais e de formação da consciência pode-se transformar seres humanos para saberem se comportar e ter as atitudes e valores adequados para enfrentar as complexas situações que desafiam a vida humana nessa quadra da evolução. No contexto de conflitos de interesses, a mediação e a construção de uma cultura de paz é um caminho. Colocar as coisas na perspectiva da evolução ajuda a construir um quadro de convergência.

Palavras-chave: Ecologizar; antropoceno; evolução; consciência humana.

PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A ‘QUESTÃO AMBIENTAL’ NO SÉCULO XXI

Tânia de Freitas Barros Maciel
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pretendemos discursar sobre as possibilidades de atuação da Psicologia comunitária relacionando-as com questões ambientais atuais. Partimos da importância de levar em conta um desenvolvimento com sustentabilidade e destacamos a qualidade de vida e o respeito às tradições locais como pressupostos fundamentais desta proposta. A psicologia comunitária brasileira tem muito a contribuir neste debate, tanto com pesquisas sobre lazer, sustentabilidade e desenvolvimento como elaborando soluções para problemas urbanos. As Ciências Humanas e Sociais, originalmente apartadas das discussões referentes ao ‘meio ambiente’, estão, a partir das novas perspectivas de desenvolvimento, intrinsecamente implicadas. Se por um lado já não se pode pensar em Desenvolvimento referindo-se apenas ao progresso desenfreado, ao mesmo tempo não cabe mais no conceito de sustentabilidade apenas com o propósito de proteção ambiental. A presente pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica em literatura especializada. A metodologia utilizada consiste no estudo teórico sobre desenvolvimento e sustentabilidade, e em uma tentativa de aproximação entre as principais conceituações sobre o tema, levando à discussão de aspectos sobre o desenvolvimento e suas implicações culturais, sociais e históricas. As iniciativas visando à discussão dos

processos de desenvolvimento e a busca das alternativas para um modelo em crise data da segunda metade do século XX. Trata-se de uma construção social, com avanços e retrocessos. Durante as décadas que separam a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, de 1972, realizada em Estocolmo, e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, em 2012, no Rio de Janeiro, questões em torno do desenvolvimento sustentável levaram a importantes avanços. Alguns conceitos influenciaram a construção de modelos de desenvolvimento que consideram a importância da cultura, do social e da ética. O poder criativo e inventivo do homem passa a ser colocado como questão chave frente à sustentabilidade. Esse olhar integrado na percepção das relações homem/natureza contribui neste momento singular de análise das mudanças climáticas e suas consequências, esgotamento dos recursos naturais e nas grandes tragédias ambientais (como no recente rompimento da barragem de Mariana, que provocou a morte do leito do Rio Doce e já é considerado o pior desastre ambiental do país). O meio ambiente não pode ser encarado como um dado isolado, mas sim como um dado da cultura de uma comunidade, isto é, como um processo de interação entre o sociocultural, gerado pelo homem e a natureza. Dessa forma, não são possíveis ações ditas de desenvolvimento, sejam de preservação ou modificações sobre o meio ambiente, dissociadas do homem que a habita e, por conseguinte, de sua dinâmica cultural. Passados mais de 40 anos desde as primeiras conferências sobre esgotamento dos sistemas naturais fica a dúvida sobre os próximos anos. Muito papel foi escrito, muitos acordos firmados, mas os problemas continuam. Os povos já entenderam que não é mais possível viver como estamos

vivendo, existe um limite físico do planeta. É preciso assumir, política e eticamente, uma nova postura direcionada para a ação. Já não basta olhar, constatar, concluir. Não podemos esperar que não ocorram desastres ambientais. As mudanças climáticas provavelmente trarão muitos outros problemas. Temos que nos preparar para eles. É preciso pensar.

MESA REDONDA

“O MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO NOVA NA EUROPA, AS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SUAS REPERCUSSÕES NO BRASIL”

LE DOCTEUR THEODORE SIMON (1863-1961) PRESIDENT DE LA SOCIETE ANFRED BINET DE PARIS

Laurent Gutierrez
Maître de conférences en Sciences de l'éducation
Université de Rouen

Le nom de Théodore Simon est aujourd'hui tombé dans l'oubli. Ce médecin, fidèle collaborateur du célèbre psychologue Alfred Binet, a pourtant laissé derrière lui une œuvre conséquente. La recension de ses articles l'atteste. Dans le cadre de cette conférence, nous nous proposons d'analyser ce corpus que nous avons reconstitué pour l'occasion. Cela nous permettra de retracer l'itinéraire de cet aliéniste qui, parallèlement à ses activités professionnelles, entreprit de poursuivre l'œuvre de Binet. Nous verrons de quelle manière et selon quelles orientations, il mena ce projet avec l'aide de nombreux collaborateurs. Dans cette perspective, nous avons travaillé sur le *Bulletin de la société libre pour l'étude psychologique de l'enfant*, organe de la Société Binet-Simon ainsi que sur des archives retrouvées et exploitées pour un ouvrage à paraître en 2016 dont est issue cette communication.

Key-words: Simon ; Binet ; Psychologie ; tests ; Biographie

**ADOLPHE FERRIERE, GLOBETROTTER DE L'EDUCATION
NOUVELLE:
VOYAGE EN AMERIQUE LATINE (AVRIL-OCTOBRE 1930)**

Béatrice HAENGGELI
Collaboratrice scientifique
Archives Institut J.J. Rousseau
Université de Genève

En 1930, Adolphe Ferrière, pédagogue et publiciste genevois, entreprend un long voyage en Amérique latine. Son but principal est de faire connaître l'Education nouvelle dans les milieux éducatifs et politiques et de soutenir, en les visitant, ceux qui la pratiquent déjà dans les écoles nouvelles qu'ils ont fondées. Au cours de ce voyage, il espère convaincre les instituteurs mais aussi les politiques, en particulier les membres l'administration scolaire, afin d'impulser une réforme profonde de l'éducation dans les pays qu'il visite. Accompagné de son épouse, il sillonne le continent en commençant par le Venezuela, puis l'Equateur, le Pérou, le Chili, l'Argentine et le Paraguay. Il fait une brève escale à Rio de Janeiro mais les problèmes politiques et les difficultés de communication l'empêchent de rester plus de quelques heures. Durant son périple, Ferrière visite des écoles publiques, des jardins d'enfants, des instituts de formation de maîtres, des écoles expérimentales, certaines appliquant les méthodes Montessori, d'autres celles de Decroly. Il est reçu par des personnes illustres (ministres de l'éducation,

directeurs et directrices d'écoles, responsables de formation) ou par d'anciens étudiants de l'Institut Rousseau pratiquant l'Education nouvelle depuis leur retour au pays. Au total, il donne 78 conférences durant lesquelles il présente les nouvelles approches pédagogiques, les méthodes de l'Ecole active, ainsi que les dernières recherches en psychologie de l'éducation menées par les membres de l'Institut Rousseau tels que Piaget ou Claparède. Pour illustrer ses conférences et prouver que les méthodes nouvelles sont applicables, Ferrière présente un film tourné en Suisse en 1929. Ce film montre la vie du Home « Chez Nous », un foyer pour enfants de 3 à 12 ans que Ferrière considère comme un modèle d'école nouvelle. Projeté dans de nombreux endroits, il vise avant tout les étudiants et les enseignants pour leur montrer comment enseigner selon les nouvelles méthodes et leur transmettre *l'esprit* de l'Education nouvelle. Cette communication propose de retracer le voyage de Ferrière en identifiant les lieux et les personnes qu'il rencontre et en montrant les enjeux politiques qui se jouent à travers ces visites. Sur la base de sources archivistiques importantes (correspondance, journal de bord, articles de revues), nous mettrons aussi en évidence les convictions personnelles de Ferrière, les conceptions éducatives qu'il promeut et les ambitions auxquelles il aspire. Nous articulerons ces conceptions avec les réalités du contexte environnant soulignant les problèmes auxquels il a dû faire face et les perspectives de développement de l'Education nouvelle en Amérique latine.

CONCEITOS ASSERTIVOS DE CLEMENTE QUAGLIO: PSICOGÊNESE, *AUTOCTISI* E ESCOLA VIVA

Carlos Monarcha
Universidade do Estado de São Paulo

Esta comunicação oral, vinculada ao projeto “Clemente Quaglio (1872-1948): cânon da ciência pedológica — estudo histórico-crítico”, apoiado pela FAPESP, demarca aspectos da produção ideológico-científica de Clemente Quaglio. Consultas a acervos institucionais possibilitaram recuperar as fontes documentárias de “menor estatuto historiográfico” — opúsculos didático-científicos —, e interpretá-las com referencial teórico apropriado. Os objetivos da pesquisa priorizaram o estudo dos seguintes conceitos, a saber, psicogênese, *autoctisi* e escola viva, presentes na elaboração teórica do autor. Italiano naturalizado brasileiro, Clemente Quaglio, professor primário de formação autodidata, figurava a si como “Psicólogo e Pedagogo”, “Encarregado do Gabinete de Antropologia, Pedagogia e Psicologia Experimental da Escola Normal da Praça”, e por fim “Professor de filosofia”, “Cientista e filósofo”, “Filósofo”. Alçado ao cargo de encarregado do gabinete de antropologia pedagógica e psicologia experimental da Escola Normal da Praça, reorganizado, em 1914, pelo “médico-pedagogo” Ugo Pizzoli, Quaglio projetou-se como *expert* em questões escolásticas numa conjuntura de massificação do ensino primário, sua obrigatoriedade como questão de Estado, seguida da quebra da ordem escolar. Sob a égide da Faculdade de Pedologia, estabelecimento de ensino por ele criado em 1918, publicou, entre outros, — *Comparação entre a psicologia da criança e a do homem feito, A imaginação nas crianças brasileiras, Nova filosofia do espírito e nova teoria da educação, A nova escola primária ou a escola viva, Tipos mentais de cem jovens professoras paulistas, Meios de provocar a*

revelação das aptidões das vocações técnicas-profissionais, A escola positivista, a escola ativa e a escola viva e Existe a educação? Inicialmente, a construção organo-mecanicista da semiologia do escolar leva-o a aplicar o estímulo excitador, o exame, a ordem de interrogatório, assim, quer escrutinar tipos psicológicos, demonstrar níveis de desenvolvimento e a variedade das formas individuais, para agrupá-las segundo caracteres comuns. Interdisciplinar, sua “pedagogia psicológica” gravitava em torno das verdades epistemológicas construídas pelas ciências do homem, na modernidade, a saber, frenologia, antropologia, psicopatologia, fisiologia, biologia, psicomетria; para ele, o escolar era sobretudo organismo vivente em busca de adaptação. De súbito, o pedologista reage ao positivismo-experimentalismo, denega os fatos de laboratório, sensibilizado pelo idealismo absoluto moderno engendrado por Giovanni Gentile (Benedetto Croce e Giuseppe Lombardo-Radice), revê as noções conceituais de desenvolvimento, educação e escola nova. Tal descontinuidade teórica, conclui-se, leva-o a sobressaltar a crucialidade da *autoctisi* (autoformação/autoeducação) e, com esse conceito, Clemente Quaglio manifestava ineditismo e veracidade nos intensos debates educacionais das décadas de 1920 e 1930, aos se insurgir perante as reformas escolares e inovações justificadas com teorias funcionalistas e/ou adaptativas.

Palavras-chave: Clemente Quaglio; psicogênese; *autoctisi*; escola viva.

Apoio: FAPESP

MESA REDONDA

“TRABALHO EM COMUNIDADES – EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS”

TRABALHO EM COMUNIDADES: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Maria IsabelAntunes-Rocha
UFMG

O rompimento da barragem do Fundão e suas consequências para o modo de produção e reprodução de vida das pessoas que residiam em distritos e povoados traz para o debate o termo Comunidade. O que imediatamente aparece é que se faz necessário reconstituir a vida das pessoas. A emergência traz os diferentes sentidos que o termo comporta. Uma comunidade se delimita por um espaço, por um tempo, pelos vínculos de parentesco, religiosos, de trabalho, de vizinhança, de interesses mútuos, dentre outros aspectos. O que será priorizado nesta reconstrução? Entendemos que para um trabalho orientado em termos teóricos e metodológicos faz-se necessário compreender quais os sentidos o termo pode assumir na contemporaneidade. Para contribuir nesta discussão faremos uma reflexão sobre a apropriação do termo nas Ciências Humanas, especificamente na Psicologia Social, como área de atuação, referência conceitual e metodológica. O termo Comunidade significa de maneira geral um agrupamento de pessoas que vivem ou

não dentro de uma mesma área geográfica, rural ou urbana, unidas por interesses comuns e que participam de atividades comuns. Há na construção histórica do termo um sentido que se aproxima de um ideal de modo de vida, visto que o termo indicaria que pessoas estabelecem um vínculo de pertencimento, com divisão de bens e tarefas, com práticas de ajuda mútua. Em meados dos anos 60 do século XX o termo passa a integrar programas de desenvolvimento vinculados a agências governamentais e não governamentais. O Desenvolvimento de Comunidade passa a ser considerado como o objetivo de ações planejadas e direcionadas para grupos populacionais que viviam em situações precárias nos países considerados como subdesenvolvidos.

Na Psicologia a atividade passa a denominar uma área de atuação denominada de Psicologia Social Comunitária. O trabalho priorizava a organização de grupos sociais para discutir e encaminhar seus problemas (saneamento, educação, trabalho, lazer), para contribuir na organização política (grupos por gênero, geração), para geração de renda, de saúde mental (egressos de manicômios, dependentes químicos, dentre outros). Como denominador esta ação tinha como referência o trabalho em grupo e referenciava-se teoricamente em autores como E. Pichon-Riviere, Bader B.Sawaia, Paulo Freire, Rene Loureau, M. Thiollent, dentre outros. Nas últimas décadas a atuação com grupos em condições precárias de vida vem se ampliando, mas observa-se a emergência de outros termos para denominar os sujeitos. Termos como sujeito coletivo, ação coletiva, movimentos sociais, dentre outros aparecem na literatura vinculados a denominações como Psicologia Política, Análise Institucional e Psicologia Social. Nessa perspectiva, considera-se como pertinente refletir sobre o uso do termo Comunidade,

notadamente no que diz respeito aos sujeitos e intencionalidades da ação.

WORKSHOP

OLHAR BARROCO: ATRAVÉS DAS JANELAS DA MINHA HISTÓRIA

Marilene Oliveira Almeida
Universidade do Estado de Minas Gerais
Amarilis Coelho Coragem
Universidade Federal de Minas Gerais

A proposta de WORKSHOP em arte e educação tem como objetivo oferecer aos participantes a oportunidade de expressão e reflexão em arte, a partir da percepção do cenário arquitetônico de Mariana, sobretudo das janelas barrocas. Tendo como fundamento as discussões de Ferreira Goulart, no texto Barroco: olhar e vertigem, a vivência pretende ser um espaço de múltiplas experimentações em artes visuais, relacionando-as ao modo como cada participante interpreta visualmente as suas percepções.

RESUMOS

SESSÕES COORDENADAS

**SESSÃO COORDENADA 1:
PSICOLOGIA SOCIAL E PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

**A ESCRITA DE EDUCANDOS (AS) NO CURSO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA AS ESCOLAS DO CAMPO- LECAMPO: UM
ESTUDO NA PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Welessandra Aparecida Benfica
Maria Isabel Antunes-Rocha
UFMG

A pesquisa pretende compreender os significados de uma formação acadêmica de nível superior investigando quais são as representações sociais sobre o objeto escrita e os seus desdobramentos sociais relacionados aos usos e funções previstos para essa modalidade. No conjunto de indagações que motivam a pesquisa, destacam-se questões sobre a existência de uma escrita elaborada anteriormente e que perpassa as práticas desses educandos dentro da sala de aula na Universidade. A escrita acadêmica desafia e provoca os estudantes quando ingressam na Universidade. Quando esses alunos, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo entram na universidade eles fazem seleções e arranjos na tarefa de relacionar as escritas que trazem com a escrita acadêmica e quando se deparam com a necessidade de escrever em trabalhos como a monografia, os resumos, fichamentos e outros eles

podem sustentar, reelaborar, modificar ou manter as duas ou mais formas de escrita presentes em suas experiências. Neste trabalho nos deparamos com duas perspectivas que conversam entre si em lugares diferentes: De um lado a escrita como um exercício de habilidades e de outro a escrita como prática social elaborada a partir dos diversos coletivos dos quais esses sujeitos participam. Ressalta-se nesse momento que estes sujeitos estão localizados historicamente dentro de um contexto de produção da escrita que é permeado por práticas que emergem das suas relações de trabalho. Escreve-se na Igreja, no sindicato, em casa e na universidade. A questão que esse trabalho sustenta é se em algum momento existe uma cisão dessas habilidades ou dessas práticas. Questiona-se se existe uma escrita enquanto prática social dissociada dos eventos que promovam a sua construção enquanto técnica. Nesse sentido uma hipótese que orienta o trabalho é que os alunos tendem a manter as duas formas: a escrita constituída nas suas relações cotidianas e a escrita aprendida na Universidade. Importa entender quais os desafios esse alunos estão vivendo em termos cognitivos e como os sentidos anteriores atribuídos por eles à escrita permitem modificar, transgredir ou negar a escrita acadêmica. Portanto, tem-se como objetivos compreender o processo de apropriação da escrita acadêmica para os educandos, quais são os processos afetivos e cognitivos presentes na elaboração da escrita acadêmica e entender as implicações que os percursos adotados tem sobre a formação do professor para as escolas do campo. Nessa pesquisa, as entrevistas narrativas foram trabalhadas para entender o que se passa com esses sujeitos em suas relações com a escrita acadêmica desde o momento que entram para a universidade. Partindo-se de estudos que evidenciam

condições específicas de elaboração conceitual sobre a escrita acadêmica pretende-se conduzir o trabalho de pesquisa por meio da abordagem das Representações Sociais em sua vertente processual liderada por Denise Jodelet.

Palavras-chave: escrita; licenciatura em educação do campo; representações sociais.

**A EDUCAÇÃO E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DO CAMPO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS GRADUANDOS EM
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LECAMPO) DA
FAE/UFMG**

Luiz Paulo Ribeiro
UNIBH e UFMG
Maria Isabel Antunes-Rocha
UFMG

Este trabalho tem por objetivo (re)conhecer as representações sociais (RS) sobre a violência no campo para os graduandos em LECampo da FaE-UFMG, ressaltando o papel da Educação na superação da violência. Foram aplicados 108 questionários aos alunos do LECampo, constituído de questões de ordem de identificação, participação em movimentos sociais do campo e questões que possibilitaram a avaliação das RS. A partir da Análise de Conteúdo e o uso do Software Atlas T.I. 7.0, os resultados foram avaliados nos três níveis representacionais: descrição (tipologia e significados), análise (motivos) e prescrição (formas de superação e/ou enfrentamento). Os resultados possibilitam dizer que: a) 31% dos respondentes é do sexo masculino e 69% do sexo feminino; b) 82% dos alunos estão na faixa etária dos 18-30 anos; c) são recebidos alunos de 28 municípios mineiros; d) os alunos entrevistados estavam distribuídos nas seguintes habilitações: Ciências Sociais e Humanidades, turma 2011 (9%), Matemática (20%), Ciências da Vida e Natureza (24%), Língua, Arte e Literatura (20%) e Ciências Sociais e Humanidades, turma 2015 (27%); e) 58% dos respondentes participam de movimentos sociais camponeses, dentre eles associações, sindicatos

etc. Sobre as Representações Sociais da violência no campo, no nível descritivo foram apontados os seguintes tipos de violência: Sexual, Física, Psicológica, Doméstica, Moral, Verbal, no Trabalho e Ambiental, em destaque há elementos que tem relação com os movimentos de luta pela terra e de preocupação para com os direitos dos povos do campo, representadas por elementos como Expropriação, Negação de Direitos, Ameaças e Chantagem. No nível Analítico, que busca explicar as causas para a violência no campo, a Negação de Direitos reaparece, porém com conotação de causa, assim como outras como machismo, desentendimentos, racismo, falta de oportunidades, discriminação, preconceito, disputa de terras, abandono e a falta de informação, chama-se a atenção à força de elementos como as drogas e o uso de bebidas alcoólicas como situações que causam a violência, algo que tem se tornado comum nas áreas rurais. No nível Prescritivo, a educação é indicada como fonte central para a superação, como lugar de discussão, formação, informação e conhecimento, por outro lado há o papel das políticas públicas e sociais que auxiliam no respeito à cultura e à liberdade de vida dos povos do campo. Outrossim, a indicação da legislação e o papel das autoridades na construção de leis e na necessidade de maior policiamento nas áreas campestinas. Diante dos dados apresentados e da Teoria das Representações Sociais discute-se o papel da Educação do Campo, formadora de agentes de transformação e de valorização do campo, assim como eixo de luta dos povos campestinos por condições de educação, vida e de trabalho mais democráticas e igualitárias, assim como pela luta pela visualização das potencialidades do campo e do campo como lugar de direitos e de possibilidade de desenvolvimento. Por fim, há que se notar a influência

das grandes mídias na formulação de RS, ressaltando o papel da informação no posicionamento ora hipervalorizador ora desvalorizador dos sujeitos do campo.

Palavras-chave: violência; representações sociais; campo; educação do campo; questionários.

A TRANSMISSÃO GERACIONAL DOS SABERES E O SUICÍDIO DE JOVENS AMERÍNDIOS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO TRANSDISCIPLINAR

Daniela Teixeira Dutra Viola
UFMG

Propõe-se a apresentação de um recorte de nossa pesquisa de doutorado, dedicada à investigação das implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente. Trata-se de um trabalho teórico-clínico orientado pela Psicanálise, em diálogo transdisciplinar com a Educação, a História e a Antropologia. Enquanto a puberdade concerne a um universal da experiência humana com o qual se deparam todos que chegam ao final da infância, a adolescência não é universal, porquanto depende de uma operação de reinscrição simbólica indissociável do laço social, logo, variável conforme os diversos modos de sociabilidade. Assim, para compreender tal operação, é necessário considerá-la em diferentes sistemas sociais, o que realizamos através de uma pesquisa histórica e de uma incursão na Antropologia. Constatamos que em grande parte das sociedades tradicionais não há, propriamente, adolescência, e a transição é operada por mecanismos prescritos pela cultura, especialmente os ritos de passagem, que funcionam como balizadores simbólicos. Esse balizamento parece proporcionar uma travessia menos conflituosa e angustiada, como apontam estudos etnológicos e também a leitura histórica dos modos de vida anteriores à modernidade. Entretanto, na contemporaneidade, até mesmo em algumas das tenazes sociedades tradicionais ainda existentes, verificamos preocupantes mutações que podemos comparar a uma

“crise da adolescência” sem precedentes nesses cenários – o que evidencia a situação pandêmica de suicídio de jovens ameríndios na última década. Nesse sentido, a partir do exame de dados estatísticos, de estudos antropológicos e da obra de um autor indígena contemporâneo, propomos algumas breves pontuações a respeito dos impactos da máquina “civilizatória” da cultura hegemônica sobre a transmissão geracional de saberes e a passagem à idade adulta em algumas comunidades ameríndias na contemporaneidade. Considerando a importância central da transmissão geracional que é operada na adolescência pelos dispositivos simbólicos nessas culturas – geralmente pelos ritos de iniciação, fundamentados em práticas corporais, na manipulação dos corpos – vislumbramos, com a situação mencionada acima, uma falha operatória na “eficácia simbólica” desses dispositivos. É possível supor essa falha, por hipótese, como sequela das implacáveis invasões de seus “territórios simbólicos” – inseparáveis das invasões de seus territórios geográficos e materiais – acontecimentos responsáveis por significativas transformações relacionadas à transmissão dos saberes e da memória. E a essa falha podemos atribuir, como resposta, o mais radical dos atos corporais, o suicídio. Diante da intrusão voraz dos saberes “brancos”, instala-se o risco iminente de perda, no esquecimento, e de desagregação dos saberes autóctones e tradicionais, que se soma ao temor constante de desaparecimento material sob o rolo compressor “civilizatório”. Entendemos que a perda de referências norteadoras na adolescência – que a tradição costumava garantir como modo de tratar, coletivamente, o corpo – compele, para certos sujeitos, à perda de qualquer perspectiva. Por conseguinte, a hipermodernidade, com a globalização implacável do saber, assombra a

não universalidade da adolescência, que entrevê seus limites, ainda que em situações locais. No mundo contemporâneo, a perda e o vazio tangerem, de alguma maneira, a todos os sujeitos que chegam ao final da infância.

Palavras-chave: adolescência; corpo; transmissão do saber; sociedades tradicionais; suicídio.

Apoio: Bolsa de doutorado pela FAPEMIG (2012-2016)

EDUCAR EM PRISÕES: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Karol Oliveira de Amorim-Silva
UFMG

Este texto refere-se à pesquisa de mestrado que teve por objetivo analisar o processo de construção das representações sociais de educadores que atuam em instituições prisionais sobre a educação desenvolvida neste ambiente. A prisão, historicamente construída com duas intencionalidades educativas - castigo e recuperação - atualmente encontra-se inserida num movimento que propõe compreendê-la como um espaço educativo na perspectiva da garantia dos direitos humanos. Assim, considerou-se que os educadores, formados para atuarem em outros espaços diferentes da prisão, se deparam com o desafio de construir uma prática educativa neste ambiente, ancorada em sentidos vinculados à educação como direito. Parte-se da hipótese de que muitos desses educadores assumem suas funções apropriando-se da discussão de punir/curar, mas buscou-se aqui apreender os movimentos instaurados pelos sujeitos para apropriar, ou não, do novo paradigma. Neste sentido, uma vez que interessava-se saber deste educador o que ele pensa, sente e como age recorreu-se às contribuições da Psicologia Social com enfoque na Teoria das Representações Sociais, adotando-se sua vertente processual com foco no seu movimento de construção. Esta pesquisa inseriu-se numa abordagem qualitativa do tipo exploratória, realizada com doze educadores de escolas situadas em duas unidades prisionais da RMB. Coletou-se os dados por meio de questionário

semiestruturado e entrevistas narrativas. O tratamento e análise dos dados baseou-se na Análise Temática, por meio da qual possibilitou a análise de dez temáticas emergidas: ingresso na prisão, relação com o aluno, definição do papel da instituição prisão e relação com ela, definição do papel da escola, definição da docência na prisão, infraestrutura e uso de materiais didáticos, conflitos, perspectivas profissionais e prática educativa na prisão. Organizou-se as entrevistas ao redor de cada tema, compreendendo-os como os núcleos de sentidos que compuseram as narrativas. Observou-se com este estudo que, para além da discussão do paradigma do educar, o desafio dos sujeitos entrevistados reside na apreensão ou não da diferença pautada nas especificidades do contexto, que interferem na construção e condução de suas práticas educativas. Assim, os educadores estão se esforçando para reconstruírem suas formas de pensar, sentir e agir a educação em prisões por meio de dois movimentos: permanência e mudança, nos quais estão buscando manter o contexto prisional em suas práticas punitivas e ancorando suas práticas educativas como função curativa, negando este contexto e buscando uma "escola normal", em transição, e reelaborando o contexto da prisão numa perspectiva de uma educação contextualizada. Considera-se a necessidade de se promover formação continuada para os educadores em prisões, no sentido de fornecer-lhes instrumentos que possibilitem a construção de suas práticas numa compreensão crítica e contextualizada. Comprovou-se com esta investigação que a teoria das Representações Sociais é fecunda no campo de estudos da educação em contextos geradores de mudança, pois através dos movimentos instaurados pelos sujeitos é possível apontarem-se propostas de intervenção exatamente no ponto em que os

desafios estão sendo colocados, como é o caso da falta de formação e um programa específico que atenda as particularidades dos alunos e do contexto.

Palavras-chave: educação; prisões; representações sociais; formação de educadores.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS DOS ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Cristiene Adriana da Silva
Maria Isabel Antunes-Rocha
UFMG

Neste trabalho apresentamos o resultado de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo estudar as práticas artísticas dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Compreendemos as práticas artísticas como um conjunto de linguagens de Arte, concebidas e fruídas pelos sujeitos, cujo entendimento abarca as relações da arte na sociedade. Buscamos discutir, especificamente, a dicotomia existente entre o erudito e o popular, compreendendo-se a presença fundamental desta nas discussões de formação dos professores do campo. Apresentamos neste estudo uma análise do processo de construção das representações sociais dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, tomando o percurso formativo da graduação como recorte de tempo para a reelaboração de suas representações sociais. Para construir a análise teórico-metodológica deste panorama, que se encontra permeado de tensões, embasamos este estudo na Teoria das Representações Sociais, TRS, proposta por Moscovici (1978). Percebemos que a TRS possibilita a análise dos processos que unem a dimensão cognitiva do indivíduo e também as suas ações e sentimentos, trazendo a possibilidade de análise dos processos de pensar, sentir e agir dos sujeitos. A fim de se

analisar a construção das representações sociais referenciamos nosso estudo a partir da Abordagem Processual das Representações Sociais proposta por Jodelet (2001). A proposta metodológica dessa pesquisa inseriu-se em uma abordagem qualitativa do tipo exploratório. Para tanto foram aplicados questionários semiestruturados e realizadas vinte e duas entrevistas narrativas, a fim de compreender as experiências com as práticas artísticas e suas repercussões nas reelaborações das suas representações sociais. Os resultados gerados nestes procedimentos nos permitiram elaborar três categorias analíticas: I- Conhecimentos prévios; II- práticas artísticas da formação; III- Práticas artísticas desenvolvidas no estágio de artes. Para análise destas categorias partimos do Modelo Espiral proposto por Antunes-Rocha (2012, 2015) a fim de se organizar os movimentos de mudança na construção das representações sociais dos sujeitos. A análise deste modelo em espiral a partir das três categorias nos permitiu destacar dois movimentos que tomaram como ponto inicial a análise as informações sobre a inserção dos alunos no curso e como ponto de chegada as práticas dos entrevistados no estágio obrigatório de artes. O primeiro movimento denominado “Manutenção” das representações sociais foi constituído por sujeitos que mantiveram suas formas de pensar, sentir e agir sobre as práticas artísticas. O segundo movimento denominado “Modificação” foi marcado por modificações nas representações sociais das práticas artísticas após as experiências na universidade. Pode-se perceber que cada um desses movimentos evidenciou as diversas tomadas de decisão fomentando a discussão sobre os processos geradores de mudança nas experiências formativas desenvolvidas na Licenciatura em Educação do Campo. A partir de tais movimentos também foi possível

compreendermos que a construção das representações sociais dos sujeitos durante o aprendizado no curso foi marcada pelo aprendizado enquanto elemento fomentador de mudança. Percebemos que a informação, elemento apontado por Moscovici (1978) enquanto fundamental para a construção das representações sociais, destacou-se como elemento principal na condução de mudanças dos sujeitos pesquisados.

Palavras-chave: representações sociais; práticas artísticas; educação do campo; formação de professores.

SESSÃO COORDENADA 02
PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES

**REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS
E DESASTRES NA BASE DE DADOS PEPSIC E SCIELO ENTRE OS
ANOS DE 2005 A 2015**

Bruna Rocha Amaral
Lorena Kelle Silva Vaz
UFBA

O presente artigo realiza uma revisão sistemática da literatura, que objetivou mapear a produção científica brasileira relacionada à Psicologia das Emergências e Desastres, utilizando para isso a base de dados PePsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), e SciElo (*Scientific Electronic Library Online*). A consulta de informações realizou-se por meio dos vocábulos “emergências e desastres” e “psicologia das emergências”, contemplando artigos completos, publicados entre o período de 2005 e 2015. Foram encontrados no PePsic, empregando as Palavras-chave “emergências e desastres”, 02 artigos nos quais ambos atendiam aos critérios de interesse, ao passo que na base de dados SciElo foram encontrados, aplicando as Palavras-chave “psicologia das emergências”, 153 artigos, destes, por um processo de análise dos títulos, 145 foram excluídos em razão de não atenderem aos objetivos do trabalho. Posteriormente, foi realizada uma verificação dos resumos, aos quais apenas 04, dos 08 restantes, atendiam aos parâmetros deste

estudo. Analisando-se a busca observou-se que a maioria dos artigos selecionados foi produzida na segunda metade da década aqui investigada, o que aponta para uma recente e ainda pequena produção acerca do tema referido. Foi possível ainda constatar, que ao utilizar as Palavras-chave anteriormente citadas, uma notável maioria da literatura encontrada tratava-se de títulos voltados para a área médica/hospitalar. Os textos selecionados ao final do processo de apuração dos resumos demonstram que parte considerável dos artigos reforçam a legitimação do trabalho do profissional psicólogo na área das emergências causadas por desastres ambientais, que é ainda tão incipiente. Concluiu-se a partir daí que se faz necessário percorrer um longo caminho na produção científica no que se refere a psicologia das emergências, assim como, a falta de embasamento teórico suficiente pode contribuir como agente de não valorização da atuação do psicólogo na área. Assim sendo, a escassa quantidade de artigos encontrada nas bases de dados utilizadas indicam a necessidade de produção científica literária no campo do apoio psicológico em emergências e desastres.

Palavras-chave: psicologia das emergências; emergências; desastres.

ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACERCA DA PSICOLOGIA APLICADA EM DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS

Angélica Silva Moreira
Caren Samantha Teixeira Fonseca
UFBA

Buscou-se analisar, a partir do método de revisão sistemática da literatura, a inserção do profissional psicológico em comunidades atingidas por desastres ambientais e sua atuação dentro das mesmas. Foram realizadas buscas por artigos científicos completos em periódicos brasileiros de psicologia. A partir dos itens que compõem o instrumento de validação denominado AMSTAR, houve a preocupação de produzir um artigo de revisão sistemática com qualidade. Conduziu-se pesquisas nas bases de dados SciELO e PePSIC, observando-se um número maior de periódicos publicados na primeira, ainda que o número total não venha a ser satisfatório. A pesquisa foi conduzida pelos resultados a partir das Palavras-chave “psicologia socioambiental” e “psicologia e desastres”, essa etapa foi realizada sem o cruzamento das Palavras-chave, atentando-se para publicações entre o período de 2005 a 2015. A análise dos artigos foi realizada por duas pessoas que atuaram como juízes independentes e, nos casos de dissentimento, buscou-se consenso. O recorte de interesse foi feito, primariamente, excluindo-se 3 publicações de origem estrangeira, datando um total de 18 artigos, destes, 7 foram encontrados na base PePSIC e 11 na base SciELO. Seguiu-se, então, para a análise do resumo dos títulos e exclusão de 3 produções que não apresentavam enfoque psicológico do tema em questão, assim como a exclusão de duas produções científicas repetidas, que resultou num total final de 13 títulos a serem trabalhados no presente artigo. No trabalho foram priorizadas temáticas como o

estudo de comunidades e psicologia social. Houve diferença de qualidade entre as publicações no SciELO e as que foram publicadas no PePSIC, sendo que os artigos do SciELO demonstram maior qualidade metodológica. Tal afirmação pode ser validada pela adesão de parâmetros considerados mais minuciosos e sistemáticos do SciELO para aprovação dos periódicos científicos em sua base do que a base PePSIC, demonstrando uma preservação de periódicos de melhores titulações e qualificações. Contudo, não foi observada diferença enquanto ao estrato dos periódicos, de acordo com o Qualis CAPES. Destacou-se como uma preocupação fundamental a pouca produção de periódicos no eixo trabalhado em questão (n=13), apesar das buscas se concentrarem em um período extenso de uma década. As propostas de intervenções psicológicas expostas nas produções englobam planejamentos de trabalhos grupais e individuais e mediações terapêuticas e não-terapêuticas. No geral, todos os artigos demonstraram a noção de responsabilidade em identificar a importância da colaboração da Psicologia frente aos eventos de desastres socioambientais. Além disso, a partir de uma análise qualitativa das produções, mostrou-se recorrente a busca, no trabalho do psicólogo, pela prevenção das comunidades ao preconizar como intervenção o bem-estar subjetivo e psíquico das pessoas envolvidas e o seu contexto. Com isso, é de suma importância salientar que o trabalho do profissional psicólogo nesse contexto é vasto, no qual, faz-se importante engajamentos em causas que beneficiem o desenvolvimento de políticas públicas em modo interdisciplinar.

Palavras-chave: psicologia socioambiental; revisão sistemática de literatura; psicologia social; comunidades; psicologia; desastres.

UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO NA SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO EM PSICOLOGIA DO DESASTRE

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha
Diana Ramos de Oliveira
Universidade Católica de Petrópolis

Este trabalho tem o objetivo de propor a pesquisa-ação como metodologia para trabalhar junto aos sujeitos/famílias em situação de abrigo, em decorrência de desastre. Em situações de desastres, o psicólogo pode atuar tanto na perspectiva clínica, atendendo as pessoas afetadas pelo sinistro que produziu perdas e lutos, quanto na perspectiva comunitária, cooperando na organização/envolvimento das pessoas em abrigos, possibilitando o bom convívio na situação de abrigo, a resolução de problemas coletivos e a retomada do cotidiano, aspecto importante no processo de recuperação das pessoas atingidas por desastres. A metodologia da pesquisa-ação pode ser utilizada no contexto de abrigos, tendo em vista, a capacidade de envolver as pessoas na resolução dos problemas que as afetam. Apesar da fragilidade psíquica e os riscos psicossociais experimentados pelos indivíduos/famílias no contexto de desastres, eles precisam, aos poucos, se apropriarem das decisões e das atividades do abrigo, propiciando uma retomada do controle da própria existência e produzindo o fortalecimento dos indivíduos/famílias para reconstruir o cotidiano. Neste contexto, a metodologia da pesquisa-ação se adequa a situação de abrigo, por promover a participação do sujeitos na reflexão/ação que poderá produzir mudança da realidade vivida, em reuniões em que o psicólogo funciona como mediador das discussões necessárias, para a

passagem de desabrigados dependentes de apoio/suporte social/governamental para sujeitos que, promovendo autogestão no contexto do abrigo, possam administrar o espaço coletivo e preparar o retorno para as atividades do cotidiano, como o trabalho, a escola e o convívio familiar estruturado. Existem decisões a serem tomadas quanto da gestão de um abrigo, como: quem participará do preparo das refeições e os horários delas; a divisão do espaço ocupado; a limpeza e a segurança do local; as atividades de lazer e educacionais para as crianças; o contato e mediação com as autoridades locais e as instituições da sociedade civil, entre outras tarefas que precisam do envolvimento das pessoas em abrigos. Numa primeira aproximação, este trabalho servirá de reflexão e abertura de novas discussões, por exemplo, a defesa dos direitos e dos direitos humanos dos abrigados precisa ter forte participação do psicólogo, especialmente, diante da fragilidade psíquica e dos riscos psicossociais enfrentados pelas pessoas logo após o sinistro, promovendo o respeito dos indivíduos pelas entidades públicas e privadas que estejam atuando no abrigo. A guisa de conclusão, fica evidente que o psicólogo coopera para que os sujeitos/famílias fortalecidos possam tomar as decisões e promover as ações coletivas que facilitarão o enfrentamento das situações produzidas pelo sinistro.

Palavras-chave: pesquisa-ação; psicologia do desastre; psicologia comunitária; abrigo; autogestão.

O CASO DO VALE DO CUIÁBA EM PETRÓPOLIS DE 2011: UMA INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESASTRE

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha
José Carlos Tavares da Silva
Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte
Luiz Henrique de Sá
Universidade Católica de Petrópolis

Este trabalho tem o objetivo de apresentar as atividades de psicologia do desastre realizadas no Vale do Cuiabá, na cidade de Petrópolis, entre os meses de janeiro e março de 2011. Além disso, faremos breves considerações teóricas acerca do trabalho psicológico/psicossocial na situação de desastre. Na psicologia do desastre, o psicólogo costuma lançar mão de duas atuações: a clínica, seja no atendimento psicológico as pessoas que sofreram o sinistro ou as equipes envolvidas; e a comunitária, em que o psicólogo atua em abrigos com o objetivo de facilitar a organização e a convivência entre as pessoas/famílias afetadas. Chuva contínua e intensa e diversos deslizamentos de terra na região de Teresópolis que, em aluvião pelo Rio Santo Antônio, provocou enchente na bacia do Cuiabá (lama, detritos e violento fluxo desses materiais) atingindo pessoas e propriedades do Vale do Cuiabá. Após o sinistro, formou-se, com apoio da regional serrana do Conselho Regional de Psicologia (CRP-05), uma força tarefa que foi dividida em grupos de dois psicólogos para cada centro de apoio local que compareceram, em dias e horários definidos, para realizar atenção básica às pessoas atingidas, auxiliando na elaboração do luto pelas perdas de familiares/amigos e auxiliando a administrar a perda de seus bens

materiais, do ponto de vista psicológico. Algumas pessoas saíam dos seus abrigos para voltarem ao local onde moravam para fazer guarda diante de postes de relógio de luz, pois estes eram o sinal de que ali haviam casas e, os demais profissionais (advogados, Médicos Sem Fronteiras (MSF), médicos do município, assistentes sociais etc), que acorreram em auxílio, constituíam registros dos que moravam ali e eram, portanto, aptos a figurarem na lista dos desabrigados e candidatos a receberem do governo casas prometidas - promessa ainda não concretizada - e alugueres sociais. Outras pessoas, num primeiro momento, estavam à procura de parentes desaparecidos; e outras, à procura de local para morar que fosse compatível com o aluguel social oferecido. Na primeira semana, as equipes médicas cuidaram dos feridos e politraumatizados; da segunda semana em diante, a agenda de auxílio psicológico funcionou regularmente por dois meses chegando até março, quando os abrigados já estavam, em sua maioria, realocados em residências de parentes ou em residências alugadas com ajuda do aluguel social e, as demandas psicológicas/psicossociais foram diminuindo. Decorreu desse episódio, a constituição de um grupo de apoio a atingidos por emergências e desastres, com suporte institucional de entidades locais, cada uma no seu campo de atribuição, cumprindo seu papel de responsabilidade social, o qual, até hoje, vem produzindo protocolos de abordagem psicológica/psicossocial a atingidos por emergências e desastres. O psicólogo tem o dever atuar em situações de desastres, como previsto no código de ética profissional, e defender os direitos humanos dos atingidos. Cada vez mais, a categoria tem se organizado e se preparado para cooperar em sinistros pelo país afora, dando visibilidade aos prejuízos psicológicos e psicossociais sofridos

pelas pessoas, quando o foco das ações/políticas costuma ser os prejuízos materiais/financeiros, e não o sofrimento psíquico.

Palavras-chave: psicologia do desastre; atendimento psicológico; psicologia comunitária; Petrópolis; direitos humanos.

PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DOS DESASTRES: ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO EM MARIANA/MG

Waleska Medeiros de Souza
UFOP

O termo Psicologia das Emergências, surge no início do século XX, como resposta as angustias públicas das tragédias ocorridas nos Estados Unidos. Os primeiros registros históricos sobre os estudos do tema foram realizados por Stierlim em 1909, com a finalidade de investigar e pesquisar questões inerentes aos impactos psicológicos provocados por desastres. No Brasil, este conceito começou a ser utilizado no final do século XX. A primeira pesquisa brasileira de investigação psicológica, ocorreu com o vazamento de gás Césio 137, na cidade de Goiânia/GO. Com o passar do tempo, a psicologia das emergências passa a ser considerada como o estudo do comportamento das pessoas nos acidentes e desastres. Partindo dessa perspectiva de investigação da Psicologia das Emergências, esta pesquisa visa analisar os efeitos ocasionados nos agentes Guarda Municipal da Cidade de Mariana/MG que socorreram os moradores afetados pelo rompimento de uma barragem de rejeito da Mineradora Samarco, ocorrido em novembro de 2015. Este rompimento, atingiu diversas cidades e lugarejos, vindo a destruir por completo lugares por onde passou um *tsunami* de lama que provocou uma destruição de grandes proporções e deixou um rastro de destruição ambiental. A dimensão deste desastre ultrapassou as fronteiras do Estado mineiro, vindo a desaguar no mar do Espírito Santo/ES, dias depois do rompimento. Durante o desastre, diversos profissionais atuaram no socorro às vítimas, dentre os quais está a Instituição Guarda Municipal da Cidade de Mariana, que empenhou seus agentes para apoio e resgate as vítimas da tragédia. Visando alcançar o

objetivo de analisar os efeitos psicológicos ocasionados nos agentes da Guarda Municipal da Cidade Mariana/MG, após o desastre, foram aplicados questionários em uma amostragem de dois turnos de serviços ostensivos de guarda municipais e inspetores de turno. Resultados da aplicação dos questionários, apontaram que o incentivo em políticas públicas internas, poderá beneficiar os servidores da referida instituição e a oferta de um serviço de maior qualidade. Devido a uma intensificação da jornada de trabalho, o desgaste físico e o cenário de um desastre de grandes proporções, emerge a necessidade de investimento por parte dos gestores em considerarem relevante a realização de estudos e práticas voltados para as demandas emocionais de seus servidores, visto que, com a tragédia surgiu uma angústia pública, ocasionado pelo trauma que se espalhou pela cidade de Mariana. Como resultados obtidos e diante da escassez de pesquisas para investigar os efeitos psicológicos em agentes da Segurança Pública pós desastre, buscou-se com o estudo subsídios para fomentar a criação de Políticas Públicas Internas na Corporação da Guarda Municipal de Mariana/MG, a fim de evitar que seja desencadeado um estresse pós-traumático em seus agentes. Ressaltamos a importância de se investir em estudos e pesquisas em Psicologia das Emergências em contextos institucionais públicos, principalmente com agentes envolvidos em resgates, visto que esses profissionais lidam com as próprias dificuldades emocionais frente as missões de socorro, mas também o que fazer diante do desespero das pessoas atendidas.

Palavras-chave: Psicologia das Emergências; desastres ambientais; políticas públicas.

SESSÃO COORDENADA 03
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: CONCEITOS E TEORIAS

**NOÇÃO DE CONSCIÊNCIA EM CARL ROGERS: APONTAMENTOS
EPISTEMOLÓGICOS E HISTÓRICOS AO CENÁRIO BRASILEIRO**

Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA
Sérgio Dias Cirino
UFMG

Objetiva-se refletir a noção rogeriana de consciência conforme uma abordagem epistemológica e histórica. Argumenta-se que a mencionada noção está situada em um *Zeitgeist* estadunidense funcionalista e pragmatista que Rogers contatou nas décadas de 1920-1950, nas Universidades de Chicago e Columbia, e apropriou com esteio nos aportes de William James. Com a difusão do pensamento rogeriano no Brasil, nas décadas de 1970-2000, muitas de suas ideias historicamente foram apropriadas predominantemente por um viés fenomenológico crítico que repensa sua teoria e prática em uma perspectiva metacientífica ao autor. Com efeito, analisa-se a noção de consciência na Psicologia de William James, na Fenomenologia de Edmund Husserl e na abordagem de Carl Rogers. James entende a consciência como uma função autorreguladora do organismo que surge mediante um tensão com o ambiente. Husserl considera a consciência como uma correlação intencional de sentidos entre sujeito e mundo. Rogers concebe a consciência como uma função simbolizadora das experiências do organismo, com uma gênese oriunda da tensão entre organismo e meio e com a função de eliminá-la. Conquanto as vertentes jamesianas e

husserianas abordem, cada qual ao seu modo, a questão da experiência consciente, elas divergem em relação ao seguinte ponto de entendimento: para James a consciência é funcional e precisa de um organismo para existir; em Husserl a consciência é um fenômeno intencional que não se restringe a um organismo para existir. O pensamento rogeriano, destarte, meneia para uma perspectiva de consciência funcional. Esse ponto de vista se distancia da Fenomenologia que concebe a consciência como transcendental. No Brasil, a apropriação fenomenológica do legado de Rogers acontece, pois, de forma descontínua ao que ele preconizou em relação ao entendimento da experiência consciente. Incorre, pois, a tentativa de fundamentação de uma abordagem centrada na pessoa norteadada (ACP) e inspirada por outros fundamentos (fenomenológicos) que o seu criador não postulou. Tal assimilação não invalida ou deslegitima a ACP brasileira, pois enfatiza que ela apresenta um processo de recepção e hibridização que a singulariza em relação a sua origem estadunidense. Conclui-se que tal visada epistemológica-histórica possibilita, pois, algumas intelecções sobre os aspectos contextuais estadunidenses envolvidos na organização de alguns elementos da teoria rogeriana, além de apontá-las para os estudiosos da ACP no Brasil, reconhecida internacionalmente pelo notório desenvolvimento do legado pós-rogeriano sob um prisma fenomenológico.

Palavras-chave: Carl Rogers; consciência; Fenomenologia; História da Psicologia; pragmatismo.

SAINDO DE CASA: O ADOLESCENTE E SEUS PLANOS DE VIDA - UMA PERSPECTIVA HOLLINGWORTHIANA DE 1926

Delba Teixeira Rodrigues Barros
UFMG

Este trabalho analisa um texto do ano de 1926 escrito pela psicóloga americana Leta Anna Stetter Hollingworth (1886-1939) abordando a saída do adolescente do seio familiar. “Getting away from the Family: the adolescent and his life plans” apresenta o fenômeno denominado desmame psicológico e sua importância para se atingir a independência como indivíduo. O texto integra o acervo de 81 trabalhos publicados pela autora no período de 1913 até 1939 disponível nos arquivos do Center for the History of Psychology (CHP) nos EUA. A contemporaneidade do enfoque dado por Hollingworth ao tema nos leva à reflexão sobre o que podemos aprender com um texto escrito há noventa anos. Tendo em vista que o principal objetivo da adolescência é o desejo de ser um indivíduo adulto independente, é surpreendente como um texto de segunda década do século passado pode contribuir para nossa atual compreensão dessa fase do desenvolvimento. A autora analisa o desmame psicológico do jovem considerando os diversos atores presentes nesse cenário, o que traz à tona o papel da família nesse momento. Embora centrada na figura materna, em função da realidade social do período em que foi escrito, as ponderações feitas remetem à literatura contemporânea no tocante aos diferentes estilos parentais e sua influência no processo de desenvolvimento e amadurecimento do adolescente. Trata da questão vinculando sua resolução à capacidade

do adolescente de escolher sua ocupação, seu par afetivo, bem como definir sua posição frente ao mundo. Aconselha que os pais desde cedo devem desenvolver outros interesses além dos relacionados aos cuidados com os filhos no intuito de prevenir as dificuldades desse desmame enfrentadas não apenas pelos jovens, mas também pelos primeiros. Afirma que, embora gradual, o desmame deve ser completo uma vez que ele representa a possibilidade de que o jovem, de fato, enfrente o mundo como um ser autônomo e responsável por suas atitudes. Conclui-se com a análise desse texto que apesar de vivermos um tempo de transição de modelos, o fenômeno descrito por Hollingworth continua sendo uma questão presente no processo de desenvolvimento humano, para a qual suas observações podem contribuir tanto para a família quanto para os profissionais que lidam com os jovens.

Palavras-chave: Leta Anna Stetter Hollingworth; adolescência; desmame psicológico.

O CONCEITO DE AMBIENTE NA OBRA B. F. SKINNER: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA AMBIENTAL

Sérgio Domingues
UNIVICOSA
Riviane Borghesi Bravo
Centro Universitário Newton Paiva

O século XXI tem sido marcado de maneira irrevogável por debates que contem a questão ambiental em seu cerne. A crise ambiental, dada suas complexas características, tornou-se objeto de estudo e debate de variadas disciplinas, ampliando o diálogo de campos como Geografia e Engenharias para a dimensão ecológica, onde as contribuições da Sociologia e da Psicologia tornam-se substanciais. A Psicologia Ambiental como área da Psicologia trata das relações entre seres humanos e o ambiente em que estes estão inseridos. Estas relações abrangem tanto a dimensão social, quanto a biológica e a subjetiva, englobando ciências sociais, naturais e humanas. A partir dessas premissas o objetivo deste estudo é apontar como a ampliação da noção de ambiente encontrada na obra de B. F. Skinner, diferente da noção mais tradicional de ambiente como algo externo ao indivíduo, pode contribuir para uma Psicologia Ambiental que tenha no Behaviorismo Radical um de seus alicerces. Utilizou-se como método para construção deste trabalho uma revisão bibliográfica referente ao estado da arte da Psicologia Ambiental no Brasil e a revisão teórica dos textos de Skinner que enfocam a noção de ambiente como elemento explicativo dos comportamentos humanos. Para Skinner é no ambiente, seja enquanto estímulos antecedentes aos comportamentos (estímulos

discriminativos, delta ou eliciador), seja como estímulos ambientais consequentes ao comportamento (estímulo reforçador, estímulos aversivos) que se encontram as explicações para a maneira como as pessoas se comportam. Os resultados preliminares apontam que o Behaviorismo Radical de Skinner, enquanto epistemologia da ciência do comportamento, considera ambiente em quatro dimensões interligadas. Ambiente externo, dividido entre as dimensões físicas e sociais e ambiente interno, dividido em suas dimensões biológicas e históricas. A partir desses primeiros resultados abre-se espaço para que se discuta a importância de se pensar em uma Psicologia Ambiental que aborde o conceito de ambiente de forma ampliada como o faz Skinner, ampliando este conceito, o que como conclusão confere maior capacidade heurística a Psicologia para explicar como e porque as pessoas se comportam. Conclui-se que o ser humano é um ser de interações, as quais ocorrem sempre nestas relações de tríplice contingência: ambiente (estímulo antecedente e seu contexto), comportamento (a resposta em si), ambiente (consequência, estímulo reforçador).

Palavras-chave: Psicologia Ambiental; comportamento; ambiente; interações; Behaviorismo Radical.

AS INDIVIDUALIDADES HUMANAS E A CONDIÇÃO AMBIENTAL PARA A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Riviane Borghesi Bravo
Centro Universitário Newton Paiva
Raquel Martins de Assis
Regina Helena de Freitas Campos
UFMG

O estudo da personalidade sempre esteve presente na Psicologia, como forma de compreender o comportamento e as características do indivíduo. Dentro desse contexto, diversos teóricos aprofundaram os estudos e utilizaram técnicas para desvendar a estrutura do mundo psíquico. Ao buscar conhecer o indivíduo em seu perfil caracterológico, a psicóloga e educadora Helena Antipoff optou por resgatar sua experiência na Rússia, antiga União Soviética, através dos modelos de observação criados pelo psicólogo e psiquiatra Lazursky. Assim, Antipoff divulgou o trabalho de Lazursky em Minas Gerais. O autor russo, porém, também foi divulgado por meio de um livro traduzido por Claudio de Araújo Lima e publicado no início do século XX, ainda sem data específica, pela editora Guanabara. O presente trabalho tem como objetivo apresentar a obra de Lazursky traduzida no Brasil e descrever a ênfase dada ao meio ambiente na constituição da personalidade do indivíduo. Neste livro, Lazursky descreve três níveis da personalidade (inferior, médio e superior), caracterizando a noção que existe na relação entre a formação endopsíquica e exopsíquica nessas diferentes instâncias. O que estrutura cada um dos níveis é a relação entre a individualidade e o meio ambiente, principalmente no que consiste ao

tipo de adaptação, isso poderá ajudar ou comprometer o indivíduo na orientação de um modo consciente de agir no meio ambiente. O resgate do livro de Lazursky nos oferece a possibilidade de compreender, segundo a psicologia da época, a importância das condições ambientais para o desenvolvimento da personalidade, principalmente no que tange ao entendimento das individualidades humanas. Acontecimentos diversos no ambiente, descritos atualmente, como impactos naturais ou situações de emergência são fundamentais para criar uma organização psíquica capaz de estruturar um indivíduo e influenciar o seu tipo de adaptação. Assim de acordo com Lazursky, a adaptação ao meio ambiente ocorre de forma completa, profunda e multilateral. Como essa adaptação irá acontecer deve-se às condições exteriores favoráveis ou desfavoráveis, e também, pela forma inata de forças físicas e mentais, as quais formam um conjunto denominado aptidão. É dentro desse debate que a História da Psicologia retoma conceitos e teorias que podem auxiliar na constituição do indivíduo e do seu mundo.

Palavras-chave: personalidade; meio ambiente; individualidades.

CIRCULAÇÃO DO PSICODRAMA NO BRASIL: APONTAMENTOS SOBRE UM DRAMA HISTÓRICO

Heitor Blesa Farias
Cândida de Oliveira Carpes
Laryssa Soares Leite
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

A revisão sistemática de trabalhos acadêmicos produzidos sobre uma abordagem psicológica para entender como ela foi desenvolvida e circula em um país foi um recurso historiográfico em pesquisas de Joseph Brožek, que aplicou essa ideia ao exame da Psicologia de Wilhelm Wundt nos EUA. Tal perspectiva nos inspirou no objetivo de analisar a circulação do Psicodrama no Brasil, a partir de suas produções de artigos em periódicos nacionais. No campo da História da Psicologia, o termo circulação alude a uma conjuntura de operações sociais que possibilitam o compartilhamento e a extensão de ideias psicológicas em um determinada localidade. O exame disso, possibilita um entendimento de quais contendas históricas caracterizam o Psicodrama brasileiro. Com efeito, utilizamos o método da revisão sistemática de literatura sobre 98 artigos, publicados em 1996-2014, nas bases de dados SciELO e PePSIC, organizados nas seguintes categorias: ano; tipo de produção; área de discussão; periódico; filiação institucional. Os resultados demonstram: intensificação de produções nos anos de 2011 a 2014, que concentram mais da metade da produção nacional catalogada ($n = 62$; 63,25%); predominância de artigos teóricos ($n=52$; 53,06%); hegemonia de discussões na área clínica ($n = 33$; 33,67%); concentração de

publicações em um único periódico (n = 63; 64,30%); variada difusão de filiações nacionais e estrangeiras relacionadas aos autores que produziram artigos sobre o Psicodrama, com destaque para São Paulo. Tais resultados possibilitam as seguintes inferências sobre o percurso do Psicodrama no Brasil. Jacob Moreno, o criador dessa abordagem, foi um defensor do diálogo entre o conhecimento prático, oriundo das formações extra acadêmicas em associações psicodramáticas obtido pelas intervenções grupais, e o conhecimento científico, próprio do circuito universitário e dos seus periódicos. Na falta da possibilidade de circulação do seu conhecimento nesse segundo âmbito do conhecimento, Moreno criou diversas revistas para disseminar suas ideias e outras afins. Essa herança moreniana foi recebida no Brasil, a partir da criação de um periódico que articula os mencionados âmbitos de conhecimento. Entretanto, apesar de oferecer alento às produções psicodramáticas nacionais, tal espaço de publicação restringe a circulação do Psicodrama em relação a sua divulgação em outros espaços de Psicologia. Eis um drama que historicamente assola essa abordagem e persiste no Brasil. A despeito disso, nota-se uma propagação da herança clínica nas discussões dos opúsculos que estendem esse olhar, ainda, para as áreas educacionais e sociais. Em relação as filiações minutadas, observa-se uma concentração em São Paulo, local com tradição histórica na recepção de diversos expoentes estrangeiros e de formação de diversas associações psicodramáticas e humanistas. Concluimos que conquanto tenha sido introduzido no Brasil, na década de 1930, e difundido sob a notória liderança de Pierre Weil, nos anos de 1940-1960, num circuito extra acadêmico marcado por produções livrescas, o Psicodrama brasileiro, sobretudo nesta década,

tem buscado intensificar um diálogo com o mundo científico. Ou seja, a preocupação de instaurar espaços acadêmicos de circulação de artigos psicodramáticos e de tornar público esses trabalhos em periódicos, possivelmente aponta para um momento histórico que busca consolidar essa abordagem nos meios acadêmicos.

Palavras-chave: História da Psicologia; Psicodrama; revisão sistemática.

Apoio: Edital PROPCI/UFBA 01-2014 – PIBIC-FAPESB.

RECEPÇÃO DA FENOMENOLOGIA NA PSICOLOGIA ESTADUNIDENSE (1940-1960)

Heitor Blesa Faria
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Este trabalho objetiva investigar a recepção da Fenomenologia na Psicologia americana. Entende-se recepção como um instrumento conceitual, utilizado pela História da Psicologia para analisar movimentos de migração de um conhecimento psicológico de um local para outro em um determinado período. Em tal disseminação, ocorre um processo de hibridização do conhecimento em relação ao seu local de origem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre textos que abordam o tema. Nesses foram utilizadas a técnica de leitura seletiva para coletar dados e as técnicas de leitura reflexiva e interpretativa para analisá-los conforme o conceito de recepção. A Fenomenologia é um método filosófico desenvolvido na Alemanha por Husserl, no início do século XX. Em suma, a Fenomenologia trata de autorreflexões metódicas da experiência consciente sobre um determinado fenômeno (uma ideia, um acontecimento, um objeto ou uma pessoa), com o esteio da suspensão fenomenológica e suas reduções eidética e transcendental para depurar um novo entendimento sobre o fenômeno estudado. A Fenomenologia inspirou diversos pensadores que produziram filosofias com base na aplicação do método. No campo da Psicologia, Psiquiatria e Psicopatologia, o método também exerceu influência possibilitando a assunção de novos entendimentos relacionados ao psiquismo. Nessa profusão, a Fenomenologia se propagou para diversas regiões do

mundo, ocasionando a emergência de várias abordagens fenomenológicas locais. Apontam-se, destarte, os seguintes momentos de recepção da Fenomenologia pela Psicologia americana: (1) o artigo de Donald Snygg, intitulado *The need for a phenomenological system of psychology*, publicado em 1941; (2) a visita de Gordon Allport a Universidade de Hamburgo, em 1922-23, para estudar Psicologia da Gestalt e Fenomenologia – ao retornar, Allport enfatizou que a Psicologia americana necessitava de uma perspectiva mais ampla para estudar a personalidade, ressaltando, em 1955, na obra *Becoming: Basic Considerations for a Psychology of Personality*, a Fenomenologia como uma importante contribuição; (3) a organização de Rollo May do livro *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology*, publicado em 1958, contendo diversas traduções de daseinanalistas e psicopatologistas fenomenólogos europeus; (4) a publicação do livro *The phenomenological problem*, em 1959, contendo distintos artigos sobre as implicações da Fenomenologia para os estudos psicológicos da personalidade; (5) o movimento de elaboração do método fenomenológico empírico, como um procedimento analítico de dados qualitativos, encabeçado por Adrian van Kaam, que resultou num programa de pós-graduação com orientação de pesquisa fenomenológica na Universidade de Duquesne, em 1959; (6) a publicação, em 1964, da obra *Behaviorism and Phenomenology: contrasting bases for modern psychology*, organizado por T. Wann. Destarte, nas décadas de 1940-60, a ideia de uma psicologia de inspiração fenomenológica começou a circular nos EUA. Conclui-se que os psicólogos americanos não se apropriaram da Fenomenologia como uma filosofia, mas um novo paradigma de ciência alternativo ao

positivismo que serviu de: inspiração para estudos clínicos sobre os processos de constituição e mudança da personalidade; implicação para a elaboração de um método empírico de pesquisa qualitativa; influência para uma abordagem psicológica existencial clínica. Essas características são indícios da hibridização da Fenomenologia nos EUA e inspiraram o movimento da Psicologia Humanista.

Palavras-chave: Fenomenologia; História da Psicologia; recepção.

Apoio: Edital PROPCI/UFBA 01-2014 – PIBIC - FAPESB.

SESSÃO COORDENADA 04

EDUCAÇÃO INTEGRAL E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

EDUCAÇÃO INTEGRAL NO POLO FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF: POSSIBILIDADE DE UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO ANTIPOFFIANA

Adriana Otoni Silva Antunes Duarte
Maria de Fátima Pio Cassemiro
UFMG
Marilene Oliveira Almeida
UEMG

Esta pesquisa baseia-se na perspectiva educacional de Helena Antipoff e no inquérito “Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte” proposto e desenvolvido pela psicóloga e educadora russa, entre os anos de 1929 e 1944. Busca compreender os interesses dos alunos que participam do Projeto de Educação Integral no Polo Fundação Helena Antipoff em Ibirité, Minas Gerais. A educação integral é uma tentativa de ampliação do tempo escolar e da formação do aluno em seus aspectos físico, intelectual e moral. Fundamenta-se no movimento escolanovista, iniciado em fins do século XIX e início do século XX, que propunha um modelo de educação a partir dos anseios e necessidades dos alunos. Considerando a educação integral como uma política pública, o governo Federal criou o Programa Mais Educação ver data objetivando ampliar a

jornada escolar e a organização curricular. O Programa privilegia a educação que integra diferentes saberes e espaços educativos, na tentativa de construir uma aprendizagem significativa para a vida e cidadania. Por meio de sensibilização, incentivo e apoio visa fomentar e implementar projetos de articulação de políticas e ações socioeducativas, oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens. Neste Programa, as ofertas formativas acontecem por meio das atividades organizadas considerando os macrocampos propostos pelo Ministério da Educação. Estas buscam levar aos estudantes a compreenderem a si mesmos e o outro, na relação com o meio ambiente, a vida em sociedade, as artes, as diversas culturas, as tecnologias e outras temáticas que considerem o contexto social dos sujeitos, ampliando as oportunidades formativas. Partindo desse pressuposto, com a perspectiva de colaborar com o Projeto de Educação Integral no Polo de Ibirité e tendo como norte os fundamentos educacionais de Helena Antipoff, é que reaplicaremos o inquérito “Ideais e interesses das crianças” formulado por Helena Antipoff. O projeto prevê uma amostra de 300 crianças e adolescentes, com faixa etária entre 10 e 14 anos de idade, das escolas estaduais Sandoval Soares de Azevedo, Yolanda Martins e Antônio Pinheiro Dinis participantes do Projeto de Educação Integral no Polo Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, MG. Buscaremos através dos resultados propor alternativas pedagógicas em articulação com os macrocampos do Programa Mais Educação. Realizamos uma reunião com os representantes legais dos alunos e escolas envolvidos no projeto para apresentação dos objetivos da pesquisa e esclarecimentos sobre autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Resultados preliminares

revelam que estes representantes demonstraram compreender a importância de um espaço de comunicação com os alunos para se discutir e propor alternativas pedagógicas que levem em consideração os seus interesses e anseios, motivando-os para a permanência na Escola Integral do Polo Ibirité, bem como a longevidade do Projeto.

Palavras-chave: Educação Integral; Helena Antipoff; ideais e interesses.

AUTODECLARAÇÃO DE COR E RAÇA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Marielle Costa Silva
Stela Maris Bretas Souza
UNILESTE

Esta pesquisa objetivou investigar como as crianças da Educação Básica se autodeclaram em relação à cor e raça, bem como identificar as diferenças apontadas pelas crianças entre as palavras “cor” e “raça”. Também visa à crítica aos posicionamentos adultocêntricos nas produções acadêmicas. Os participantes foram o total de 37 crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Coronel Fabriciano, em Minas Gerais. Este estudo é do tipo descritivo e exploratório. Para isso, foram utilizados desenhos e grupos focais como instrumentos, analisados conforme a técnica de Análise de Conteúdo. A permissão dos pais ou responsáveis para participação na pesquisa foi obtida por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As crianças participantes assinaram o Termo de Assentimento. Para a confecção dos desenhos, utilizou-se um conjunto de doze gizes de cera, que representam diferentes cores de pele. Utilizou-se como método de identificação racial a autoatribuição de cor e raça, por meio de perguntas abertas ou espontâneas. Formaram-se seis grupos focais, a fim de oportunizar um tempo-espaco para reflexão sobre o processo de constituição da própria identidade étnico-racial. Os resultados revelam um amplo conhecimento e uso do vocabulário racial pelas crianças, sendo que a maioria delas considera os vocábulos “cor” e “raça” como sinônimos e evocaram o termo “cor” com maior

familiaridade. Além disso, observou-se rejeição aos atributos físicos do grupo negro e a preferência em adotar termos referentes ao fenótipo branco, como a cor da pele clara e os cabelos lisos. Foram relatadas vivências negativas por crianças negras em relação ao tema, o que influencia na constituição de sua autoimagem. Ao escutar as vozes das crianças, foi possível compreender que se apropriam de significados sócio-históricos e culturais construídos sobre cor e raça ao longo do tempo. Tal discussão buscou contribuir para romper com o paradigma de desvalorização da infância e do silenciamento sobre as questões raciais, o que constitui um avanço nas áreas das ciências humanas e sociais. Assim, é essencial que se desenvolvam novas pesquisas nesta temática, no sentido de ressignificar as concepções raciais, para a promoção de mais respeito e uma educação pautada na valorização da diversidade.

Palavras-chave: crianças; autodeclaração de cor e raça; identidade étnico-racial.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NAS ESCOLAS DE IBIRITÉ: O QUE REVELAM OS ALUNOS SOBRE O ENSINO DE ARTE?

Marilene Oliveira Almeida
Christiane Campos de Araújo
UEMG

Este estudo sobre as influências da educação estética, desenvolvida a partir do pensamento escolanovista, na educação contemporânea propõe compreender a educação estética nas escolas de Ibirité, tendo como referências estudos históricos na perspectiva da Escola Nova, especialmente da Escola Ativa de Genebra. A implementação de práticas escolanovistas no Brasil com relação ao ensino de arte, especificamente em Minas Gerais, orienta as análises desta pesquisa. O movimento de ensino de arte na Fazenda do Rosário, instituição educacional criada em 1939, em Ibirité, por Helena Antipoff e outros intelectuais, ocorreu com a colaboração de diversos artistas e educadores brasileiros e estrangeiros. Nessa escola criada na área rural, em conformidade com os princípios escolanovistas, um aspecto pedagógico importante e orientador das práticas educacionais se apoiava nas atividades manuais (trabalho doméstico e agropecuário); artesanais, no desenho, em oficinas de teatro; jogos e brincadeiras, entre outros ofícios que envolviam fazeres artísticos. Esse princípio norteador orientou a pedagogia desenvolvida no complexo educacional do Rosário, em que a valorização do espontâneo, da criatividade, do interesse do aluno era enfatizada para que a aprendizagem pudesse acontecer. Pensava-se que a educação teria contribuição relevante nos processos

de melhoria das condições de vida do campo e da formação integral do ser humano. Estudos apontam que a pedagogia rosariana influenciou a formação de educadores em Minas Gerais, especialmente na região de Ibirité. Para esta pesquisa realizou-se um diagnóstico inicial sobre o ensino de arte nas escolas de Ibirité, sob o ponto de vista das crianças, a partir de questionário com 93 alunos de três escolas participantes do Projeto Educação Integral que acontece na Fundação Helena Antipoff, contendo 13 perguntas. As análises dos dados obtidos com 11 alunos da escola que tem sua história mais diretamente ligada à Helena Antipoff revelam que nela existem aulas, professores e sala ambiente destinados ao ensino de arte. As respostas dos alunos apontam que há interesse em atividades relacionadas aos fazeres artísticos que envolvem o fazer manual, como desenho, escultura e pintura, e também, insatisfação com atividades de cópia. As análises iniciais revelam a necessidade de adequação do questionário, acrescentado perguntas que questionem se os alunos têm seus interesses levados em consideração no planejamento das aulas e se tais aulas dão espaço para a atividade interessada do aluno, conceitos fundamentais na Escola Nova, especialmente na pedagogia ativa de Genebra.

Palavras-chave: educação estética; Escola Nova; ensino de arte.

PROJETO “ESCOLA DE HELENA”: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NA FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF

Elizabeth Dias Munaier Lages
UEMG
Maria do Carmo Lara
Fundação Helena Antipoff

Em 1939, Helena Antipoff, cria a chamada “Fazenda do Rosário”, composta por várias instituições comprometidas com a educação. Este projeto educacional da Fazenda do Rosário foi pioneiro em muitas práticas de ensino, bem como na inserção da escola no contexto do ambiente do trabalho rural, como ainda nas atividades de interação empresa e escola; família-escola e sobrevivência com o trabalho rural. Tais experiências com educação e trabalho rural evoluíram sistematicamente por meio de cursos, formação acompanhada, seminários, encontros, festas comunitárias, quando, em 1955, cria-se o ISER (Instituto Superior de Educação Rural), que foi transformado em Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff (FEER) em 1970. Em 1978, a FEER passa a denominar-se Fundação Helena Antipoff (FHA) e sua história se enriquece com a incorporação, pelo Estado, da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo. Helena Antipoff deixou um legado para o Brasil na área educacional e também uma obra física e intelectual e atualmente, funciona nas dependências da FHA um projeto-piloto de Educação Integral: a Escola de Helena. Este novo empreendimento pedagógico vem resgatar o espírito de Helena Antipoff, uma vez que pioneiramente, a educadora já manifestava em sua proposta pedagógica a preocupação em formar professores a partir de

ideais democráticos e de cidadania. Ressalta-se ainda, neste contexto, que o campo era o local apropriado para o desenvolvimento de tarefas culturalmente significativas e para a formação do caráter das crianças e adolescentes. Antipoff acabava então por construir a possibilidade de uma reforma social possível através da educação, ao estenderem-se às crianças e à comunidade desprivilegiada os benefícios da escola. Nessa medida, a “Escola de Helena” se constitui em uma parceria entre a FHA e três escolas estaduais do entorno: Sandoval Soares de Azevedo, Yolanda Martins e Antônio Pinheiro Diniz. O projeto tem como objetivos, contemplar a ampliação do tempo e do espaço educativo das escolas pautada pela noção de formação integral e emancipadora; promover a articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que atendam às mesmas finalidades; integrar as atividades ao projeto político pedagógico das escolas participantes, contribuir para a formação e protagonismo de crianças, adolescentes e jovens e, fomentar a participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como a sociedade civil, e de organizações não governamentais e esfera privada, dentre outros. Durante o segundo semestre de 2015, a “Escola de Helena” teve a trajetória pautada por ações em vários campos, tais como: Acompanhamento pedagógico, ao diagnosticar as dificuldades de aprendizagem,; Esportes, ao atuar com os alunos no desenvolvimento físico e corporal e intelectual como natação, futebol, xadrez, vôlei, futebol de salão, Slackline (esportes sobre cordas); Cultura, ao agregar ao processo de formação do aluno o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade; Teatro, Dança, Capoeira, Artesanato; Meio Ambiente, ao mostrar a capacidade do ser

humano de interagir com o mundo, segundo a ideologia Antipofiana de manter o homem na sua terra, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras, e ensinando a sua importância como um todo; Patrimônio, ao mostrar a história de D. Helena como transformadora da educação e através de visitas ao memorial Helena Antipoff e, Saúde, ao ensinar a importância do estado de completo bem-estar físico, mental e social. Destaca-se ainda, que a Escola de Helena preocupa-se em fazer um processo permanente de formação de professores, monitores e funcionários envolvidos na Educação Integral.

Palavras-chave: educação integral; pedagogia antipoffiana; formação de professores.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA: DIÁLOGOS ENTRE A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE HELENA ANTIPOFF E TRÊS ESCOLAS ESTADUAIS NO ENTORNO DA UEMG-IBIRITÉ

Elizabeth Dias Munaier Lages
Carolina Zimer Silva
Mariana Aparecida Pereira da Cruz Sousa
Túlio Matheus Gomes de Sousa
UEMG

A igualdade entre as pessoas, o fim da opressão e da discriminação, a justiça, a garantia da dignidade, a proteção e a liberdade são alguns dos princípios e valores que regem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em vigor há 67 anos, desde 10 de dezembro de 1948. Este documento surge no contexto pós 2ª Guerra Mundial a partir de um esforço da Organização das Nações Unidas (ONU) em promover a paz. Neste documento, a educação aparece não apenas como um direito, mas também como um meio para que se alcance os objetivos propostos. A escola, como instituição de referência na educação e central na formação dos indivíduos, também não pode abstrair-se do debate, prática, promoção e garantia dos direitos humanos. Uma das primeiras tarefas da escola é a oferta de uma educação de qualidade, prevista no artigo 26 da declaração, à qual também deve dialoga com o pressuposto central da educação integral, que é a busca das várias dimensões do indivíduo. Em 2012, o Ministério da Educação aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (DNEDH). Tais diretrizes estão em consonância com a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996).

Assim sendo, ações que visem orientar a comunidade escolar e todos que são responsáveis pela educação, atendendo aos objetivos de promover a inclusão e a prática da educação em direitos humanos em todos os níveis de ensino, são iniciativas louváveis, pois o conhecimento da história é instrumento importante para se conhecer e compreender melhor como se elencaram os direitos e como se situam os deveres no processo de formação da cidadania. O conhecimento sobre a história também nos mostra que pioneiramente, Helena Antipoff já manifestava em sua proposta pedagógica a preocupação em formar professores a partir de ideais democráticos e de cidadania, já no início do século XX e sua produção teórica contemplava esta temática. Ressalta-se ainda, neste contexto, que a UEMG tem dois Programas Institucionais de Extensão voltados para o campo dos direitos humanos e dos direitos às diferenças, o de “Direitos das crianças e adolescentes e o de “Educação Integral”. E é a partir da reflexão sobre estes programas, sobre a história dos direitos humanos e suas ações contemporâneas é que surge o projeto de extensão “Educação em Direitos Humanos e Cidadania: diálogos entre a proposta pedagógica de Helena Antipoff e a Escola Sandoval Soares de Azevedo (ESSA)” na UEMG (Unidade Ibirité). Destaca-se que o projeto de extensão em referência inicialmente seria desenvolvido apenas em parceria com a ESSA, mas outras duas escolas se juntaram ao grupo. São elas, as Escolas Estaduais Sandoval Soares de Azevedo, Yolanda Martins e Antônio Pinheiro Diniz. Ressalta-se ainda que universidade e escolas decidiram por trabalhar com equipe definida (professores, alunos e gestores) pelas instituições de educação básica e que tais equipes serão disseminadoras do projeto nas escolas. O seu desenvolvimento se deu pelas seguintes etapas: **Etapas 1** –Acolhimento e

sensibilização – momento de discussão sobre reais necessidades das escolas. **Etapa 2** – Desenvolvimento de 1 módulo de 40 h distribuídos em palestras e rodas de conversa e a criação de fórum bimestral para discussão do tema. **Etapa 3** – Elaboração de material didático-pedagógico instrucional, que consistiu na elaboração de gibis que versam sobre assuntos no tema: “Aprendendo com o ECA” e “Mediação do Conflito Escolar”. **Etapa 4** – Pesquisa documental sobre a formação para cidadania na obra de Helena Antipoff e a legislação contemporânea sobre a temática dos direitos humanos, cidadania e educação. (durante todo o desenvolvimento do projeto) Almejou-se a partir deste projeto que acontecesse a aproximação entre a escola escolhida e a comunidade acadêmica da unidade. Esta aproximação também se deu com a comunidade acadêmica da Faculdade de Políticas Públicas da UEMG (FaPP), em especial com o programas institucional de extensão da UEMG “Educação Integral”. Deseja-se, sobretudo, que esta convivência se dê de forma permanente entre as instituições e que esta parceria possibilite a execução e o desenvolvimento de pesquisas e ações educativas cooperativas constantes. São também esperadas futuras publicações em periódicos, fruto do trabalho das equipes envolvidas.

Palavras-chave: educação integral; Helena Antipoff e a cidadania; Direitos Humanos.

OFICINAS DE XADREZ: INSTRUMENTO INTERDISCIPLINAR DE APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Lirlaine C. Vaz de Oliveira
Dener Luiz da Silva
UFSJ

Durante o ano de 2014 efetivou-se uma projeto de oficinas de Xadrez em uma escola pública estadual da cidade de São João del-Rei (MG). Foram oferecidas oficinas semanais para duas turmas de 30 alunos, sendo uma do terceiro ano e outra do quinto ano do ensino fundamental, com idades entre 8 e 11 anos. O objetivo principal do projeto era buscar uma articulação entre os vários conhecimentos disponíveis na Escola com os saberes envolvidos na prática do Xadrez: histórico do jogo, compreensão geral das regras, diferenciação das peças, estratégias etc. Ao todo, foram oferecidas 40 oficinas, que ocorreram durante os horários disponibilizados pelas professoras, integradas à grade horária e articuladas, em maior ou menor grau, dependendo da professora envolvida, com os conteúdos escolares. A metodologia das mesmas consistiu na apresentação sequencial dos elementos do jogo, regras, simulados, construção coletiva de material (tabuleiros, peças) com material reciclado, teatro, desafios cognitivos etc. Para acompanhamento do processo educacional, foram importantes as observações em sala de aula e a produção de relatórios, o que contribuiu para se pensar e avaliar as temáticas a serem abordadas nas oficinas. Das duas turmas que receberam as oficinas, uma delas, de modo especial, conseguiu construir um conhecimento interdisciplinar articulado ao jogo de Xadrez graças a efetiva participação da professora em todas as oficinas. Com esta turma,

o xadrez mostrou-se elemento auxiliar no ensino do português e da matemática, isso porque permitiu uma vivência daquilo que os alunos estavam aprendendo em um contexto lúdico, onde tiveram a oportunidade de brincar com o que estavam aprendendo, como foi observado por meio das devolutivas dadas pelos alunos. Na realização desse projeto, nos deparamos com algumas dificuldades. A primeira delas referente à dificuldade no acompanhamento das oficinas por parte de uma das professoras. A segunda correspondeu à dificuldade na comunicação entre a Escola e a equipe do projeto, resultando em substituições das oficinas de Xadrez por outras atividades, ou cancelamentos feitos sem sobreaviso. Tais fatos apresentaram-se como limites da proposta, uma vez que, não conseguimos realizar em uma das turmas o trabalho interdisciplinar almejado. Apesar disso, igual número de oficinas de xadrez foram realizadas com essa turma, sendo que foram possíveis trabalhar com os alunos vários temas além do xadrez, a saber: respeito às dificuldades do outro, saber perder, saber ouvir, entre outros sendo esses temas fundamentais de serem trabalhados no processo educacional, além de ter contribuído para a socialização dos alunos. O xadrez contribui para que a troca de saberes acontecesse entre professora e a equipe do projeto, o que gerou um impacto positivo não somente na sala de aula, como também sobre a escola como um todo. Concluiu-se que o uso do Xadrez como ferramenta para o diálogo entre as práticas educativas a partir de uma perspectiva interdisciplinar mostrou-se efetiva, podendo ser explorado como recurso didático pedagógico no contexto escolar.

Palavras-chave: xadrez; interdisciplinariedade; extensão universitária; educação integral; escola pública.

Apoio: Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários Universidade Federal de São João Del-Rei – PROEX/UFSJ.

SESSÃO COORDENADA 05
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO
BRASIL: PRIMEIRO PASSO À COMPREENSÃO DA EDUCAÇÃO
ESPECIAL**

Daniela Leal
FFCLRP-USP

Entre os séculos XVIII, XIX e boa parte do século XX, as instituições especializadas, mesmo que de maneira assistencialista e/ou filantrópica, foram as únicas responsáveis pela educação das pessoas com deficiência. Nesse sentido, ao buscar a historicidade dos fatos que compõem a educação da pessoa com deficiência no Brasil, pode-se afirmar que a) impossível é discutir a educação especial sem ater-se a história da institucionalização à pessoa com deficiência, apesar de boa parte dessas, a partir da década de 1960, com o movimento de integração, passarem a ser motivo de críticas, sob o argumento de que se centravam mais na concepção médico-pedagógico do processo de ensino do que no trato da pessoa com deficiência em sua totalidade; e b) ao recuperar a memória dessas instituições, consequentemente a história da educação especial e seu futuro avanço à educação que se pretende nos dias de hoje, passa-se a compreender o processo de institucionalização como uma das primeiras iniciativas de retirada desse grupo de pessoas, que antes não eram vistas e nem consideradas, de

sua situação geralmente de reclusão para uma tentativa inicial de maior atenção ao seu desenvolvimento e a sua aprendizagem, tanto por parte de seus familiares quanto por parte do Estado. Por fim, de posse dos dados históricos levantados, foi possível observar, primeiro, que nem todas as instituições especializadas agiam de forma a visar à aprendizagem e o desenvolvimento de todas as pessoas com deficiência, isto porque, havia nesse período uma ambiguidade significativa sobre os tipos de abordagem adotados; segundo, foi possível compreender como a educação das pessoas com deficiência foi se estruturando ao longo da história, tanto no que concerne à educação especial quanto à educação como um todo e, terceiro, ajudou na apreensão das vertentes teóricas que foram se constituindo tanto no campo médico quanto psicológico e pedagógico em detrimento da aprendizagem e do desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Palavras-chave: institucionalização; pessoa com deficiência; história da educação especial.

EDUCAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: INTERFERÊNCIAS DO DESPERTAR DA PUBERDADE NA TAREFA DE INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Kátia de Oliveira Mariás
Faculdade Pitágoras Betim

Dentre as muitas dificuldades enfrentadas pelos jovens em conflito com a lei, ressaltamos duas orientações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que visam à garantia de direitos dessa população: o acesso à escolarização e ao mundo do trabalho. O que se observa, com frequência, é a defasagem idade/ciclo, dificultando muito os encaminhamentos para cursos profissionalizantes. Por meio da metodologia da Conversação, investigou-se a relação desses jovens com a escola e seus interesses profissionais. É comum, entre aqueles que se envolvem na criminalidade, abandonar a escola ou, quando se mantêm nela, o vínculo não é suficiente para garantir a continuidade da trajetória escolar. Consequentemente, não conseguem aderir a um curso profissionalizante por causa, em grande parte, desse *deficit* na escolarização. A escola para esses jovens não se configura em um meio para acessar a cultura, o trabalho ou o dinheiro, ou seja, para eles, não é a escola que lhes permitirá mudar de vida. A perda de satisfação que a escolarização impõe não são aceitas tão facilmente. O que observamos na conversação com esses jovens é, ao contrário, que a satisfação que impera é a imediata. Nesse sentido, tomamos a recusa à escola e ao trabalho como um novo sintoma da contemporaneidade. Diante desse quadro, importou conhecer os interesses profissionais dos adolescentes

em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade, bem como as dificuldades de inserção desses jovens no mundo do trabalho e, para isso, utilizamos da metodologia da Conversação. Antes de iniciarmos a Conversação propriamente dita, realizamos uma entrevista com cada jovem em cumprimento de medida de Semiliberdade. Essa entrevista, na verdade, foi baseada no Inquérito de Ideais e Interesses, utilizado por Helena Antipoff na década de 30, com crianças de 10 anos que encontravam-se em escolas públicas de Belo Horizonte. Nosso objetivo com a aplicação de tal inquérito foi investigar em que medida os interesses infantis desses jovens poderiam influenciar suas escolhas futuras quanto à vida profissional, uma vez que, desde o início do nosso trabalho, a hipótese que nos norteou refere-se à importância da trajetória escolar como elemento fundamental para que tais escolhas sejam realizadas. Após o inquérito, a Conversação visou promover um espaço para o surgimento de um “gosto pelas palavras” e que, a partir daí, eles pudessem se distanciar da pulsão que os empurra para o pior, o pior que o despertar da puberdade traz consigo como interferência nesse atravessamento.

Palavras-chave: medida socioeducativa; escolarização; profissionalização.

ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS EM RISCO SOCIAL NA DÉCADA DE 1930 – A EXPERIÊNCIA INOVADORA DA CASA DO PEQUENO JORNALEIRO

Adriana Araújo P. Borges
UFMG

Em 1932, Helena Antipoff (1892-1974), psicóloga russa radicada no Brasil, fundou juntamente com intelectuais e profissionais liberais mineiros, a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Essa associação teve uma atuação fundamental no estado, assessorando as classes especiais, atendendo as crianças necessitadas no Consultório Médico Pedagógico, estabelecendo uma das primeiras escolas especiais do Brasil, o Instituto Pestalozzi e criando uma instituição que atendeu crianças em risco social. A instituição chamava-se “Casa do Pequeno Jornaleiro”, em alusão à clientela formada, principalmente, por pequenos vendedores de jornais que viviam nas ruas da capital mineira. A Casa acolhia as crianças, oferecendo-lhes alimentação e hospedagem; educava-as, oferecendo acesso às escolas e incentivando o estudo; profissionalizava, oferecendo curso de sapateiro; e ainda oferecia acompanhamento médico e odontológico. São discutidas as atividades dessa instituição de apoio às crianças trabalhadoras e moradoras de rua em Belo Horizonte, Brasil, com base em informações do periódico Infância Excepcional, publicadas nos Boletins da Secretaria da Educação e Saúde Pública do governo de Minas Gerais nos anos de 1930 e 1940 e de prontuários localizados na instituição. Buscou-se verificar como a experiência de Helena Antipoff na Rússia Soviética (1916-1922)

influenciou sua atuação na instituição brasileira. A hipótese é que a atuação de Helena Antipoff em instituições russas no período pós-revolução (1917) inspirou o modelo inovador das práticas adotadas no Brasil. Um dos pontos de intersecção entre a experiência russa e a experiência brasileira foi a proposta do sistema de co-gestão da Casa do Pequeno Jornaleiro, sugerindo uma atitude democrática e a promoção da participação ativa dos sujeitos atendidos na prevenção de transtornos psicossociais em crianças e adolescentes em situação de risco social. Foi constatada também a influência dos ensinamentos de Baden Powel, através da Associação Auxiliar de Escoteiros. A Casa do Pequeno Jornaleiro acolheu as crianças, mas não as manteve num regime fechado. Desde o início, estava claro que essa iniciativa não se constituiria nos moldes de um Abrigo de Menores. Tratava-se de oferecer um serviço, onde as necessidades básicas como alimentação e moradia fossem ofertadas. E o local deveria ser agradável, as crianças deveriam ser respeitadas, orientadas e deveriam frequentar a escola. Concluiu-se que o serviço oferecido pela Casa do Pequeno Jornaleiro demonstrou ser uma prática inovadora do período, contrapondo-se a práticas higienistas. Nesse sentido, percebemos que a Psicologia teve um papel fundamental, apontado a direção dessa prática.

Palavras- chave: Helena Antipoff; infância; risco social.

A HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CRIANÇAS POBRES NO BRASIL

Fernanda Flaviana de Souza Martins
UNI-BH

Proteger crianças e adolescentes cujos direitos estejam ameaçados, de forma que os mesmos possam desfrutar do direito a viver junto à sua família e comunidade, é um grande desafio. A promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) possibilitou uma nova ênfase no sentido de apoiar a convivência familiar e comunitária, destacando o caráter de provisoriedade e excepcionalidade na aplicação da medida de abrigo. Após sua aprovação, a sociedade brasileira ainda se depara com o fato de existirem crianças sendo frequentemente encaminhadas para instituições. Apesar das mudanças, algumas delas ainda pouco diferem da cultura dos antigos asilos ou orfanatos. O tempo de permanência de crianças e adolescentes ainda é um grande desafio a ser enfrentado. Como toda a realidade com raízes profundas, grandes são as dificuldades e tímidas, as mudanças. Enfim, a história da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil tem repercussão importante até os dias de hoje. Para entender melhor como se dá o processo de institucionalização das crianças no Brasil, este trabalho buscará percorrer essa história, partindo do período colonial, no qual as práticas de abandono são evidenciadas através do mecanismo da “Roda dos Expostos”. Depois, será destacado o movimento higienista, que no final do século XIX propôs o rompimento com as práticas coloniais, em nome da nova ordem de urbanização. Este percurso será finalizado na

década de noventa do século XX, quando da promulgação do Estatuto da Criança e Adolescente, que rompe com a ideia do “menor” e da “situação irregular”, para trazer a noção de crianças e adolescentes, como sujeitos e portadores de direitos universais.

Palavras-chave: abrigo; institucionalização; crianças; adolescentes; família.

IAMB - INSTITUTO AGRÍCOLA DE MENORES DE BATATAIS: MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Sonia Maria Barbare Albuquerque Parente
Gilberto Safra
USP

O objetivo dessa exposição virtual é apresentar a história e a construção do modelo de atendimento que contemplava os aspectos biopsicossociais do desenvolvimento global de crianças e adolescentes, denominados “menores abandonados”, no IAMB - Instituto Agrícola de Menores de Batatais, no período de 1951 a 1971. A exposição apresenta, também, uma linha do tempo com registros de fatos ocorridos antes, durante e depois do período exposto, obtidos através de estudos, pesquisas acadêmicas, publicações da Secretaria da Justiça e Negócios do Interior do Estado de São Paulo, da Secretaria da Promoção Social, publicações de jornais de Batatais e do estado de São Paulo, documentos e fotos de arquivos pessoais de ex-funcionários e ex-internos. A memória do trabalho realizado nessa instituição vem desaparecendo da vida da comunidade em meio a qual, ele surgiu. Essa pesquisa visa também o resgate de facetas da memória, da história da criança e do adolescente no Estado de São Paulo. A explicitação do modelo antropológico do atendimento dessa instituição é necessária não só para que seja possível estudar os princípios pelos quais o IAMB operava, mas também para que se possa, em uma outra pesquisa e à luz dos dados da investigação atual, discutir e refletir sobre as práticas utilizadas na atualidade com as crianças e adolescentes abandonados/abrigados. Como método de pesquisa foi empregado a

historiografia da ciência. Utilizou-se do procedimento de entrevistas de ex-funcionários e ex-internos, além do levantamento de fontes primárias, como documentos e jornais da época. A análise dos documentos revelou a existência de um projeto educacional bem sucedido, estabelecido em fundamentos claros, passíveis de execução e autossustentável, que sofreu processo de desmanche a partir da década de 70.

Palavras-chave: memória; cuidado; criança; adolescente; instituição.

07/04/2016 – QUINTA-FEIRA – 14:00 – 16:00hs

SESSÃO COORDENADA 06
AS CONTRIBUIÇÕES DE HELENA ANTIPOFF PARA O CAMPO DA
PSICOLOGIA

HELENA ANTIPOFF EN LA PSICOLOGÍA ESPAÑOLA:
CARTOGRAFÍA DE UN LEGADO DIFUSO (1915- 1936)

Carmen García Colmenares
Universidad Valladolid

La no inclusión de las mujeres en el canon académico ha respondido a una serie de mecanismos de exclusión de carácter simbólico e institucional, por lo es necesario conocer los dispositivos que intervienen tanto en el proceso de la construcción de las subjetividades de las psicólogas pioneras como en la constitución de una profesión (textos, autores, relaciones de poder, códigos morales). Pero su recuperación no puede separarse del contexto histórico y social donde se desarrolló su actividad ya que nos permite conocer las sutiles relaciones entre la construcción de la identidad personal y profesional. Con este trabajo intentamos sacar a la luz las aportaciones de Helena Antipoff a la psicología de la educación en España, comenzando por el análisis de sus escritos en el periódico El Noroeste de Gijón durante su breve y poco conocida estancia en esa ciudad del norte de España (1915-1917). Su

matrimonio con Rafael Sánchez de Ocaña, director del diario, le permitirá iniciar en el mismo una sección titulada *El movimiento de las ideas pedagógicas* (1916) dirigido a las y los maestras de Asturias donde se halla situado *le petit pathelin de Gijón*, como la joven discípula denomina a la ciudad en la correspondencia que mantiene con E. Claparede. En los artículos *La libertad del niño* y *La personalidad del niño*, destacará la defensa del modelo educativo de la Escuela Nueva. Más significativa será su influencia como profesora del Instituto Internacional J.J. Rousseau de Ginebra como puede apreciarse en la obra *La práctica de las pruebas mentales y de instrucción* (1933) escrita por Juan Comas y Regina Lago, antiguos alumnos durante el curso 1928-1929. En ella resaltarán las investigaciones psicométricas de Helena Antipoff, reconociendo explícitamente su legado. Esta obra tuvo una gran repercusión en América Latina, a lo que contribuyó en gran medida el exilio de sus autores en México. Anteriormente Regina Comas, con el apellido del marido, había publicado junto con Helena Antipoff *L'écriture des ecoliers* en la revista *Educateur* (1929). Por otra parte, la obra *Ideas e intereses das crianças de Belo Horizonte é algumas suggestões pedagógicas* será reseñada por Mercedes Rodrigo en la investigación *Los ideales de los niños en la orientación profesional* (1933) y por Regina Lago en la *Revista de Escuelas Normales* (1934). La recuperación genealógica como estrategia metodológica ha permitido *otro modo de leer la historia* al incorporar un legado olvidado que nos devuelve las aportaciones de profesionales españoles que la dictadura franquista condenó al exilio y al olvido pero, a través del hilo conductor de Helena Antipoff, nos remite nuestra propia historia.

Palabras-clave: Antipoff; Ginebra; Psicología; educación; genealogías.

HELENA ANTIPOFF E EMÍLIO MIRA Y LÓPEZ: HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM

Larissa Assunção Rodrigues
Delba Teixeira Rodrigues Barros
Erika Lourenço
UFMG

Considerando dados conhecidos sobre a história da Psicologia no Brasil, é sabido que Helena Antipoff e Emilio Mira y López mantiveram profícuo relacionamento profissional e foram, conjuntamente, responsáveis pela implantação de organismos estatais dedicados à formação juvenil, orientação profissional e formação de professores. A partir do exame da correspondência trocada entre eles diferentes articulações podem ser construídas. Neste trabalho focaremos algumas similaridades em suas histórias. Trata-se de uma pesquisa historiográfica documental que toma como ponto de partida fontes primárias, realizada no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, em Belo Horizonte, incluindo também suas biografias. Nascidos em famílias europeias de relativo status cultural e socioeconômico, cresceram em ambiente culturalmente estimulante dominando diversos idiomas, o que certamente favoreceu para inserção de ambos nos diferentes países pelos quais transitaram. Vivendo em contextos políticos totalitários e opressores, não se deixaram submeter passivamente às imposições dessas circunstâncias, antes ao contrário, manifestando seu espírito contestador foram obrigados a se exilarem de seus países de origem. Experimentaram durante o seu exílio uma peregrinação por diversos países, situação agravada no caso de Mira Y López, cujo desfecho foi

um acolhimento profissional e afetivo no Brasil – país que ambos adotaram como refúgio no qual viveram e trabalharam até a morte. Compartilhavam a visão da psicologia como uma ciência aplicada, trabalhando entusiasticamente na produção de técnicas, testes, intervenções de aplicabilidade imediata, profundamente comprometidas com a qualidade do trabalho desenvolvido pelos educadores. Embora com um intervalo de 16 anos entre a chegada de cada um ao Brasil, vieram a convite do governo brasileiro em função da projeção que alcançaram com o seu trabalho e ideias no contexto internacional. Esforçaram-se para que suas ideias fossem contempladas em políticas públicas destinadas às questões de ensino, mesmo quando essas se contrapunham ao modelo governamental dos dirigentes que os contrataram. Compartilhavam evidente autonomia de pensamento demonstrando segurança e total confiança na proposição de seus ideais. Esta característica pode ser considerada como um dos elementos que favoreceu um intercâmbio acadêmico iniciado no Laboratório da Universidade Genebra, onde foram apresentados por Edouard Claparède.

Palavras-chave: Helena Antipoff; Emilio Mira y López; História da Psicologia.

CLUBE AGRÍCOLA: AS RELAÇÕES COM AS GRANJINHAS E A EDUCAÇÃO EMENDATIVA NO PERÍODO DE 1951 A 1966

Maria de Fátima Pio Cassemiro
UFMG

Buscaremos nesta pesquisa estabelecer as relações entre o método de projeto, o Clube Agrícola, as granjinhas e a Educação Emendativa na obra de Helena Antipoff e seus colaboradores. O método de projetos consistia em escolher um assunto que, desdobrando-se em uma série de temas, pudesse contribuir para o desenvolvimento intelectual do aluno. A escola era organizada em clubes, sendo que os alunos/professores, ao longo do curso, deveriam circular entre estes clubes de acordo com suas preferências. Trataremos aqui do Clube Agrícola “Fausto Teixeira” do Iser/Fazenda Do Rosário compreendido de vários serviços, entre eles a instituição escolar denominada “Granjinhas Reunidas Professor Marques Lisboa”. As atividades do Clube estavam subdivididas em duas partes: a pedagógica educativa e a parte da produção agrícola. A partir de 1959 foi introduzido o “Contrato de Locação” como uma estratégia de regulamentação das relações entre o Clube, como locador, e os locatários de uma determinada Granjinha. As atividades das “Granjinhas Reunidas” serviam a realização de um Projeto sendo o seu desenvolvimento acompanhado por diários e outros registros: descrições ilustradas, a marcha de todo o trabalho: agrícola, científico, social, econômico-financeiro, moral, cívico, jurídico, artístico, etc. Os cursos de formação voltados para os professores que futuramente seriam encarregados dos alunos com deficiência eram denominados de

Educação Emendativa. Levantamentos preliminares apontam para a importância tanto dos Clubes Agrícolas quanto das granjinhas para a formação destes professores. As fontes selecionadas são: os diários, cadernetas, provas dos alunos dos cursos de Educação Emendativas no período de 1951 a 1966 realizados no ISER. As alunas/professores destes cursos concordavam com a importância destas atividades das granjinhas com seus futuros alunos com deficiência. Uma declaração encontrada é de que este projeto é espetacular e muito amplo e que ofereciam situações e recursos que favoreciam a educação integral. Esta professora ressalta a importância do professor estar atento para não deixar passar algum tema que beneficiasse a criança e sua educação.

Palavras-chave: Clube Agrícola; educação emendativa; Helena Antipoff; método de projetos.

GRANJINHAS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO INTEGRAL VIVENCIADAS NA FAZENDA DO ROSÁRIO NO PERÍODO DE 1954 A 1974

Adriana Otoni Silva Antunes Duarte
UFMG
Camila Jardim Meira
UEMG

A presente pesquisa visa demonstrar como a Granjinha Escolar era utilizada, por Helena Antipoff e seus colaboradores, como um dos Métodos de Projetos em uma perspectiva de formação integral nos cursos ofertados pelo Instituto Superior de educação Rural (ISER) no Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, no município de Ibirité. O ISER, criado em 1954, possuía cursos voltados para a formação de supervisores, orientadores e de treinamento para professores rurais que objetivavam formar professores para atuarem no meio rural, por meio de formação científica, com atividades práticas da vida cotidiana utilizadas para fins pedagógicos, o incentivo a cooperação, à iniciativa, à preocupação com a coletividade. Um dos métodos de projetos para a educação rural realizado no ISER era a Granjinha Escolar que visava a realização de atividades agrícolas, artesanais, pequena criação de animais, além de oportunizar aos educadores o estabelecimento de bons hábitos de vida comunitária, de relação humana, dando oportunidades aos alunos vivenciar cenas da vida rural mineira. As Granjinhas criavam possibilidades de se pensar e vivenciar uma educação integral como uma educação que prepararia integralmente o sujeito, considerando diversas dimensões de sua vida cotidiana. Destaca-se ainda, como

objetivos das Granjinhas, a “campanha contra a fome pela educação”, a realização de pesquisas psicológicas, pedagógicas, sociológicas, além da procura de métodos e processos mais eficientes na educação de crianças e de adultos analfabetos e “semicultos”, o estudo e entrosamento das matérias escolares, orientação e observação do trabalho em equipes com diversos níveis culturais e categorias profissionais diferentes. Para Helena Antipoff a Granjinha Escolar funcionaria como uma escola rural, onde os professores e orientadores do ensino Rural pudessem fazer suas observações, estágios pedagógicos, aprendizagens técnica em serviços agroartesanais e indústrias rurais, cooperativa rural escolar e recreação. Dessa forma, a Granjinha representava a adequação do ensino às condições da vida rural em suas necessidades e recursos, desenvolvendo estudos, sendo orientada por meio de uma educação integral com um caráter formativo e ao mesmo tempo informativo. Para demonstrarmos como era realizado o trabalho nessas Granjinhas, foram escolhidas como fontes da pesquisa os depoimentos escritos nos cadernos de diários pelos alunos que participaram dos cursos ofertados no ISER, no período de 1954 a 1974, preservados nos arquivos da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG. A escrita nos cadernos de diários era um procedimento pedagógico, utilizada para construir a memória dos acontecimentos. Eram elaborados de forma coletiva, onde cada aluno registrava as atividades e acontecimentos da Fazenda, produzindo reflexões sobre o meio e sobre a ação educativa da qual participavam. Resultados preliminares indicam que as Granjinhas possibilitavam aos alunos, que participaram dos cursos no ISER, a percepção da importância do grupo como condição para o conhecimento da realidade comum e para a reflexão da ação

conjunta. Também proporciona a conscientização de implementação de ações que fizessem melhorar a educação de uma forma integral que levassem em consideração a realidade da educação rural em suas múltiplas possibilidades de promoção do diálogo entre conteúdo, com temas relacionados a estrutura para a vida em uma sociedade.

Palavras-chave: educação integral; Helena Antipoff; Granjas Escolares.

SESSÃO COORDENADA 07
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

PENSAMENTO E AÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA AO CAMPO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Rita de Cássia Vieira
UFVJM

O ensino de conteúdos psicológicos em cursos de formação de educadores tem sido criticado por alguns estudiosos por não contribuir para formar educadores capazes de conjugar os saberes teóricos adquiridos com suas vivências cotidianas na sala de aula em prol do desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e em consonância com a realidade brasileira. Seja para reforçar ou contestar essa posição, o binômio teoria-prática é destaque no encaminhamento desta discussão, e é preciso que mais estudos sobre a temática possam subsidiar uma participação qualificada nesse debate, uma vez que, em psicologia, pouco conhecimento vem sendo construído nesse âmbito. Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar e compreender o processo de ensino-aprendizagem efetivado pelos docentes da cadeira de psicologia educacional dos cursos de licenciatura e pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente desenvolvido na Faculdade de Educação, mas que iniciou suas atividades em 1940 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade de

Minas Gerais. A hipótese é de que o processo de ensino-aprendizagem introduzido na antiga UMG pela psicóloga e educadora Helena Antipoff foi responsável por estabelecer na instituição um processo inovador e que conserva atualidade, sendo passível de produzir, ainda hoje, orientações e impactos nos rumos do ensino de psicologia para educadores, especialmente o de se considerar o binômio teoria-prática. A pesquisa será realizada pela conjugação de métodos teóricos e práticos de investigação: será feita ampla revisão bibliográfica aliada à análise documental nos arquivos do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e nos arquivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (anteriormente Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras da UMG) e da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). A análise e interpretação dos dados ocorrerão a partir da perspectiva de análise fenomenológica de pesquisa em psicologia, buscando articular as categorias de análise com o referencial teórico proposto, na intenção de se atingir uma interpretação que efetivamente contribua com o debate em questão.

Palavras-chave: ensino de psicologia; formação de professores; contribuições da história da psicologia.

DIÁLOGO ENTRE OS MÉTODOS EDUCACIONAIS DE PAULO FREIRE E CARL ROGERS

Paulo Souza Monteiro
Lucas Matias Felix
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Objetivamos uma interlocução entre os métodos educacionais de Paulo Freire e Carl Rogers – educação libertadora e abordagem centrada no aluno (ACA). Elencamos tal interlocução mediante o argumento de que ambas as perspectivas educacionais possuem uma mesma base de influência no pragmatismo de John Dewey – Rogers pela relação com William Kilpatrick e Freire pelo contato com Anísio Teixeira. O diálogo entre os métodos foi estabelecido segundo os seguintes critérios comparativos: objetivo; problemática que possibilitou a prática educacional; e o modo como o método é operacionalizado em seus procedimentos de ensino e aprendizagem. A educação libertadora objetiva a libertação do oprimido em relação ao seu contexto social opressor. A relação dialética entre educador-educando, mediada pelo mundo, fundamenta a prática educativa de Freire. Esta propõe um rompimento com a lógica tradicional de escolarização que utiliza o modelo de educação bancária para perpetuar diversas formas de dominação social. Apesar da proposta metodológica de Freire, poder-se-ia elencar três etapas: (1) Atitude Dialógica do Educador Humanista e Revolucionário; (2) Encontro Dialógico e Construção do Conteúdo Programático; (3) Processo de Codificação e Descodificação do Universo Temático e seus Temas Geradores. A ACA consiste na

migração de alguns aportes oriundos de algumas descobertas clínicas de Rogers para o contexto de sala de aula, a fim de promover uma revolução nos modelos educacionais que pressupõe um processo de aprendizagem centrado em demasia na autoridade do professor. Rogers propõe uma horizontalidade na relação professor e aluno com o desígnio de possibilitar que este aprenda a aprender conforme o que lhe é significativo em termos de aprendizagem. Em Rogers a etapa metodológica pressupõe as seguintes etapas: (1) Condições contextuais favoráveis à aplicação metodológica e existência de um líder facilitador; (2) Aprendendo a ser livre. Apontamos as seguintes pautas de diálogo entre os métodos. A crença no potencial humano aproxima Freire e Rogers, todavia seus métodos educacionais divergem quanto aos objetivos. O método Freiriano pressupõe mudanças sociais concomitantemente às individuais, rompendo com a estrutura institucional de educação bancária. Em Rogers as mudanças partem da potencialização do organismo individual, mantendo o modelo de escolarização, mas rompendo com as barreiras hierárquicas as quais impedem a autonomia do aluno. A horizontalidade na relação professor-aluno é outro ponto de aproximação dos métodos. Ambos partem de uma crítica aos modelos educacionais contemporâneos a eles. Rogers critica à educação tecnicista serviente ao modelo de competição, enquanto Freire critica os modelos bancários servientes às lógicas de dominação capitalista. A finalidade de Freire é despertar uma consciência política de leitura e atuação no mundo contra mecanismos sociais alienadores; a intenção de Rogers é ampliar uma experiência educacional em que o aluno é capaz de se voltar para o seu processo de aprendizagem, estabelecendo um processo autônomo de significação de

mundo e posicionamento nele. Concluimos que as duas vertentes educacionais discutidas são ativas, pressupondo uma formação para o mundo, porém com focos diferentes. Ao se influenciarem pelo pragmatismo de Dewey, os dois métodos apresentam vieses prósperos ao desenvolvimento de modelos educacionais que suscitam transformações na construção de práticas educacionais modernas.

Palavras-chave: Carl Rogers; educação; Paulo Freire.

THÉODORE SIMON E A CIRCULAÇÃO DOS TESTES DE INTELIGÊNCIA ENTRE FRANÇA, ESTADOS UNIDOS E BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

César Rota Júnior
FIPMoc
Sérgio Dias Cirino
UFMG
Laurent Gutierrez
Universidade de Rouen

Desde a morte de Alfred Binet, em 1911, ano da publicação da terceira versão da Escala Métrica de Inteligência, que ele desenvolvera com Théodore Simon, na França, sua adaptação e aplicação a diversos países foi rápida. Mais conhecido como teste Binet-Simon, sua principal tradução/adaptação foi feita por Lewis Terman, em 1916, quando recebeu o nome de teste Stanford-Binet. Foi utilizado de forma maciça nos Estados Unidos nas décadas seguintes, momento em que muitos outros testes de inteligência foram desenvolvidos e aplicados a variados contextos, com destaque à instituição escolar. A adaptação estadunidense alterou de maneira importante seu formato e forma de aplicação originais: de aplicação individual a uma aplicação coletiva, de seu caráter clínico à sua utilização em massa. O objetivo deste estudo foi analisar os escritos de Simon, publicados no *Bulletin de la Société Alfred Binet*, com foco nos textos relacionados à temática da medida da inteligência. Tomamos a noção de *recepção/circulação* dos *objetos psicológicos* como referência teórico-metodológica de análise. A noção de *recepção/circulação* refere-se à migração de um objeto de um local para outro em um determinado período. Ao ser recepcionado esse objeto

é, necessariamente, reconfigurado face às condições e necessidades locais de aplicação do dado conhecimento. Assim, no processo de *recepção/circulação* dos testes de inteligência, tomando a *Escala Métrica de Inteligência* como exemplo, ficou claro como os usos locais, quando de sua entrada nos Estados Unidos, condicionaram certas mudanças no instrumento. Nos Estados Unidos o intuito era, de maneira pragmática, aplicar, o quanto antes e de maneira útil, a referida escala. Foi possível observar que Simon permaneceu, até sua morte em 1959, crítico ao formato coletivo e pragmático que os testes de inteligência adquiriram nos Estados Unidos. Em muitos textos, o autor é explícito em sua crítica e segue defendendo a maneira original de aplicação, aquela que ele e Binet criaram, de caráter clínico-individual. Em Belo Horizonte, a partir da experiência da Escola de Aperfeiçoamento de Professores, cujo Laboratório de Psicologia, fundado em 1929, com a participação do próprio Simon e sob a organização de Helena Antipoff, pudemos perceber influências tanto do modelo pragmático estadunidense como do modo original de Binet e Simon.

Palavras-chave: história da psicologia; testes de inteligência; Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte; Théodore Simon.

Apoio: CAPES e FAPEMIG.

A PSICOLOGIA QUE CIRCULAVA NA ESCOLA NORMAL DE OURO PRETO EM MINAS GERAIS, ENTRE 1890 A 1930

Deolinda Armani Turci
Erika Lourenço
UFMG

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da pesquisa de mestrado, que teve como objetivo realizar um estudo historiográfico sobre os saberes psicológicos que circularam na Escola Normal de Ouro Preto, no período que se estende de 1890 a 1930. Sabe-se que as Escolas Normais brasileiras eram espaços de formação de professores desde meados do século XIX e a Escola Normal de Ouro Preto foi a primeira e importante escola de formação docente do estado. Utilizamos o referencial teórico da história da Psicologia e da historiografia para e como método empregamos a análise documental, mediante leitura de bibliografia específica do campo e dos procedimentos de localização, recuperação, seleção, ordenação e análise das fontes primárias. Os documentos consultados tais como as provas dos alunos, programas das matérias, a legislação educacional mineira e os periódicos Revista do Ensino e Jornal oficial Minas Gerais, tomaram lugar central nas análises empreendidas. Os resultados da pesquisa mostraram que a partir da década de 1880, na Escola Normal de Ouro Preto, com a modificação e ampliação de seu currículo os saberes psicológicos estavam presentes nas matérias respaldando a formação de novos docentes. O uso dos saberes psicológicos tais como consciência, memória, razão, faculdades intelectuais, atenção, educação mental, vontade, sensibilidade, educação dos sentidos, caráter,

imaginação, paciência, processos intuitivos, desenvolvimento da reflexão, raciocínio, ignorância, preguiça, assimilação, aquisição de conhecimentos, distração, abstração, generalização, submissão, amor próprio, recompensas, punição, dentre outros circularam na formação docente na Escola Normal de Ouro Preto, durante as duas últimas décadas do século XIX. Ao longo do século XX até 1930, a psicologia foi tomando espaço cada vez mais significativo na formação de professores e na educação em Minas Gerais. Nos textos da legislação, pudemos observar que a cada ano e cada vez mais, os dirigentes políticos buscavam na ciência o respaldo para as modificações curriculares e prescreviam uma formação de professores preocupada dentre outros, com o desenvolvimento psíquico dos alunos. Neste sentido a psicologia é conclamada a embasar a formação docente. Contudo a matéria psicologia só é nominada na legislação de ensino de Minas Gerais e ainda assim incorporada à matéria de pedagogia, a partir do Decreto nº 4.524, de 21 de fevereiro de 1916, sob o tema de “psicologia infantil e higiene”, sendo mantida assim nas legislações seguintes até 1925. No curso normal da Escola Normal de Ouro Preto, em 1928 as matérias de Psicologia Infantil e de Higiene escolar eram lecionadas no 3º ano e Psicologia Educacional no 4º do curso. Pela legislação mineira também observamos que alguns teóricos tanto da psicologia como da educação: Locke, Rousseau, Pestalozzi, Spencer, Froebel, Montessori, Manoel Bonfim, Claparède, Decroly e Descoedres, dentre outros, constituíram a base para uma formação docente mais voltado para a criança, seu desenvolvimento, a infância e a educação. Enfim acreditamos que novos estudos sobre as Escolas Normais de Minas Gerais e outros períodos

temporais serão primordiais para compreendermos a história da psicologia na educação de Minas Gerais.

Palavras-chave: saberes psicológicos; formação de professores; Escola Normal de Ouro Preto.

EDUCAÇÃO COMO CUIDADO COM O MUNDO: REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Renata Capeli S Andrade
UNIP

O presente trabalho procura apresentar alguns pontos do pensamento de Hannah Arendt fundamentais para os desafios da relação entre a educação e o mundo público, tendo em vista as fragilidades que temos vividos tempos de intolerância, desigualdade e descaso com as questões ambientais. Sabemos que a educação por si só não é capaz de transformação das desigualdades sociais marcantes em nossa sociedade, no entanto, a disseminação do conhecimento já constituído e a produção de novos conhecimentos são dimensões imprescindíveis no processo de desenvolvimento e na possível transformação. Olhando por esse ângulo abandonamos o pensamento mágico de que a educação é a solução final de todos os problemas sociais e visualizamos a íntima relação que há entre educação e cuidado com o mundo. A educação se revela como o primeiro lugar para o viver e conviver, a experiência do mundo comum. A possibilidade de criarmos e cuidarmos de um mundo comum é uma questão fundamental no pensamento da autora. Segundo ela, a educação supera o objetivo simplificado de oferecer a aquisição de conhecimentos técnicos e o treino de habilidades quando assume sua essência que é a natalidade, o fato de que os homens nascem para o mundo. A natalidade como essência revela que cabe os educadores familiarizarem os recém-chegados com o mundo, mais velho do que eles, e acolher cada um deles como parte do mundo, responsáveis pelo

seu legado, renovação e transformação. A educação deve estar comprometida com a preservação do mundo, favorecendo e convocando a capacidade de pensar e agir dos sujeitos e assim promover a prevenção e o enfrentamento de situações de risco social, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, visando fortalecer o protagonismo e a autonomia dos envolvidos. Para que tal experiência possa ser vivida e os novos possam assumir a responsabilidade pelo mundo faz-se necessário o modo de cuidar que garante o exercício do livre do pensar e agir e tornar-se responsável pelo mundo comum.

Palavras-chave: educação; cuidado; natalidade; mundo comum.

SESSÃO COORDENADA 08
QUESTÕES METODOLÓGICAS NA HISTORIOGRAFIA DA
PSICOLOGIA

CONTROVÉRSIAS DE UM OBJETO PSICOLÓGICO: SAÚDE MENTAL
E PROBLEMAS DE AJUSTAMENTO (1949-1968)

Rodrigo Lopes Miranda
UCDB

Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota
Elde Alves de Castro

Universidade Anhanguera-UNIDERP; UCDB

A Lei No. 4.119 de Agosto de 1962 dispõe sobre a formação em psicologia e o exercício profissional do psicólogo. Dentre suas atividades privativas situam-se o uso de métodos e técnicas psicológicas para o diagnóstico e solução de problemas de ajustamento. Os “problemas de ajustamento” foram produto de controvérsias quando dos trâmites e aprovação da referida Lei, particularmente com a comunidade médica. Essas controvérsias envolviam a delimitação de objetos científicos e métodos de trabalho, tal como a relação entre diagnóstico e terapêutica em saúde mental. Entretanto, até os dias de hoje, há uma indefinição sobre o que são os “problemas de ajustamento” e em que medida eles se relacionam com a “saúde mental”. Como forma de tatear tais controvérsias entre psicólogos e médicos, este trabalho apresenta características de produções científicas sob a rubrica “saúde mental” veiculadas nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (ABP). O período analisado se estende de 1949 à 1968, compreendendo os trâmites da

Lei No. 4.119 e a existência do referido periódico. O *corpus* documental foi composto por 11 artigos categorizados pelo próprio periódico como concernentes à “saúde mental”. A análise das fontes indicou que a distribuição entre os gêneros era praticamente igual dentre os autores, sendo cinco homens e quatro mulheres. A principal diferença era profissional: quase a totalidade dos homens era de médicos - especialmente psiquiatras - enquanto as mulheres psicólogas. A rubrica “saúde mental” compreendia variados aspectos, tal como treinamento de profissionais e leigos, políticas públicas, higiene mental, etc. Notam-se discussões sobre diferentes métodos de diagnóstico e terapêutica (e.g., testes psicológicos, psicoterapia), além de indefinições sobre “saúde mental”. Neste último aspecto, observam-se oscilações entre perspectivas organicistas e sociais na compreensão do objeto. Os resultados sugerem a necessidade de novas investigações para aprofundar na compreensão das controvérsias envolvidas entre “problemas de ajustamento” e “saúde mental”. Aprofundamento que envolve novos trabalhos com os ABP, visto que diferentes diagnósticos e sua terapêutica aparecem nas demais rubricas do periódico. Entretanto, estima-se que este trabalho auxilie em um melhor entendimento de aspectos compreendidos no processo de tramitação e regulamentação da Lei No. 4.119, particularmente no que se refere às controvérsias nas quais os psicólogos se envolveram.

Palavras-chave: histórias das ciências; história da saúde mental; Arquivos Brasileiros de Psicotécnica.

RELAÇÕES DE CARL ROGERS COM A FENOMENOLOGIA: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA
Sérgio Dias Cirino
UFMG

Objetivamos analisar as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia mediante uma perspectiva historiográfica, inspirada pelos aportes sugeridos pelo historiador da Psicologia Josef Brožek. Foram compiladas as seguintes amostras bibliográficas de Rogers: vinte livros, três entrevistas, seis artigos seminais e um diálogo transcrito. Essas obras foram organizadas em ordem cronológica de publicação e lidas conforme as técnicas de leitura seletiva e interpretativa. O material foi reorganizado em relação ao número de fenomenólogos referenciados por Rogers, total de cinco: José Ortega y Gasset, Paul Tillich, Simone de Beauvoir, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Destes somente Heidegger é efetivamente referenciado e mencionado em um texto, sendo os demais referências oriundas de outras fontes indiretas. Constatamos que, nos textos em que Rogers referencia fenomenólogos, ele não elabora nenhuma discussão sobre a Fenomenologia ou utiliza os aportes desta Filosofia. Há, porém, diversos escritos em que Rogers disserta sobre o pensamento fenomenológico. Isso conduziu a se proceder à segunda análise sobre as menções de Rogers à Fenomenologia em sete momentos relacionais de sua carreira, com: Donald Snygg e Arthur Combs na elaboração do conceito de campo fenomenológico; Eugene

Gendlin e Max Pagès, ambos doutorandos com influências fenomenológicas; Adrian van Kaam, o criador do método fenomenológico empírico e orientando de pós-doutorado; Rollo May, introdutor da Daseinanalyse nos EUA; dois livros pioneiros do movimento fenomenológico estadunidenses; o Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento; uma pesquisa fenomenológica empírica em um Workshop grupal. Observamos que a Fenomenologia que Rogers menciona em todos esses momentos não é a oriunda da Filosofia europeia, mas de um movimento de recepção e circulação dela pela Psicologia dos EUA, nas décadas de 1940-1960, como um paradigma de ciência alternativo ao positivismo hegemônico nas psicologias comportamentais. No âmbito clínico, Rogers percebeu implicações desse movimento para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções sobre o *self*. No campo filosófico, ele chegou a esboçar sucintamente uma teoria do conhecimento, que tem como base a experiência tácita e pré-conceitual. No domínio da pesquisa, ele foi simpático ao desenvolvimento de investigações fenomenológicas empíricas, mas não chegou a desenvolver alguma. Concluimos que a Filosofia fenomenológica não influenciou diretamente Rogers, mas o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense sim.

Palavras-chave: Carl Rogers; Fenomenologia; historiografia.

MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA DAS IDEIAS PSICOLÓGICAS: INTERLOCUÇÕES ENTRE DUAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

Ellen Araújo Lima Feitosa
UFBA

Janderson Carneiro de Oliveira
UESB

O presente trabalho tem como finalidade articular dois campos historiográficos que embora apresentem pontos em comum não há estudos que os relacione: a História das Ideias Psicológicas (HIP) e Memória Coletiva. A história enquanto história do homem em si foi substituída pela história do homem em sociedade, de modo que, nessa perspectiva historiográfica, entende-se que a construção da psicologia se dá na medida que os homens constroem a si mesmo e a seu próprio mundo. No primeiro momento deste ensaio foi conceituado Memória Coletiva e História das Ideias Psicológicas, e posteriormente, foi feita uma articulação entre os dois conteúdos a partir de um método bibliográfico. O homem ao pensar sobre o mundo, e em si mesmo é capaz de elaborar ideias psicológicas, referindo-se tanto a processos subjetivos, individuais e até mesmo coletivos. De maneira complementar, a memória coletiva faz parte de um processo de diversas lembranças sociais comuns, e nesse processo, há uma memória individual que é construída a partir do social, mas possui um modo de elaboração própria do indivíduo e a memória coletiva que é compartilhada. A partir disso foi possível identificarmos uma relação entre Psicologia Social e memória coletiva, tendo em vista que a primeira pode se utilizar da experiência

individual, que é o relato oral, para se compreender fenômenos sociais a começar de experiências pessoais dentro de um contexto sócio-cultural e a memória coletiva trata de uma memória que é compartilhada socialmente apesar das suas individualidades. Considerando a amplitude dessa interlocução entre Memória Coletiva e História das Ideias Psicológicas faz-se necessário mais estudos fazendo interfaces com campos de conhecimentos, e também para que a psicologia se aproxime cada vez mais das ciências sociais.

DIÁRIOS, DESEJO DE MEMÓRIA E O MAL DE ARQUIVO: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO, ENTRE A MARCA E A IMPRESSÃO

Fernanda Gontijo de Araújo Abreu
UEMG

A partir da noção de “arquivo” e do seu papel, ao mesmo tempo, instituidor e conservador, legislador e transgressor, segundo o filósofo Jacques Derrida, abordaremos, no presente trabalho, aquilo que busca resistir, por recursos de registros da linguagem, às formas de desaparecimento e de silêncio. “Mal de arquivo” é uma força intrínseca ao arquivamento, pela qual a pulsão de morte, tendência à destruição e ao apagamento, gere a própria necessidade de memória, esta que cria e guarda uma morada do saber, um *locus/logos* que anseia por permanência. É numa articulação entre o âmbito público e o privado, portanto, que “rememorar” significa repetir, re-existir, lançar mão do arquivo, sem nunca, contudo, apreendê-lo completamente, o que anularia a sua função estruturante. Com base nessa tese de Derrida, objetivamos analisar a relação da escrita de diários, de caráter testemunhal e/ou documental – como os de Maura Lopes Cançado e de Helena Antipoff – com a necessidade do arquivamento, pelo qual a transmissão de experiências evocaria o *locus* da sobrevivência, resistindo ao desaparecimento pela possibilidade do porvir memorial. Nessa perspectiva, entendemos que o texto-arquivo, ao se situar entre o privado e o público, também se relaciona à memória social. Por isso, certas experiências de devastação ecológico-ambiental e/ou políticas,

que atinjam dada comunidade, ao mesmo tempo em que dão vazão a uma pulsão destrutiva, tornando-a visível e concreta, podem também levar a uma urgente necessidade de re-elaboração das marcas que se imprimem, simbolicamente, àquela comunidade. Essa elaboração se faz pelo reagrupamento de dados, textualidades orais ou escritas, levantado por novos recursos de linguagem, a que os diários vêm tão bem exemplificar. Por fim, propomos verificar, como o “mal” que se esconde no arquivo impulsiona o desejo de memória, seja na escrita de diários, seja pela vazão a uma pulsão latente, em que não mais se pode adiar o anseio de sobreviver.

Palavras-chave: arquivo; memória; diários; pulsão; sobrevivência.

PROJETO DE UMA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE

André Elias Morelli Ribeiro
Leonardo Lemos de Souza
Universidade Estadual Paulista

A Teoria Ator-Rede foi desenvolvida pelo sociólogo Bruno Latour (1994; 2001; 2004; 2011; 2012) a partir de programa de estudo das ciências. Parte do pressuposto de que a incapacidade da sociologia de explicar a ciência conjuntamente à sua epistemologia coloca todo o projeto original da sociologia em xeque. Desta forma, Latour desenvolveu uma teoria onde social não é um adjetivo nem um material, mas o resultado de coisas essencialmente não sociais que se associaram. Não existem causas sociais pois o social não é um domínio da realidade, mas o resultado de atores humanos e não-humanos que se associaram. Desta forma os “fatos científicos” não são explicados por uma teoria do social, mas são atores em uma rede. No Brasil a associação entre a Psicologia e a Teoria Ator-Rede ainda está em sua infância, com oito teses e dissertações defendidas, dois artigos especificamente sobre o assunto e dois livros, ainda que Latour seja um dos dez autores de ciências humanas mais citados no mundo. Este trabalho pretende propor um projeto de análise da construção de fatos da Psicologia a partir da Teoria Ator-Rede, com base em trabalhos similares na área da Comunicação. Não foram localizados trabalhos análogos à presente proposta no Brasil. Conforme Latour, a produção de fatos científicos nas sociedades modernas está embasada no que ele denomina “Constituição dos modernos”, presente na discussão da filosofia e na história das ciências, e que delimita dois domínios separados e inconciliáveis do conhecimento: 1- conhecimento puro do social; 2- conhecimento puro do

natural. O primeiro pretende explicar as relações políticas e sociais num cenário natural; o segundo pretende fazer a “natureza pura” emergir a partir de fatos científicos puros. O laboratório é o local privilegiado de emergência dos fatos, que por sua vez se tornam caixas-pretas, as verdades aceitas pela comunidade dos cientistas. Por centenas de anos a Psicologia não tinha lugar na Constituição, que reservara à Deus todas as questões privadas e do indivíduo. Desta forma, quando do seu surgimento, a Psicologia ocupa o lugar reservado originalmente à religião, de modo que seu projeto permanece pluriepistemológico, ora se associando ao conhecimento do social, ora ao conhecimento do natural, sem nem mesmo definir uniformemente seu objeto. Assim, um projeto de História da Psicologia a partir da Teoria Ator-Rede só é possível separando cada linha e cada epistemologia da Psicologia, que deve ser estudada em separado. Em cada caso é necessário delinear: 1- qual a natureza da mistura social/natural, o que permite conhecer a quais fatos a linha se refere; 2- localizar o laboratório original da teoria, bem como os laboratórios subsequentes; 3- quais as caixas-pretas iniciais e; 4- qual a rede de disseminação das novas caixas-pretas. No caso da Epistemologia Genética, a preferência é a explicação natural, com todos os métodos construídos num laboratório em Genebra, partindo de conceitos filosóficos de Bergson e outros, e do neolamarckismo; e conclusões a partir do organicismo. A disseminação variou conforme o país. No Brasil sua disseminação está explicada em Vasconcelos (1996).

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede; Psicologia; História da Psicologia

Apoio: CAPES – Prodoutoral.

SESSÃO COORDENADA 09
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E DAS INSTITUIÇÕES

**O LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL DA
FACULDADE DOM BOSCO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
ENTRE 1953 E 1971**

Rodolfo Luís Leite Batista
Marília Novais da Mata Machado
Carlos Henrique de Souza Gerken
UFSJ

Este trabalho apresenta uma narrativa histórica sobre o Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, entre 1953 e 1971. Com base no referencial metodológico foucaultiano, analisaram-se fontes primárias (correspondências, fotografias, relatórios e documentos administrativos) disponíveis no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia, da Universidade Federal de São João del-Rei, e no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa. Os primeiros registros da compra dos equipamentos psicológicos italianos que compuseram o laboratório são-joanense datam de 1953. Nesse período, padres salesianos e professores da Faculdade Dom Bosco estudavam Psicologia e Pedagogia no Pontifício Ateneu Salesiano, em Turim, Itália. Em 1954, a aparelhagem foi trazida para o Brasil. A instalação do laboratório aconteceu em 1955 e possibilitou a organização e dinamização dos serviços psicopedagógicos (como o Centro de Estudos Pedagógicos, em

1955, e o Serviço de Orientação Educacional e Profissional, em 1957) oferecidos na faculdade salesiana. Em 1958, o laboratório de psicologia foi utilizado como argumento discursivo para justificar a criação do Instituto de Psicologia e Pedagogia, dirigido por Geraldo Servo (1930-2001) ao longo dos anos 1960. Durante aquela década, a aparelhagem do laboratório foi utilizada na avaliação psicológica, em pesquisas e na orientação e seleção educacional e profissional. A partir de 1965, o laboratório contou com o apoio financeiro da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Em 1971, as dificuldades administrativas da faculdade e a influência crescente das críticas funcionalistas às pesquisas sobre os processos de percepção, sensação e cognição em laboratório oriundas dos Estados Unidos, dentre outros fatores, justificaram o discurso sobre a obsolescência do laboratório e seu gradativo descuido pela faculdade. Criado no seio de uma instituição católica, esse laboratório representou o impacto da emissão de documentos pontifícios sobre ciência, psicologia e educação emitidos no final do século XIX e início do século XX. Ele também corrobora a argumentação de que a psicologia no Brasil constituiu-se como campo de aplicação aos problemas educativos, clínicos e de trabalho. Concluímos que o laboratório atuou como (a) dispositivo disciplinador da prática, pesquisa e ensino da psicologia em São João del-Rei; (b) espaço de produção de discursos sobre a educação, desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes e sobre a autoridade educativa salesiana; e (c) ambiente de criação de redes sociais.

Palavras-chave: história da psicologia, laboratório, psicologia experimental, dispositivo, instituições salesianas.

Apoio: CAPES

CIRCULAÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA NO BRASIL: O CASO PUC-CAMPINAS

Laryssa Soares Leite
Heitor Blesa Farias
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Quando uma perspectiva de psicologia migra de um local para outro, não raro, em seu novo sítio é comum emergir alguns eixos de produção de conhecimento que expressam um *Zeitgeist* propício à discussão de certas ideias relacionadas à vertente psicológica difundida. Na acepção do campo da História da Psicologia, o termo *Zeitgeist* refere a um contexto de compartilhamento de ideias que afetam a formação e a difusão de um conhecimento em uma região. Nesse movimento, ocorre algumas operações sociais entendidas como a circulação de ideias pelo meio de alguns mecanismos institucionais que oferecem critério para tal compartilhamento em uma comunidade acadêmica. Destarte, objetiva-se analisar como a Psicologia Humanista se desenvolveu na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas. Esta apresenta algumas características, em razão de possuir raízes históricas na recepção de algumas abordagens humanistas no Brasil, que a tornam um eixo institucional de referência nacional em formação e produção de conhecimento humanista. Assim, elegeu-se o método de revisão sistemática de literatura para analisar a circulação de produções humanistas na PUC, conforme o Banco de Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação dessa Universidade e o seu periódico, Revista Estudos de Psicologia (Campinas). Foram categorizados e

analisados 35 produções de Mestrado e Doutorado e 29 artigos, no período de 1997-2014. As duas bases de dados, por um lado, evidenciam uma tendência para enfoques em discussões clínicas; por outro, distinguem-se entre a predominância de produções empíricas, nas dissertações e teses, e produções teóricas, nos artigos. As influências de John Wood, colaborador de Carl Rogers residente no Brasil e um dos fundadores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, e Mauro AmatuZZi, destacado expoente nacional da abordagem centrada na pessoa e docente aposentado da PUC, são marcantes na circulação do conhecimento humanista levantado. As produções analisadas têm como atributos gerais: ênfase na abordagem centrada na pessoa; concentração de trabalhos empíricos de orientação fenomenológica. Tais orientações têm um notório direcionamento para discussões clínicas e uma preocupação em aventar os fundamentos epistemológicos, históricos e filosóficos da Psicologia Humanista e suas abordagens psicoterapêuticas e de pesquisa. Essas ideias demonstram uma preocupação em demarcar um lugar para o humanismo brasileiro que apresenta intensas articulações com os aportes da Fenomenologia em seus desdobramentos filosóficos, clínicos e de pesquisa. Nota-se que tais características se estendem, ainda, a outros centros de pesquisa e veículos de publicação de trabalhos acadêmicos, em função dos contatos e formações obtidos na PUC-Campinas. Deste eixo campinense, é possível mapear outros psicólogos que desenvolvem trabalhos na linha humanista-fenomenológica em diversas universidades. Conclui-se que outros eixos institucionais contribuem para a circulação da Psicologia Humanista no Brasil. Tais manifestações não são fortuitas, pois emergem de um solo histórico que possibilita à concentração e à

formação de psicólogos humanistas numa região. Sugerem-se, finalmente, outras pesquisas semelhantes na Universidade de São Paulo e na Universidade de Fortaleza, para ponderar outras características do status corrente da formação e circulação do conhecimento humanista nacional.

Palavras-chave: circulação; História da Psicologia; Psicologia Humanista; revisão sistemática.

Apoio: Edital PROPSI/UFBA 01/2014 – PIBIC-UFBA.

INSTITUIÇÕES GERADORAS DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO AO FINAL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA EUROPA

Clarice Moukachar Batista Loureiro
Raquel Martins Assis
UFMG

Este trabalho apresenta o termo “instituições geradoras de conhecimento”, cunhado por Burke (2012), como um conceito que propõe a focalização do olhar do pesquisador sobre os protagonistas que produzem as teorias científicas e suas formas de divulgação e as instituições às quais eles são afiliados. Para este autor, quando um grupo de indivíduos se reúne com certa regularidade em torno de objetivos e regras em comum, eles passam a desempenhar papéis sociais diferentes gerados pela própria instituição pela qual ele responde. O conhecimento produzido estaria também relacionado ao ambiente intelectual de produção e não apenas ao problema intelectual em si. Partimos dessa premissa para compreender as relações entre o conhecimento produzido no campo da educação para a paz, ao final da primeira guerra mundial, e as instituições protagonistas das discussões sobre o tema nesse período. Dissertamos sobre o contexto de reconstrução de uma Europa devastada pela guerra e mediado por novas políticas de relações internacionais propostas pelos países vitoriosos. Nesse contexto é criada a Sociedade das Nações (SDN), que, apoiada pelo Instituto Jean Jacques Rousseau (IJJR) e pelo Bureau Internacional de Educação (BIE) divulga um pensamento pacifista e internacionalista que deveria ser difundido sobretudo pelas escolas. Utilizamos como corpo documental o registro das discussões realizadas ao longo da conferência internacional *A paz pela Escola*, realizada em 1927, na cidade de Praga, assim como os registros dos cursos para

profissionais do ensino que tomavam por questão como tornar conhecida a Sociedade das Nações e desenvolver o espírito de cooperação internacional, realizados em sessões anuais em 1928, 1930, 1931 e 1932 em Genebra. Considerando o protagonismo das três instituições citadas nesses eventos – SDN, IJJR, BIE – traçamos brevemente um histórico de cada instituição desde a sua criação até as vésperas da Segunda Guerra Mundial. Demonstramos como o contexto social, político e também econômico de cada uma das instituições citadas influenciou diretamente no caráter das discussões empenhadas e, conseqüentemente, no conhecimento produzido. Verificamos que a divulgação de um pensamento pacifista e internacionalista se tornou o principal campo de ação da SDN que, devido às condições de sua criação, vai se tornando cada vez mais impossibilitada de mediar os conflitos internacionais. Entendemos que o desenvolvimento de uma educação internacionalista assumia um caráter preponderantemente ativista e militante anteriormente a 1929 e mais objetivo e neutro após esta data, justamente devido às mudanças internas pelas quais passavam o IJJR e o BIE. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, esta atmosfera de neutralidade e cientificismo das instituições se acirra e, segundo Jean Piaget, então diretor do BIE, os conhecimentos sobre uma educação internacionalista adquiridos não puderam ser implementados devidamente. Por fim, evidenciamos a relação entre a história do conhecimento científico produzido sobre uma educação internacionalista neste período com o contexto das instituições protagonistas desta produção.

Palavras-chave: história do conhecimento; instituições; educação para a paz.

Apoio: CAPES.

UMA HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL – REGIONAL MINAS GERAIS (ABRAPSO-MG): RESGATE DOS ANAIS DOS ENCONTROS MINEIROS (1985-2006)

Gisele Resende Silva
Marcos Vieira-Silva
UFSJ

Trabalho oriundo de pesquisa iniciada em julho de 2015 no Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) que tem como objetivo recontar a história da Psicologia Social em Minas Gerais utilizando-se dos anais de eventos e cartazes pertencentes ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia (CDPHP) do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP). Esse acervo foi doado ao CDPHP-LAPIP no ano de 2006 pela Professora Elizabeth de Melo Bomfim e em agosto de 2014 iniciaram-se os trabalhos de organização do arquivo, com a separação inicial dos livros e registros em um programa específico denominado *BookDB*. Em seguida, foram separados os periódicos, os anais de eventos, as teses, as dissertações e todo o material relativo à Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. A periodização escolhida para o objeto de estudo, compreende o surgimento da ABRAPSO-MG (1985) e o ano de doação do acervo à Universidade Federal de São João del-Rei (2006). Outros objetivos dessa pesquisa advém da necessidade de organizar sistematicamente as fontes documentais ligadas à ABRAPSO, pertencentes ao CDPHP/LAPIP-UFSJ; fazer um levantamento detalhado dos eventos realizados no período investigado, entre 1985 e 2006; bem como construir uma

narrativa sobre eles, com foco investigativo nas temáticas discutidas, nas escolhas das sedes para sua realização e nas redes constituídas, analisando também a relevância dos encontros mineiros para a constituição e expansão da ABRAPSO em âmbito nacional. Nessa pesquisa foi utilizado o método historiográfico de análise documental, que caracteriza-se pela busca do historiador por assuntos e vestígios que possam contribuir para a ampliação de conhecimento e a partir de documentos, textos, anais, atas e fatos coletados, organizá-los e, posteriormente, analisá-los e interpretá-los conforme o referencial teórico adotado. Consideramos que com esse método poderemos investigar os documentos mencionados e assim construir uma cronologia da ABRAPSO-MG, levando em consideração as nuances sociais e políticas que permeavam os encontros realizados. Essa construção propiciará uma compreensão histórica e o percurso de ideias que se fazem presentes nessa instituição, na atualidade. A Regional Minas, enquanto grupo de trabalho, existe desde a fundação da Associação, embora tenha sido oficializada como Regional em 1985. A ABRAPSO Nacional é uma entidade científica que surgiu em julho de 1980 em resposta aos questionamentos epistemológicos e políticos da época, com a finalidade de congregiar estudantes e profissionais de ciências humanas interessados na prática da Psicologia Social. A ABRAPSO-MG foi oficializada como Regional em setembro de 1985. Dos encontros surgiram os anais de eventos e cartazes que contam de forma concisa a temática desenvolvida, sendo assim, o propósito dessa pesquisa é resgatar esses anais e recontar a história da ABRAPSO-MG, ampliando o conhecimento sobre tal Associação. Além disso, expandir o trabalho do

Centro de Documentação e Pesquisa em História da Psicologia da
Universidade Federal de São João del-Rei.

Palavras-chave: ABRAPSO-MG; história, análise de cartazes; anais de eventos.

EDUCACAO VOLTADA PARA A NATUREZA – ESCOLA EDUC, UM ESTUDO DE CASO

Cecília Andrade Antipoff
Regina Helena de Freitas Campos
UFMG

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo realizar um estudo de caso histórico sobre uma instituição de ensino que funcionou em Minas Gerais de 1978 há 2007: a *Escola Educ – Centro de Educação Criadora*. Fundada pelos psicólogos e educadores Daniel e Otília Antipoff, esta escola, voltada para alunos do maternal ao quinto ano do ensino fundamental, tinha uma proposta pedagógica apoiada nos pressupostos humanistas, especialmente nas propostas educacionais preconizadas por Helena Antipoff. O encontro da educação com a natureza fazia parte do ideal educacional desta instituição que era denominada por seus fundadores como uma “Escola Ecológica”. O contato das crianças com a natureza era visto como fundamental não apenas para a aprendizagem dos processos naturais observados, mas, também, para despertar o gosto e o cuidado pelo meio ambiente, incluindo as plantas e os animais. Inspirada pela perspectiva educacional de Helena Antipoff que já dizia da importância da escola voltar-se para a natureza, uma vez que a criança só tem a se beneficiar com este contato natural, a proposta pedagógica da Escola Educ tinha este encontro como primordial. Ao realizar entrevista semiestruturada com sete ex-alunos desta escola, buscou-se identificar significados de suas vivências neste modelo educacional.

Todos os entrevistados ressaltaram a importância do contato constante que tiveram com a natureza seja para desenvolverem uma maior sensibilidade para com o meio ambiente, seja para facilitar e trazer mais prazer aos seus processos de aprendizagem (foi citado, por exemplo, o contato constante com hortas, árvore frutíferas, riacho, montanha e pequenos animais como coelhos, girinos, miquinhas). Numa análise prévia dos dados obtidos nestas entrevistas é possível destacar que os objetivos da proposta pedagógica desta escola em colocar a criança em contato com a natureza, foi de fato sentido por seus ex-alunos como positivos e benéficos para seus processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Escola Educ; educação; natureza; Helena Antipoff.

Apoio: CAPES.

ASSISTÊNCIA À SAÚDE NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Aline Moreira Gonçalves
Faculdade Ciências da Vida

O presente texto é parte de uma discussão realizada na dissertação de mestrado da autora. A discussão tem como objetivo analisar a assistência à saúde e o lugar social do Hospital no Brasil a partir de uma leitura sobre a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. A principal instituição que gerou essa discussão, foi a Santa Casa de Misericórdia, instituição esta, que teve primazia na assistência social e à saúde no Brasil. Todas as Santas Casas de Misericórdia instaladas no Brasil tiveram suas particularidades de acordo com a comunidade e a sociedade na qual estavam inseridas; por isso, não podemos generalizar o funcionamento de uma Santa Casa de Misericórdia a todas as outras. Bem como, generalizar o início da assistência à saúde no Brasil, sobretudo, a assistência à saúde mental, ao modelo de um único estado brasileiro, como muitas vezes é feito em relação ao Rio de Janeiro. As Santas Casas de Misericórdia e as Câmaras Municipais eram as duas principais instituições no Brasil trazidas por Portugal, desde o início da nossa colonização. Na maioria das vezes, as Santas Casas de Misericórdia faziam o papel de Hospitais, contudo, eram muito mais do que o termo pode designar. A instituição hospital passa a ser fundamental para a compreensão da medicina a partir do século XIX, no Brasil, tanto no que dizia respeito à sua teoria quanto à sua prática. Aqui, o hospital como instituição deve ser analisado quando se coloca em

voga a questão da função social da medicina e a distinção do tipo de organização e de funcionamento que os cuidados de saúde passam a exigir. Embora a assistência dentro destas instituições tenha sido muitas vezes inspirada pela caridade cristã, em alguns casos, ela era ministrada por leigos. Dessa forma, o exercício da prática médica no Brasil Colônia não esteve estritamente articulado ao exercício da medicina dentro do hospital. O serviço de hospitalização da época colonial é, fundamentalmente, uma atividade assistencial, destinada, sobretudo, aos doentes mais pobres. O projeto de reformulação da função hospitalar no Brasil ao final do século XVIII e início do séc. XIX vai além de uma modernização espacial, ele vai de encontro a práticas de controle e vigilância da população e de seus meios de produção. O hospital se torna uma instância pública que, operando sobre uma determinada população, irá garantir os interesses da administração colonial tanto na área do trabalho, quanto na da defesa. Nesse momento, a doença será inscrita em uma perspectiva social mais ampla. Assim, percebemos que a necessidade de uma investigação histórica sobre a medicina e suas relações com a estrutura social brasileira se faz importante para compreensão de sua complexidade atual. Envolve o contexto social, político e econômico desde os tempos coloniais.

Palavras-chave: saúde; hospitais; história da psicologia social.

SESSÃO COORDENADA 10
EDUCAÇÃO INTEGRAL E AÇÕES INTERDISCIPLINARES

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NUMA EQUIPE
INTERDISCIPLINAR NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Camilla Martins de Oliveira
UFF

No presente trabalho trarei algumas perguntas, reflexões, inquietações e propostas relacionadas à minha prática no campo da Educação. Exercito diálogos comigo mesma e acho que minha experiência, apesar de singular, é também coletiva, no sentido de que traz questões comuns às diversas equipes que atuam no mesmo programa. Trabalho como psicóloga da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, inserida no PROINAPE (Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas). Este programa se constitui de equipes formadas por psicólogos, assistentes sociais e professores, que buscam intervir de forma crítica nos conflitos e impasses do cotidiano escolar. Este trabalho envolve questões muito complexas e abrangentes que não podem ser abordadas de forma reducionista. Portanto, exige um esforço árduo na construção de boas perguntas e análises amplas que considerem as singularidades deste campo. Nosso olhar para o campo da educação é diferente daquele dos profissionais que atuam cotidianamente na escola. Quando falo isso, não estou fazendo um julgamento moral, se este olhar é melhor ou pior,

certo ou errado em relação ao outro olhar, só estou trazendo a questão da diferença, por conta da formação, da experiência e do lugar que ocupamos, enquanto equipe de apoio. As demandas que nos são endereçadas são, em sua maioria, pedidos de atendimentos clínicos para alunos, familiares dos alunos e professores e orientações/acompanhamentos em relação a questões sociais direcionadas aos dois primeiros. Esses pedidos enunciam conflitos com os quais os profissionais da escola acreditam não conseguirem resolver. Portanto, eles nos trazem este tipo de situações, na maioria das vezes graves e complexas, por acreditarem que nós, os “especialistas”, podemos dar a melhor resposta possível aos problemas que surgem no cotidiano escolar. Nossa abordagem caminha na contramão deste pensamento-ação e acreditamos que os problemas estão relacionados ao contexto no qual surgem e que as soluções para os mesmos estão dentro do próprio campo. Dessa forma, acreditamos que é importante convocar os diversos atores que se relacionam com as problemáticas apresentadas, ouvi-los e pensar junto com eles em estratégias de enfrentamento, identificando as que já existem e/ou provocando a criação de novas formas. Nosso trabalho caminha no sentido de estimular a escola a refletir sobre seus problemas, o que pode gerar certo incômodo: este processo de reflexão é raramente utilizado, sobretudo na Educação, que é um campo pretensamente constituído de saberes e verdades. Quando realizamos certas análises em relação aos problemas apresentados, percebo que alguns professores se sentem questionados e criticados, fato que em algumas situações pode inviabilizar o trabalho e produzir um afastamento em relação à nossa equipe. Ao mesmo tempo em que precisamos colocar nossas pontuações

para, a partir delas, tentar criar um campo de diálogo, devemos garantir a continuidade do trabalho, ou seja, nossa presença na escola. Ficam algumas questões que me parecem interessantes: Como afirmar nosso olhar sem negar ou desqualificar o do outro, mas no sentido de afetar e contagiar? Até onde eu posso criticar as práticas escolares, produzir tensões nos modos de pensar e viver, sem romper com os profissionais da escola?

Palavras-chave: reflexão; singularidades; trabalho em equipe.

Apoio: CAPES.

A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA

Luana Campos e Silva
Lúcia Helena Alvarez Leite
UFMG

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a educação para além da escola a partir do encontro entre a educação formal e não formal, tendo como eixo a parceria de uma ONG com uma escola pública no contexto da Educação Integral/Integrada. Para isso, serão apresentados conceitos de educação formal, não formal e Educação Integral. A concepção de que a educação formal diz respeito à educação escolar e que a educação não formal refere-se à educação popular é uma leitura que está posta na história brasileira. É comum a definição de educação formal ter como referência a educação escolar, assim, a nomenclatura “educação não formal” passou a ser muito utilizada para se referir às experiências distintas das que acontecem nas escolas. Entretanto, é difícil falar em educação formal e educação não formal hoje, no contexto da Educação Integral no qual estamos vivendo, em que esses pontos se fundem inclusive no campo institucional. Assim, a pesquisa mostra que as experiências educacionais sob a perspectiva da Educação Integral colocam em xeque a dicotomia entre educação formal e não formal e acabam por quebrar o paradigma de que o formal é o escolar, pois, institucionalmente falando, agora a atuação de muitas ONGs encontra-se no campo da educação formal. Nesse sentido, através de uma ação de parceria entre as organizações da sociedade civil e a escola, a articulação entre os espaços da comunidade escolar e outras instituições passa a ser, portanto, uma alternativa para o “tempo

integral". Constata-se ainda que, de acordo com as diferentes definições apresentadas, a educação não formal vai além das organizações não governamentais, sendo múltiplos os seus espaços: nos bairros, com as associações, organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais; nas igrejas, nos sindicatos e partidos políticos; nos espaços culturais e nas próprias escolas; nos espaços interativos escolares, com a comunidade educativa, entre outros. Esse cenário tem levado a uma maior aceitação de que a educação é o resultado das instituições e das relações. Desse modo, ao utilizar o termo não formal, a proposta é ampliar o entendimento do termo "educação", não se restringindo ao que ocorre nos espaços institucionais, especialmente os formais/escolares. Esse entendimento é importante para que se possa compreender essas instituições como sujeito social e político importante no que diz respeito à Educação Integral para além da expansão do tempo escolar.

Palavras-chave: educação formal; educação não formal; educação integral.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Sérgio Domingues

UNIVIÇOSA

Regina Helena de Freitas Campos

UFMG

Riviane Borghesi Bravo

Centro Universitário Newton Paiva

O Programa Mais Educação integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. O Mais Educação atua de maneira intersetorial, aliando políticas públicas educacionais e sociais e faz parte de vários ministérios. Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. A Educação Integral, associada ao processo de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada a vida e ao universo de interesses e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens. Os princípios da Educação Integral são traduzidos pela compreensão do direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária; e como condição para o próprio desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática. Por meio da Educação Integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. Dentro dessa

perspectiva o objetivo deste trabalho é apontar as possibilidades de atuação do Psicólogo Escolar como agente que atue dentro da escola favorecendo as ações previstas na perspectiva da Educação Integral, fomentada pelo programa Mais Educação. O trabalho foi desenvolvido a partir das experiências dos autores no campo da Psicologia Escolar e na atuação no Programa Mais Educação em um curso oferecido pela Universidade Federal de Viçosa, intitulado “Proposta Curricular e Metodologias na Educação Integral” entre 2013 e 2015. Os resultados dessas duas experiências foram o desenvolvimento de ações no âmbito da Psicologia Escolar visando possibilitar a efetiva implantação de uma Escola Integral. Nesse sentido dividiu-se o trabalho do Psicólogo em três frentes: 1) formação de grupos operativos, tendo como estratégia de trabalho diagnosticar as dificuldades no âmbito relacional entre os alunos, professores, funcionários e administração, lidando com as mesmas por meio da formação de grupos; 2) oficinas sobre desenvolvimento moral, indisciplina, orientação parental, acompanhamento pedagógico, entre outras; 3) e ainda uma terceira frente diretamente voltada para os alunos visando auxiliá-los a desenvolver estratégias cognitivas e metacognitivas de estudo, exercícios de estimulação cognitiva compatível com cada faixa etária (ortopedia mental, Programa de Desenvolvimento da Lógica Formal - PROLOF, programa de promoção cognitiva), aplicação de estratégias para desenvolvimento da consciência fonológica em crianças em fase de alfabetização, além da mediação de conflitos entre os mesmos. Estas práticas resultaram em ganhos para professores, familiares e estudantes, que encontram na ação desenvolvida novos recursos cognitivos e emocionais para lidar com os desafios da educação. Tais

resultados suscitam a discussão acerca das possibilidades do Psicólogo compor a equipe das Escolas de Educação Integral. Conclui-se que este é um importante campo a ser estudado pelos Psicólogos com vistas a buscar um espaço para a Psicologia atuar na interface da Educação evitando caráter clínico/patologizante objeto da crítica a Psicologia Escolar na década de 1980.

Palavras-chave: educação Integral; Psicologia Escolar; práticas em Psicologia.

MUDAR A ESCOLA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: DOIS ANOS DE IMPLANTAÇÃO DE UM PROJETO INOVADOR

Dener Luiz da Silva
UFSJ
Ana Lúcia de Santana Almeida
E. M. João Pio
Célio Ferreira Santos
Prefeitura Tiradentes
Heloisa Edwards
Magda Valesca de Carvalho Fróis
Maria do Carmo da Silva
Marytânia Rodrigues Barboza
Regilene Cristina da Silva
Simone de Jesus Ribeiro Almeida
E. M. João Pio

Uma escola pública municipal, níveis Infantil e Fundamental (Maternal 3, Primeiro e Segundo Período até o 5º ano), tem buscado implementar, coletivamente e em todos os setores, uma proposta de Comunidades de Aprendizagem. O presente relato de pesquisa, pautado em uma perspectiva etnográfica, de investigador como participante, quer apresentar os dois primeiros anos de funcionamento desta proposta, apresentando os principais atores – professores, pais, alunos e comunidade – suas ações e desdobramentos. A escola em questão encontra-se em uma região de periferia da cidade de Tiradentes (MG), acolhendo, em sua maioria, alunos provenientes da classe econômica média baixa (até 2 salários mínimos). Não obstante, por contar com o apoio explícito do poder público (Prefeitura e Secretaria da Educação), da parceria de sujeitos de distintas classes sociais, voluntários, e também de estar associada a uma consultoria educacional que fornece

elementos para se refletir e preparar as atividades pedagógicas na nova postura pedagógica, pôde ser vista como um importante caso para se acessar a confluência de distintos atores sociais e institucionais na construção da sinergia necessária para a transformação da escola. Durante o primeiro ano de instalação do projeto a escola atendia a 40 alunos. Optou-se por subdividir os alunos em 4 turmas (denominadas núcleos), sendo uma responsável pelo Ensino Infantil, com idades variadas de 3 a 5 anos e as três outras multisseriadas, ou seja, com alunos provenientes do primeiro ao quinto ano. A escola não contava com profissionais de pedagogia (supervisão ou orientação) ou Direção Pedagógica presentes cotidianamente. No primeiro ano de implantação, devido ao enfrentamento de vários desafios (relação com pais, adequação do conteúdo, assimilação das novas regras de conduta etc.) começaram a ficar mais claros as diferenças, pontos fortes e fracos das duas grandes posturas pedagógicas (centrada no aluno ou descentrada deste e centrada no professor). No segundo ano, a escola passou a contar com a participação cotidiana de uma Supervisora Pedagógica que assumiu, igualmente, o papel de catalisadora e líder da equipe. Com a presença desta profissional ficou mais fácil o diálogo com a Secretaria da Educação e novas ações foram possíveis. Apesar dos resultados terem melhorado significativamente neste segundo ano, a dificuldade em aproximar as famílias, questões institucionais e estruturais (a indisponibilidade da internet, por exemplo, tida como dificultador na produção dos projetos dos alunos), o necessário aprofundamento na proposta de uma Pedagogia de Projetos, a presença e manutenção de voluntários, continuaram a demandar soluções. Ao longo destes dois anos, resultados efetivos ocorreram: um prêmio de Matemática e outro

de Artes, concedidos a alunos da escola; Inclusão de alunos com Necessidades Especiais; bons resultados nas Avaliações externas; o repensar da prática pedagógica por parte dos envolvidos; o que nos leva a considerar a experiência como positiva e como possível caminho para enfrentamento da “crise educacional” a qual nos encontramos.

Palavras-chave: comunidade de aprendizagem; pedagogia de projetos; mudança escolar; projeto inovador; Etnografia no contexto escolar.

OFICINAS DE INCLUSÃO DIGITAL: MEDIAÇÃO E AUTONOMIA A PARTIR DO ESTUDO DE UM CASO

Beatriz de Souza Silva
Dener Luiz da Silva
UFSJ

Apresenta-se o relato de um projeto de Extensão com interface em Pesquisa denominado LAN House da UFSJ no qual ofereceu-se oficinas de Inclusão Digital para adultos. Este projeto teve início em 2008 mas tendo como foco principal a inclusão digital de alunos das Escolas públicas da região. Em 2009 iniciaram-se as oficinas para adultos, prestadores de serviços da UFSJ. O objetivo principal das oficinas era o de aproximar as atividades realizadas nos computadores com o cotidiano dos participantes, para que pudessem utilizar as tecnologias de informação como facilitadores das atividades diárias. Entre os anos 2014 e 2015 foram atendidos 40 adultos e efetuados 88 oficinas. A idade dos participantes variava entre 19 à 53 anos; vários deles frequentam o projeto há mais de um ano e já apresentam indícios de inclusão digital. A concepção de inclusão digital que o projeto se baseou era pautada na autonomia dos sujeitos a serem incluídos como seres ativos dentro da aprendizagem. O caso apresentado é o de um homem de 35 anos, com histórico de doença ocular e dificuldade de leitura que nos cinco primeiros meses de participação apenas pedia para ouvir músicas. No decorrer do projeto, sua postura frente ao computador mudou. Verificamos que o computador passou de um simples aparelho tecnológico para um instrumento mediador, possibilitando a ele trabalhar questões pessoais. O teclado, que antes era tido como inacessível

devido às dificuldades de alfabetização e organização espacial, após a criação de mecanismos de auxílio (teclado substituto de papel) passou a ser utilizado adequadamente; e as redes sociais que antes eram criticadas, passaram a ser utilizadas para expor suas opiniões e crenças. Verificamos, deste modo, que apesar de pautar-se em uma proposta grupal, o projeto escutou e trabalhou as demandas particulares dos participantes. Diante disso, acreditamos que o projeto Lan house, além de contribuir para a inclusão digital dos participantes, dispôs de um ambiente terapêutico – no sentido amplo do termo-, uma vez que este propiciou a vivência de relações afetivas, a expressão e elaboração de sentimento, de características identitárias e de reelaboração subjetivas, podendo ser entendido como um efetivo instrumento de intervenção psicológica.

Palavras-chave: oficinas; inclusão digital; psicologia da educação; educação de jovens e adultos.

Apoio: Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de São João Del-Rei – PROEX/UFSJ.

O BLOG DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DA UEMG: FERRAMENTA DE PUBLICIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDEIAS

Elizabeth Dias Munaier Lages
Edinélia Ramos
Sílvia Freitas Soares
UEMG

A Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) tem atualmente seis Programas Institucionais de Extensão que foram aprovados pelo Conselho de Pesquisa e Extensão da Universidade (COEPE) e que tem como um dos propósitos o fortalecimento e a potencialização de ações de Extensão já existentes nas Unidades Acadêmicas, articulando-as de modo a explorar a natureza *multicampi* da universidade, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade. São eles: Programa de Ações Afirmativas e Relações Étnico-raciais, Programa Direitos das Crianças e Adolescentes, Programa Cultura e Desenvolvimento, Programa Educação do Campo, Programa de Educação Integral e o Programa Direitos à Produção e ao Acesso à Arte e à Cultura. Ressalta-se que o Programa Institucional de Educação Integral tem como objetivo o diálogo com políticas públicas e iniciativas governamentais voltadas à promoção de programas de Educação Integral. É também de sua responsabilidade o acompanhamento do trabalho pedagógico desenvolvido nas unidades escolares de Educação Básica parceiras e sua articulação com a formação dos alunos bolsistas das diferentes Unidades Acadêmicas da UEMG, bem como a formação de gestores e docentes que atuam nestes

projetos. Além disso, agrega projetos que fazem a análise dos impactos da Educação Integrada na formação educacional de crianças, adolescentes e jovens e suas implicações no estabelecimento de relações de pertencimento à comunidade e apropriação de território de vivência destes atores. Importante destacar que o programa optou pela gestão compartilhada, contando atualmente com uma Coordenação geral, que ficou responsável pela logística, uma professora apoiadora que tem se responsabilizado pela formação pedagógica dos envolvidos no programa e outra professora apoiadora que faz a divulgação da produção. A Coordenação institucional do programa é composta pelas professoras Edilene Eras | Faculdade de Educação/ UEMG – Coordenadora, Elizabeth Dias Munaier Lages | Unidade Ibitaré/UEMG e Bárbara Bruna Moreira Ramalho| Unidade Cláudio/UEMG. O programa conta hoje com o auxílio de dois bolsistas, a aluna Edinéia Ramos Pereira (Bolsista de Extensão – Unidade Ibitaré) e o aluno Silvio Freitas Soares(Bolsistade Extensão –Escola de Design). Ressalva-se ainda que a Consultora Darli Dias é responsável pelo suporte de todas as áreas da gestão compartilhada.Tem-se hoje, como um dos instrumentos de publicização dos dados, um blog que se apresenta como estratégia mais rápida de exposição de informações acerca da temática da Educação Integral. Salienta-se que os blogs são um dos meios de comunicação em massa que vem crescendo mais rapidamente ultimamente. Como ferramenta de aprendizagem eles dão suporte para todas as áreas de conhecimento.Umblogé umsitecuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável

de pessoas, de acordo com a política do blog. Ressalta-se, além disso, que um blog típico combina texto, imagens e links para outros blogs, páginas da Web e mídias relacionadas a seu tema e que a capacidade de os leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e ou autores é uma importante característica desta modalidade de comunicação. Como aventado anteriormente, tem-se que o blog do Programa Institucional de Educação Integral possui como finalidade manter atualizados os eventos e as ações do programa e é destinado a alunos, professores e gestores da UEMG bem como ao público em geral. Ainda, destina-se a promover a interação e a discussão das possibilidades da Educação Integral em conexão com o debate na atualidade, incentivando a troca de ideias. Assim sendo e em efeito conclusivo, acentua-se que o blog tem buscado acompanhar o trabalho pedagógico desenvolvido nas unidades escolares de Educação Básica parceiras e sua articulação com a formação dos alunos bolsistas das diferentes Unidades Acadêmicas da UEMG, bem como informar como tem se dado a formação de gestores e docentes que atuam nestes projetos. Também vem fazendo-se elemento aglutinador de informações acerca dos vários setores que abarcam a Educação Integral tais como, agenda de eventos, posts informativos e acervo que conta com trabalhos acadêmicos já desenvolvidos nas diversas unidades da UEMG.

Palavras-chave: intertextualidade; educação integral; programa institucional.

07/04/2016 – QUINTA-FEIRA – 16:00-18:00hs

SESSÃO COORDENADA 11
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVAS
EM DEBATE**

Fernando de Sousa Santana
Samuel Gonçalves Pinto
Telma de Oliveira Vidigal
Ulivânia Faustino Vasconcelos
FUPAC

Este artigo trata de questões problemáticas relacionadas com a implementação da Educação Ambiental (EA) em cursos superiores, conforme estabelece a Lei nº 9.795/99 e o Decreto nº 4.281/02. Inicialmente, o artigo discute a evolução da educação ambiental associada aos conceitos de desenvolvimento sustentável e apresenta seus principais objetivos, princípios, metas e orientações metodológicas adotadas pela legislação brasileira. Em seguida discute os problemas que dificultam a implantação da Educação Ambiental no ensino superior, evidenciando as dificuldades para se implantar uma abordagem multi, inter e transdisciplinar. No intuito de se entender estas dificuldades de forma prática foi realizada uma pesquisa exploratória, com método quanti-qualitativo, em 10 Instituições Privadas de Ensino Superior,

situadas na Zona da Mata Mineira. Os dados foram coletados por meio de entrevista, com os coordenadores dos cursos de graduação, em novembro de 2015. Para interpretação de tais dados foram utilizadas técnicas de estatística descritiva, sendo que os resultados mostram que 07 IES atendem a legislação ofertando a Educação Ambiental de modo transversal, contínuo e permanente ao longo de toda a graduação, ao passo que 03 IES ainda ofertam tal conteúdo em forma de componente curricular específico fazendo a complementação do tema através de projetos, programas e eventos de extensão que promovem atividades que dialogam com a questão do meio ambiente, dentro de possibilidades de manejo, conservação, preservação, inserção de valores, ressignificação de atitudes e posturas, contribuindo para maior sustentabilidade local e regional. Observou-se ainda que 87,35% dos coordenadores afirmam existir a necessidade de se promover uma reestruturação em seus respectivos cursos de forma a organizar a integração de disciplinas das diferentes áreas do conhecimento com as práticas da Educação Ambiental, sendo que 73,25% destes coordenadores acreditam que qualquer modelo de reestruturação deve buscar mecanismos capazes de superar as formas históricas de organização curricular, para poderem ter alguma possibilidade de responder às expectativas e necessidades da sociedade moderna.

Palavras-chave: educação ambiental; ensino superior; dificuldades; implantação.

Apoio: Fundação Presidente Antônio Carlos.

O TRATO DA QUESTÃO AMBIENTAL TENDO A EXPERIÊNCIA COMO FOCO DE TRABALHO

Samuel Gonçalves Pinto
Fernando de Sousa Santana
Reginaldo Lúcio Lopes da Veiga
Ronaldo Andrade Alloca
Diego Marcos Aguilar
FUPAC

As atitudes do indivíduo podem ser influenciadas por meio da sua formação. De acordo com Barroso; Taffarel (2004 p 236) “a educação ambiental no ensino superior enquanto área de referência científica, enquanto prática educativa cultural, enquanto disciplina curricular poderá trazer para repensar a teoria pedagógica e seu objeto”. No Ensino Superior proporcionar ao indivíduo uma formação com o senso crítico, possibilitando pensar global para agir local. O Desenvolvimento Sustentável, segundo a Educação Ambiental, tem que ser de acordo com a realidade em que o Brasil se encontra: um país que ainda está em desenvolvimento e não aderir a conceitos e exigências internacionais que tem interesse nos recursos naturais explorando-os em benefício próprio, sem a mínima preocupação com a realidade socioambiental do Brasil. De acordo com informações de Boff (1995, p. 14), a atual crise ambiental vem trazer uma crítica ao modelo de desenvolvimento e, também, ao modelo epistemológico. O desafio, segundo o autor, está em repensar a educação em sua totalidade, enfrentando a fragmentação do conhecimento. Educar ambientalmente pressupõe investigar e refletir sobre as complexas relações socioambientais existentes e possíveis, à luz da realidade concreta e presente. Pressupõe, portanto, uma

intervenção integradora exigindo dos próprios educadores uma postura dialógica, tanto entre seus pares, no exercício da interdisciplinaridade, como com os educandos e comunidade, no diálogo entre os diversos saberes. Dessa forma o referido estudo se baseia no tratamento da categoria EXPERIÊNCIA, como foco em ações de planejamento que permeiam a vivência direta enquanto unidade processual de trabalho. Para tanto foram analisadas as propostas apresentadas de ensino, pesquisa e extensão com a temática Meio Ambiente, durante o ano letivo de 2015, envolvendo os cursos de graduação ofertados pela Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova – Administração, Pedagogia e Educação Física. Os objetivos e metodologias apresentadas foram categorizados em função da especificidade de abordagem no trato da questão Meio Ambiente, bem como pela caracterização como vivência experiencial ou não. De acordo com os dados apresentados detectamos que o trabalho de campo permite o contato direto do aluno com o ambiente natural. A interação do corpo para explorar os lugares permite a análise, a reflexão, fazendo com que o educando tenha maior capacidade de aprender e reter as informações. A questão da experiência permite que o aluno se “sinta” o protagonista do seu ensino, sendo um elemento ativo e não apenas um receptor de conhecimento. Esse tipo de modalidade de trabalho inclui fases de planejamento (definição de objetivos, de conteúdos a serem assimilados, dos custos envolvidos, da duração da atividade, da localização e etc.), execução (a saída propriamente dita), exploração dos resultados (coleta e análise de dados, debate e retomada de antigos conteúdos) e avaliação (verificando se a atividade correspondeu aos objetivos). O acompanhamento de todo o processo é fator fundamental para o alcance dos objetivos propostos e

o que se tem percebido é um engajamento por parte dos sujeitos e a mudança gradual de atitudes, valores e posturas frente à questão ambiental.

Palavras-chave: educação ambiental; experiencia; ensino superior

Apoio: Fundação Presidente Antônio Carlos.

UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS

Sânia M. F. Machado

Considera-se um conceito bem abrangente de Meio Ambiente aquele que abrange o conjunto de elementos físicos, químicos e biológicos que, combinados a fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais, afetam direta e indiretamente, os seres vivos e as suas atividades sociais. Nessa perspectiva, segundo a Política Nacional de Educação Ambiental e Política Nacional de Meio Ambiente, o processo de educação ambiental torna - se eficaz na medida em que permite aos cidadãos tornarem – se sujeitos sociais capazes de compreender a complexidade da relação natureza e sociedade e comprometer – se a agir em prol da prevenção de riscos e danos ambientais. Assim, a educação ambiental se constitui um elemento capaz de ampliar o nível de consciência individual e coletiva acerca da problemática ambiental, e se torna um importante instrumento de participação social no processo de licenciamento ambiental. O Brasil detém um dos maiores patrimônios minerais do mundo e o Estado de Minas Gerais é o que apresenta o maior percentual de produção do país, em torno de 48% do total. Esses dados demonstram a importância da mineração no Estado. A partir dessa informação, resulta a necessidade de práticas de controle ambiental das empresas deste segmento que busquem a sustentabilidade e a conformidade com a legislação ambiental e que podem ser motivadas pelos recursos da educação ambiental. Dentre os objetivos deste trabalho, que se realizou em uma empresa de mineração

de ferro em Minas Gerais, verificou-se a possibilidade de existência de espaço no âmbito empresarial para realização de programas de educação ambiental com os trabalhadores, de acordo com as necessidades apontadas pelo diagnóstico de percepção do ambiente para fins de licenciamento ambiental. Na metodologia do estudo em questão, realizou-se uma revisão de literatura sobre educação ambiental e licenciamento ambiental em revistas brasileiras indexadas. Utilizou-se também neste estudo uma metodologia de percepção ambiental adaptada para os trabalhadores da mineração, que permitiu a organização de quatro encontros de trabalho com estes funcionários na empresa. A partir da revisão de literatura, verificou-se que a educação ambiental muitas vezes é considerada apenas como uma forma de compensar o impacto ambiental e não como uma medida educacional realmente efetiva. Em muitas publicações observa-se que a comunidade e os próprios trabalhadores da empresa em questão, permanecem às margens do processo, sendo contemplados com informações insuficientes ou de difícil compreensão. Em relação ao trabalho realizado diretamente com os trabalhadores, as práticas de educação ambiental se mostraram bastante efetivas, apesar do pouco tempo disponibilizado pela mineradora estudada. Assim, constatou-se que o trabalho em educação ambiental no processo de licenciamento de empresas do segmento minerário, apesar de fundamental como instrumento de gestão, ainda carece de mais espaço na busca pelo equilíbrio das necessidades ambientais, sociais e econômicas atuais.

Palavras-chave: educação ambiental; mineração; trabalhadores.

DISCUTINDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Avezeny Araújo Costa
Bruna Rocha Amaral
Ivana Lago Pires
UFBA/ IFBA

O objetivo desse artigo é apresentar a Educação Ambiental como forma de valorizar o meio ambiente, utilizando a ideia de sustentabilidade e promover a discussão acerca de desastres ambientais em diversos locais, como escolas, indústrias, comunidades rurais, hospitais e instituições em geral. A construção dessa pesquisa se deu a partir de uma busca na literatura por meio da base de dados SciElo (*Scientific Eletronic Library Online*), com intuito de fazer uma revisão da produção bibliográfica a respeito da Educação Ambiental e da preparação de profissionais que lidam com comunidades que sofreram com os desastres. A Educação Ambiental deve ser entendida como educação para a cidadania, visando a existência de um equilíbrio entre as relações sociais e a natureza. Dessa forma, os conceitos e definições de meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável apresentados, permitem entender como funciona o ambiente em que vivemos e como prepará-lo para atender às gerações futura e atual, sendo necessário medidas e regulamentações de apoio a um tipo de crescimento econômico que não tenha impactos negativos sobre a natureza e a sociedade. Propõe-se ainda cursos preparatórios para profissionais que lidam diretamente em áreas de risco e/ou áreas atingidas por desastres, as chamadas “áreas de emergências”.

Palavras-chave: educação ambiental; emergências; desastres.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: TEMA ÁGUA NA TRANSVERSALIDADE

Joana Beatriz Barros Pereira
Carla Maria Nogueira Carvalho
Solange Christina Carneiro Rodriguez
UEMG

A educação para o meio ambiente é um processo em construção. Apesar do histórico de movimentação social no mundo para esta temática, ainda é incipiente a conscientização para as questões ambientais. Na educação brasileira as diretrizes curriculares, em todos os níveis de ensino, apontam a necessidade de tratar das temáticas ambientais em forma transversal. A dinâmica para esta abordagem está sendo implantada e várias experiências tem sido publicadas. Neste trabalho o tema água é apresentado em uma visão da transversalidade no aspecto curricular e executado no âmbito da aprendizagem ativa. Como recurso natural de importância vital e de usos múltiplos, é finito e esta finitude não está introjetada na cultura brasileira. A recente crise de oferta de água despertou e provocou as comunidades a criarem mecanismos que promovam o uso consciente e racional deste recurso. Na transversalidade o tema foi abordado como um projeto intitulado Águas da UEMG: Programa de Uso Racional da Água para UEMG Campanha aberto a bolsistas de todos os cursos da unidade. No foco da aprendizagem ativa foi proporcionado ao bolsista selecionado a oportunidade de pesquisar o uso da água na sua unidade universitária, reconhecendo a sua própria realidade e, através de uma análise desta realidade confrontada com os dados técnicos de uso da água, elaborar um programa com as medidas para o uso racional deste recurso natural

adequadas ao ambiente acadêmico em que estava inserido. A metodologia utilizada foi de natureza exploratória, na forma de estudo de caso. Os dados foram obtidos por consulta a documentos, observação da prática interna de uso da água, análise dos dados com base nos parâmetros de uso racional da água e a proposição de um conjunto de ações a serem implantadas visando o uso racional. O autor bolsista é o próprio acadêmico e o cenário de transformação social é sua própria instituição. O resultado está traduzido no relatório final do trabalho, intitulado Programa de Uso Racional da Água para a UEMG Campanha, com 10 ações correlacionadas ao uso adequado deste recurso natural. Este trabalho está permitindo formar consciência cidadã nos jovens a partir de uma ação concreta e pertinente, consolidando uma práxis significativa e de transformação social. No aspecto da transversalidade o projeto foi aberto para todos os cursos de forma a configurar a importância da temática para qualquer formação profissional. Propicia a vivência da transversalidade no ambiente de formação para que o participante possa ser, futuramente, um disseminador de ações desta natureza em sua vida profissional e em seu ambiente social.

Palavras-chave: educação ambiental; transversalidade; água

Apoio: FAPEMIG; CNPQ; UEMG.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPÊRIENCIA NA REDE PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

Alison Azevedo Souza
Polyana Aparecida Valente
UEMG

Hodiernamente, a questão ambiental é um desafio que se coloca para gestores, professores, estudantes, homens, mulheres, crianças, enfim, a todos que vivem no planeta e de alguma forma interagem com ele. Neste sentido, a proposta deste trabalho é apresentar um projeto de Educação Ambiental que foi desenvolvido em uma escola municipal na cidade de Belo Horizonte. O projeto em questão foi desenvolvido dentro da política de educação integral da Escola Municipal Jonas Barcellos Corrêa, localizada em um bairro da periferia de Belo Horizonte. O projeto foi elaborado diante da obrigatoriedade de abordar a temática da Educação Ambiental com os alunos do Programa de Educação Integral do município. Para pensar e executar o projeto, nos deparamos com alguns desafios, carência de mão de obra qualificada para a tarefa, uma frágil discussão teórica, dentre outros. Diante da urgência em desenvolver o projeto e para proporcionar uma nova oportunidade para os funcionários da escola, abrimos uma seleção interna para contratação de um Educador Ambiental. Adotamos como estratégia de trabalho a criação de uma horta, por julgarmos ser essa forma mais prática, econômica e acessível para fazer com que os alunos se conscientizem da importância de uma alimentação saudável e o cuidado com o meio ambiente. O único espaço disponível para criação da horta era atrás da escola, um local que a "olhos nus", seria impossível de

construí-la, devido a limitação do espaço e suas irregularidades. A oficina proporcionou aos alunos conhecimentos sobre horta sustentável, noções sobre economia financeira através do plantio do próprio alimento, esclarecimentos sobre os cuidados com o meio ambiente e economia para a gestão financeira da escola. Assim, a partir dos desafios e das soluções encontradas para a execução do projeto de Educação Ambiental, julgamos que a discussão de projetos dessa natureza é pertinente, uma vez que vivemos um momento de crise ambiental e se faz necessária a formação de uma nova consciência ecológica que se inicia na escola.

Palavras-chave: educação ambiental; educação integral; anos iniciais do Ensino Fundamental.

SESSÃO COORDENADA 12

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL

INCLUSÃO EDUCACIONAL/SOCIAL: BARREIRAS ATITUDINAIS

Marcilene Magalhães da Silva
Margareth Diniz
UFOP

O presente trabalho busca fazer reflexões acerca das barreiras atitudinais presentes na trajetória acadêmica de estudantes com deficiência da Educação Superior. Trata-se de um recorte de um estudo qualitativo mais amplo referente a pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que teve como finalidade identificar e analisar o processo de inclusão de alunos com deficiência nessa instituição. Como procedimento metodológico, utilizamos análise documental, entrevista semiestruturada, observação, diário de campo e *feedback* da pesquisa, com a pretensão de acompanhar o cotidiano universitário de cinco alunos com deficiência, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, como sujeitos da investigação. Três se encontram matriculados, respectivamente, nos cursos de História, Letras e Ciência da Computação. As deficiências: baixa visão, intelectual e autismo. Os outros dois são cegos e já concluíram, respectivamente, os cursos de Pedagogia e Engenharia de Produção e encontram-se no mercado de trabalho. Os resultados apontam para a existência de barreiras atitudinais no ambiente universitário, no ambiente de trabalho e na sociedade de

modo geral, o que contribui fortemente para o surgimento ou fortalecimento de outros tipos de barreiras. Apesar de vários documentos anunciarem o direito de todos a terem seus direitos respeitados, como Constituição Federal de 1998, quando se trata de oportunizar condições justas e iguais para todos, prevalecem as barreiras, indicando que temos muito para fazer. Concluimos que a existência de barreiras atitudinais sustenta outros tipos de barreiras, como as comunicacionais e as ambientais. Portanto, as barreiras atitudinais não são únicas, elas surgem de diferentes formas à medida que a sociedade se transforma. E podem se apresentar na forma de estereótipos, rótulos, rejeição, medo, inferioridade, piedade, adoração do herói, percepção de incapacidade intelectual, compensação, comparação, segregação, assistencialismo, entre outras, que aparecem em nossa linguagem, em nossas ações e/ou omissões, fortalecendo situações de exclusão. Assim, é importante identificá-las para, em seguida, removê-las e entender as lacunas que podem causar na formação e na vida das pessoas.

Palavras-chave: inclusão; barreiras atitudinais; educação.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO E A SEXTA META DO PNE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS.

Bárbara Ramalho
Mariana Marilack
UFMG

A Educação Integral tem, sobretudo na última década, ocupado um importante papel no cenário educacional brasileiro. Entre outras iniciativas, em 2007, o Governo Federal instituiu no país, por meio da portaria interministerial de no. 17/2007, o Programa Mais Educação com vistas a induzir, através de financiamentos, o desenvolvimento de ações locais, em Estados e municípios de ampliação da jornada escolar e/ou das dimensões educativas, Educação Integral. Também evidência do lugar ocupado por essa modalidade de ensino no Brasil é a proposição da meta seis no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) que visa a inserção, até 2024, de 50% das escolas e 25% dos alunos da Educação Básica em ações de Educação Integral. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo apresentar o *status* do Estado de Minas Gerais, bem como de suas redes estadual e municipais de Ensino Fundamental, em 2014, ano de proposição do Plano Nacional de Educação, quanto à sexta meta do PNE 2014-2024. Os dados que serão aqui apresentados foram construídos no contexto de uma pesquisa realizada pelo Observatório da Educação Integral em Minas Gerais, uma iniciativa da CAPES, INEP e SECADI, que tem por finalidade fomentar investigações educacionais que façam uso de bases de dados existentes no INEP. Assim, os resultados a serem analisados foram construídos por meio de um banco de dados elaborado a partir

das respostas das escolas ao Censo Escolar 2014 e disponibilizados pelo Ministério da Educação por meio de seu instituto de pesquisa. No que diz respeito ao tratamento das informações, esse foi feito utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Os resultados do estudo apontam para uma significativa presença da Educação Integral, por meio do Programa Mais Educação, no Estado de Minas Gerais, bem como, especificamente, em suas escolas públicas, Estaduais e Municipais, de Ensino Fundamental. É preciso observar, entretanto, que as realidades das Redes de Ensino são ainda muito distintas entre si, como também são distintos os avanços do Estado no que tange, por um lado, ao atendimentos das escolas e, por outro, a inscrição de seus alunos dos alunos em ampliação da jornada escolar e/ou das dimensões educativas.

Palavras-chave: educação integral; Minas Gerais; Plano Nacional de Educação.

Apoio: Governo Federal; Ministério da Educação; Observatório da Educação.

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL E EM TEMPO
INTEGRAL: CONCEPÇÕES DOS EDUCADORES EM UMA ESCOLA
CONFESSIONAL DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE COM
CRIANÇAS DE 1 A 5 ANOS**

Gleice Tatiana Marques Barbosa da Silva
Camila Jardim de Meira
UEMG

Diante às novas exigências, tanto sociais quanto legais, a ampliação da jornada escolar se apresenta como uma alternativa de formação para os alunos, pois se acredita que a ampliação do tempo na escola possa oportunizar aos sujeitos formação em diferentes dimensões. Nesta perspectiva, o objeto desta pesquisa foi compreender os conceitos e concepções relacionadas à Educação Integral presentes na história da educação brasileira a partir de 1932, com o Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, até as Resoluções Federais de 2014. Também optou-se por ouvir profissionais de uma escola confessional de Educação Infantil no município de Belo Horizonte, investigando como eles concebem, planejam e relacionam suas atividades às concepções estudadas. Foram realizadas entrevistas com educadores desta escola a respeito de suas concepções e percepções referentes à educação integral e educação em tempo integral. Os dados coletados evidenciaram que muitos profissionais da educação, têm dificuldade em diferenciar os conceitos referentes às vertentes de educação integral / educação em tempo integral e suas propostas dentro do cotidiano escolar, e que por falta de uma compreensão mais ampla, existe um receio no que diz respeito às práticas realizadas e sua relação com os

fundamentos da educação integral. As dificuldades acima citadas podem inicialmente ser atribuídas aos poucos investimentos na preparação dos profissionais da educação, a falta de uma carga horária que contemple a formação e atuação dos educadores e uma remuneração compatível a esta demanda. Ainda foi possível observar outros elementos presentes nos dados da pesquisa, tais como as semelhanças presentes nas necessidades, tanto nas redes públicas como na privada a respeito do tempo e disponibilidade da família e as exigências sociais da contemporaneidade; a necessidade de um trabalho individualizado com determinados alunos que apresentam dificuldade cognitiva e um acompanhamento pedagógico para todos os alunos do tempo integral. Outros questionamentos se evidenciaram nesta investigação: Quais os desafios postos à educação atual para possibilitar aos indivíduos seu desenvolvimento integral? Qual o papel da escola em relação às especificidades e necessidades individualizadas dos educandos? É possível oferecer uma educação integral que possibilite aos alunos “pleno” desenvolvimento de suas capacidades? Tais questões evidenciam a necessidade discussões das concepções e princípios da educação integral na formação docente.

Palavras-chave: educação integral; tempo integral, concepções de educação integral.

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL, EDUCAÇÃO INTEGRAL E SUJEITO INTEGRAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Rozaine A. Fontes. Tomaz
UEMG
Loyana C. de Lima Tomaz
UEMG/UNIPAC

O objetivo deste estudo bibliográfico é apresentar breves reflexões sobre educação integral e o contexto de sua realização. Na história da educação do Brasil, muitos foram os movimentos pedagógicos significativos que, em cada circunstância, representaram um esforço de expor e de realizar a educação como formação relativa à integralidade da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para o Ministério da Educação, a educação integral não está condicionada ao espaço físico da escola, nem aos saberes lá construídos e, muito menos, ao tempo diário de quatro horas. Parte-se da constatação de que estudantes são seres possuidores de diversas experiências que estão constantemente formulando conhecimento e merecem que se dê atenção às suas especificidades (BRASIL, 2009, p.90). Nota-se, porém, já na LDB 9394/1996, a concepção da educação em turno integral como intenção futura da educação nacional. Entretanto, muitos posicionamentos atuais, ao apresentarem a proposta da educação integral, confundem-na com a organização das escolas de tempo integral, levando a uma impressão de que tempo de presença na escola é sinônimo de qualidade educativa. A escola de tempo integral atual localiza-se no extremo social oposto ao de

sua origem, tanto em relação à clientela quanto à mantenedora. Grandes mudanças sociais, econômicas e culturais patrocinadas pela urbanização e industrialização geraram outros referenciais de *status* social. Saviani compreende isso como neoescolanovismo, deslocando o eixo do processo educativo do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade, configurou-se uma teoria pedagógica em que o mais importante não é ensinar e nem mesmo aprender algo. Importante é aprender a aprender, aprender a estudar, buscar conhecimentos, lidar com situações novas. O papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem. Existem quatro modelos de escola integral, a saber, a assistencialista, a autoritária, a democrática, a multissetorial. A visão assistencialista é mais frequente, pensa a escola de tempo integral como forma de apoio às classes desfavorecidas da sociedade; há um esforço para que a escola supra o espaço familiar, promovendo, antes que o conhecimento, formas de socialização primárias. As escolas de tempo integral correm o risco de, sob o excesso de “alternativas” educativas, caminharem para uma gradativa diminuição da instrução formal e um distanciamento da importância da formação humana, suscitando uma série de problematizações, sobretudo ao seu fomento, por parte de aparelhos governamentais como forma de populismo e de clientelismo. Certamente é possível afirmar que o aumento de tempo presencial na escola não significa maior qualidade de aprendizagem, sobretudo, quando refere-se a variados aspectos e não somente à instrução formal. Pode-se discutir se as escolas pretendem ofertar aos alunos formação humana integral em tempo integral ou se,

inversamente, o contra turno é utilizado como período para reforço escolar. Portanto, a ampliação do tempo de escola somente se justifica na perspectiva de propiciar mudanças no caráter da experiência escolar.

Palavras-chave: educação integral; educação de tempo integral; formação integral.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO INTEGRAL À LUZ DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Erica Fernanda Justino
UFMG

A educação integral, a escola integral e em tempo integral tem se tornado objeto de pesquisas, principalmente por ser considerada uma temática emergente no Brasil, tão emergente quanto às discussões que se relacionam à educação na perspectiva da educação do campo. Nesse sentido, o presente estudo assume o desafio de articular esses projetos de educação a partir de observações realizadas no contexto de uma escola municipal localizada na comunidade rural de Padre João Afonso, no município de Itamarandiba, onde em 2012 foi implantado o Programa *Mais Educação*. O objetivo desse estudo foi entender de que forma uma comunidade do campo compreende o Programa *Mais Educação* e por meio desse levantamento analisar as possíveis relações entre um projeto de Educação Integral e os princípios da Educação do Campo. Metodologicamente, optou-se por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória, com delineamento de estudo de caso. A coleta de dados ocorreu por intermédio de análise documental e entrevistas abertas. A discussão teórica visou refletir sobre a organização, os desafios, potencialidades e fragilidades desse programa na oferta de uma formação integral em escolas localizadas em áreas rurais. Para ampliar a discussão, foram articuladas as propostas de Educação Integral e Educação do Campo, destacando o caráter emancipatório desses projetos. Nesse contexto, apresentamos outras formas de

organização dos tempos e espaços educativos com vistas à produção e reprodução da vida no campo. Emerge como exemplo a experiência desenvolvida por Helena Antipoff na Fazenda do Rosário, onde a proposta educacional desenvolvida potencializava a formação humana e profissional, para adultos, professores rurais, crianças e adolescentes, com o objetivo de trazer melhores condições de vida tanto para as populações quanto para os professores que atuavam no ensino rural. Destacou-se entre outros, que o distanciamento da criança do contexto familiar prejudica outras aprendizagens que não são ofertadas pela escola. Nesse contexto, as práticas educativas e de gestão pedagógica desenvolvidas pela Educação do Campo, poderiam contribuir para que o Programa Mais Educação tenha melhores resultados nas escolas localizadas em áreas rurais.

Palavras-chave: educação integral; Programa Mais Educação; educação do campo; projetos educacionais; práticas educativas.

SESSÃO COORDENADA 13
RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES PSICOLÓGICOS

**ARTHUR RAMOS E AS PRIMEIRAS APROPRIAÇÕES DA TEORIA
ADLERIANA NAS CLÍNICAS DE ORIENTAÇÃO INFANTIL**

Daniela Leal
Marina Massimi
FFCLRP-USP

Objetiva-se nesta apresentação, pautada em uma pesquisa de cunho histórico, em andamento, apresentar os primeiros indícios de como Arthur Ramos apropriou-se dos conceitos e das práticas da psicologia proposta por Alfred Adler e os incorporou a sua prática psicoterápica nas Clínicas de Orientação Infantil no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, no período de 1933 a 1939. Cabe salientar que, entende-se por apropriação a maneira como o discurso, a teoria afeta o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo, ou como descrito por Chartier (2002), uma apropriação que objetiva a história social das interpretações remetidas para as suas determinações sociais, institucionais e culturais, inscritas nas práticas específicas que as produzem – reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação. As Clínicas de Orientação Infantil no Brasil começaram a surgir em meados dos anos de 1930, inicialmente por intermédio do convite de Anísio Teixeira a Arthur Ramos – idealizador e executor do Serviço Mental Escolar – para assumir a

chefia da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, no Rio de Janeiro. Com o objetivo de se tornarem um espaço para o desenvolvimento de uma prática de atendimento às crianças em idade escolar, pautadas no âmago de uma nova filosofia educacional, o Escolanovismo, que tinha por princípio a oposição ao ensino tradicional em vigor, as Clínicas de Orientação Infantil tornaram-se um espaço fecundo à psicologia e à psicanálise, principalmente por servirem como recurso auxiliar no trabalho com as chamadas “crianças problemas”, que apresentavam dificuldades de se ajustarem às exigências escolares. Apesar de ser um dos principais representantes da psicanálise no Brasil, principalmente a psicanálise voltada aos estudos da infância, tanto no campo teórico quanto no prático, durante os atendimentos nas Clínicas de Orientação Infantil, Arthur Ramos procurou conciliar os pontos de vista *casual-analítico* da escola de Freud, e o *sintético-teleológico* de Adler, pois acreditava que ambos os métodos não se contradiziam, mas sim se complementavam. Ao que se refere especificamente à Psicologia de Adleriana ou Psicologia Individual, aplicada à prática nas Clínicas de Orientação Infantil, Arthur Ramos afirmava que um de seus grandes sucessos encontrava-se em sua aplicação à pedagogia; isto porque, era uma psicologia que visava corrigir os erros da educação familiar e escolar, estudando as “crianças difíceis e/ou problemas”, fornecendo-lhes um plano normal de vida, introduzindo-lhes o verdadeiro sentido das relações com a comunidade. Pode-se concluir que, ao adotar versatilidade e consistência teórica, Arthur Ramos conseguiu, além de transitar por diferentes teóricos, trazer a Psicologia Adleriana como uma das teorias capazes de elucidar os problemas escolares brasileiros e

interpretar a realidade das crianças que passavam pelas Clínicas de Orientação Infantil.

Palavras-chave: Alfred Adler; Arthur Ramos; clínicas de orientação infantil; higiene mental escolar; psicologia individual.

RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS NO BRASIL (1945-2014)

Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA
Sérgio Dias Cirino
UFMG

Objetivamos analisar a recepção e a circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil, conforme uma perspectiva historiográfica que abrange: os momentos do desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa (ACP) neste País; as traduções das obras rogerianas; e o *status* corrente de artigos publicados sobre Rogers em periódicos nacionais. A noção de recepção acena para o entendimento de como uma Psicologia, no caso a ACP, migra dos EUA para o Brasil, provocando um processo de assimilação e apropriação ativa dessa perspectiva em um contexto local. O conceito de circulação implica o entendimento de como as ideias rogerianas recebidas estão sendo organizadas e propagadas de acordo com certas operações sociais, como a publicação de artigos em periódicos. A primeira análise dividiu e refletiu a recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, em quatro momentos, a saber, a pré-história (1945-1976), a fertilização (1977-1986), o declínio (1987-1989) e a ascensão/renascimento (1990-2000). Nesses momentos, foram analisados os psicólogos que contataram Rogers e difundiram sua abordagem no Brasil, além de explanar as especificidades das vindas de Rogers ao País, sua relação com alguns colaboradores brasileiros e a assunção de alguns expoentes nacionais. A segunda análise investiga as traduções das obras de Rogers para o português brasileiro, nas

décadas de 1970-2000. Constatamos que existem 21 obras rogerianas publicadas no Brasil, no entanto somente 7, atualmente, estão em edição. Muitas obras de Rogers não são mais editadas e há 3 livros que, ainda, não foram traduzidas. Nessa conjuntura, os principais livros teóricos, metodológicos, educacionais e biográficos de Rogers estão com circulação restrita no cenário brasileiro. Isso dispersa, por um lado, o entendimento total do legado rogeriano; de outra parte, fomenta diversas leituras sobre ele, sobretudo numa égide fenomenológica-existencial. A terceira análise articula o conceito de circulação com a técnica de levantamento bibliográfico para examinar o *status* corrente da ACP brasileira em artigos publicados em periódicos brasileiros, de 2002 a 2014, no SciELO e no PePSIC. Foram obtidos 58 artigos, analisados em relação ao seu título, autoria, filiação institucional, fonte, ano e tema do trabalho. Tabulamos os seguintes resultados: 2012 foi ano de maior produção (25,8%); a *Revista da Abordagem Gestáltica* foi o periódico que mais publicou artigos (27,5%); Virginia Moreira foi a pesquisadora que mais produziu (8,6%) no período compreendido; a Universidade Federal do Ceará foi a instituição com a maior frequência de publicações (18,1%); a região Nordeste concentra o maior número de produções em ACP no Brasil (41%); há uma predominância de artigos de cunho teórico (81,1%); as temáticas clínicas são as mais frequentes (37,9%); e 29,3% dos artigos versam a respeito de algo da Fenomenologia na ACP. Concluimos que a ACP brasileira se distingue da ACP de Rogers, no que concerne ao desenvolvimento de debates e pesquisas de orientações fenomenológicas. A ACP brasileira difere, ainda, da ACP que circula nos EUA e Europa, por concentrar poucos estudos empíricos e muitas

reflexões teóricas. Sugerem-se, finalmente, outros estudos que analisam o movimento de recepção e circulação da ACP no Brasil.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; historiografia; História da Psicologia no Brasil.

RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE ABRAHAM MASLOW NO BRASIL (1970-2010)

Luisa Xavier de Brito Silva
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Este trabalho objetivou analisar a recepção e a circulação da Psicologia Humanista de Abraham Maslow no Brasil. Entende-se a noção de recepção como um processo histórico de migração de conhecimentos psicológicos de um lugar para outro. Esse movimento de propagação de ideias sobre uma determinada psicologia ocorre mediante a sua circulação em mecanismos sociais acadêmicos, tais como periódicos, congressos e traduções. Destarte, fizemos uso de três investigações bibliográficas que analisam a recepção e circulação das ideias de Maslow no Brasil, de 1970 a 2010. A primeira investigação tratou de uma revisão sistemática que utilizou os descritores “Maslow”, “Psicologia Humanista” e “Psicologia Humanística” nas bases do SciELO e do PePSIC, com o intuito de averiguar a existência de publicações relacionadas a Maslow no Brasil. Constatou-se a falta de trabalhos no SciELO e a existência de quatro publicações no PePSIC, duas de origem brasileira e duas de procedência mexicana, duas discussões relacionadas ao trabalho e duas vinculadas a clínica. A segunda investigação versou no exame dos livros de Maslow traduzidos para o português brasileiro. Observou-se que dos sete livros publicados por Maslow nos EUA, somente dois foram traduzidos para o português brasileiro: “Introdução à Psicologia do Ser”, publicado em 1970, porém atualmente esgotado; e “Diário de Negócios de Maslow”, publicado em

2003 por uma editora especializada em Administração. A terceira e última investigação empreendida, ocorreu mediante a análise de livros na biblioteca de uma universidade pública federal. Não foi encontrado nenhum livro de Maslow, contudo uma análise minuciosa constatou diversos livros gerais de Psicologia e de Administração que continham informações sobre ele. Os conteúdos mais abordados nos capítulos e tópicos dos livros analisados expressam uma concentração de conhecimentos relacionados a as teorias da motivação, da autorrealização e da hierarquia das necessidades básicas. Nesse transcurso dessas três investigações, observou-se que a Psicologia de Maslow é recebida parcialmente no Brasil e a circulação de suas ideias ocorre, hegemonicamente, no campo da Administração, circuito em que o expoente humanista é bastante mencionado. Pondera-se que o fator que, possivelmente, gera um conhecimento parcial de Maslow, no Brasil, relaciona-se aos aspectos históricos de recepção e circulação de suas ideias em diversos meios bibliográficos de propagação de informações acadêmicas. Conclui-se que embora as teorias mencionadas sejam representativas à Psicologia de Maslow, existem diversas outras contribuições desse autor que merecem ser revistas ou elucidadas. Há, portanto, a necessidade de mais pesquisas nacionais que aprofundem ou desenvolvam os aportes maslownianos.

Palavras-chave: Abraham Maslow; circulação; História da Psicologia; Psicologia Humanista; recepção.

Apoio: Edital PROPSI/UFBA 01/2014 – PIBIC-UFBA.

O PROGRAMA DE PESQUISA EXPERIMENTAL DE CARL ROGERS E SUA RECEPÇÃO NO BRASIL

Lucas Matias Felix
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Objetivamos revisitar o programa de pesquisa clínica/experimental de Carl Rogers e refletir o que dele foi recebido no Brasil. Essa proposta ocorre mediante o argumento de que as contendas de validação do modelo clínico da Terapia Centrada no Cliente (TCC), obedeceu os critérios de construção do estudo experimental à luz do seu contexto de pesquisas psicológicas, nos EUA. Roger contou com diversos colaboradores, nos anos de 1940-1960, na busca de evidências na mudança da personalidade no processo psicoterapêutico. Metodologicamente, selecionamos as obras *Psychotherapy and Personality Change* (1954), *On becoming a person* (1961) e *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics* (1967), para extrair delas as bases das pesquisas experimentais de Rogers e descrever suas opções durante o estudo/experimento. O desenho da pesquisa obedece os seguintes procedimentos. (1) Definição dos grupos com os quais se propuseram a trabalhar (grupo experimental e grupo controle). (2) Delimitação do tamanho dos grupos, onde a TCC foi aplicada aos sujeitos do grupo experimental em quarenta encontros individuais, seguindo os seus pressupostos clínicos. (3) Aplicação do Teste de Acepção Temática (TAT) como instrumento de medida. Destacamos que no contexto de validação da TCC, o TAT foi um instrumento inovador na avaliação da

personalidade, no campo da Avaliação Psicológica, e serviu como medida de hipóteses sobre a transformação da personalidade no processo clínico. O TAT foi utilizado como instrumento de medida da personalidade em três momentos distintos: o pré-teste, o pós-teste dos grupos experimental e controle, e o re-teste dos grupos, após o período de sete meses (Follow-Up). (4) Classificação das respostas do teste segundo uma Escala Likert. (5) Análise de conteúdo dos resultados obtidos segundo as categorias do TAT (1 – O herói; 2 – Motivos, inclinações e sentimentos dos heróis; 3 – Forças do ambiente do herói; 4 – Desfecho/Desenlace; 4 – Temas; 5 – Interesses e sentimentos). Com efeito, esses procedimentos possibilitaram a validação da TCC perante à Associação Americana de Psicologia e legitimaram a primeira teoria-prática de psicoterapia oriunda do campo da Psicologia Clínica – dado que, até então, somente médicos de formação psicanalítica podiam exercer tal prática. A despeito da extensa produção acadêmica de Rogers sobre os modelos experimentais de psicoterapia, curiosamente esse ponto histórico/metodológico de sua carreira é pouco conhecido ou ignorado pelos estudiosos brasileiros. Ponderamos que o mencionado desenho de pesquisa foi recebido no Brasil de forma parcial, dado que apenas uma pequena parte foi traduzida, em 1976, como um capítulo intitulado “Modificação da personalidade em psicoterapia”, na obra Tornar-se Pessoa. Esse opúsculo, todavia, é sucinto em relação aos demais artigos e livros que expressam a pesquisa experimental rogeriana, e não foram traduzidos para o português. Concluimos que isso restringe a circulação das ideias experimentais de Rogers no Brasil, ao passo que a ênfase experiencial nas relações interpessoais tornou-se o pilar de sua abordagem. Quando necessária uma pesquisa sobre isso,

evoca-se, frequentemente, o método fenomenológico empírico, que Rogers foi simpático, mas nunca utilizou. Eis uma diferença significativa entre as pesquisas brasileiras (fenomenológicas e empíricas) daquelas realizadas por Rogers (positivistas e experimentais).

Palavras-chave: Carl Rogers; circulação; recepção; Terapia Centrada no Cliente.

RECEPÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA EXISTENCIAL DE ROLLO MAY NO BRASIL (1960-2000)

Cândida de Oliveira Carpes
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Objetiva-se analisar a recepção e a circulação da Psicologia Humanista de Rollo May, no Brasil, nas décadas de 1960-2000. Entende-se que o termo recepção, no campo da História da Psicologia, refere a migração de abordagens e conhecimentos psicológicos de um local para outro, segundo suas contendas contextuais, onde incorre um processo de circulação que denota como tais abordagens/conhecimentos se propagam conforme certas operações sociais e acadêmicas, como a tradução de textos e a produção de artigos. Destarte, a pesquisa dividiu-se em dois momentos: no primeiro, foi realizado um levantamento dos livros do May publicados nos EUA e suas traduções para o português brasileiro; no segundo, realizou-se uma revisão sistemática de artigos sobre May, publicados em periódicos nacionais disponíveis nas bases de dados do SciELO e do PePSIC, utilizando-se os descritores “Rollo May”, “Psicologia Existencial”, “Psicologia Humanista”, “Psicologia Humanista Existencial”, “Clínica Humanista Existencial” e “Psicoterapia Humanista Existencial”. A coleta e a análise dos livros e artigos foram norteadas pelas seguintes técnicas de leitura: reconhecimento, exploratória, seletiva, reflexiva e interpretativa. Considera-se, pois, que a análise das obras de May, traduzidas para o português brasileiro, e a frequência de publicações de artigos, sobre ele ou que utilizam o seu referencial, expressam a recepção e a circulação das ideias desse expoente humanista no Brasil. Obteve-se, na primeira investigação, os seguintes resultados: dos quinze livros publicados nos EUA, três não encontram

tradução para o português brasileiro; as obras traduzidas do May estão dispersas em várias editoras nacionais sem uma atual edição; o livro com maior número de edições é “O Homem à Procura de Si Mesmo”, atualmente, em sua 36ª edição; a década de 1970 possui a maior concentração de obras do Rollo May traduzidas e publicadas no Brasil (total de nove), demonstrando que houve um pico na edição e circulação das obras de May entre os estudiosos brasileiros da época; não foi encontrado livros produzidos por brasileiros, especificamente, sobre o May, apenas poucas menções deste em três obras gerais. Em relação a segunda investigação, no cruzamento dos descritores nas bases de dados foram encontrados apenas seis artigos sobre May, dos quais somente dois saem do âmbito de uma menção breve e se dedicam a um estudo mais aprofundado de sua Psicologia Humanista Existencial. Constata-se que a publicação de artigos sobre o May, ainda, é incipiente. Percebe-se, também, uma recepção restrita das ideias desse expoente humanista, visto que apenas quatro, das doze obras traduzidas no Brasil, são editadas. Conclui-se que a Psicologia Humanista Existencial de May foi recebida, mas circula de forma incipiente no Brasil. May é um ponto de menção importante dentro da Psicologia Humanista, sendo ele um autor conhecido, porém pouco estudado ou aprofundado no Brasil. Sugere-se que outros estudos se concretizem para gerar uma ampliação compreensiva nacional sobre os aspectos teóricos, históricos, epistêmicos, empíricos e reflexivos da Psicologia de May.

Palavras-chave: História da Psicologia; Psicologia Humanista; Rollo May.

Apoio: Edital PROPSI/UFBA 01/2014 – PIBIC-CNPq.

CIRCULAÇÃO DA GESTALT-TERAPIA NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O SEU STATUS CORRENTE

Cândida de Oliveira Carpes
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Joseph Brožek realizou diversas pesquisas sobre os movimentos de migração e apropriação de certas psicologias de um local para outro. Um de seus estudos investiga um desses movimentos pela análise de publicações sobre a psicologia de Wundt nos EUA. Essa perspectiva historiográfica, influenciou o objetivo de analisar o desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil, segundo a circulação de produções acadêmicas de artigos em periódicos. O termo circulação alude a um recurso conceitual que auxilia o entendimento de como certas ideias, no caso as “gestalterapêuticas”, são recebidas e se desenvolvem conforme a organização de uma comunidade acadêmica. Com efeito, uma estratégia metodológica vinculada a essa visada é a revisão sistemática, que, além de minutar certas características da Gestalt-Terapia brasileira, oferece amparo para algumas inferências históricas sobre o status corrente dessa abordagem. Destarte, a revisão sistemática ocorreu nas bases do SciELO e do PePSIC, utilizando descritores relacionados à Gestalt-Terapia. Foram catalogados 73 artigos, publicados de 1997 até 2014. Esses opúsculos foram analisados segundo as seguintes categorias: ano, autoria, filiação institucional, periódico, tipo de trabalho e área do conhecimento. Os resultados sugerem que a circulação das produções investigadas tem as seguintes características: constâncias de publicações nos anos de 2004 até 2014 (n=69); hegemonia de artigos

publicados em um único periódico (n=31), de orientação humanista; ênfase em produções teóricas (n=56); concentração em discussões voltadas para área Clínica (n=39); autores produtivos ligados a Universidade de Brasília, a filiação institucional mais representativa (n=17); região Centro-Oeste como eixo de produção, com concentração de 42,74% de artigos nacionais. Esses dados possibilitam a seguinte discussão. Na última década, há um aumento significativo de psicólogos formados em cursos de mestrado, doutorado e Institutos de Gestalt-Terapia. Fritz Perls criou uma tradição de formação em espaços extra-acadêmicos e desvinculados da tradição de pesquisa. No Brasil esse legado persiste atrelado ao discurso universitário, dado que uma amostra representativa dos autores minutados apresentam ambas as formações. Esse movimento avança em relação a uma tendência de recepção da Gestalt-Terapia mediante suas práticas vivenciais e a-teóricas, nas década de 1970-1980, questionadas por muitos gestalt-terapeutas que, posteriormente, preocuparam-se em desenvolver-clarificar os fundamentos de sua abordagem. Conquanto haja uma carência de pesquisas empíricas, a Gestalt-Terapia brasileira se preocupa em desconstruir a visão de que ela é destituída de rigor teórico. A ênfase em discussões clínicas é uma característica própria da Gestalt-Terapia que em sua gênese é uma perspectiva de fazer clínica. A tradição deste olhar persiste, inclusive, em discussões voltadas para outras áreas como, por exemplo, as educacionais. A concentração de produções oriundas de Brasília demarca a influência deste local que, historicamente, foi um dos centros de recepção de expoentes estrangeiros e formação dos primeiros gestalt-terapeutas brasileiros. Isso possibilitou um contexto propício à assunção de formações e produções gestálticas. A despeito

disso, existem poucos periódicos nacionais que possibilitam a circulação acadêmica dessas produções e há certa resistência da comunidade em arriscar publicações em revistas de orientação editorial geral. Conclui-se com a sugestão de exercícios constantes de revisões e outras pesquisas historiográficas que mapeiem a circulação da Gestalt-Terapia no Brasil.

Palavras-chave: Circulação; Gestalt-Terapia; História da Psicologia; revisão sistemática.

Apoio: Edital PROPSI/UFBA 01/2014 – PIBIC-CNPq.

SESSÃO COORDENADA 14
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

**ANÁLISE DE PROCESSOS SUBJETIVOS NA RELAÇÃO DE
CUIDADO ENTRE FAMILIARES**

Bruna de Sousa Cavalcanti
UniCeub

Ter um familiar, ou parente adoentado é uma situação difícil para todos aqueles que se relacionam com ele. Dessa forma temos como prioridade dar um olhar diferenciado para aquele familiar que assume o papel de cuidador. A relação de cuidado é carregada de trocas afetivas e está associada à promoção de qualidade de vida daquele que é cuidado, porém um grande questionamento é onde fica o cuidado para com o cuidador. A proposta abordada nesta pesquisa é analisar produções subjetivas da pessoa que se dedica a ser um cuidador familiar, ou seja, é aquele cuidador que, sem instrução ou estudo sobre a área, desempenha o papel de cuidador para seu ente querido. Diante disso, foram selecionados dois participantes para contribuir com esta pesquisa, sendo que os dois se encontravam no papel de cuidador familiar. O referencial teórico utilizado é da Teoria da Subjetividade, podemos entender a subjetividade como um sistema complexo, constituído por pessoas, o meio social em que vivem e as relações que estabelecem. Assim, a partir das análises desse sistema e dos processos que gera, foi possível compor estudo de caso. A metodologia utilizada foi de caráter

construtivo-interpretativo, sustentada pela Epistemologia Qualitativa de González Rey. A pesquisa se utilizou de instrumentos como a dinâmica conversacional e complemento de frases, visto que esses instrumentos privilegiam o contato direto e pessoal da pesquisadora com os participantes. Por fim, após a realização dos encontros com os participantes, foi possível construir aspectos como a produção subjetiva dos cuidadores em relação a seus familiares e em relação aquele que recebe o cuidado, assim como a falta de tempo que esses cuidadores têm para si mesmos, e como isso pode trazer consequências para o modo de vida dos cuidadores, e principalmente como isso afeta o cuidado de si mesmo, ou seja, o autocuidado entre os cuidadores.

Palavras-chave: cuidadores; cuidar, relação; familiares; subjetividade.

SÍNDROME DE DOWN E SEXUALIDADE

Carolina Gonçalves Moreira Fonseca

O trabalho tem por finalidade discutir o tema Síndrome de Down e Sexualidade, abordando questões como preconceito e negação de direitos e garantias fundamentais. Pretende dar visibilidade ao tema a partir de uma construção histórica sobre as concepções acerca da deficiência mental, seguida de uma caracterização da Síndrome de Down. Ao adotar como foco a questão da sexualidade, aponta o dogma de que a pessoa com deficiência seria assexuada, muitas vezes sustentado pela família e pela sociedade. Parte-se da hipótese de que a negação da sexualidade como condição inerente ao ser humano pode deixar este público em situação vulnerável, na medida em que como lhes é negado o direito ao exercício de sua sexualidade, não existem ações educativas de caráter preventivo para situações de risco. Questões de ordem jurídica são abordadas, assim como o papel da equipe multiprofissional, com ênfase na atuação do psicólogo. Para a elaboração deste trabalho realizaram-se pesquisas bibliográficas e documentais, nas quais foram consultados artigos, doutrina e legislações existentes em nosso país. O objetivo da nossa abordagem foi buscar uma melhor explanação sobre o tema, propondo um diálogo reflexivo e questionando a situação da sexualidade do portador de Síndrome de Down em nossa sociedade. Desta forma, familiarizando os leitores com a problemática da sexualidade e dos abusos sofridos pelos portadores da Síndrome de Down. A discussão que norteou o trabalho foi a ponderação de que os portadores da Síndrome de Down sejam vistos pela sociedade

como realmente são, ou seja, sujeitos de direitos e deveres. Explorou-se a questão da sexualidade e do abuso sexual que são duas vertentes muito em voga para esta parcela da nossa população. Isso ocorre porque são considerados em nosso mundo como seres assexuados e, desta forma, lhes é negado o exercício de sua sexualidade, desconsiderando-se, em muitos casos, os abusos sexuais sofridos. A pesquisa é relevante porque através dela a sociedade pode se familiarizar e se aproximar da realidade dos portadores de Síndrome de Down, bem como se conscientizar da melhor forma que estes indivíduos devem ser tratados. Assim, através de informação e conscientização propiciará ao público uma melhor aceitação, reduzindo o preconceito ainda existente. O estudo do tema busca demonstrar que as pessoas com Síndrome de Down ainda enfrentam uma série de obstáculos e preconceitos na família e na sociedade. Desconhece-se o seu amadurecimento e seu ingresso na puberdade, logo, nega-se a sua sexualidade. Esta realidade é castradora dos direitos do sujeito, que é subjugado pelo outro. Além de reconhecer a sexualidade inerente ao ser humano, demonstra-se a necessidade de dar visibilidade ao tema e construir formas de garantir-se o seu exercício de forma saudável e segura. A conscientização social através de campanhas, mesmo que de forma precária, é meio de superação desta situação excludente. Grandes mudanças não são realizadas em um pequeno lapso temporal, porém, são estes movimentos graduais que possibilitam um reposicionamento social.

Palavras-chave: Síndrome de Down; sexualidade; vulnerabilidade; direitos e garantias.

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE E MEDICALIZAÇÃO

Cynara Soares Drumond Anício Pereira
Elenice Procópio Araújo
Marielle Costa Silva
Maria do Rosário de Fátima Rodrigues
UNILESTE

O presente artigo compreende como se dá o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade e sua relação com a medicalização. Seu objetivo foi analisar as consequências do diagnóstico de TDAH para a vida de crianças no ambiente escolar. A pesquisa se apresentou como descritiva, utilizando dois questionários que abordavam 2 professores e 2 pais de alunos com TDAH de uma Escola Pública do Vale do Aço à respeito de questões específicas sobre o desenvolvimento escolar destes. O procedimento adotado para a coleta de dados foi o convite aos participantes da pesquisa, e após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os dados foram analisados de maneira qualitativa, por meio de questionários. O TDAH é um distúrbio do comportamento com manifestações relacionadas a um déficit de atenção, à hiperatividade e à impulsividade, sendo um dos mais frequentes distúrbios na idade pré-escolar e escolar. Percebe-se que a medicalização é um processo que tem apresentado um crescimento vertiginoso, e ao longo dos anos, os fatores que influenciam nessa conduta se modificam, juntamente com as transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas ao redor do mundo. Desse modo, a crítica à medicalização não implica em negar os aspectos biológicos,

bem como o uso de medicamentos em casos em que são de fato necessários, mas a adoção de uma postura contrária à medicação indiscriminada e ausência de uma reflexão crítica acerca da situação. Como resultados, percebe-se a necessidade de um diagnóstico criterioso, evitando que haja um processo de medicalização, pois o TDAH na infância contribui como um grande fator de risco para o uso de drogas na adolescência e vida adulta e para apresentar comorbidade com outros transtornos psiquiátricos, remetendo a ideia de que a falta de um diagnóstico, um diagnóstico tardio e até mesmo um diagnóstico equivocado acarretam grandes consequências para a vida adulta comprometendo o desenvolvimento do indivíduo na esfera funcional, social, emocional, cognitiva, acadêmica e profissional. Portanto, é de suma importância ao avaliar o indivíduo, percebê-lo em sua totalidade, pois a existência não deve ser banalizada, e os sofrimentos não são naturais, tendo relação direta com os modos de vida e interações.

Palavras-chave: TDAH; medicalização; educação.

GRUPO DE PAIS DE CRIANÇAS DE 0 A 11 ANOS: UM DISPOSITIVO POSSÍVEL EM SAÚDE MENTAL

Fernanda Carvalho de Faria Vila Real
UFOP

O presente artigo trabalha a possibilidade da inclusão do grupo de pais de crianças de 0 a 11 anos como dispositivo de ação em saúde mental. O objetivo principal de tal grupo foi o reordenamento das demandas da rede no ambulatório de crianças e adolescentes do serviço de saúde mental do município de Mariana, Minas Gerais. A metodologia foi baseada em teorias de grupos e oficinas, pautadas nos estudos psicanalíticos. Foi apresentado o relato de um caso. Concluiu-se que a família, com suas funções paterna e materna e a conjugalidade, embora com as devidas considerações pertinentes à contemporaneidade, pode ser uma saída para as questões apresentadas pelo público assistido.

Palavras-chave: grupo; pais; crianças; saúde mental; demanda; reordenamento; experiência; conjugalidade.

O PLANTÃO PSICOEDUCATIVO PARA EDUCADORES: COMPROMISSO COM A PRESERVAÇÃO DO MUNDO COMUM

Renata Capeli S. Andrade
UNIP

O objetivo da presente apresentação é discutir sobre o ser educador e a relevância de uma atenção psicoeducativa como forma de auxílio no exercício da profissão e garantia do sentido de educação como possibilidade de preservação do mundo comum. O repasse e a proteção do patrimônio cultural enquanto essência da atividade educacional dá ao educador o papel de zelar pela durabilidade do mundo e cuidar para que os jovens possam se integrar e renovar a herança pública que lhes pertence por direito com autonomia e participação crítica. A partir desse sentido refletimos a respeito do ser educador e das dificuldades enfrentadas no seu exercício. Vemos ao longo de décadas que tanto o governo federal quanto os governos locais têm sido pouco eficazes na construção da cidadania e no reconhecimento social efetivo das populações pobres. O educador se depara com pressões múltiplas, vindas de alunos, famílias e administração escolar. As exigências são necessárias para o desempenho do trabalho, mas é preciso reconhecer a relevância do educador nesse processo, ajudá-lo a lidar com as dúvidas e angústias que enfrenta em seu cotidiano escolar e a manejar as pressões que lhe são impostas. O mesmo também deve ser reconhecido como, homem, coautor dessa história do mundo. Educar deflagra experiências existenciais dos sujeitos na relação, transmite-se e constroem-se o mundo comum ao mesmo tempo em que singularidades

são constituídas. Defendemos que a reflexão apresenta-se como uma possibilidade de questionar as interpretações até então tidas como verdadeiras, propiciando um degelamento das mesmas. Tal atividade propicia a abertura para novas perspectivas de ver a si e suas possibilidades de lidar com o mundo. Posto isto, o compartilhamento com outros da experiência permite aos participantes ocupar outros pontos de vista, o que na solidão não seria possível. É a convivência com outros, atravessada pelo diálogo, que permite compartilhar e garantir a realidade e, que o vivido seja contornado de diversos modos, trazendo à tona os diferentes entendimentos. A intervenção psicoeducativa realizada por psicólogos, assume tal perspectiva e desvela que a reflexão traz à tona as experiências vividas o que permite ao educador se apropriar do seu lugar e engendrar novos olhares para cotidiano. Ao compartilhar suas vivências, livre de julgamentos e pressões políticas e pedagógicas, o educador pode se ocupar dos significados que as mesmas carregam e os sentidos que revelam sobre si, seus alunos e sobre o ato de educar.

Palavras-chave: plantão psicoeducativo; compromisso social; intervenção.

CRIANÇAS QUE INCLUEM: SUPERANDO A EXCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Tânia Ferreira
Ângela Vorcaro
UFMG

Crianças autistas ganham, pouco a pouco, espaço nas escolas regulares, como é de direito. Não obstante, não se trata ainda de uma inserção harmoniosa e compreendida por toda a comunidade escolar. Impasses de toda ordem se colocam neste empreendimento e a superação da exclusão agora no interior das escolas, se faz urgente. Se estas crianças estão dentro da escola, mas muitas vezes fora da sala de aula - não somente em função dos sistemas de ensino e das dificuldades relativas às propostas de escolarização oferecidas a estas e outras crianças com necessidades educacionais específicas – a exclusão, numa de suas vestes, ainda se faz sentir. Daí nosso dever ético de colocar em relevo as dificuldades, mas também as possibilidades de ultrapassá-las, senão cerca-las de um, novo modo. Nessa perspectiva, partimos da premissa de que, se há ainda exclusão de autistas a ser superada na escola, há também experiências de inclusão realizadas pelas próprias crianças que convivem com as primeiras. Extraímos alguns elementos destas experiências de *crianças que incluem*, suas intervenções, os efeitos sobre as crianças autistas e o que elas nos ensinam. Procuramos demonstrar como as crianças incluem como levam as autistas a participarem de atividades pedagógicas e eventos escolares, justo porque, não tendo “um querer demasiadamente

afirmado em relação a estas, não acentuam seu retraimento”. Agem como nos indicava Asperger - com uma “paixão desbotada” - ensinando que todo “furor pedagógico” é nocivo à inclusão e aprendizado das crianças autistas e como o educador precisa se inclinar a se apagar para dar lugar ao saber destas crianças que, no dizer de Lacan, é algo que se “produz como um clarão”. Partimos das contribuições da psicanálise sobre o funcionamento psíquico das crianças autistas, de seu trabalho para suportar o Outro que, para elas é intrusivo e ameaçador; de como lidam com a voz, o olhar e sua relação particular com os objetos, buscando contribuir para o enlace necessário entre o tratar e o educar, fazendo trabalhar juntas psicanálise e educação.

08/04/2016- SEXTA-FEIRA – 16:00 - 18:00hs

SESSÃO COORDENADA 15
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E NA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A ORTOPEDIA MENTAL: CONTRIBUIÇÕES DE HELENA ANTIPOFF
PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Laênia Martins Petersen
PUC-Minas
Raquel Martins Assis
UFMG

A Ortopedia Mental foi utilizada na década de 1930 pela psicóloga e educadora russa Helena Antipoff a fim de orientar práticas pedagógicas de classes especiais existentes nas escolas de Minas Gerais. O conceito foi criado por psicólogos e educadores como Alfred Binet, no início do século XX, para nomear um conjunto de exercícios destinados a estimular e a promover o desenvolvimento e a organização de capacidades intelectuais nas crianças, como atenção, memória, percepção e outras. A pesquisa aqui apresentada investigou o método de Ortopedia Mental elaborado pela educadora, enfocando suas fundamentações teóricas. As fontes para esta pesquisa são os textos de Antipoff sobre educação especial publicados nos volumes I e III da

Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, organizada em 1992. Foram analisados os textos da Coletânea que versavam sobre Ortopedia Mental e o Boletim 14 da Secretaria de Educação e Saúde Pública de 1934. Helena Antipoff veio para o Brasil em 1929, a convite do governo mineiro, para ajudar a implementar a reforma educacional Francisco Campos-Mário Casassanta e dirigir o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, instituição de formação de professores e técnicos em Educação. Processos de homogeneização de classes faziam parte da reforma proposta. Durante a implantação das classes homogêneas, entre 1930 e 1935, a psicóloga russa fez uma crítica à limitação dessa ação isolada e concluiu que apenas a homogeneização não traria resultados suficientes para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Era preciso oferecer-lhes o ensino correspondente a seu desenvolvimento. Para tal, Antipoff empenhou-se em propor programas que pudessem oferecer à criança um ensino que respeitasse suas particularidades e em treinar professores na sua execução. Um desses programas era a Ortopedia Mental, técnica utilizada por Binet e que a educadora adaptou, princípios educacionais e procedimentos de vários autores, como Alice Descoedres, Maria Montessori, Édouard Claparède, entre outros. Antipoff considerava a Ortopedia Mental como método de ensino, pois era composto não só de exercícios a serem aplicados aos alunos, mas também continha uma série de orientações voltadas para a atuação docente. Essas orientações incluíam diversos aspectos, tais como a seleção das atividades para as turmas, a postura a ser seguida na aplicação dos exercícios e a necessidade do envolvimento do professor com o aluno. Desse modo, na aplicação da Ortopedia Mental a autora valorizava o empenho e a

criatividade que o professor deveria ter com sua classe na elaboração de atividades capazes de despertar o interesse das crianças e desenvolver, ao mesmo tempo, suas faculdades mentais.

Palavras-chave: Helena Antipoff; Ortopedia Mental; classes especiais; Alfred Binet.

Apoio: CNPQ.

A (IN)VISIBILIDADE DA TIMIDEZ NOS ESTUDOS ACADÊMICOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 1980-2015

Mariana Batista Vieira
Mitsuko Aparecida Makino Antunes
PUC-SP

A timidez é um tema recorrente nas discussões sociais, sendo objeto de uma profícua produção de livros de autoajuda; cujo objetivo é o de informar os leitores o que é timidez e como é possível superá-la ou vencê-la e, assim, obter sucesso na vida pessoal e profissional. No entanto, nota-se que, cientificamente, é um tema com pouca visibilidade e, a partir de alguns questionamentos, o presente trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado em andamento produzida no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cuja finalidade é a de apresentar e de discutir as concepções de timidez presentes no âmbito acadêmico brasileiro. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica com os descritores “timidez”, “tímido(a)” nas bases de busca BVSPSI, Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Teses da CAPES e nos sites das bibliotecas das quatro principais universidades paulistas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Campinas. Dessa Maneira, confirmou-se que a timidez é um tema pouco estudado no âmbito acadêmico; foram encontrados 14 artigos, 6 dissertações, 1 tese e 3 monografias de cursos de especialização brasileiros, nos quais a timidez é o objeto principal de estudo. Os

referidos trabalhos concentram-se entre os anos de 1989 e 2015 e estão presentes nas áreas da Psicanálise, Psicologia Experimental, Psicologia Cognitivo-Comportamental, Psiquiatria, Educação, Psicologia Escolar e do Desenvolvimento e Psicologia Clínica. Com base na leitura dos resumos e na leitura integral desses estudos, verificou-se que, independente da abordagem teórica adotada, a timidez é concebida como a dificuldade que a pessoa tem em interagir com o outro e, em sua maioria, é vista como um comportamento inadequado e/ou desajustamento da personalidade, que tem como consequência situações de exclusão escolar e social. Nota-se, portanto, que o foco desses estudos está relacionado com o sofrimento vivenciado pela pessoa tímida nos âmbitos familiar, escolar e/ou profissional.

Palavras-chave: timidez; revisão bibliográfica; História da Psicologia no Brasil.

Apoio: CNPq.

MARIA MONTESSORI E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa
PUC-SP

Autora de várias obras que revolucionaram as ideias da sociedade de sua época em relação a educação e o desenvolvimento da criança, Maria Montessori (1870 – 1952), que ganhou na história o apelido carinhoso de “Dottoressa”, revelou com sua pedagogia o ser criador que existe dentro da criança por meio de seu trabalho pioneiro. Apesar de ter iniciado suas pesquisas na área médica, durante seu trabalho com crianças com deficiência, o sistema educacional criado por Maria Montessori enfatiza, primordialmente, a educação de crianças sem deficiência nos primeiros anos escolares. Pouco se tem registrado, sobre as práticas pedagógicas do sistema propriamente dito com crianças com deficiência e seus fundamentos teórico-práticos. Diante disso, este estudo investigou os fundamentos teórico-práticos do sistema de educação elaborado por Maria Montessori na educação de crianças com e sem deficiência, no final do século XIX e início do século XX, e suas contribuições para a História da Psicologia da Educação. Por se tratar de um estudo teórico, considerou-se a produção teórica na área da história da educação especial, contemplando a leitura e a análise de materiais (livros, artigos, teses e dissertações) sobre a vida, os estudos e as experiências desenvolvidas por Maria Montessori, tendo como fonte primária os textos de sua própria autoria. Feito isso, foram analisados

aspectos singulares do trabalho desenvolvido junto à criança com deficiência, estabelecendo, dessa forma, os pressupostos de suas obras que evidenciam, no momento atual, possibilidades de ensino e aprendizagem da criança com deficiência. Também foram analisados os trabalhos dos médicos Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838) e Edouard Séguin (1812-1880), que, durante os séculos XVIII e XIX, proporcionaram condições de aprendizagem e desenvolvimento para crianças com deficiência ao se afastarem do modelo de intervenção clínica, priorizando a abordagem pedagógica. Tais estudiosos serviram de inspiração à Maria Montessori durante o seu trabalho com crianças com deficiência. Desse modo, verificou-se que o estudo histórico de conceitos e práticas de Pereira, Itard e Séguin também propiciaram importantes reflexões sobre a educação das crianças com e sem deficiência, além de contribuir para a ampliação e compreensão das possibilidades de inclusão da criança com deficiência.

Palavras-chave: criança com deficiência; inclusão; educação especial.

Apoio: CAPES.

AS PROPOSTAS DE HELENA ANTIPOFF PARA O ATENDIMENTO À CRIANÇA EXCEPCIONAL: UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE SABERES PSICOLÓGICOS

Erika Lourenço
Ana Paula Ferreira Leite
Camila Dulce Gorgulho
UFMG

A educadora e psicóloga russa Helena Antipoff (1892-1974) exerceu um importante papel no desenvolvimento de propostas teóricas e práticas para o atendimento à criança excepcional no Brasil entre as décadas de 1930 e 1970. Esta pesquisa teve como objetivo investigar os autores que fundamentaram teoricamente o trabalho de Antipoff, identificando e esclarecendo as influências destes autores brasileiros nas propostas de educação e de acompanhamento psicológico da criança excepcional. Para isto, foi realizado um levantamento quantitativo e qualitativo dos autores mais citados por Antipoff nos textos que publicou sobre a educação da criança excepcional, no volume “Educação do Excepcional”, publicado na *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff*. Os resultados revelaram que estes autores foram: Alice Descoedres, Alfred Binet, Maria Montessori, Ovide Decroli e Ulisses Pernambucano. Após essa etapa, decidiu-se fazer uma análise mais aprofundada da recepção das ideias de Alice Descoedres e Ulisses Pernambucano na obra antipoffiana. Ter-se-ia assim, uma dimensão de como os conhecimentos psicológicos sobre a educação da criança excepcional produzidos tanto no exterior como no Brasil circularam e foram recebidos por Helena Antipoff. Foram feitos os levantamentos dos

dados biográficos e bibliográficos dos três autores e também de suas principais propostas para a educação da criança excepcional e de como pensavam que a psicologia poderia contribuir para tal empreendimento. A investigação revelou que da pedagoga genebrina, Alice Descoeudres, Antipoff adotou as ideias dos Princípios do Ensino Especial: atividade do aluno; educação sensorial e intuição; união com a vida; individualização e caráter utilitário. Estas ideias estão divulgadas sobretudo no livro de Descoeudres “A educação das crianças retardadas: seus princípios, seus métodos. Aplicação a todas as crianças”, que teve sua tradução publicada no Brasil, por meio da Sociedade Pestalozzi e pelo empenho de Antipoff. Do psiquiatra pernambucano, Antipoff enfatizou a necessidade de uma educação diferenciada para as crianças com deficiências, a riqueza das atividades extra-classe para desenvolver novas habilidades, a importância da formação de professores para atuar na educação destas crianças e o valor das condições sociais na determinação da vida psíquica do sujeito. A pesquisa revelou como os conhecimentos psicológicos sobre a educação da criança excepcional circulavam no Brasil e como Antipoff não apenas divulgou e aplicou ideias dos dois autores investigados, mas, para responder às demandas próprias da educação da criança excepcional em Minas Gerais, se apropriou destes conhecimentos, dando um caráter único aos mesmos.

Palavras-chave: Helena Antipoff; Alice Descoeudres; Ulisses Pernambucano; excepcional.

Apoio: FAPEMIG-UFMG.

ESCOLOLOGIA: A PEDAGOGIA ANTIPOFFIANA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MINASGERAIS NA DÉCADA DE 1930

Marilene Oliveira Almeida
Alessandra do Prado Cunha e Silva
Jacqueline Gonçalves dos Santos
Tânia Cristina Moreira Souza Tavares
UEMG

Este resumo apresenta os resultados do trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité, concluído em 2015. A pesquisa, de cunho histórico e documental, teve como objetivo compreender as contribuições da ESCOLOLOGIA para a formação das alunas-professoras na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte nos primeiros anos da década de 1930. O termo foi indicado pela educadora e psicóloga Helena Antipoff para designar as pesquisas realizadas sobre a escola e sobre o aluno na época. Helena Antipoff foi divulgadora das ideias do movimento escolanovista em Minas Gerais, principalmente da influência da Escola Ativa genebrina. Veio para o Brasil em 1929, no contexto da Reforma Francisco Campos/Mário Casasanta iniciada em 1927. A partir de levantamento bibliográfico e análise documental realizados no acervo do Memorial Helena Antipoff, em Ibirité, Minas Gerais, relacionou-se os conceitos de Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental, de Édouard Claparède (1956), e o método de Alexandre Lazurski, conhecido como Experimentação Natural, e os escritos de Helena Antipoff. A partir das publicações da Revista do Ensino de 1930 e da Secretaria de Instrução Pública de 1931 foi possível se compreender como os estudos escolológicos foram organizados e quais os aspectos da organização escolar foram estudados pelas alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento, coordenadas por Helena Antipoff. Os

resultados apontaram conexões entre os pensamentos de Edouard Claparède, Alexander Lazursky e Helena Antipoff. Conclui-se que os processos de ensino-aprendizagem propostos por Antipoff na formação das alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento foram influenciados pelos teóricos e transformaram-se em concepções próprias da educadora, que propôs pesquisar a escola para compreender seus problemas e poder agir sobre eles. Os estudos escolológicos permitiram traçar o perfil das escolas primárias de Belo Horizonte, investigar as particularidades do Grupo Escolar, do professor e das crianças. Estes ensaios psicopedagógicos permitiram às alunas-professoras perceber os fatores positivos e negativos que circundavam a escola. Permitiram ainda ampliar a visão sobre os resultados dos testes de inteligência, que tinham o objetivo de contribuir para o processo de homogeneização das classes escolares e com isso atender a um público maior de crianças nos primeiros anos da década de 1930, período de expansão da escola pública mineira. Na época, um dos fatores negativos observados nas escolas foi a grande retenção de alunos no primeiro ano de escolarização. Os estudos escolológicos apontaram que a desnutrição e o método pedagógico, muitas vezes considerado alheio ao contexto social e cultural das crianças, seriam fatores que poderiam ter influenciado no aproveitamento escolar dos alunos. Outro aspecto relevante indicado nas análises dos estudos escolológicos foi que a inexperiência das alunas-professoras em pesquisa poderia ter influenciado os resultados dos testes e observações por elas realizadas nos primeiros ensaios psicopedagógicos, aspectos que foram atenuados pelo registro e participação de ex-alunas nos estudos posteriores.

SESSÃO COORDENADA 16
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENSINO SUPERIOR:
EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NA GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA DA FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO
CARLOS DE PONTE NOVA/MG**

Samuel Gonçalves Pinto
Fernando de Sousa Santana
Ronaldo Andrade Alloca
Carmen Lidia Vieira Leite
FUPAC

Devido às relações estabelecidas entre o homem, o meio e a sociedade, a realidade do panorama em que vivemos, torna-se evidente que há um direcionamento à questão do desenvolvimento sustentável. No entanto, a formação de cidadãos e novos profissionais que atuarão na sociedade, principalmente no ensino de nível superior tem que aderir a esses novos paradigmas de sustentabilidade. Para que haja o desenvolvimento em torno de valores socioambientais, é necessário que a Educação Ambiental se dê de maneira contínua em todas as áreas do conhecimento. Essa integração dos conteúdos de meio ambiente nas diversas áreas de ensino favorecerá a compreensão da complexidade e amplitude da realidade ambiental, que envolve além do ambiente biofísico, as condições sociais, econômicas, políticas, históricas e

culturais (BRASIL, 1997; CARVALHO, 2004). O objetivo desse trabalho é apresentar as experiências desenvolvidas no âmbito do curso de Educação Física que se relacionaram com a temática Meio Ambiente, entre agosto de 2008 e dezembro de 2016. Através do levantamento das ações desenvolvidas, tendo como foco de análise os documentos de registro e produções desenvolvidas, as ações foram categorizadas conforme a seguinte disposição: 1) Ações desenvolvidas no âmbito das unidades curriculares; 2) Projetos de extensão e Pesquisa; 3) Ações transversais, que envolviam diferentes unidades curriculares e/ou diferentes cursos da instituição. O tratamento da temática Educação Ambiental no ensino superior está intimamente ligada à possibilidade de permitir transformações no campo real, tendo como base o tratamento do conhecimento como unidade vivencial. Percebemos assim, que durante o período estudado as intervenções foram pautadas em pressupostos de interação entre indivíduo, cultura e sociedade, valorização da diversidade, manejo e conservação do meio ambiente e sustentabilidade.

Palavras-chave: educação ambiental; sustentabilidade; ensino superior.

A EDUCAÇÃO NAS ÁREAS VERDES DE BELO HORIZONTE: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE TRATAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO PROJETO ÁGUIA NÃO É GALINHA

Adriana Lacerda de Brito
UFU

Promover uma análise integrada de aspectos sociais, políticos e econômicos das ações pedagógicas de educação ambiental oferecidas pelo *Projeto Águia não é Galinha*, e seus respectivos impactos na Percepção Ambiental dos participantes envolvidos. Este estudo pretende analisar as ações pedagógicas de educação ambiental desenvolvidas no projeto *Águia não é Galinha*, uma parceria entre a Fundação de Parques Municipais de Belo Horizonte e o Ministério Público do estado de Minas Gerais, a partir de uma perspectiva crítica que evidencie os conflitos relacionados à dimensão social, política e econômica, considerando as possibilidades criativas de interação com o meio ambiente. As ações promovidas pelo projeto permitiram contemplar alunos de escolas públicas e o público dos parques selecionados para as atividades. A diversidade de contextos ambientais e de realidades urbanas contribuiu para identificar as necessidades de socialização, valorização das áreas e colocar em evidência o diagnóstico participativo em relação à percepção do meio ambiente apresentada pelos envolvidos nas atividades. As oficinas ambientais propostas funcionavam com o intuito de contribuir para o planejamento e a gestão adequada das áreas verdes aos visitantes, oferecendo o lazer requerido para cada área característica. Além disso, a perspectiva pedagógica que parte desta

noção de educação ambiental, cuja racionalidade não se dá, se não na mesma medida da sensibilidade do sujeito/indivíduo, contribuiu concretamente para uma formação educacional baseada nas dimensões da cidadania, da ética e da identidade, uma vez que assegura a compreensão da socialização, da coletividade e da convivência tanto com “o outro” indivíduo, quanto com o meio ambiente. António Rosa Damásio é um médico neurologista, neurocientista português que trabalha no estudo do cérebro e das emoções humanas. Entre suas obras estão *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o cérebro humano* de 1994; *Em Busca de Espinoza: Prazer e dor na ciência dos sentimentos* e *O Mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Em sua primeira obra, *O Erro de Descartes*, o autor afirma que a Percepção do Meio Ambiente corresponde tanto a atuação do corpo que experimenta determinado ambiente, quanto dele recebe os sinais de estímulo cerebrais; o que corresponde a uma interação homem-meio reveladora de uma valorização de sentidos tomados pela necessidade e sobrevivência do sujeito que realiza. Por lado, a necessidade de sentir o meio ambiente (cheirar, saborear, ouvir, ver) permite elaborar respostas adequadas ao que foi sentido.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ESTUDANTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DOIS AMBIENTES DISTINTOS, ZONA RURAL E URBANA, POR MEIO DE DESENHOS

Mara Lúcia Rodrigues Costa
Ana Maria Milagres Belo Francisco
Adriana Cláudia Drumond
UEMG

O objetivo deste estudo foi trabalhar Educação Ambiental com alunos do 5º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas, uma de zona urbana e outra de zona rural, situadas no município de Barbacena (MG), valendo-se de suas experiências de vida dentro do cenário cultural, social e econômico onde estão inseridos, respeitando a pluralidade, a diversidade individual e cultural. O critério estabelecido para seleção das escolas foi o princípio de vulnerabilidade socioambiental. As atividades com os estudantes na escola foram mediadas por policial militar ambiental, baseadas na proposta da Filosofia para Crianças – Educação para o pensar. Ele fazia uso de um material didático, cuja elaboração foi feita pela equipe executora do projeto, que levou em consideração três aspectos fundamentais: caracterização, linguagem e conteúdo. A caracterização refere-se à sua forma: “fichário”, contendo três histórias com ilustrações que retratam as distintas realidades socioambientais (Zona Rural e Urbana). A linguagem pautou-se no emprego de termos acessíveis à compreensão dos estudantes em relação aos termos de caráter técnico da área ambiental. Já o conteúdo procurou viabilizar a visão crítica entre as relações do homem e meio ambiente, os valores sociais e a sua praticidade nas ações socioambientais, direitos e deveres, individualismo e coletividade, cidadania, democracia, desigualdade social e qualidade de vida. Foram

utilizados onze encontros, com duração de cinquenta minutos cada, uma vez por semana. O diagnóstico sobre a percepção ambiental dos estudantes é uma ferramenta importante para que se obtenham os conhecimentos e imagens que eles trazem a respeito do meio ambiente, seus problemas, as relações entre a natureza e a interferência antrópica. Essa percepção é influenciada pelos órgãos do sentido. Basicamente, tal processo pedagógico resumiu-se a orientar as crianças antes de qualquer estímulo, no início do processo, a fazerem um desenho onde retratem aquilo que pensam sobre meio ambiente. Após a intervenção foi feito o mesmo procedimento. Tal metodologia teve como objetivo identificar a presença/ausência de elementos socioambientais com intuito de verificar as possíveis alterações de percepção sobre meio ambiente dos estudantes envolvidos no projeto. Um total de 130 desenhos, de 65 estudantes, sendo 15 da escola da zona rural e 50 da escola da zona urbana foi analisado procurando-se identificar tanto a presença quanto a quantidade de elementos naturais e artificiais. Os resultados das análises dos desenhos mostram que foram encontrados, nas duas escolas, desenhos do 11º encontro com alterações, se comparados aos do 1º encontro. Entretanto, uma maior porcentagem de estudantes que produziu desenhos com alguma alteração encontra-se na escola da zona rural (53,3%), comparando-se com os resultados da escola da zona urbana (38%). Essas porcentagens representam um total de oito em quinze estudantes da escola da zona rural e de dezenove em cinquenta estudantes da escola da zona urbana. Esses resultados evidenciaram que as atividades desenvolvidas provocaram algumas mudanças na percepção ambiental das crianças.

Palavras-chave: educação ambiental; escola zona rural e urbana; percepção ambiental; desenhos.

PRODUÇÃO DE MUDAS COMO ESTRATÉGIA PARA RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS E NASCENTES SOB VEGETAÇÃO DE CERRADO

K. J. Santos
S. O. Mendes
R. S. M. Mendes
UEMG

O bioma Cerrado ocupa cerca de um quarto do território brasileiro e está presente em onze estados brasileiros entre eles, Minas Gerais. Além da rica biodiversidade, o Cerrado presta importantes serviços ecossistêmicos, entre eles, o abastecimento de água. É conhecido como a “caixa d’água” do Brasil. A agricultura e a pecuária ocupam uma área cada vez maior deste bioma provocando a destruição da floresta ripária e, conseqüentemente, a perda das nascentes e o comprometimento do abastecimento de água para o consumo humano e dessedentação animal, além de prejudicar a sobrevivência de milhares de espécies, muitas delas endêmicas e a perda de patrimônio genético, como espécies medicinais e frutíferas. O presente trabalho tem com interesse aliar os conhecimentos produzidos na universidade, potencializando a ação dos alunos enquanto sujeitos da aprendizagem à preservação e recuperação de nascentes e matas ciliares no povoado de São João de Cima – MG, envolvendo a comunidade local, as instituições públicas, privadas e entidades do terceiro setor na coleta de sementes e produção de mudas de espécies nativas da região; contribuir para a gestão sustentável do solo e dos corpos hídricos através da conservação de nascentes e utilização de tecnologias sociais voltadas para a gestão da água. A partir de entrevistas com moradores locais, selecionamos espécies nativas e coletamos sementes nas áreas próximas às

nascentes em melhor estado de preservação. Após pesquisa bibliográfica da fenologia e importância ecológica das espécies citadas e coletadas, outras, não citadas pelos moradores, mas de suma importância para recuperação de nascentes degradadas foram incorporadas ao projeto. As mudas estão sendo produzidas na Casa de Vegetação do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e na estufa da Fundação Helena Antipoff - FHA. Essas sementes foram classificadas de acordo com: i) o local de plantio: terrenos alagados (A), periodicamente alagados (PA) e raramente alagados (RA); ii) tempo de crescimento: rápido (R), moderado (M) e lento (L); iii) estágio na sucessão ecológica: pioneiras (P), secundárias (PS) e clímax (C). Parte projeto foi incorporado a Escola Integral na Fundação Helena Antipoff, onde os alunos da Educação Básica têm a oportunidade de aprender sobre estratégia de quebra de dormência, mecanismos adaptativos de dispersão, germinação de sementes e importância da preservação da vegetação, além de procederem ao plantio das mesmas. O plantio é monitorado e fotografado. Os dados obtidos serão transformados em tabelas e gráficos e comporão o resultado final do projeto. Os resultados até agora indicam que a maior dificuldade na produção de mudas de espécies nativas se encontra na quebra de dormência das sementes. Independentemente do processo utilizado externamente, a germinação depende da viabilidade da semente, a baixa variabilidade de espécies se deve à fenologia das espécies típicas de cerrado que produzem sementes durante a primavera.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; produção de mudas; recuperação de nascentes.

Apoio: PAEx edital 01/2015.

TERRA E TRABALHO: OCUPAÇÃO E POVOAMENTO DA ÁREA CENTRAL DA ZONA DA MATA MINEIRA (1808-1850)

Romilda Oliveira Alves
UEMG

Este trabalho tem como objetivo compreender como se deu o processo de povoamento e ocupação do solo da área central da Zona da Mata mineira, na primeira metade do século XIX. A partir da leitura de inventários *Post-mortem*, listas nominativas, requerimentos, petições e livros de notas buscou-se identificar as formas de usos e apropriação do solo, bem como as relações de produção em uma área de fronteira aberta voltada para o mercado interno. Em 1808, Dom João, o Príncipe Regente criou uma Lei Régia em que declarava guerra ofensiva contra os Índios genericamente chamados Botocudos que habitavam as margens do rio Doce e seus afluentes. Com este documento estava reaberta legalmente a escravização indígena e criava-se a Junta Real Militar de Conquista e Civilização dos Índios, dividindo as regiões cortadas pelos vales dos rios Doce e Pombaem seis Divisões Militares. A anexação de terras tradicionalmente habitadas pelos indígenas, a construção de novas estradas e o estímulo à navegação do rio Doce e seus afluentes foram o resultado da organização de várias expedições militares que desbravaram e ocuparam as serras e matas fechadas da fronteira da Zona da Mata mineira. Vários colonos se dirigiram à porção central dessa região em busca de posses de terras devolutas para criar pequenas unidades de produção para o consumo próprio e atender às demandas de alimentos das populações crescentes de Minas Gerais e

do Rio de Janeiro. Por fim, a partir da análise das fontes acima mencionadas foi possível observar a importância que as atividades agropecuárias tiveram no processo de povoamento e de ocupação da área central da Zona da Mata mineira e o impulso que elas deram à abertura de novas vias de comunicação ligando Minas, ao sul com o Rio de Janeiro e, a leste, com o Espírito Santo. A fronteira da Mata mineira, portanto, constituiu um espaço aberto de terras livres, marcado pelo trabalho, disputas, conflitos fundiários e mercado de terras.

Palavras-chave: população; terra; trabalho.

SESSÃO COORDENADA 17
PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNIDADES

EXPERIÊNCIA COM A COMUNIDADE DA CIDADE ESTRUTURAL/DF
NA DISCUSSÃO DA QUALIDADE E SALUBRIDADE DO AMBIENTE
ONDE VIVE

Lenora Nunes Ludolf Gomes
Ariuska Karla Barbosa Amorim
Ricardo Tezini Minoti
Ricardo Silveira Bernardes
UnB

A comunidade da Cidade Estrutural/DF começou a se estabelecer na região, que fica localizada às margens da Via Estrutural, ainda na década de 1960 em função da atividade de catar resíduos aproveitáveis para reciclagem no lixão da estrutural, também conhecido como Aterro do Jockey Clube. A população cresceu no entorno da área destinada ao Aterro do Jockey Clube, ocupando inclusive uma porção que já fez parte do aterro. O crescimento e urbanização da área aconteceram de forma desordenada e com precariedade dos serviços públicos. A proximidade com a disposição do lixo, e mesmo a ocupação de áreas de prévia disposição de lixo, naturalmente criam um ambiente insalubre, com riscos para saúde humana e para o meio ambiente, particularmente pela proximidade do Parque Nacional de Brasília. Em que pese recentes intervenções do Estado na área, ainda se percebe desigualdades no

acesso a moradia salubre e aos serviços de saneamento (água, esgoto, drenagem de águas pluviais e mesmo, paradoxalmente, coleta sistemática de lixo), riscos associados ao contato com os resíduos mais recentemente dispostos na área, exposição ao chorume e gases gerados na degradação do lixo orgânico, entre outros. Apesar do conhecimento do problema, a quantificação da exposição dos moradores da área aos riscos associados à qualidade ambiental no local ainda é pouco conhecida. O presente trabalho visou contribuir para o conhecimento desses riscos a partir da avaliação da qualidade e da salubridade ambiental na área da Cidade Estrutural. Para tanto foi estabelecida uma metodologia de trabalho integrando docentes e estudantes do curso de Engenharia Ambiental da Universidade de Brasília, juntamente com a comunidade, como forma de permitir o emponderamento da comunidade com relação ao conhecimento de seus problemas ambientais e sanitários, com a proposição de soluções, o fortalecimento de conceitos e técnicas para os estudantes, e o desenvolvimento da capacidade de diálogo com a comunidade. Houve assim a busca de interação com a comunidade para determinação de cenários ambientais considerados salubres pela comunidade. Apesar do esforço de se estabelecer contato com a comunidade, a interação com a população ocorreu apenas com uma pequena parcela da comunidade. Com os resultados obtidos, na coleta de dados realizada pelos estudantes, por meio da aplicação de questionários específicos sobre as questões e problemas locais, foi feita a avaliação da percepção da população sobre os problemas ambientais vivenciados na sua comunidade. Por fim foi elaborado um diagnóstico ambiental a partir da visão da comunidade. O diagnóstico ambiental foi apresentado em uma reunião na Cidade Estrutural que contou com

poucos participantes da comunidade. Embora os estudantes tenham convidado pessoalmente as famílias que participaram da etapa de levantamento dos dados, ficou clara a dificuldade do estudo de incitar a consciência coletiva e efetiva participação da comunidade nas discussões da qualidade ambiental do local onde vive.

Palavras-chave: qualidade ambiental; salubridade; cidade estrutural.

Apoio: Editais FLUEX nº01/2012 e PIBEX nº 03/2012, e FLUEX nº01/2013 – Decanato de Extensão/ Universidade de Brasília.

PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ: CONFLITOS AMBIENTAIS, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA A PARTIR DA ÓTICA DO SUJEITO DA HISTÓRIA

Maria Cecília Freitas de Souza
UFF

O atual Parque Nacional da Serra do Cipó está situado na porção central do estado de Minas Gerais, na cadeia do Espinhaço. Foi originalmente implementado como uma Unidade de Conservação Estadual (Lei Estadual n.º605, de 14 de julho de 1975), em um contexto de ditadura militar e emergência do movimento ambientalista no Brasil. Criado a partir de uma pressão de cientistas e pesquisadores das ciências naturais preocupados com a conservação da biodiversidade da Serra do Cipó, seguiu os preceitos preservacionistas de manutenção de áreas naturais da forma menos alterada possível. A proposta de sua transformação em Parque Nacional foi apresentada pelo Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal-IBDF que instituiu uma comissão para realizar estudos que subsidiasse esse projeto (IBAMA, 1994). Para tanto, foi realizado o levantamento fundiário das terras ocupadas, das benfeitorias existentes a serem desapropriadas e da topografia do local a ser demarcado. Sem considerar os sujeitos e suas relações territoriais com o lugar, o Parque Estadual da Serra do Cipó foi transformado em unidade integral federal, em 25 de setembro de 1984, pelo Decreto n.º 90.223. Como consequência deste processo, iniciou-se o que compreendemos como primeiro ciclo de expropriações dos diversos grupos familiares tradicionais do lugar que tiveram sua reprodução

econômica e sociocultural, assentado em um modo de vida coletivo e familiar, subsumidas por outra lógica de apropriação territorial que desconsidera a dialética entre sociedade e ambiente em prol de uma natureza intocada. Tal processo assentado na perspectiva dicotômica sociedade e natureza gerou o que se denomina conflitos ambientais territoriais, que dizem respeito a situações onde existem a sobreposição de reivindicações de diversos grupos sociais, portadores de identidade e lógicas diferenciadas sobre o mesmo recorte espacial. As disputas territoriais no espaço social da Serra do Cipó são conduzidas por distintos atores com diferentes visões de mundo sobre o lugar e apresentam formas assimétricas de uso e apropriação do território. As desapropriações romperam a organização social dos grupos familiares e as formas de com o lugar, através de um processo marcado pela violência material, física e simbólica. As desapropriações são formas de exclusão social, não considerando a relação de subjetivação que os grupos sociais estabelecem com o território. Esse trabalho tem como objetivo mostrar os atores envolvidos do conflito, suas visões de mundo que orientam as ações no campo ambiental, as relações de poder que os posicionam na disputa política, além de compreender o sentido do Território-Parque para cada sujeito, através da escuta e análises de história de vida; recuperar informações sobre o conflito que não se encontram registradas em outros tipos de documentos; além de registrar as lembranças do homem comum, reconhecendo-o como sujeito integrante desta história. Embora a pesquisa ainda se encontre em processo de desenvolvimento, é possível perceber o sentido do lugar para os sujeitos que sempre ali habitaram, uma vez que se faz presente nas entrevistas analisadas a violência simbólica sofrida, os vínculos que

foram rompidos e a nostalgia do lugar em que a subjetividade fora construída. A vida marcada pela abundância de alimentos, e uma liberdade no controle territorial é subsumida pela delimitação do parque e uma vida escassa à margem da sociedade.

Palavras-chave: Serra do Cipó; grupos familiares tradicionais; subjetividade; ecologia política.

Apoio: CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

PROJETO DE VIDA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O PROTAGONISMO JUVENIL

Elenice Procópio Araújo
Stela Maris Bretas de Souza
UNILESTE

A sociedade contemporânea exige muito do adolescente como um sujeito capaz de multiplicar-se, que não pare, mas que deslize constantemente pelos espaços e tempos. O projeto de vida é um processo de desenvolvimento pessoal e social que visa à preparação para o futuro; e a escola, como espaço de construção da subjetividade, é um importante lugar para a construção deste. No que diz respeito à elaboração e implementação de projetos, programas e políticas que afetam os adolescentes, estes são cada vez mais solicitados de participação. Isto faz com que o foco de diversos setores sociais esteja nessa juventude, com o propósito de estimular a participação, ou seja, o protagonismo juvenil. Neste contexto, foi desenvolvida a pesquisa intitulada “Projeto de vida: um estudo exploratório sobre o protagonismo juvenil”, que faz parte do plano de trabalho do projeto de extensão “Jogos pedagógicos nos processos educativos: cidadania e emancipação em movimento”. Este trabalho objetivou investigar qual a atribuição que os jovens dão a escola na construção de seu projeto de vida e como este contribui para o protagonismo juvenil. Para tal, buscou-se conhecer os possíveis projetos de vida dos jovens participantes, verificar o papel da escola no processo de construção de projetos de vida e compreender a relação entre projeto de vida e protagonismo juvenil. Os participantes foram um grupo de 6 alunos, do 7º ao 9º ano da

educação básica de uma escola pública do Vale do Aço, em Minas Gerais. Para tal finalidade, os dados foram coletados a partir das discussões em um grupo focal e analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Foram desenvolvidos quatro encontros com o tema “Projeto de vida” e os subtemas “adolescência hoje”, “adolescência e escola”, “projeto de vida, adolescência e escola” e “protagonismo juvenil e projeto de vida”. Foi possível observar que os jovens atribuem importância à escola na construção de seu projeto de vida, mas que esta não tem contribuído para o protagonismo juvenil. De maneira geral, o grupo contribuiu para o desenvolvimento da consciência cidadã, do pensamento analítico e reflexivo dos participantes (jovens adolescentes) a partir dos temas trabalhados.

Palavras-chave: projeto de vida; oficinas psicopedagógicas; protagonismo juvenil.

Apoio: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

MEDIDAS EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS DE ATITUDES SOCIAIS EM RELAÇÃO À INCLUSÃO

Fernanda Cilene Moreira de Meira
UNIPAC
Beatriz Regina Pereira Saeta
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Caracterizada como um setor da Psicologia Social, a atitude social encontrou destaque em pesquisas realizadas no final da década de 30, no desenvolvimento de atividades de mensuração da opinião pública. Os conceitos da Psicologia Social fundamentaram a análise da atitude explícita e implícita dos sujeitos de pesquisa em relação à inclusão de alunos surdos. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar dois instrumentos de mensuração de atitude social, sendo um de medida explícita e outro de medida implícita da atitude de alunos dos cursos de licenciatura em relação à inclusão e comparar os resultados obtidos em dois através de dois instrumentos: a Escala Likert de Atitudes Sociais, em relação à inclusão (ELASI) e o Teste de Associação Implícita (TAI). A atitude explícita é realizada com consciência e introspecção, demanda um aparato cognitivo, pode ser planejada, controlada. Diferentemente, a atitude implícita consiste no registro inconsciente da atitude, ou seja, não ocorre reflexão e elaboração das respostas, que são automáticas, não intencionais. As atitudes explícitas, mensuradas pela ELASI, podem ser elaboradas de acordo com o interesse do sujeito em expor uma ou outra atitude que lhe parecer mais apropriada para o momento. Portanto, ser manipulada ou falseada de forma consciente, diferentemente da medida implícita, em que não há pronunciamento de sentimentos, oportunidade de julgamento ou possibilidade de esconder respostas indesejadas. A medida implícita, TAI, utiliza três condições: conceito, força de associação e ativação de conceito na categorização

de palavras e imagem, explorando pensamentos e emoções não conscientes, portanto não podem ser falseadas e oferecem um melhor conhecimento do indivíduo e de suas preferências e crenças inconscientes. Para verificação da atitude social em relação à inclusão, os participantes responderam dois testes: o TAI e a ELASI em dois momentos do semestre, pré e pós-passagem pela disciplina obrigatória de Libras. Participaram do estudo 38 discentes dos cursos de graduação em Pedagogia, Letras, Matemática, Física, Filosofia e Ciências Biológicas, regularmente matriculados e frequentes na disciplina de Libras. Procedeu-se à análise comparando-se os valores da ELASI e do TAI nos momentos pré e pós-passagem pela disciplina e confrontando as medidas explícitas (ELASI) e implícitas (TAI). A comparação entre as duas etapas da ELASI e do TAI revelou que houve variação significativa na atitude explícita e implícita dos discentes se comparada nos momentos pré e pós-passagem pela disciplina de Libras, indicando diminuição da preferência por alunos sem deficiência e maior favorabilidade em relação à inclusão de alunos surdos. Assim, com base na constatação de variação significativa entre as medidas dos instrumentos nos momentos pré e pós-passagem pela disciplina, tendendo para a diminuição da preferência por alunos sem deficiência, conclui-se que disciplinas relacionadas à inclusão afetam positivamente a atitude social e indicam redução do preconceito e aumento do índice de favorabilidade em relação a pessoas com deficiência, além de se apresentarem como política pública eficiente na minimização das barreiras educacionais em relação à inclusão.

Palavras-chave: psicologia social; atitude social; medida social; inclusão.

PSICOLOGIA AMBIENTAL: UMA VIA POSSÍVEL PARA A INTERPRETAÇÃO DE QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS CONTEMPORÂNEAS

Graciella Faico Ferreira
Marta de Azevedo Irving
Cristiane Passos de Mattos
Edilaine Albertino de Moraes
UFRJ

O desafio para a compreensão das percepções, das subjetividades e dos comportamentos presentes nas inter-relações entre indivíduo-sociedade-natureza vem inspirando, crescentemente, uma subárea da Psicologia Social a desenvolver uma reflexão crítica direcionada para as questões socioambientais contemporâneas. Definida como uma área de estudo sobre as inter-relações entre processos psicológicos e ambientes sócio-físicos, a Psicologia Ambiental emerge como uma via possível para a interpretação da complexidade envolvida nos problemas socioambientais. No contexto em que a sociedade passa a discutir, mais amplamente, os rumos do desenvolvimento e seu compromisso intergeracional, os estudos em Psicologia Ambiental podem contribuir para o debate que envolve a temática da sustentabilidade. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma análise qualitativa referente à produção bibliográfica da área de Psicologia Ambiental, e a grupos de pesquisas que discutem a temática, no que tange ao contexto brasileiro. Com esse enfoque, busca-se contribuir para o debate sobre sustentabilidade, por meio de um olhar crítico sobre a produção bibliográfica com base na Psicologia Ambiental. A metodologia

fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, que se baseia em periódicos disponíveis na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes/CNPQ, compreendendo o período entre 1997 e 2015 e tendo como palavras-chave o tema Psicologia Ambiental. Como resultado, foram organizados quadros-síntese sobre os referenciais em Psicologia Ambiental no âmbito da pesquisa nacional e internacional. Também foram relacionados os principais autores que discutem essa temática, assim como foram sistematizadas as revistas acadêmicas especializadas em Psicologia Ambiental, e publicações com edições temáticas, além dos eventos acadêmicos realizados sobre o tema. Com relação aos grupos de pesquisa, foram encontrados vinte e seis grupos que desenvolvem linhas de pesquisas referentes à temática discutida pela Psicologia Ambiental no Brasil. Diante desse contexto, pode-se indicar que a produção bibliográfica e as pesquisas realizadas sobre Psicologia Ambiental têm crescido, sobretudo, ao longo da última década. Essa temática se reafirma como importante aporte teórico para orientar reflexões sobre mudanças comportamentais baseadas em novos valores, capazes de traduzir os compromissos relacionados à sustentabilidade, visto que a origem de muitos dos problemas ambientais estão associados às atitudes humanas e à forma como, individualmente ou coletivamente, se relaciona com a natureza.

Palavras-chave: psicologia ambiental; questão ambiental; sustentabilidade.

SESSÃO COORDENADA 18
PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

Mitsuko Aparecida Makino Antunes

PUC-SP

(Coordenadora)

**A RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR ATRAVÉS DO TEATRO:
MORTE E VIDA SEVERINA NO TUCA**

Bruna Borba de Araújo Tchalekian

PUC-SP

O objetivo da pesquisa é sistematizar os dados sobre o projeto, montagem e apresentações da peça teatral Morte e Vida Severina (1965), que inaugurou o Teatro da Universidade Católica- TUCA, no período da ditadura empresarial-militar brasileira. Para tanto foi realizada análise dos documentos presente no Dossiê Morte e Vida Severina e foram feitas quatro entrevistas com pessoas envolvidas com a montagem da peça. Como resultados foram desenvolvidos três eixos de análise: aspectos históricos, aspectos formativo-educacionais e aspectos institucionais. Concluiu-se que Morte e Vida Severina constituiu-se como espaço formativo para estudantes universitários e materializou o compromisso ético-político estudantil com a sociedade.

O MEDO COMO INSTRUMENTO DE REPRESSÃO E CONTROLE PELO ESTADO: EPISÓDIOS DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DOS ESTADOS DE SÃO PAULO E GOIÁS EM 2015 E 2016

Henrique Meira de Castro
PUC-SP

Em diversos momentos da história humana o medo – umas das principais emoções humanas - foi, e continua sendo, utilizado como uma destas formas de controle. Recentes episódios estudantis de luta por uma educação pública em São Paulo e Goiás resultaram em diversas ocupações, nestas o Estado atuou de forma violenta para desocupação e criando uma situação de insegurança para todos estudantes e trabalhadores da educação envolvidos na luta. Esta situação revela, dentre outras, como o Estado se utiliza do medo como um instrumento de controle e opressão. A partir dos estudos da teoria da emoções de Vigotski e do materialismo histórico dialético de Marx e Engels, é feita uma reflexão sobre esse processo de instrumentalização das emoções em vista de uma dominação de classe.

IMPLICAÇÕES DA MASSIFICAÇÃO DO ENSINO NAS IES PRIVADAS MERCANTILISTAS: EM FOCO A FORMAÇÃO DISCENTE

Claudia da Silva Leite
PUC-SP

O papel do docente do ensino superior privado vem sofrendo alterações ocasionadas por mudanças socioeconômicas e de políticas educacionais nas últimas décadas. Nesta pesquisa pretendeu-se analisar as características mais valorizadas no professor universitário na percepção de alunos de duas instituições particulares. Olhado o tema em perspectiva histórica, a partir da Reforma Universitária de 1968, e tendo como referência fundamental três momentos (anos 1970, 1990 e hoje) e três autores – Martins (1988, 1993, 2000, 2005 e 2009), Grigoli (1990) e Freitas (2004 a, 2004b e 2012), foi aplicada uma questão a estudantes de curso de graduação em Administração e de dois cursos tecnológicos (Logística e Recursos Humanos). As 588 características, obtidas de 164 alunos de graduação e 105 alunos de cursos tecnológicos, foram analisadas em seu conjunto, permitindo agrupá-las em três categorias: conhecimento, didática e relacionamento interpessoal; na sequência, mais duas análises foram realizadas: para cada respondente, individualmente, e uma comparação entre cursos e períodos. Os resultados mostram sempre muito à frente a Didática do Professor e o Relacionamento interpessoal em segundo lugar, exceção apenas para os estudantes de graduação do período da manhã para quem, na análise individual, o Conhecimento é a segunda opção. A comparação dos três momentos da história do ensino superior no país permite ver que a lógica

empresarial acentuou-se, ao ampliar a oferta de vagas – para as camadas médias da população nos anos 1970, para as camadas populares vinte anos depois. Mostra ainda que esta expansão conseguiu levar para o ensino público esta lógica empresarial iniciada com a reforma universitária herdada do governo civil-militar de 1964.

DA “CRIANÇA QUE NÃO APRENDE” A “TODA CRIANÇA TEM POTENCIAL PARA APRENDER”: LIÇÕES DA HISTÓRIA

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa
PUC-SP

Tem sido recorrente, ao longo das últimas décadas, a afirmação de que há crianças que não aprendem. Em que pese a farta produção acadêmica que demonstra um processo de culpabilização da criança e da família para justificar problemas no processo de escolarização, sobretudo dos alunos das escolas públicas, a ideia de que existem crianças que não aprendem continua sendo a base de concepções que fundamentam não apenas as representações, mas, sobretudo, a prática docente. Entretanto, os estudos históricos demonstram que essas ideias e sua contraposição não são expressões específicas do século XX, quando aumenta o acesso à escolarização de grandes contingentes de estudantes, muitos dos quais oriundos das classes trabalhadoras. Desde Jacob Rodrigues Pereira, também conhecido por Perèire, passando por Itard, Séguin e Montessori, encontramos na História das relações entre Educação e Psicologia um conjunto de saberes que fundamentam uma concepção que se contrapõe a qualquer ideia que a firme a possibilidade de existência de uma criança que não aprende; em outras palavras, não há criança que não seja capaz de aprender.

SESSÃO COORDENADA 19
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA A PARTIR DE AUTORES E SUAS
BIOGRAFIAS

YES, NÓS TEMOS WUNDT: RADECKI E A PRODUÇÃO HISTÓRICA
DE UM PIONEIRO

Luiz Eduardo Prado da Fonseca
UFRJ

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
PUC-RJ

Arthur Arruda Leal Ferreira
UFRJ

Este trabalho apresenta um esforço de reflexão sobre modos específicos de produção de personagens e marcos históricos nas narrativas em história da psicologia. De modo mais preciso consideraremos os esforços na constituição de um personagem histórico tomado como um dos pioneiros na produção de uma psicologia experimental brasileira. O personagem em questão é Wacław Radecki, nascido na cidade de Varsóvia e que imigrou para o Brasil nos anos 1920. Aqui, desenvolveu pesquisas no campo da psicologia experimental, coordenando um laboratório no Rio de Janeiro, posteriormente convertido em Instituto de Psicologia. Além do ofício acadêmico como psicólogo pesquisador, também exerceu atividades artísticas, como músico violoncelista, e políticas, na medida em que esteve vinculado à sociedade polaca no Brasil. Como estes feitos dispersos vêm a se reunir na figura de um precursor ou pioneiro? Autores como Penna creditaram importância à Radecki como personagem fundador da psicologia experimental no

Brasil, centrando-se nos seus esforços para montagem de um laboratório, porém sem muito detalhar sobre o sentido geral de seu projeto. Isto nos remete a outras narrativas, onde historiadores como Boring creditam a Wilhelm Wundt o lugar de fundador da psicologia experimental ao criar um laboratório em Leipzig e um instituto, sem deter-se sobre detalhes do projeto wundtiano. Tomado o conceito de Certeau esta é operação histórica que desejamos trabalhar neste artigo: a produção de pioneiros por meio do ato de fundação de um laboratório, operação que produz um precursor ao mesmo tempo que um determinado presente científico ao saber psicológico, pois herdeiro deste gesto inicial. Para tal, analisamos as narrativas sobre o trabalho de Radecki no Brasil, inicialmente por parte de seus contemporâneos (Plínio Olinto, Lourenço Filho e Anita Cabral), passando por outros historiadores mais tardios (Isaías Pessotti, Samuel Pfrom Netto, Rogério Centofanti e Antônio Gomes Penna). O que podemos registrar é que, especialmente a partir dos textos de Centofanti e Penna, a figura de Radecki ganha relevo histórico, passando a configurar como pioneiro vinculado ao gesto de fundação do laboratório. Marca que passa a se reproduzir em textos históricos mais recentes, manuais e dicionários. Além desta discussão sobre a operação histórica da produção de Radecki como pioneiro via laboratório, faremos uma breve comparação desta operação com o trabalho de Boring sobre Wundt.

Palavras-chave: operação histórica; laboratório; pioneiro.

Apoio: Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Bolsa de Produtividade (CNPq).

RELAÇÕES DE CARL ROGERS COM A FENOMENOLOGIA: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA
Sérgio Dias Cirino
UFMG

Objetivamos analisar as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia mediante uma perspectiva historiográfica, inspirada pelos aportes sugeridos pelo historiador da Psicologia Josef Brožek. Foram compiladas as seguintes amostras bibliográficas de Rogers: vinte livros, três entrevistas, seis artigos seminais e um diálogo transcrito. Essas obras foram organizadas em ordem cronológica de publicação e lidas conforme as técnicas de leitura seletiva e interpretativa. O material foi reorganizado em relação ao número de fenomenólogos referenciados por Rogers, total de cinco: José Ortega y Gasset, Paul Tillich, Simone de Beauvoir, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Destes somente Heidegger é efetivamente referenciado e mencionado em um texto, sendo os demais referências oriundas de outras fontes indiretas. Constatamos que, nos textos em que Rogers referencia fenomenólogos, ele não elabora nenhuma discussão sobre a Fenomenologia ou utiliza os aportes desta Filosofia. Há, porém, diversos escritos em que Rogers disserta sobre o pensamento fenomenológico. Isso conduziu a se proceder à segunda análise sobre as menções de Rogers à Fenomenologia em sete momentos relacionais de sua carreira, com: Donald Snygg e Arthur Combs na elaboração do conceito de campo fenomenológico; Eugene Gendlin e Max Pagès, ambos doutorandos com influências

fenomenológicas; Adrian van Kaam, o criador do método fenomenológico empírico e orientando de pós-doutorado; Rollo May, introdutor da Daseinanalyse nos EUA; dois livros pioneiros do movimento fenomenológico estadunidenses; o Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento; uma pesquisa fenomenológica empírica em um Workshop grupal. Observamos que a Fenomenologia que Rogers menciona em todos esses momentos não é a oriunda da Filosofia europeia, mas de um movimento de recepção e circulação dela pela Psicologia dos EUA, nas décadas de 1940-1960, como um paradigma de ciência alternativo ao positivismo hegemônico nas psicologias comportamentais. No âmbito clínico, Rogers percebeu implicações desse movimento para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções sobre o *self*. No campo filosófico, ele chegou a esboçar sucintamente uma teoria do conhecimento, que tem como base a experiência tácita e pré-conceitual. No domínio da pesquisa, ele foi simpático ao desenvolvimento de investigações fenomenológicas empíricas, mas não chegou a desenvolver alguma. Concluimos que a Filosofia fenomenológica não influenciou diretamente Rogers, mas o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense sim.

Palavras-chave: Carl Rogers; Fenomenologia; historiografia.

RECEPÇÃO DA PSICOLOGIA HUMANISTA DE AMEDEO GIORGI NO BRASIL (1960-2000)

Heitor Blesa Faria
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA

Objetivou-se estudar a recepção da Psicologia Humanista de Amedeo Giorgi no Brasil, de modo a compreender o contexto de como essa Psicologia se desenvolveu nas décadas de 1960-2000. Problematicizou-se que estudar a Psicologia Humanista brasileira implica em abordá-la como uma Psicologia que em um dado momento histórico adveio de uma Epistemologia do norte, mas se tornou uma Epistemologia do sul ao defrontar relações sociais, políticas e culturais brasileiras e gerar novas teorias e práticas. Tal transição ocorre mediante o processo de recepção que torna as idéias psicológicas humanistas brasileiras híbridas em relação a sua matriz estadunidense. Ressalta-se que a pesquisa teve como norte a perspectiva de História da Psicologia em Contexto. Esta argumenta que a visão tradicional de História da Psicologia ignora o conhecimento psicológico produzido fora das cercanias estadunidenses. Foi realizada com uma visão historiográfica baseada na Psicologia produzida em regiões fora dos centros de produção do conhecimento psicológico. Foram investigadas as fundações e fundamentações da Psicologia Humanista estadunidense segundo os escritos de Giorgi e analisou-se como os aportes desse expoente foram recebido no Brasil, que querelas permearam isso e quais produções nacionais versaram uma inteligibilidade sobre eles. A coleta e a análise dos textos foram norteadas pelas seguintes técnicas de leitura: reconhecimento, exploratória, seletiva, reflexiva e interpretativa. Os resultados encontrados foram divididos em duas partes. A primeira versou sobre o

desenvolvimento da fenomenologia no Brasil, sendo este desenvolvimento delineado em quatro fases, a saber, um momento inicial, proposto nos anos de 1890-1930, um segundo, proposto nos anos 1930-1950, um terceiro, proposto nas décadas de 1950-1970 e, finalmente, o quarto, proposto nos anos de 1970-1990. A segunda parte dos resultados analisou a representatividade da Psicologia de Giorgi no Brasil, apontando suas obras publicadas no idioma português juntamente com a contribuição exercida por ele através da realização de Seminários nos anos de 1984-85, na UFRGS, e em 1988, na PUC-SP, apontando também algumas contribuições para a consolidação de cursos de pós-graduação em universidades brasileiras. Nos seminários apresentado por Giorgi ele tratou de temas concernentes à Ciência, incluindo sua concepção de ciência que seria a de um pesquisar metódico, sistemático e crítico para apresentar uma fundamentação metodológica para estudar essa ciência. O Método Fenomenológico Empírico (MFE) desenvolvido por Giorgi no início da década de 1960, o qual foi apresentado por ele em seus seminários como uma possibilidade de solução metodológica científica para as ciências humanas, possibilitou uma visualização em cenário brasileiro de um novo paradigma de fazer ciência, influenciando também outras áreas da ciência que não a psicologia como por exemplo as áreas de ciências sociais e da saúde. Diante desses fatores, conclui-se a necessidade de pesquisar quais as contribuições do MFE em outras áreas além da Psicologia, para uma maior elucidação do desenvolvimento desse método no cenário acadêmico nacional.

Palavras-chaves: História da Psicologia; Psicologia Humanista; recepção.

Apoio: Edital PROPCI/UFBA 01-2014 – PIBIC-FAPESB.

MARIA LACERDA DE MOURA E SEU PROJETO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL APLICADA À PEDAGOGIA, MG (1919)

Paula Cristina David Guimarães
UFMG

Este trabalho, resultado de pesquisa de doutoramento, objetivou descrever e analisar o projeto de psicologia experimental aplicada à pedagogia elaborado e proposto por Maria Lacerda de Moura à Secretaria do Interior de Minas Gerais no ano de 1919. Professora da escola normal da cidade de Barbacena, MG, Maria Lacerda de Moura solicitava permissão ao governo do estado para desenvolver experiências de psicologia experimental em crianças que frequentavam as escolas públicas e particulares de Barbacena, justificando tal iniciativa como possibilidade real de fazer a pedagogia científica e se colocando enquanto precursora desse trabalho no estado de Minas Gerais. A metodologia desta pesquisa consistiu na reunião, seleção e análise de documentos históricos, como o requerimento enviado por Maria Lacerda de Moura à Secretaria do Interior de Minas Gerais no ano de 1919, no qual apresentava seu projeto; e os pareceres emitidos por esta instituição ao longo de um ano e meio sobre o pedido da professora. Para a análise dos dados utilizou-se as ferramentas foucaultianas, sobretudo aquelas que ajudaram na compreensão das “relações de poder” e “produção de saber e de verdade” existentes no interior dos discursos científicos. Os resultados apontam que o projeto de Maria Lacerda de Moura se voltava para o estudo científico da criança dentro do espaço escolar, visto pela professora como possibilidade efetiva de

melhoria da prática educativa. Apontam, também, que tais estudos se amparavam na psicologia experimental desenvolvida entre o final do século XIX e o início do XX, que partia das informações fisiológicas do corpo humano para a realização de testes e experiências que buscavam conhecer as aptidões físicas e mentais das pessoas. Os resultados apontam, ainda, que a recepção do projeto de Maria Lacerda de Moura pela Secretaria do Interior foi permeada por suspeitas, que recaiam ora sobre a nascente psicologia experimental, ora sobre a condição de mulher de sua idealizadora. Conclui-se que as fontes pesquisadas, bem como os dados nelas contidos, ainda não foram explorados nos campos da história da educação e da psicologia, revelando a possibilidade de um (re)conhecimento das questões sobre a inserção psicologia experimental em Minas Gerais dez anos antes da chegada de Helena Antipoff ao estado.

Palavras-chave: Psicologia experimental; Pedagogia; Maria Lacerda de Moura.

Apoio: CNPq.

NOTAS SOBRE A VISITA DE CARL ROGERS AO BRASIL: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

Ellen Araújo Lima Feitosa
Paulo Coelho Castelo Branco
UFBA
Emanuel Meireles Vieira
UFPA

Objetivamos analisar a vinda de Carl Rogers ao Brasil com base em três momentos situados antes, durante e depois de sua primeira visita, em 1977. Foi durante a Ditadura Militar que houve a recepção das ideias políticas rogerianas, curiosamente contraculturais ao regime vigente. Pressupondo-se que cada época tem uma propensão de abertura para determinados conhecimentos em detrimento de outros, considera-se o encontro de Rogers com o cenário brasileiro objeto de reflexão sobre os efeitos desse embate na experiência dele e na Psicologia brasileira. Rogers entende política como uma questão de gestão e controle de poder sobre os outros. Entretanto, com base na criação de um microcosmo grupal, livre de manipulações e julgamentos, sua abordagem entende que o poder está na pessoa e que cabe ao psicólogo possibilitar que ela contate e acesse suas potencialidades para resolver situações pessoais, relacionais e sociais. Para cumprir o objetivo, utilizou-se metodologicamente a pesquisa bibliográfica, a partir da coleta e análise de cartas, entrevistas e textos de Rogers sobre a sua vinda ao Brasil. Como resultado, estabeleceram-se três categorias sobre a vinda de Rogers ao Brasil: (1) Rogers antes da vinda ao Brasil; (2) Rogers no Brasil; (3) Rogers depois do Brasil. Em seguida, discutem-se

esses resultados.(1) No período anterior a vinda ao Brasil, em 1976-1977, Rogers trocou cartas com Antônio Bandeira, estudante de Psicologia e empresário que mediu o evento. Rogers demonstrou empolgação e inquietação com a possibilidade de impactar um país, imerso numa ditadura, com suas ideias em defesa da liberdade. (2) No Brasil, Rogers concedeu uma entrevista a Revista Veja, ele ponderou que seus pensamentos políticos e psicológicos possibilitavam uma alternativa aos ideais comunistas da época. Eram pensamentos de democracia, liberdade e consciência que poderiam ser cooptados pelo sistema capitalista e reconfigurados em outros moldes. (3) Na obra “Um Jeito de Ser”, no capítulo “Crescer envelhecendo ou envelhecer crescendo?”, Rogers destacou como foi desafiador para ele, com uma idade avançada, viajar para um país que lhe era distante e diferente. Ele reconheceu que seu trabalho teve alguma contribuição para a Psicologia local e para a política do Brasil, no sentido de apontar uma abordagem que colabora com a redemocratização, a partir do crescimento intra e interpessoal. Esses três momentos retratam que Rogers foi influenciado pelo cenário brasileiro ao arriscar colocar à prova sua prática em um contexto desfavorável aos ideais humanistas. A abertura nacional para receber Rogers ocorreu devido a sua fama e repercussão internacional. Entretanto, conquanto as suas ideias democráticas serviram de justificativa para a sua vinda em plena Ditadura Militar, muitas delas foram assimiladas com ressalvas por alguns psicólogos brasileiros, conforme aportes críticos norteados, sobretudo, pelos ideais marxistas e freireanos. Desse movimento, emergiram outras perspectivas de ACP e algumas influências no desenvolvimento da Psicologia Comunitária. Concluimos que Rogers inspirou diversas PsicoLOGias locais,

preocupadas com a relação pessoa-sociedade, imersas em uma série de conjecturas críticas sobre o lugar de ideias políticas, passíveis de serem cooptadas e reconfiguradas, acriticamente, a partir de uma ótica capitalista voltada para a redemocratização do Brasil.

Palavras-chave: Carl Rogers; História da Psicologia no Brasil; política.

ESTUDOS COM COMUNIDADES PESQUEIRAS: O TRABALHO DE GIOCONDA MUSSOLINI ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1960

Lidiane de Oliveira Goes
Ana Maria Jacó-Vilela
UERJ

O presente trabalho pretende abordar os estudos de comunidades a partir das pesquisas com grupos de pescadores no litoral paulista realizadas por Gioconda Mussolini entre os anos de 1940 e 1960. Professora normalista no início da década de 1930, formou-se em Ciências Sociais e Política pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e fez pós-graduação em Antropologia pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Durante sua formação acadêmica foi aluna de Noemy Rudolfer, Fernando de Azevedo, Roger Bastide, Paul Arbousse-Bastide, Pierre Monbeig, Emilio Willems, Egon Schaden, Donald Pierson, Herbert Baldus. A metodologia consistiu na análise das publicações de Gioconda Mussolini referente à pesca nas quais ela é a única autora. Foram utilizadas cinco artigos, a saber: O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião (1945); O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a Ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil (1946); Os pasquins do litoral norte do Estado de São Paulo e suas peculiaridades na Ilha de São Sebastião (1950); Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro (1953) e; os japoneses e a pesca comercial no litoral – norte de São Paulo (1963). Nesses textos de Gioconda Mussolini foi possível identificar dos eixos de discussão: um primeiro sobre sua metodologia de trabalho e outro que aborda a caracterização da atividade pesqueira e a vida nas

comunidades de pesca. Sua compreensão acerca da atividade pesqueira abordava diversos aspectos, tais como socioeconômicos, comunitários, históricos e localização espacial. A fim de explicar cada um desses, Gioconda Mussolini fazia uso de várias disciplinas como história, geografia, sociologia, antropologia e psicologia. Desta última disciplina, eram utilizados conceitos como atitudes, motivação, valores, vontade coletiva e sentimentos como indicadores da aceitação ou do rechaço dos pescadores e das comunidades em relação as alterações produzidas na cultura da pesca. Tal abordagem não era consenso entre sociólogos e antropólogos na época. O uso desses aspectos psicossociais parecem estar relacionados com as influências que Gioconda Mussolini teve durante sua formação e atuação profissional como membro-fundadora da antiga Sociedade de Psicologia de São Paulo e como docente do Curso de Psicologia da USP, ministrando a disciplina de Personalidade e Cultura.

Palavras-chave: Gioconda Mussolini; comunidade pesqueira; História da Psicologia; estudos de comunidades.

Apoio: Capes.

PIERRE JANET NO BRASIL: A MISSÃO FRANCESA NA PSICOLOGIA E A DISPUTA ENTRE A PSIQUIATRIA E O ESPIRITISMO

Carolina S. Bandeira de Melo

UFMG/ EHESS (Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales)

Em 1922, Pierre Janet (1859-1947), uma das figuras mais importantes da psicologia francesa, vai ao Rio de Janeiro. O cenário dessa visita é a celebração do centenário da independência do Brasil. Onze anos depois, em 1933, ele volta ao país para um curso, também no Rio de Janeiro, organizado pelo Instituto Franco-brasileiro de Alta Cultura. Analisamos as duas missões do psicólogo e psiquiatra francês inspirando-nos nos trabalhos da “história da psicologia em contexto”, ou seja, privilegiando as condições socioculturais e políticas nas quais se inscrevem as viagens de Pierre Janet ao Brasil. Dessa forma, podemos afirmar que na sua primeira missão, a participação de Janet foi principalmente de coadjuvante na festa brasileira, tendo ele um papel mais centrado nas relações políticas e diplomáticas do que nas relações científicas e acadêmicas entre a França e o Brasil, apesar de sua conferência chamada “*as despesas e as receitas psicológicas, o orçamento da mente*”. Na segunda viagem de Pierre Janet ao Brasil, em 1933, seu curso sobre *a psicologia da crença* teve uma repercussão importante no país. Além desse curso, o professor francês proferiu palestras na Academia Brasileira de Letras, na Academia Nacional de Medicina, na Associação Brasileira de Educação, etc. Em companhia de sua esposa ele visitou também São Paulo e Minas Gerais. Em São Paulo deu uma conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia e visitou Campinas. A

visita a Minas Gerais foi organizada pelo Governo do Estado, e além de um passeio a Ouro Preto, Janet proferiu, em Belo Horizonte, duas conferências: a história continuada – o sonho da vida (mesmo título do curso na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo) e o orçamento da mente (mesmo tema tratado no Rio de Janeiro, em 1922). A análise das aulas de Pierre Janet, juntamente com a repercussão de suas conferências e do contexto da época, nos levaram a concluir que sua teoria foi usada no Brasil para a legitimação da psiquiatria no país, embasando o discurso contra o espiritismo, marcante na década de 1930. Janet, com suas teorias da dissociação histórica e da automação oferecia explicações para a escrita mediúnica. Assim, a psicologia patológica de Pierre Janet, à partir de conceitos como inconsciente e subconsciente forneceu explicações a fenômenos classificados anteriormente como místicos. A disputa entre ciência e religião, espiritismo e psicologia, havia ocorrido na França. Mas diferentemente das consequências em solo europeu, observaremos no Brasil, principalmente na segunda metade do século 19, uma conciliação entre as duas forças, de tal forma que atualmente, a religião é, geralmente, considerada como um possível parceiro de cooperação no processo de tratamento ao doente mental. Por isso temos no país um grande número de hospitais psiquiátricos onde os dois tratamentos – psiquiátrico e religioso – podem ser complementares. Ou seja, a psiquiatria se legitimou e o discurso espírita encontrou seu espaço no campo religioso.

Palavras-chave: Pierre Janet no Brasil; psicologia das crenças; história da psicologia.

Apoio: CAPES.

ASSUNTOS DO CDPHA

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF (CDPHA), realizada na Biblioteca

Central da Universidade Federal de Minas Gerais, no dia 15 de dezembro de 2015. Presentes: Regina Helena de Freitas Campos, Lilian Erichsen Nassif, Adriana Otoni Silva Antunes Duarte, Miriam Aparecida de Brito Nonato, Carlyle dos Passos Laia, Kétherine Oliva Alencar, Delba Teixeira Rodrigues Barros, Riviane Borghesi Bravo, Elizabeth Dias Munaier Lages, Maria de Fátima Pio Cassemiro, Ricardo José Miranda, Romilda Oliveira Alves, Sérgio Farnese, Wellington Marçal de Carvalho; Adriana Cláudia Drumond, Ana Maria Milagres Belo Francisco, Marilene Oliveira Almeida, Erika Lourenço, Luís Flávio Silva Couto, Rita de Cássia Vieira, Anália das Graças Gandini Pontelo, Rosana Matias de Sousa. Dando início aos trabalhos, a Presidente do CDPHA, Regina Helena de Freitas Campos, apresentou o relatório e a prestação de contas referentes ao período 2013-2015. O relatório apresentou as seguintes realizações: 1) **ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DO XXXII**

ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF, ocorrido na UFMG, Belo Horizonte, e na Fundação Helena Antipoff, em Ibitiré, MG, nos dias 26 a 29 de março de 2014, sobre o tema: “Psicologia, Educação e Inclusão Social: Dimensões Transdisciplinares na História e na Contemporaneidade”. O evento foi promovido pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) em parceria com a Fundação Helena Antipoff e com a Faculdade de Educação da UFMG, e contou com o apoio dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Psicologia da UFMG, do LAPED - Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff (FAE/UFMG), da Associação Pestalozzi de

Minas Gerais, do ISEAT – Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e da CAPES. Acolheu também o XII Encontro da Rede Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia. Foram apresentados no evento: 4 conferências, 3 palestras, 4 mesas-redondas, 2 exposições, 13 sessões coordenadas com a apresentação de 67 relatos de pesquisa, lançamento de livros e visita orientada ao Memorial Helena Antipoff e aos espaços da Fundação Helena Antipoff. A exposição sobre “Helena Antipoff e os desafios da Educação Inclusiva” foi organizada pelas doutorandas em Educação da UFMG Adriana Araújo Pereira Borges e Amanda Tollomeli Bréscia, com curadoria de Ricardo Miranda, diretor da Biblioteca Alaíde Lisboa, da Faculdade de Educação da UFMG. Estiveram presentes, pronunciando conferências e participando de mesas-redondas, os seguintes professores e pesquisadores visitantes: Marilene Proença Rabelo de Souza (Psicologia Escolar e Educacional, USP); Mitsuko Aparecida Makino Antunes (Psicologia da Educação, PUC-SP); Marina Massimi (História da Psicologia, USP-Ribeirão Preto); Laurent Gutierrez (História da Educação, Universidade de Rouen, França); Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves (Sociologia da Educação, Faculdade de Educação da UFMG); Débora Rosária Barbosa (Psicologia Escolar e Educacional, Departamento de Psicologia da UFMG); Ana Regina de Carvalho, psicóloga da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais; Ana Lydia Santiago (Psicanálise e Educação, Faculdade de Educação da UFMG); Maria José Gontijo Salum (Psicanálise e Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais); Carolina Bandeira de Melo (doutoranda, École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris,

França); Cathy Faye (Center for the History of Psychology, Univ. Akron, EUA), Miguel Gallegos (Univ. Rosário, Argentina), Magda Zurba (Universidade Federal de Santa Catarina), Ângela Maria Resende Vorcaro (Departamento de Psicologia, UFMG), Aline Aguiar Mendes Vilela (UFMG e PUC-Minas), Margarete Diniz (Universidade Federal de Ouro Preto), Maria Alice Moreira Lima (FAE-UFMG e PUC-Minas), Marcelo Ricardo Pereira (FAE-UFMG). O tema do evento foi escolhido tendo em vista a relevância da obra de Helena Antipoff na área da Educação dos Excepcionais, no Brasil, e sua preocupação com a inclusão social dos excepcionais. O evento foi avaliado como muito bem sucedido, tendo atingido seus objetivos de promover a reflexão e o melhor conhecimento sobre as relações entre Psicologia, educação e inclusão social. Além desses resultados, a realização do evento contribuiu para estreitar os laços de colaboração entre o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), a Rede Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia, o Center for the History of Psychology da University of Akron, a Sociedade Brasileira de História da Psicologia, entre outras instituições; 2)

ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DO XXXIII ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF, em 25 de março de 2015, na Fundação Helena Antipoff, em Ibitaré, MG, com o tema “Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa/Memorial Helena Antipoff: possibilidades de pesquisa na formação docente”. Com o objetivo de evidenciar a potencialidade de pesquisa do CDPHA, o evento iniciou-se pela manhã com a apresentação da Orquestra Jovem de Ibitaré, participação de alunos da Escola Sandoval Soares de Azevedo – ESSA e palestra de abertura proferida por Regina Helena de Freitas Campos com o seguinte

título: “Memorial Helena Antipoff/CDPHA: o modelo utilizado por Antipoff na formação de professores na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte”. No período da tarde foram apresentadas as propostas das Linhas de Pesquisa do Grupo de Trabalho “Pesquisa na Formação Docente – Diálogos com o Memorial Helena Antipoff”, constituído por professores e alunos da Unidade da Universidade do Estado de Minas Gerais localizada na Fundação Helena Antipoff e por participantes da equipe do Memorial Helena Antipoff e do CDPHA. Aconteceram ainda o lançamento dos livros *Cultura, direitos humanos e práticas inclusivas em psicologia e educação*, editado como parte da Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff, e *HELENA ANTIPOFF: 85 ANOS DE BRASIL - memórias (com)partilhadas*, editado pela Fundação Helena Antipoff. Houve ainda um lanche de confraternização com ex-alunos e servidores da Fazenda do Rosário, à tarde, e a inauguração dos painéis Educadores de Minas – Helena Antipoff, bem como a apresentação cultural de dança contemporânea pelos alunos da ADAV, inspirada na memória de Helena Antipoff. A finalização se deu à noite, com a Mesa Redonda: “A Pesquisa e sua Importância na Formação de Professores: diálogos entre o contexto nacional e o Instituto Superior Anísio Teixeira”, coordenada pela professora Patrícia Karla Soares Santos Dorotéo, com apresentação dos seguintes trabalhos: A pesquisa historiográfica e o acervo do Memorial Helena Antipoff como espaço de Memória e Cultura; a História do Curso de Pedagogia no Brasil; a formação de professores e o ensino de Psicologia a partir dos relatos dos alunos nos cursos da Fazenda do Rosário (1948-1974) e o contexto de criação do Instituto Superior Anísio Teixeira. Psicologia, educação e arte – questões históricas, tendências atuais. O evento contou com a presença das

conferencistas Amarilis Coelho Coragem e Raquel Martins de Assis, da Faculdade de Educação da UFMG. 3)**PUBLICAÇÕES E APRESENTAÇÕES EM CONGRESSOS DE PARTICIPANTES DO CDPHA NO PERÍODO 2013-2015:** em dezembro de 2013 foi publicada a revista HELENA ANTIPOFF E A EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS: a Grandeza do seu Legado no Século XX, organizada pela equipe do Memorial Helena Antipoff – Fundação Helena Antipoff – FHA; em 2014 foi publicado o *Boletim do CDPHA* n. 24, contendo a programação e resumos dos trabalhos apresentados no XXX Encontro Anual Helena Antipoff e notícias sobre o funcionamento do CDPHA. Foram também publicados os seguintes livros: *Cultura, direitos humanos e práticas inclusivas em Psicologia e Educação*, organizado por Raquel Martins de Assis, Erika Lourenço e Adriana Araújo Pereira Borges (Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2015) contendo trabalhos selecionados, apresentados em eventos anteriores do CDPHA, e constituindo o 6º volume da Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff; *Helena Antipoff: 85 anos de Brasil - memórias (com)partilhadas*, organizado pela equipe do Memorial Helena Antipoff e editado pela Fundação Helena Antipoff e Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais; *De anormais a excepcionais – História de um conceito e de práticas inovadoras em educação especial*, de Adriana Araújo Pereira Borges (Curitiba, Editora CRV, 2015). Encontra-se no prelo o livro de Marilene de Oliveira Almeida *As vozes de Helena Antipoff e Augusto Rodrigues no ensino de arte*, cujos resultados de pesquisa de mestrado foram apresentados na International Standing Conference for the History of EducationISCHE 37 com o seguinte título: THE EXPERIENCE IN FAZENDA DO ROSÁRIO BETWEEN 1940 AND 1960: Cultural

interaction of the New School and Modernists Art Teaching Principles in Brazil em junho de 2015, em Istambul, na Turquia. 4) **TESES, DISSERTAÇÕES E TRABALHOS ACADÊMICOS RELACIONADAS À OBRA DE HELENA ANTIPOFF E AO CDPHA APRESENTADOS NO PERÍODO:** Trabalhos de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia das alunas Alessandra do Prado Cunha e Silva, Jacqueline Gonçalves dos Santos, Tânia Cristina Moreira Souza Tavares (*ESCOLOLOGIA: a pedagogia antipoffiana e a formação de professores em Minas Gerais na década de 1930*, defesa em dezembro de 2015, e das alunas Luzia Aparecida Corrêa Ferreira, Maria Luiza Borges Machado e Miriam Aparecida Brito Nonato (*A Sociedade Pestalozzi e o atendimento ao excepcional na década de 1930*, defesa em junho de 2015), orientados pela professora Marilene Oliveira Almeida/UEMG Ibirité; dissertação de Mestrado *É possível uma educação para a paz? A psicologia nas discussões sobre uma pedagogia pacificadora entre 1927 e 1934 na Europa*, de Clarice Moukachar Batista Loureiro, orientada por Raquel Martins de Assis no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015; Teses de Doutorado: *A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Barbacena e o atendimento às pessoas com Síndrome de Down (1962-1976) - Diálogos com Pestalozzianos*, de Adriana Cláudia Drumond, 2015; *Entre tratar e educar os excepcionais: Helena Antipoff e a psicologia na Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (1932-1942)*, de Adriana Araújo Pereira Borges, 2014, orientadas por Regina Helena de Freitas Campos, defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG; *O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte: Diálogos entre*

psicologia e educação (1929-1946), de Rodrigo Lopes Miranda, orientada por Sérgio Dias Cirino no Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, 2014. 5) **EXPOSIÇÕES**: a convite da Magistra (Escola de Formação de Educadores da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais), membros da equipe do CDPHA (Regina Helena Campos, Marilene Oliveira Almeida e Adriana Araújo Pereira Borges) elaboraram um conjunto de banners com a *Fotobiografia da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974)*, cuja exposição foi inaugurada em dezembro de 2014 na sede da Magistra; a convite do Comitê Organizador do XII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE e 37th Annual Conference of the International School Psychology Association – ISPA, foi organizada a Exposição "Espaço Helena Antipoff - Helena Antipoff: uma história da Psicologia da Educação no Brasil" por Raquel Martins de Assis e Erika Lourenço, exibida na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, Brasil, de 24 a 27 de junho de 2015. 6) **CONSERVAÇÃO DO ACERVO DO CDPHA**: as atividades de conservação, restauração e disponibilização para consulta de estudantes e pesquisadores dos documentos que compõem o acervo do CDPHA na Seção UFMG e na Seção Ibirité tiveram continuidade no período 2013-2015. Na UFMG, os documentos estão sob a guarda da Biblioteca Central, na Sala Helena Antipoff, sob a supervisão da psicóloga Lilian Erichsen Nassif e da bibliotecária Rosana Matias, com o apoio técnico do bibliotecário Ricardo Miranda, diretor da Biblioteca "Alaíde Lisboa de Oliveira", localizada na Faculdade de Educação. Alguns documentos estão em tratamento a cargo da equipe do CECOR-UFMG (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis), sob a coordenação da Profa. Bethânea Reis Veloso.

Na Seção Ibirité, o trabalho de conservação e restauração do acervo está sendo realizado no próprio local, pela equipe responsável pelo Memorial Helena Antipoff, da qual fazem parte Marilene Oliveira Almeida, Cleuza Glória de Fátima Amorim Oliveira, Carla Andrea Teixeira Dias Camargos e Miriam Aparecida de Brito Nonato. Em fins de 2014 houve a ampliação do espaço físico do Memorial Helena Antipoff, com ocupação da sala 36 do pavilhão tombado pelo patrimônio municipal de Ibirité, com montagem de prateleiras e organização do acervo, além de exposição de fotografias e jornais sobre vida e obra de Helena Antipoff. 7) **PROJETOS DE PESQUISA E GRUPOS DE TRABALHO:** pesquisadores vinculados ao CDPHA iniciaram ou realizaram os seguintes projetos de pesquisa no período 2013-2015: 1) PROJETO EDUCAÇÃO ESTÉTICA: a apropriação das influências escolanovistas na educação brasileira - Edital 08/2015 PAPq/UEMG – projeto aprovado com bolsa de iniciação científica para a aluna Alessandra do Prado Cunha e Silva/Pedagogia - início em junho de 2015 e encerramento em dezembro de 2015 - coordenação professora Marilene Oliveira Almeida (professora bolsista) - previsão de prorrogação em 2016 e 2017 – o projeto tem o objetivo de identificar registros das influências da Escola Ativa de Genebra na educação em Arte no Brasil na década de 1930, como o jornal carioca Diário de Notícias, página de Educação, coordenada por Cecília Meireles, e verificar possíveis reflexos dessa influência na contemporaneidade em três escolas de Ibirité participantes do Projeto Educação Integral/FHA; 2) PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO POLO FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF: diálogos com a perspectiva educacional antipoffiana – projeto interinstitucional com equipe de pesquisadores do CDPHA/FaE-UFMG/UEMG/FHA - concorrendo ao

Edital 09/2015 PIBIC/UEMG, resultado previsto para fevereiro de 2016 - coordenação professora Regina Helena de Freitas Campos e pesquisadora assistente Marilene Oliveira Almeida – projeto de pesquisa já em desenvolvimento, iniciado em setembro de 2015 com o objetivo de replicar o inquérito Ideais e Interesses, formulado por Helena Antipoff em 1930, com os alunos participantes do Projeto Educação Integral/FHA implantado em setembro de 2015 em Ibirité; 3) Projeto de pesquisa "Psicologia e contexto histórico-cultural: apropriação da perspectiva sócio-histórica na psicologia educacional brasileira", coordenado por Regina Helena de Freitas Campos, como o apoio do CNPq (2012-2016); 4) Projeto de pesquisa "A criança considerada anormal: saberes divulgados pela cultura impressa mineira (1925-1940)", coordenado por Raquel Martins de Assis; 5) Projeto de pesquisa "Contribuição à história da psicologia e da educação em Minas Gerais através do acervo Helena Antipoff (1892-1974)", coordenado por Regina Helena de Freitas Campos, com a participação de Erika Lourenço, Raquel Martins de Assis e Sérgio Dias Cirino; 6) A presença das mulheres na construção e desenvolvimento da Orientação Profissional nas primeiras décadas do século XX: contribuições de Helena Antipoff, Leta Stetter Hollingworth e Anne Roe, coordenado por Delba Teixeira Rodrigues Barros; 7) O uso da ortopedia mental como recurso psicopedagógico: possibilidades de seu uso na estimulação e desenvolvimento de processos cognitivos em crianças de 2º e 3º ano, coordenado por Sérgio Domingues; 8) A psicologia na educação do excepcional: fundamentos das propostas de Helena Antipoff, coordenado por Erika Lourenço. Foi iniciado o Grupo de estudos Educação Integral na perspectiva antipoffiana, sob a coordenação da professora Regina Helena de Freitas Campos e

participação interinstitucional com equipe de pesquisadores do CDPHA/FaE-UFMG/UEMG/FHA, com o objetivo de conhecer melhor as atividades propostas e o modo de funcionamento da educação integral nas instituições educacionais da Fundação Educacional de Educação Rural, atual Fundação Helena Antipoff, no período 1950-1970 e informar as atividades propostas na atualidade no âmbito da Fundação Helena Antipoff. O Grupo iniciou em setembro de 2015 a pesquisa intitulada PROJETO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO POLO FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF: diálogos com a perspectiva educacional antipoffiana. Trata-se de projeto interinstitucional com equipe de pesquisadores do CDPHA/FaE-UFMG/UEMG/FHA, concorrendo ao Edital 09/2015 PIBIC/UEMG, resultado previsto para fevereiro de 2016, sob a coordenação das professoras Regina Helena de Freitas Campos (UFMG) e Marilene Oliveira Almeida (UEMG/FHA). O projeto de pesquisa já está em desenvolvimento, e tem por objetivo de replicar o questionário “Ideais e Interesses, das crianças mineiras” formulado e aplicado por Helena Antipoff em 1929 em Belo Horizonte, e que agora será aplicado a alunos participantes do Projeto Educação Integral/FHA implantado em setembro de 2015 em Ibirité, MG. A equipe da Seção Ibirité do CDPHA iniciou ainda em 2015 o Grupo de Trabalho sobre PESQUISA NA FORMAÇÃO DOCENTE – Diálogos com o Memorial Helena Antipoff, a partir de discussões realizadas durante o XXXIII Encontro Anual Helena Antipoff. O GT tem em sua composição sete Linhas de Pesquisa, coordenadas por diversos professores da Unidade Ibirité da UEMG, envolvendo os diferentes cursos de Licenciatura da instituição, descritas a seguir: 1) INFÂNCIA, ARTE E EDUCAÇÃO: diálogos possíveis – coordenação professoras Marilene Oliveira Almeida

e Lilian Sipoli Carneiro Cañete; 2) EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: Interlocução com a Formação Cidadã em Helena Antipoff – coordenação professora Elizabeth Dias Munaier Lages; 3) A PESQUISA COMO UM INSTRUMENTO MEDIADOR NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma investigação no cenário do Memorial Helena Antipoff - coordenação professor Nilson de Matos Silva; 4) A PRESENÇA DA ESCRITA LITERÁRIA NOS TEXTOS DE HELENA ANTIPOFF E SEUS USOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES - coordenação professora Maria Perpétua dos Reis; 5) TEORIA E PRÁTICA NAS INSTITUIÇÕES ANTIPOFFIANAS - coordenação professoras Christiane Campos de Araújo e Camila Jardim de Meira; 6) A EDUCAÇÃO DO CORPO NA FAZENDA DO ROSÁRIO: Memórias e percursos históricos de formação humana - coordenação professor Samuel Santos; 7) FUNDAMENTOS DO TRABALHO E EDUCAÇÃO NA OBRA DE HELENA ANTIPOFF - coordenação professora Sandra Maria Glória da Silva (a professora desligou-se da UEMG Ibirité em agosto de 2015 para prosseguir em sua formação no Doutorado da USP). 8) **EVENTO VIVER HELENA - LIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA INTEGRADA** - Evento realizado em agosto de 2015 no auditório da FHA, com os objetivos de homenagear Helena Antipoff (aniversário de morte) e divulgar o Projeto de Educação Integral no Polo FHA. A programação aconteceu em dois dias e duas mesas de discussão com as seguintes temáticas: no dia 15 - AS OBRAS DE HELENA ANTIPOFF, PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO INTEGRAL com a participação dos professores Marilene Oliveira Almeida (Unidade Ibirité/UEMG/FHA) e Theodoro Zanarti (PUC/MINAS), coordenada por Lilian Sipoli Carneiro

Cañete (Unidade Ibirité/UEMG) e no dia 19 – EDUCAÇÃO INTEGRAL NA EXPERIÊNCIA DA FAZENDA DO ROSÁRIO E NA CONTEMPORANEIDADE – Lições de Helena Antipoff, com as professoras Regina Helena Freitas Campos (CDPHA/UFMG) e Elizabeth Dias Munaier Lages (Unidade Ibirité/UEMG/FHA). O evento apresentou ainda a Exposição Helena Antipoff – Série Educadores de Minas/Magistra. 9) **PLANEJAMENTO DOS PRÓXIMOS ENCONTROS**

ANUAIS HELENA ANTIPOFF: após discussões, ficou decidido que o tema do XXXIV Encontro Anual Helena Antipoff será “Psicologia, Educação e o debate ambiental – retomando a perspectiva ecológica de Helena Antipoff”, com os seguintes eixos: 1) História da Psicologia; 2) História das ciências ambientais, 2) Psicologia Social Comunitária e a questão ambiental, 3) Psicologia das Emergências, 4) Educação Ambiental e 5) Educação Integral. O evento será realizado de 29 a 31.3.2016, na UFMG e na Fundação Helena Antipoff. Ficou decidido também que o XXXV Encontro Anual Helena Antipoff será realizado em associação com o 1º Congresso da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, em março de 2017, na UFMG e Fundação Helena Antipoff. 9)

ELEIÇÃO DA DIRETORIA PARA O BIÊNIO 2015-2017: foi eleita por aclamação a Presidente - Regina Helena de Freitas Campos. As Vice-presidentes para o período 2015-2017, nos termos do Art. 7º do Estatuto do CDPHA, são: Maria do Carmo Lara Perpétuo (presidente da Fundação Helena Antipoff), Maria do Carmo Coutinho de Moraes (pela Associação Pestalozzi de Minas Gerais), Sílvia Maria Medeiros Magalhães (diretora da ACORDA – Associação Comunitária do Rosário) e Filomena de Fátima Silva (presidente da ADAV – Associação Milton Campos para o Desenvolvimento e Assistência a Vocações de Bem

Dotados). A Diretoria Técnica ficou composta por Adriana Araújo Pereira Borges, Adriana Otoni Silva Antunes Duarte, Carolline Souza Martins, Christiane Campos de Araújo, Deolinda Armani Turci, Miriam Aparecida de Brito Nonato e Renata Pimenta Sadi. A Diretoria Administrativa por Carlyle dos Passos Laia, Lilian Erichsen Nassif, Kétherine Oliva Alencar, Maria das Graças Ferreira Coimbra, Raquel Martins de Assis, Rosana Matias de Sousa, Larissa Assunção Rodrigues. A Diretoria Financeira ficou composta por Fernanda Flaviana de Souza Martins, Carla Andrea Teixeira Dias Camargos, Delba Teixeira Rodrigues Barros, Luis Flávio Silva Couto, Riviane Borghesi Bravo. Foi eleito o Conselho Fiscal, constituído por: Cecília Andrade Antipoff, Elizabeth Dias Munaier Lages e Maria de Fátima Pio Cassemiro (titulares); Elizabeth Coutinho de Moraes (suplente), Rita de Cássia Vieira (suplente) e Sônia Vieira Coelho (Suplente). O Conselho Consultivo ficou integrado por Adriana Cláudia Drumond, Ana Maria Milagres Belo Francisco, Anália das Graças Gandini Pontelo, Camila Jardim de Meira, Clarice Loureiro, Cleuza Glória de Fátima Amorim de Oliveira, Lilian Sipoli Carneiro Cañete, Ricardo José Miranda, Rodrigo Lopes Miranda, Romilda Oliveira Alves, Sérgio Dias Cirino, Sérgio Domingues, Sérgio Farnese, Wellington Marçal de Carvalho. Coordenadores regionais: Marilene Oliveira Almeida (FHA) e Erika Lourenço (UFMG).

10) **OUTROS ASSUNTOS**: O Diretor de Projetos da Fundação Helena Antipoff, Carlyle dos Passos Laia, comunicou a possibilidade de construção do Centro de Educação Ambiental de Ibitité. Em janeiro de 2016 será realizada reunião com a promotora do município para se acertar os detalhes de tramitação do processo de implantação do Projeto, comentando a importância do tema ecologia ser abordado no XXXIV Encontro Anual Helena Antipoff em

2016. Após os informes e deliberações, encerrou-se a reunião, da qual foi lavrada a presente Ata, que vai por mim assinada, Regina Helena de Freitas Campos, Presidente, e pelos demais presentes. Belo Horizonte, MG, 15 de dezembro de 2015.

ARQUIVOS UFMG DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central
Universidade Federal de Minas Gerais

1. HISTÓRICO E OBJETIVOS

Os Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil foram estabelecidos em 1997, na Sala Helena Antipoff - Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Tiveram origem em 1989, quando a professora e pesquisadora Regina Helena de Freitas Campos, em busca de fontes de pesquisa para a sua tese de doutorado, começou a investigar a documentação reunida no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, na Fazenda do Rosário em Ibirité. Após alguns meses de trabalho, foram localizadas fontes inéditas no acervo da psicóloga e educadora Helena Antipoff. Constatada a diversidade e a riqueza dos documentos, foi elaborado, em 1993, um projeto, de autoria da pesquisadora – hoje professora da Faculdade de Educação/UFMG - com os objetivos de inventariar, organizar e tornar disponível esse acervo para a pesquisa em história da psicologia e da educação brasileiras.

Inicialmente, o trabalho de organização do acervo seria executado em Ibirité, na Fundação Estadual Helena Antipoff. Com o desenvolvimento das atividades, o maior envolvimento da UFMG e a demanda pela organização de fontes em história da psicologia no Brasil, o projeto ampliou seus objetivos - tornar-se um centro de referência em história da psicologia no Brasil - o que deu origem aos Arquivos. A partir de então, acervos de outros pesquisadores da área vêm sendo incorporados aos Arquivos.

A equipe responsável pelos trabalhos inclui pessoal com formação em arquivologia e em psicologia, além do pessoal treinado em técnicas de conservação e restauração que trabalha sob a orientação do

Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis - CECOR-UFMG. Uma equipe de Consultores presta assessoriana organização dos acervos.

A expressão “história da psicologia no Brasil” refere-se a iniciativas decaráter teórico ou prático em psicologia que tiveram lugar no Brasil, e às conexões estabelecidas entre essas iniciativas e a psicologia praticada em outras partes do mundo. Como a psicologia no Brasil está profundamente relacionada à história da educação, sobretudo à história do pensamento educacional e dos sistemas de ensino, os acervos constituem materiais de interesse também para historiadores em educação. Assim, em termos institucionais, os Arquivos estão vinculados tanto à linha de pesquisa “Psicologia, psicologia e educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, quanto à linha de pesquisa “Cultura, modernidade e subjetividade”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG.

2. ACERVOS

2.1 ACERVO CDPHA

O que é o CDPHA

Em 6 de agosto de 1979, em Belo Horizonte, nas comemorações do cinquentenário da chegada de Helena Antipoff ao Brasil, a Prof^a Helena Dias Carneiro, representante da Sociedade Pestalozzi do Brasil, apresentou o projeto de criação de um centro nacional cujos objetivos seriam: preservar a memória de Helena Antipoff, documentar sua obra e divulgar seu ideário. A proposta foi aceita e, decorridos oito meses, o CDPHA foi criado, em 25 de março de 1980. Dentre as atividades do CDPHA, desde sua fundação, destacam-se a realização do Encontro Anual Helena Antipoff, que já se encontra na sua trigésima edição, e a publicação do Boletim do CDPHA, que está em seu 24^o ano de publicação. Além disso, o CDPHA cuida do acervo documental que pertenceu a Helena Antipoff em duas seções: na Sala Helena Antipoff,

na Biblioteca Universitária da UFMG, e na Fundação Estadual Helena Antipoff, em Ibirité.

Constituição/origem

Consiste em uma parte da documentação do CDPHA cedida por Daniel Antipoff, através de contrato firmado com a UFMG, em 1997. Constitui-se de documentos inéditos como: manuscritos, correspondências, textos avulsos, anotações, publicações de circulação restrita e fotografias. Inclui documentos relacionados à trajetória de Helena Antipoff: os estudos em Paris e Genebra, o trabalho como psicóloga e educadora na Rússia, na Suíça e no Brasil e à organização e funcionamento do Complexo da Fazenda do Rosário, produzidos e acumulados no período de 1927 a 1987. Inclui também publicações produzidas pelo Centro de Documentação. A outra parte da documentação encontra-se no CDPHA, em Ibirité, em processo de organização e acondicionamento.

Temas

- Jogos pedagógicos
- Educação especial
- Fazenda do Rosário
- Educação rural
- Teatro na educação
- Testes psicológicos
- Pesquisas em Psicologia e Psicometria
- Vida e obra de Helena Antipoff
- Sociedade Pestalozzi
- Homenagens a Helena Antipoff

Organização do conjunto dos documentos

Os documentos obedecem a uma organização já existente - em caixas, realizada pelo pessoal do CDPHA, na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité.

Quantidade

- Disponíveis para consulta: 63 caixas
- Em organização: Coleção de livros, teses e periódicos

Instrumentos de pesquisa

- Catálogo informatizado

2.2 ACERVO JOSEF BROZEK

Quem foi Josef Brozek

Educador, cientista, historiador da psicologia. Nasceu em Melnik, Boemia (atual República Tcheca), em 24 de agosto de 1913, filho de Josef Francis e Filomena (Sourek) Brozek. Obteve o grau de Doutor na Charles University, na cidade de Praga, em 1937. Em 1939, mudou-se para os Estados Unidos, naturalizando-se cidadão norte-americano em 1945. Faleceu em 18 de janeiro de 2004, em Saint Paul (Minnesota, EUA).

Durante sua trajetória profissional atuou em diversos campos da psicologia e biologia humanas, e desenvolveu o interesse pela história da psicologia, paralelamente às outras atividades, a partir de 1963. Nessa época, foi o responsável pela criação da divisão da história da psicologia no quadro da *American Psychological Association*, foi membro fundador do *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, e da Sociedade Internacional de História das Ciências Comportamentais e Sociais (mais tarde chamada CHEIRON). Entre suas diversas publicações na área de História da Psicologia, destaca-se o volume, editado em parceria com Ludwig Pongratz, intitulado *Historiography of Modern Psychology*, traduzido para o português em 1988 (Brozek, J. e Massimi, M. Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira. São Paulo: Loyola, 1998).

Após visita à Sala Helena Antipoff, em 1996 (quando veio ao Brasil para participar da Reunião de instalação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-

graduação em Psicologia – ANPEPP), Brozek doou parte de sua biblioteca e acervo pessoais aos Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil. Este conjunto constitui o Fundo Josef Brozek.

Constituição/origem

Conjunto de documentos produzidos e acumulados por Josef Brozek ao longo de sua vida profissional e acadêmica. Constitui-se de livros, correspondências, fotografias, textos avulsos, periódicos, separatas e slides. Abrange período de 1891 a 1996. O acervo foi doado aos *Arquivos* em 1998, pelo titular.

Temas

- História da Psicologia
- História da Psicologia Norte Americana
- Instrumentos de Pesquisa

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

OBS.: Em fase de organização. Brevemente disponível para consulta.

2.3 ACERVO HELENA DIAS CARNEIRO

Quem foi Helena Dias Carneiro

Helena Dias Carneiro teve um primeiro contato com Helena Antipoff no Rio de Janeiro no ano de 1945, buscando tratamento para seu filho excepcional. Tornou-se, a partir deste momento, uma das primeiras mães de excepcionais a colaborar na obra de Helena Antipoff, engajando-se na criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil (SPB) naquele mesmo ano e atuando em vários outros projetos em prol da infância excepcional. Assim, participou da fundação da primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em 1954, coordenou o Conselho de Estudantes da SPB, foi membro do Conselho Consultivo da SPB em 1975, foi Segundo Tesoureiro da Federação

Nacional das Sociedades Pestalozzi no período entre 1978-1982 e atuou na publicação do o Boletim da SPB.

Em 6 de agosto de 1979, em Belo Horizonte, nas comemorações do cinquentenário da chegada de Helena Antipoff ao Brasil, a Prof^a Helena Dias Carneiro, como representante da Sociedade Pestalozzi do Brasil, apresentou o projeto de criação de um Centro Nacional destinado à preservação e divulgação da obra de Helena Antipoff. Este projeto deu origem ao Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), que foi inaugurado em 1980, tendo uma seção em Ibirité e outra no Rio de Janeiro, assumindo Helena Dias Carneiro a coordenação desta última. Foi a idealizadora não só do CDPHA, mas também da implantação de um Arquivo Oral e da instituição do Encontro Anual Helena Antipoff e da publicação do Boletim do CDPHA.

Constituição/origem

Documentos produzidos e acumulados por Helena Dias Carneiro durante o período de convivência com Helena Antipoff e logo após a sua morte. Constitui-se de correspondências e recortes de jornais. Abrange período de 1947 a 1984. Foi doado em 1997, por Daniel Antipoff.

Temas (recortes de jornais)

- Arte e educação
- Bem dotados
- Educação especial
- Mensageiro Rural
- Sociedade Pestalozzi

Organização

Foi mantida a ordem original definida pelo titular. Arranjo em séries, por tipo de documento: *série* correspondência, em ordem cronológica e *série* recortes de jornais, por assunto.

Quantidade

- 240 Correspondências

- recortes de jornais (em processo de organização)
- livros e periódicos sobre educação especial e outros assuntos relacionados (em processo de organização)

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

OBS.: Em fase de organização, brevemente disponível para consulta.

2.4 CATÁLOGO DE FONTES MARINA MASSIMI

Constitui-se de uma base de dados bibliográficos (referências de livros, teses, manuscritos) para pesquisa em história da psicologia no Brasil, sendo que todo o material está fisicamente localizado em bibliotecas do Estado de São Paulo. Foi gerada a partir de pesquisa feita pela Profa. Marina Massimi, da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, e doada pela titular em 1997.

A base de dados permite a busca por autor, título e assunto, e traz o número de localização da obra, na biblioteca em que se encontra.

Tema

- História da Psicologia no Brasil

3. CONSERVAÇÃO

Todo o material é conservado em ambiente apropriado, na Biblioteca Central da UFMG. A preservação dos documentos é garantida através de processo de limpeza e retirada de qualquer objeto que possa danificá-los, como grampos de metal, por exemplo, e acondicionamento em caixas e pastas confeccionadas em papel neutro.

4. DOAÇÕES

Aceita-se doações de acervos relacionados à História da Psicologia no Brasil. O material a ser doado será previamente avaliado, para verificar sua relação com os objetivos dos *Arquivos*.

As condições de doação serão acertadas entre o doador e a universidade, podendo-se estabelecer restrições à consulta, ou mesmo estipular um prazo para que a consulta ao material seja permitida livremente.

5. ORIENTAÇÃO QUANTO À CONSULTA

A Sala Helena Antipoff está localizada no 4º andar da Biblioteca Central da UFMG.

O acesso é livre e é feito através da entrada principal da Biblioteca. A consulta aos documentos é feita mediante a orientação do funcionário responsável, observando-se alguns procedimentos:

- Usar luvas ao manusear o material (fornecidas pelos Arquivos);
- Não se alimentar dentro do recinto;
- Deixar os materiais consultados sobre as mesas.

Estão vedadas a saída de documentos e a tiragem de fotocópias, salvo sob autorização, por escrito, do funcionário responsável.

6. EQUIPE RESPONSÁVEL

Coordenação:

Regina Helena de Freitas Campos
Setor de Psicologia - Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
Faculdade de Educação da UFMG
Presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

Consultores:

Adriano Roberto do Nascimento
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Lydia Bezerra Santiago
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Maria Jacó-Vilela
Núcleo Clio-Psíquico de Estudos em História da Psicologia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Annick Ohayon
Centre Alexandre Koyré d'Histoire des Sciences et des Techniques
École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, France

Beatriz de Rezende Dantas
Departamento de Fotografia e Cinema
Escola de Belas Artes da UFMG

Bethania Reis Veloso
Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Escola de Belas Artes da UFMG

Cecília Andrade Antipoff
Centro Universitário UMA, Belo Horizonte, MG

Cláudia Cardoso Martins
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais

Cristina Lhullier
Universidade de Caxias do Sul, RGS

Erika Lourenço
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Universidade Federal de Minas Gerais

Ingrid Gianordoli do Nascimento
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Universidade Federal de Minas Gerais

Jacqueline Carroy
Centre Alexandre Koyré d'Histoire des Sciences et des Techniques
École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, France

Keila Deslandes
Universidade Federal de Ouro Preto, MG

Luís Antonio CruzSouza
Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Escola deBlesa Artes da UFMG

Marcelo Ricardo Pereira
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Cleonice Mendes Souza
Universidade Estadual de Montes Claros, MG

Maria Cristina Soares de Gouvea
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria de Fátima Cardoso Gomes
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria de Fátima Lobo Boschi
Instituto de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brazil

Maria do Carmo Guedes
Núcleo de História da Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Marilene Almeida
Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira
Fundação Helena Antipoff

Marina Massimi
Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto

Marina Sorokina
Alexander Solzenitsyn Centre for the Study of the Russian Diaspora,
Moscow, Russian Federation

Martine Ruchat
Faculté de Psychologie et Sciences de l'Éducation
Université de Genève, Suíça

Mitsuko Aparecida Makino Antunes
Núcleo de História da Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Miguel Mahfoud
Departamento de Psicologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Nádia Maria Dourado Rocha
Faculdades Ruy Barbosa, Salvador, Bahia

Natasha Masolikova
Alexander Solzenitsyn Centre for the Study of the Russian Diaspora,
Moscow, Russian Federation

Oswaldo Yamamoto
Departamento de Psicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Raquel Martins de Assis
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Regina Rosa dos Santos Leal
Faculdade de Educação

Universidade do Estado de Minas Gerais

Renato Diniz Silveira
Faculdade de Medicina
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Campus Betim)

Rita de Cássia Vieira
Laboratório Helena Antipoff de Psicologia e Educação
Faculdade de Educação da UFMG

Sylvia Parrat-Dayana
Archives Jean Piaget
Université de Genève, Suíça

Terezinha Rey
Archives de L'Institut Jean Jacques Rousseau – Université de Genève,
Suíça

Vilma Moreira dos Santos
Arquivo Público Mineiro
Belo Horizonte, MG

Wade Pickren
Pace University, NY, EUA

William Barbosa Gomes
Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Estudantes de graduação e pós-graduação

Adriana Araújo Pereira Borges (Educação UFMG)

Adriana Cláudia Drumond (Educação UFMG)

Bianca Ferreira Rocha (Psicologia UFMG)

Carolina Silva Bandeira de Melo (EHESS Paris)

Eustáquio José de Souza Júnior (FAE UFMG)

Laís Gonçalves de Souza (Psicologia UFMG)
Leandro Henrique Silva Fiuza (Psicologia UFMG)
Marcelo de Magalhães Cunha (FAE UFMG)
Merie Bitar Moukachar (Educação UFMG)
Rodrigo Lopes Miranda (FAE UFMG)
Valéria Nhome (FAE UFMG)
Deolinda Armani Turci (mestrado. Psicologia/UFMG)
Marco Aurélio Trindade Fogaça (mestrado Psicologia/UFMG)
Bianca Ferreira Rocha (mestrado Psicologia/UFMG)
Laura Helena Silva (graduação Psicologia/UFMG)
Carolline de Souza Martins (graduação Psicologia/UFMG)
Mariana Rubia Gonçalves dos Santos (graduação Psicologia/UFMG)
Daniel dos Reis da Silva Guimarães (graduação Psicologia/UFMG)
Larissa Assunção Rodrigues (FAE UFMG)
Cecília Andrade Antipoff (FAE UFMG)
Adriana Otoni (FAE UFMG)
Ana Maria Belo (FAE UFMG)
Maria de Fátima Pio Cassemiro (FAE UFMG)

THE UFMG ARCHIVES OF THE HISTORY OF PSYCHOLOGY IN BRAZIL¹

Regina Helena de Freitas Campos²
Federal University of Minas Gerais, Brazil

The Archives of the Federal University of Minas Gerais – the UFMG, on the History of Psychology in Brazil were established in 1997, in the Helena Antipoff Room, at the Central Library of the University. They originated in 1986, when I was beginning my studies on the work of Helena Antipoff and researching sources for my PhD dissertation to be presented at Stanford University (Campos, 1989), under the guidance of Prof. David Tyack, the well known historian of American education.

Helena Antipoff is known as a leading educator and psychologist in Brazil. She played an important role in the development of a sociocultural perspective in educational psychology, drawing on her previous training in Paris (in the Alfred Binet Laboratory at the Sorbonne, 1911-1912), Geneva (at the Rousseau Institute, with Édouard Claparède, 1912-1916) and Saint Petersburg, where she worked as a psychologist during the difficult years of the Communist Revolution (1917-1924). In

¹ Article originally published in *History of Psychology* 13:201-205, 2010.

² Professor of Educational Psychology at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), with post-doctoral studies in the University of Geneva and École des Hautes Études en Sciences Sociales, in Paris, she is presently the President of the Center for Research and Documentation Helena Antipoff and director of the UFMG Archives on the History of Psychology in Brazil. Her main research interests are focused on the history of educational psychology in Brazil. E-mail rcampos@ufmg.br

Brazil, at the invitation of the Minas Gerais State government, she became chairwoman of one of the first Laboratories of Psychology established in the country, in 1929, created important institutions in the areas of special and rural education, and introduced the teaching of psychology at the University of Minas Gerais. Her work as a professor, a researcher and as an institution builder is widely recognized as one of the more important in the areas of education and psychology in the country (Campos, 2001).



Helena Antipoff and Édouard Claparède in Geneva, at the Rousseau Institute, c. 1927.

Part of the documentation gathered along her long and productive life is kept in the Helena Antipoff Center of Documentation and Research - CDPHA, on the Rosário Farm School, in Ibirité, Brazil, where she lived from the 1950s onwards. The diversity and the richness of these documents was such that a project was prepared in 1993, authored by the researcher, today Professor of the School of Education/ Federal University of Minas Gerais - UFMG, to prepare an inventory, organize and make this material available for research into the history of Brazilian psychology and education, with the support of the Brazilian National Research Council (CNPq) and the State of Minas Gerais Research Agency (Fapemig).



Helena Antipoff Room, Central Library at UFMG.



Panels at the Helena Antipoff Room, Central Library of the Federal University of Minas Gerais, Brazil, with a presentation of her life and works (1892-1974)

Initially, the organization of the material was to have been carried out in Ibirité, at the Helena Antipoff State Foundation. With the development of the activities, the increased involvement of the Federal University of Minas Gerais - UFMG and the demand by the organization for sources in the History of Psychology in Brazil, led to the project expanding its objectives – to become a Reference Centre in the History of Psychology in Brazil – which was the origin of the Archives. Since then, the collections of other researchers in the area are being incorporated into the Archives.

The team responsible for the work includes specialists in archives, in psychology and in education, in addition to the personnel trained in conservation and restoration techniques who work under the guidance of the Centre of Conservation and Restoration of Moveable Cultural Patrimony – CECOR, of the Federal University of Minas Gerais - UFMG. A team of consultants provides advice on the organization of the material.

The expression "History of Psychology in Brazil" refers to initiatives of a theoretical or practical nature in psychology that took place in Brazil and to the connections established between these initiatives and the psychology practiced in other parts of the world. As psychology in Brazil is profoundly related to the history of education, above all to the history of educational thinking and of the systems of teaching, the collections also constitute material of interest to historians in the education field. Thus, in institutional terms, the Archives are connected both to the research group on the "History of Psychology and Socio-cultural Context", of the Postgraduate Programme in Psychology of the Federal University of Minas Gerais - UFMG, as also to the "Psychology, psychoanalysis and education" research line of the Postgraduate Programme in Education of the Federal University of Minas Gerais.

COLLECTIONS

The Archives include the following collections:

1) THE CDPHA (Helena Antipoff Centre of Documentation and Research) COLLECTION

The CDPHA began to be established on August 6, 1979, in Belo Horizonte, during the commemorations of the fifty years since the arrival of Helena Antipoff in Brazil. Prof. Helena Dias Carneiro, representative of the Pestalozzi Society of Brazil, presented the project for the creation of a national center whose objectives would be to preserve the memory of Helena Antipoff, record her work and divulge her ideas. The proposal was accepted and, after eight months, the CDPHA – the Helena Antipoff Centre of Documentation and Research was created, on 25 March 1980. Activities of the CDPHA, since its foundation, include the realization of the Helena Antipoff Annual Meeting, which is already in its twenty-eighth edition, and the publication of the CDPHA Bulletin, which is in its 21st edition. In addition, the CDPHA looks after the collection of documents that belonged to Helena Antipoff in two sections: in the Helena Antipoff Room, in the University Library of the Federal University of Minas Gerais, and in the Helena Antipoff State Foundation, in Ibitiré. I am presently the President of CDPHA.

The collection of the UFMG section consists of part of the documentation of the CDPHA ceded by Daniel Antipoff (Helena Antipoff's son), through a contract signed with the Federal University of Minas Gerais - UFMG, in 1997. This part consists of unpublished documents such as: manuscripts, correspondence, sundry texts, annotations, publications of restricted circulation and photographs. It includes documents related to Helena Antipoff's life: the studies in Paris and Geneva, the work as a psychologist and educator in Russia, Switzerland and Brazil and to the organization and functioning of the Rosário Farm educational complex, produced and accumulated over the period from 1927 to 1987. It also includes publications produced by the Centre of Documentation. The other part of the documentation is kept at CDPHA, in Ibirité, and is at present undergoing a process of organization and preservation.

The main themes covered by the documents kept at UFMG are: educational psychology, education, special education, research in psychology and psychometrics, rural education, Pestalozzi Society, Rosário Farm School, psychological tests, honors paid to Helena Antipoff, life and work of Helena Antipoff, theatre and play in education. The documents are already organized in 57 cases.



Cases containing the documents, prepared in acid-free paper by CECOR
(Centre of Conservation and Restoration of Moveable Cultural Patrimony,
UFMG)

2) JOSEF BROZEK COLLECTION

Josef Brozek was the well known educator, scientist, historian of psychology born in Melnik, Bohemia (currently the Czech Republic), on 24 August 1913, son of Josef Francis and Filomena (Sourek) Brozek. He obtained his PhD at Charles University, in the city of Prague, in 1937.

In 1939, he moved to the United States and became a naturalized American citizen in 1945. During his professional life he worked in various fields of human psychology and biology, and started to develop an interest in the history of psychology in 1963, in parallel with his other activities. In this period, he was responsible for the creation of the division of the history of psychology within the American Psychological Association; he was founder member of the Journal of the History of the Behavioural Sciences, and of the International Society of History of the Behavioural and Social Sciences (later referred to as CHEIRON). Among his several publications in the area of the history of psychology, special mention should be made of the volume, published in partnership with Ludwig Pongratz, entitled *Historiography of Modern Psychology*, translated into Portuguese in 1988 (Brozek, J. and Massimi, M. *Historiography of Modern Psychology: Brazilian version*. São Paulo: Loyola, 1998).

Brozek visited the Helena Antipoff Room, em 1996, when he came to Brazil to participate in the installation meeting of the Working Group (WG) on the History of Psychology of the National Association of Research and Postgraduation in Psychology - ANPEPP, and was impressed with her contribution to psychology and education. He observed similarities between his own life and the life of Helena Antipoff: both came from Eastern European countries to the Americas, both lived in Europe during the difficult years of war and revolution (between 1914 and 1940), both wanted to contribute for the social well being of their fellows. Brozek studied extensively the effects on malnutrition on children, Antipoff studied the effects of poverty on mental development. As a result, Brozek donated part of his library and personal collection to

the Archives of the Federal University of Minas Gerais - UFMG of the History of Psychology in Brazil. This set constitutes the Josef Brozek Fund.

The Brozek Fund includes a set of documents produced and accumulated by Josef Brozek throughout his professional and academic life. It consists of books, correspondence, photographs, sundry texts, periodicals, reprints and slides. It covers the period from 1891 to 1996. The collection was donated to the Archives in 1998, by the owner. It covers the history of psychology and the history of North-American psychology, and includes 76 books, 7 titles of periodicals and a collection of unpublished materials.

3) HELENA DIAS CARNEIRO COLLECTION

Helena Dias Carneiro had a first contact with Helena Antipoff in Rio de Janeiro in 1945, seeking treatment for her handicapped son. She became from this moment on, one of the first mothers of mentally or physically handicapped people to collaborate in the work of Helena Antipoff, becoming engaged in the creation of the Pestalozzi Society of Brazil - SPB in that same year and working in several other projects in benefit of handicapped children. Thus, she participated in the foundation of the first Association of Parents and Friends of the Mentally or Physically Handicapped APAE, in 1954, coordinated the Council of Students of the SPB, she was a member of the Consultative Council of the SPB in 1975, was second Treasurer of the National Federation of

Pestalozzi Societies in the period between 1978-1982 and worked on the publication of the SPB Bulletin.

In 1980, Helena Dias Carneiro assumed the coordination of the Rio de Janeiro section of the Helena Antipoff Centre of Documentation and Research - CDPHA, and helped to start the Helena Antipoff Annual Meetings, and the publication of the CDPHA Bulletins.

The Helena Dias Carneiro collection consists of a set of documents produced and accumulated during the period she worked with Helena Antipoff and soon after her death, including their correspondence and newspaper cuttings. It covers the period from 1947 to 1984, and was donated in 1997, by Daniel Antipoff, after the discontinuation of the CDPHA section in Rio de Janeiro. The themes covered in this collection are: art and education, the gifted, special education, rural education, Pestalozzi Society. The original order defined by the owner has been maintained, arranged in series, by type of document: the correspondence series, in chronological order, and the newspaper cuttings series, by subject. The collection includes 240 items of correspondence, 59 books and 17 titles of periodicals.

4) DANIEL ANTIPOFF COLLECTION

Daniel Antipoff is the son of the educator and psychologist Helena Antipoff and the Russian journalist and writer Vitor Iretzky, born in St. Petersburg in 1919. Daniel graduated in Agronomy from the University of Viçosa, Brazil, in 1948. He worked as an agronomist in Contagem, Brazil, and started to attend the course of Philosophy of the

University of Minas Gerais - UMG, in Belo Horizonte, Brazil, in 1943. At the start of the 1950s, he was one of the founding members of the Service of Professional Counseling and Selection – SOSP, a period in which he qualified in the application of intelligence tests and in conducting psychological interviews. In 1956, he was a student on the Course of Experimental Psychology delivered by the Genevan psychologist André Rey in the Higher Rural Education Institute - ISER, in Ibitité, invited by his mother. In 1957, when the Minas Gerais Society of Psychology was established, he was elected its first General Secretary. In São José dos Campos, São Paulo, he worked as a resident psychologist, in 1963. At the University of Denver, in the United States, he did, in 1970, a postgraduation course in the Education of Mentally or Physically Handicapped Children. In 1980, he created the Helena Antipoff Center of Documentation and Research - CDPHA, following a suggestion of Helena Dias Carneiro for the preservation of his mother's philosophy and ideas. In 1989, having as superintendent the psychiatrist Hélio Alkmim, he took over the Direction of the Helena Antipoff Foundation, managing the Psychology and Pedagogy Sectors, the Sandoval Soares de Azevedo School and the further education courses for rural teachers. Having worked as a clinical psychologist since the 1950s, from the 1980s on he became known also for his activities in the diagnosis of gifted children and adolescents.

The Daniel Antipoff Collection includes 131 books and 27 titles of periodicals produced and accumulated throughout his career, covering the period from 1892 to 1998. The collection was donated by the owner in 1998. The themes covered are: psychology, Helena Antipoff, special

education, history of psychology, psychoanalysis, education, Pestalozzi Society, psychological tests.

5) CAMPOS COLLECTION

This collection includes a set of 103 books, 14 titles of periodicals, unpublished dissertations and manuscripts donated, in 1998, by Regina Helena Freitas Campos and her husband, Léo Pompeu de Rezende Campos. It covers the period from 1936 to 2003. The books were part of the personal collection of the owners, some having been produced by them. The themes covered by the collection are: history of psychology, psychology, social psychology, law, environmental law, education.

6) MARINA MASSIMI CATALOGUE OF SOURCES

This catalogue consists of a bibliographical data base (references of books, theses, manuscripts) for research in the History of Psychology in Brazil, all the material being physically localized in libraries of the State of São Paulo. It was generated from research done by Prof. Marina Massimi, of the University of São Paulo – Ribeirão Preto, and donated by the owner in 1997. The data base allows the search by author, title and subject and carries the number for localization of the work, in the library in which it is located.

7) DENISE NEPOMUCENO CATALOGUE OF SOURCES

This catalogue consists of a bibliographical survey of sources for the history of psychological ideas in the state of Minas Gerais, Brazil, between 1830 and 1930. It was organized by Denise Maria Nepomuceno, student in Education at UFMG, under the orientation of Prof. Dr. Regina Helena de Freitas Campos. It lists a total of 264 titles. The libraries chosen for the research, because they had collections relevant for the history of Minas Gerais, were: the Public Archives of the State of Minas Gerais, the Luiz de Bessa State Public Library (the Minas Gerais collections, Patrimonial and Rare Works), the System of Libraries of the Federal University of Minas Gerais and Collections of the University Library of the Federal University of Minas Gerais, the library of the Federal University of São João Del Rey and the Batista Caetano Library (rare works of the UFSJ), the Municipal Library of São João Del Rey, the Library of the Professor's Reference Centre, the Library Systems of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais.

CONSERVATION

The documentation is conserved in a conditioned environment, with controlled temperature and humidity. The documents are being treated with the purpose of prolonging durability and the permanence of the collection, in the best manner possible, and preserving them physically and as documents. The stages of the treatment are: individual mechanical cleaning; removal of metallic material or objects incompatible

with the support, paper; conditioning in individual files, in collective files and in cases with document lots classified by subject. The materials used in the conservation of the documents are: paper, and neutral adhesives.

DONATIONS

Donations of collections related to the History of Psychology in Brazil are accepted. The material to be donated will undergo a prior evaluation, to check its relevance as regards the objectives of the Archives. The conditions of donation will be agreed upon between the donor and the University, and it will be possible to establish restrictions on consultation, or even stipulate a period when the material may be freely consulted.

ORIENTATION AS REGARDS THE CONSULTATION

The Helena Antipoff Room is open daily, except for Saturdays, Sundays and public holidays, at 400, 4th floor of the Central Library of the Federal University of Minas Gerais. Access is free and is through the Library's main entrance. Consultation of the documents is effected under orientation of the official responsible, observing some procedures: gloves must be used in handling the material (furnished by Archives); no eating or drinking is allowed in the enclosed sector; the materials consulted should be left on the tables. The removal of documents and the taking of photocopies are prohibited, except with authorization, in writing, of the

responsible official. The collections are being included in the general university catalogue, available on the site www.bu.ufmg.br.

TEAM RESPONSIBLE

The team responsible by the coordination of the UFMG Archives on the History of Brazilian Psychology is composed by a group of professors from the Federal University of Minas Gerais: Regina Helena de Freitas Campos, from the School of Education, Beatriz de Rezende Dantas, from the Department of Photography and Cinema, School of Fine Arts; Bethania Reis Veloso, from the Centre of Conservation and Restoration of Moveable Cultural Patrimony, School of Fine Arts; Erika Lourenço, from the Department of Psychology and Raquel Martins de Assis, from the School of Education.

Members of the Work Group on the History of Psychology of the National Association of Research and Postgraduation in Psychology (ANPEPP) act as consultants to the Archives: Prof. Maria do Carmo Guedes, from the Nucleus of History of Psychology at the Pontifical Catholic University of São Paulo; Prof. Marina Massimi, from the Dept. of Psychology and Education, School of Philosophy, Sciences and Letters of the University of São Paulo - Ribeirão Preto Campus; Sylvia Parrat-Dayana, Scientific Assistant at the Jean Piaget Archives, University of Geneva, Switzerland; Prof. Ana Maria Jacó-Vilela, from the Institute of Psychology, State University of Rio de Janeiro; Prof. William Barbosa Gomes, from the Institute of Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil, among others.

REFERENCES:

Brozek, J. & Pongratz, L.J. (Eds.) (1980) Historiography of Modern Psychology. Toronto: Hogrefe.

Brozek, J. & Massimi, M. (Orgs) (1998) Historiografia da Psicologia Moderna – Versão Brasileira. São Paulo: Loyola.

Campos, R.H.F. (1989) Conflicting interpretations of intellectual abilities among Brazilian psychologists and their impact on primary schooling. Unpublished doctoral dissertation, Stanford University, Palo Alto, CA.

Campos, R.H.F. (2001) Helena Antipoff (1892-1974): A Synthesis of Swiss and Soviet Psychology in the Context of Brazilian Education. History of Psychology 4(2), 133-158.

BOLETIM DO CDPHA

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

O *Boletim do CDPHA*, editado anualmente pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) desde 1981, é registrado sob o número ISSN 1806-1931 (*International Standard Serial Number*) como publicação periódica. Com tiragem de 500 exemplares, o *Boletim* é distribuído aos sócios do CDPHA e aos participantes dos Encontros Anuais Helena Antipoff e, em regime de permuta, a bibliotecas e instituições científicas através da Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1980 com os objetivos de preservar a memória e divulgar a obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974), cuja contribuição como profissional e como pesquisadora nas áreas da psicologia e da educação é amplamente reconhecida, no Brasil e no exterior. Nascida em Grodno, na Rússia, Helena Antipoff fez estudos superiores em Psicologia e Educação em Paris (1908-1912) e Genebra (1912-1914). Em 1929, veio para o Brasil a convite do governo mineiro, para dirigir o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (um dos primeiros laboratórios de psicologia instalados no país) e colaborar na implantação da reforma de ensino Francisco Campos, inspirada nos ideais da Escola Nova. Radicou-se no Brasil a partir dessa época e

desenvolveu extenso trabalho nas áreas da psicologia e educação, em especial na pesquisa em psicologia experimental, fundamentos da educação, educação de excepcionais e educação rural. Fundadora da Sociedade Pestalozzi (para a educação de excepcionais) e da cadeira de Psicologia da Educação na Universidade Federal de Minas Gerais, seu trabalho é respeitado pelo pioneirismo na orientação socioconstrutivista em psicologia e pelo caráter humanista e politicamente informado de suas iniciativas. As informações completas sobre sua trajetória constam do *Dicionário de educadores no Brasil– da colônia aos dias atuais* (organizado por Maria de Lourdes Fávero e Jader Britto, Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP, 1999) e do *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil – Pioneiros* (organizado por Regina Helena F. Campos, Rio de Janeiro: Imago/Conselho Federal de Psicologia, 2001), num testemunho da expressão de sua obra como psicóloga e educadora.

O CDPHA cuida do acervo gerado por Helena Antipoff nas diversas instituições que ela criou no Brasil e a partir de seu trabalho como intelectual, educadora e pesquisadora. Esse acervo se encontra atualmente preservado na Fundação Helena Antipoff (Ibirité, MG) e na Universidade Federal de Minas Gerais (Sala Helena Antipoff, Biblioteca Central), disponível para estudiosos e pesquisadores interessados.

Desde sua criação, o CDPHA promove o Encontro Anual Helena Antipoff e publica o *Boletim do CDPHA*, contendo os resumos das contribuições apresentadas no evento. Cada encontro anual é dedicado a um tema relacionado à obra de Helena Antipoff, e os conferencistas são convidados a apresentar trabalhos de pesquisa ligados ao tema escolhido. O *Boletim do CDPHA* publica também notícias sobre o CDPHA e suas atividades. A publicação conta com comissão editorial

composta pelo(a) presidente do CDPHA e um grupo de colaboradores, e com um corpo de consultores vinculados a diversas instituições de ensino e pesquisa, nacionais e estrangeiras, nas áreas da psicologia e da educação.

A partir de 2007, o CDPHA passou a publicar também a *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, para divulgar os trabalhos completos apresentados nos eventos anuais. As contribuições destinadas a publicação devem ser enviadas à presidência do CDPHA por e-mail ou pelo correio, no endereço indicado abaixo, em conformidade com as instruções apresentadas a seguir. Os manuscritos devem ser inéditos, não submetidos a outro periódico, e respeitar as normas éticas vigentes. São apreciados por pelo menos dois membros do corpo editorial e/ou por especialistas *ad hoc* indicados pela comissão editorial. Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pela citada comissão.

Instruções

1) As coletâneas da *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff* publicam ensaios teórico-conceituais, relatos históricos, relatos de pesquisa, estudos de caso e relatos de experiência profissional ligados aos temas abordados por Helena Antipoff e escolhidos para cada Encontro Anual Helena Antipoff.

2) Os manuscritos a serem publicados devem ser encaminhados ao CDPHA por ocasião de cada Encontro Anual Helena Antipoff. Os encontros são realizados sempre na última semana do mês de março,

em comemoração à data de aniversário da educadora (25 de março). Os manuscritos devem ser inéditos e não encaminhados a outras publicações, mediante declaração por escrito do(s) autor(es).

3) Os manuscritos devem ter no máximo 20 páginas, digitadas em espaço 1,5 entre linhas, no editor de textos MS-WORD, em fonte Arial 12. Deverão acompanhá-los um resumo de até 14 linhas e as **Palavras-chave**, em português e inglês, francês ou espanhol, em fonte Arial9, com espaço 1,5 entre linhas. O título do trabalho deve constar em português e em inglês.

4) Após o título do texto, deve constar o nome do autor. No rodapé da primeira página, colocar a referência do autor (titulação, instituição, endereço para correspondência).

5) Os ensaios teórico-conceituais devem incluir introdução, antecedentes históricos e/ou conceituais, desenvolvimento do argumento e conclusões. Os relatos de pesquisa devem incluir introdução com objetivos e justificativa, revisão da literatura, método, resultados e discussão. No caso de pesquisa empírica, as normas éticas em vigor no Brasil devem ser obedecidas. Os estudos de caso e relatos de experiência profissional devem obedecer à mesma estrutura (introdução, perspectivas teóricas, método, resultados, discussão e conclusões) e normas éticas. As resenhas de livros ou de artigos devem tratar de publicações recentes nas áreas da história da psicologia ou da educação e destacar sua relevância para os estudiosos dessas áreas.

6) As referências devem ser apresentadas conforme as normas da ABNT, em ordem alfabética, considerando-se o último sobrenome dos autores.

Seguem exemplos de referências:

a) Livros e capítulos de livros:

BERNARDES, Lúcia H. G. *Subjetividade: um objeto de estudo para uma psicologia comprometida com o social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007 (Coleção Histórias da Psicologia no Brasil)

CURY, Carlos R. J. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, Maria de Lourdes A.; BRITTO, J. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC/INEP, 1999, p. 39-44.

b) Artigos em periódicos:

PEREZ-RAMOS, Aydil M. Q. Contribuições ao módulo História da Psicologia do Sistema de Ensino na BVS-Psi. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, Ano XXVI, n. 3, set./dez.2006, p. 22-23.

c) Teses e dissertações:

LOURENÇO, Erika. *A criminologia entre a biologia e a educação: o discurso sobre o psicológico na Revista da Faculdade de Direito da UFMG (1892-1962)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2007 (tese de doutorado).

Endereço para envio dos originais:

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

Sala Helena Antipoff

Biblioteca Central

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha

31270-901 Belo Horizonte, MG

E-mail: rcampos@ufmg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adriana Araújo P. Borges, 27, 140
Adriana Araújo Pereira Borges, 3, 5, 314, 338
Adriana Cláudia Drumond, 4, 41, 274, 313, 338
Adriana Lacerda de Brito, 41, 272
Adriana Otoni, 3, 5, 26, 29, 120, 153, 313, 339
Adriano Roberto do Nascimento, 335
Alessandra do Prado Cunha e Silva, 40, 268, 318
Alexander Solzenitsyn, 337
Aline Moreira Gonçalves, 33, 191
Alison Azevedo Souza, 35, 219
Amarilis Coelho Coragem, 20, 78
Ana Lúcia de Santana Almeida, 33, 201
Ana Lydia Bezerra Santiago, 335
Ana Maria Belo, 339
Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota, 31, 168
Ana Maria Jacó-Vilela, 45, 308, 335, 355
Ana Maria Milagres Belo Francisco, 4, 41, 274, 313
Ana Paula Ferreira Leite, 40, 266
Anália das Graças Gandini Pontelo, 4, 313
André Elias Morelli Ribeiro, 31, 176
Ângela Vorcaro, 39, 257
Angélica Silva Moreira, 24, 97
Annick Ohayon, 335
Ariuska Karla Barbosa Amorim, 42, 280
Arthur Arruda Leal Ferreira, 44, 297
Avezey Araújo Costa, 35, 216

B

Bárbara Ramalho, 36, 223
Béatrice Haengelli, 20
Béatrice Haengelli-Jenni, 5
Beatriz de Rezende Dantas, 335, 355
Beatriz de Souza Silva, 34, 204
Beatriz Regina Pereira Saeta, 43, 288
Bethania Reis Veloso, 335, 355

Bianca Ferreira Rocha, 338, 339
Bruna Borba de Araújo Tchalekian, 43, 292
Bruna de Sousa Cavalcanti, 38, 248
Bruna Rocha Amaral, 24, 35, 95, 216

C

Camila Dulce Gorgulho, 40, 266
Camila Jardim de Meira, 4, 36, 225, 323
Camila Jardim Meira, 29, 153
Camilla Martins de Oliveira, 33, 193
Cândida de Oliveira Carpes, 25, 37, 114, 243, 245
Caren Samantha Teixeira Fonseca, 24, 97
Carla Andrea Teixeira Dias Camargos, 3, 320
Carla Jatobá Ferreira, 19, 62, 63
Carla Maria Nogueira Carvalho, 35, 217
Carlos Henrique de Souza Gerken, 32, 178
Carlos Monarcha, 20, 73
Carlyle dos Passos Laia, 3, 313
Carmen García Colmenares, 29, 146
Carmen Lidia Vieira Leite, 41, 270
Carolina Bandeira de Melo, 5, 314
Carolina Gonçalves Moreira Fonseca, 38, 250
Carolina S. Bandeira de Melo, 45, 310
Carolina Silva Bandeira de Melo, 338
Carolina Zimer Silva, 26, 130
Carolline de Souza Martins, 339
Carolline Souza Martins, 3, 325
Cecília Andrade Antipoff, 4, 32, 189, 325, 335, 339
Célia Nunes, 16
Célio Ferreira Santos, 33, 201
César Rota Júnior, 5, 30, 161
Christiane Campos de Araújo, 3, 26, 125, 323
Clarice Loureiro, 4, 325
Clarice Moukachar Batista Loureiro, 32, 184, 318
Cláudia Cardoso Martins, 335
Claudia da Silva Leite, 43, 294
Cláudia Mayorga, 19, 62, 64
Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte, 24, 101
Cleuza Glória de Fátima Amorim de Oliveira, 4, 325
Cristiane Passos de Mattos, 43, 290

Cristiene A. da Silva Carvalho, 23
Cristina Lhullier, 335
Cynara Soares D. Anício Pereira, 38

D

Daniel dos Reis da Silva Guimarães, 339
Daniela Leal, 27, 37, 136, 232
Daniela Teixeira Dutra Viola, 23, 86
Delba Teixeira Rodrigues Barros, 4, 5, 13, 25, 29, 108, 149, 313
Dener Luiz da Silva, 27, 33, 34, 133, 201, 204
Dener Silva, 5
Denise Jodelet, 5, 12, 18, 50, 82
Deolinda Armani Turci, 3, 5, 13, 30, 163, 325, 339
Diana Ramos de Oliveira, 24, 99
Diego Marcos Aguilar, 35, 211

E

Eda Tassara, 5, 12, 17
Eda Terezinha de Oliveira Tassara, 47
EdaTassara, 17
Éder Nogueira, 17
Edilaine Albertino de Moraes, 43, 290
Edinélia Ramos, 34, 206, 207
Elde Alves de Castro, 31, 168
Elenice Procópio Araújo, 38, 42, 252, 286
Elizabeth Coutinho de Moraes, 4, 325
Elizabeth Dias Munaier Lages, 4, 26, 34, 127, 130, 206, 207, 313
Elizabeth Munaier, 5
Elizabeth Munaier Lages, 5
Ellen Araújo Lima Feitosa, 31, 44, 172, 305
Emanuel Meireles Vieira, 44, 305
Erica Fernanda Justino, 36, 230
Erika Lourenço, 4, 5, 13, 19, 29, 30, 40, 149, 163, 266, 313, 335, 355
Eustáquio José de Souza Júnior, 338

F

Fernanda Carvalho de Faria Vila Real, 38, 254
Fernanda Cilene Moreira de Meira, 43, 288

Fernanda Flaviana de Souza Martins, 4, 27, 142, 325
Fernanda Gontijo de Araújo Abreu, 31, 174
Fernando de Sousa Santana, 35, 41, 209, 211, 270
Filomena de Fátima Silva, 3, 324

G

Gilberto Safra, 27, 144
Gisele Resende Silva, 32, 186
Gleice Tatiana Marques Barbosa da Silva, 36, 225
Graciella Faico Ferreira, 42, 43, 290

H

Heitor Blesa Farias, 25, 32, 44, 114, 117, 181, 301
Heloisa Edwards, 33, 201
Henrique Meira de Castro, 43, 293

I

Ingrid Gianordoli, 21
Ingrid Gianordoli do Nascimento, 5, 336
Isabel Antunes, 21, 23, 80, 83, 92
Ivana Lago Pires, 35, 216

J

Jacqueline Carroy, 336
Jacqueline Gonçalves dos Santos, 40, 268, 318
Janderson Carneiro de Oliveira, 31, 172
Joana Beatriz Barros Pereira, 35, 217
José Carlos Tavares da Silva, 24, 101
José Cláudio Junqueira Ribeiro, 21
Juliane Correa, 16
Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha, 24, 99, 101

K

Kaciana Nascimento da Silveira Rosa, 40, 44, 264, 296
Karol Oliveira de Amorim-Silva, 23, 89
Kátia de Oliveira Mariás, 27, 138

Keila Deslandes, 336
Kétherine Oliva Alencar, 3, 313

L

Laênia Martins Petersen, 40, 259
Laís Gonçalves de Souza, 339
Larissa Assunção Rodrigues, 3, 5, 13, 29, 149, 325, 339
Laryssa Soares Leite, 25, 32, 114, 181
Laura Helena Silva, 339
Laurent Gutierrez, 6, 11, 20, 30, 70, 161, 314
Leandro Henrique Silva Fiuza, 339
Lenora Ludolf Gomes, 21
Lenora Nunes Ludolf Gomes, 42, 280
Leonardo Lemos de Souza, 31, 176
Leonardo Rocha Silva da Rosa, 44, 297
Lidiane de Oliveira Goes, 45, 308
Lilian Erichsen Nassif, 3, 5, 6, 313
Lilian Sipoli Carneiro Cañete, 4, 323
Lirlaine C. Vaz de Oliveira, 27, 133
Lorena Kelle Silva Vaz, 24, 95
Loyana C. de Lima Tomaz, 36, 227
Luana Campos e Silva, 33, 196
Lucas Matias Felix, 30, 37, 158, 240
Lúcia Helena Alvarez Leite, 33, 196
Luís Antonio Cruz Souza, 336
Luís Felipe Viana Cardoso, 17
Luis Flávio Silva Couto, 4, 5, 325
Luís Flávio Silva Couto, 6, 313
Luisa Xavier de Brito Silva, 37, 238
Luiz Eduardo Prado da Fonseca, 44, 297
Luiz Henrique de Sá, 24, 101
Luiz Paulo Ribeiro, 23, 83

M

Magda Valesca de Carvalho Fróis, 33, 201
Mara Lúcia Rodrigues Costa, 41, 274
Marcelo de Magalhães Cunha, 339
Marcelo Ricardo Pereira, 6, 19, 62, 64, 315, 336
Marcilene Magalhães da Silva, 36, 221

Marco Antônio Torres, 19, 62
Marco Aurélio Trindade Fogaça, 339
Marcos Vieira, 19, 32, 186
Marcos Vieira Silva, 5, 6
Margareth Diniz, 5, 6, 8, 13, 16, 19, 36, 62, 64, 221
Maria Cecília Freitas de Souza, 42, 283
Maria Cleonice Mendes Souza, 336
Maria Cristina Soares de Gouvea, 336
Maria das Graças Ferreira Coimbra, 3, 325
Maria de Fátima Cardoso Gomes, 336
Maria de Fátima Lobo Boschi, 336
Maria de Fátima Pio, 5, 26, 29, 120, 151, 313, 339
Maria do Carmo Coutinho de Moraes, 3, 324
Maria do Carmo da Siva, 33
Maria do Carmo Guedes, 6, 12, 16, 17, 336, 355
Maria do Carmo Lara, 5, 16, 17, 26, 127, 324
Maria do Carmo Lara Perpétuo, 3, 324
Maria do Rosário de Fátima Rodrigues, 38, 252
Maria Isabel Antunes Rocha, 6
Mariana Aparecida Pereira da Cruz Sousa, 26, 130
Mariana Batista Vieira, 40, 262
Mariana Marilack, 36, 223
Mariana Rubia Gonçalves dos Santos, 339
Marielle Costa Silva, 26, 38, 123, 252
Marilene Almeida, 337
Marilene Oliveira Almeida, 4, 5, 6, 20, 26, 40, 78, 120, 125, 268, 313
Marília Novais da Mata Machado, 32, 178
Marina Massimi, 6, 37, 232, 314, 333, 337, 352, 355
Marina Sorokina, 6, 337
Marta de Azevedo Irving, 43, 290
Martine Ruchat, 337
Marytânia Rodrigues Barboza, 33, 201
Maurício Andrés Ribeiro, 19, 65
Mendes, R.S.M., 42
Mendes, S.O., 42
Merie Bitar Moukachar, 339
Miguel Mahfoud, 21, 337
Miriam Aparecida de Brito Nonato, 3, 313
Mitsuko Aparecida Makino Antunes, 6, 17, 20, 40, 43, 55, 262, 314, 337

N

Nádia Maria Dourado Rocha, 6, 13, 337
Nádia Rocha, 18
Natasha Masolikova, 337

O

Oswaldo Yamamoto, 337

P

Paula Cristina David Guimarães, 44, 303
Paulo Coelho Castelo Branco, 25, 30, 31, 32, 37, 44, 106, 114, 117, 158, 170, 181, 235, 238, 240, 243, 245, 299, 301, 305
Paulo Souza Monteiro, 30, 158
Polyana Aparecida Valente, 35, 219

R

Raquel Assis, 21
Raquel Martins Assis, 32, 40, 184, 259
Raquel Martins de Assis, 3, 5, 13, 25, 112, 317, 337, 355
Regilene Cristina da Silva, 33, 201
Regina Helena Campos, 17, 319
Regina Helena de Freitas Campos, 3, 5, 13, 16, 25, 32, 33, 112, 189, 198, 313, 327, 334, 340, 353, 355
Regina Rosa dos Santos Leal, 337
Reginaldo Lúcio Lopes da Veiga, 35, 211
Renata Capeli S Andrade, 30, 38, 166, 255
Renata Pimenta Sadi, 3, 325
Renato Diniz Silveira, 338
Ricardo José Miranda, 4, 313
Ricardo Silveira Bernardes., 42
Ricardo Tezini Minoti, 42, 280
Rita de Cássia Vieira, 4, 6, 30, 156, 313, 338
Riviane Borghesi Bravo, 4, 25, 33, 110, 112, 198, 313
Rodolfo Luís L. Batista, 32
Rodolfo Luís Leite Batista, 32, 178
Rodrigo Lopes Miranda, 4, 31, 168, 319, 339
Romilda Oliveira Alves, 4, 6, 16, 42, 278, 313

Ronaldo Andrade Alloca, 35, 41, 211, 270
Rozaine A. Fontes Tomaz, 36

S

Samuel Gonçalves Pinto, 35, 41, 209, 211, 270
Sânia M.Freire Machado, 35
Santos, K.J., 42
Sérgio Dias Cirino, 4, 25, 30, 31, 37, 44, 106, 161, 170, 235, 299, 319
Sérgio Domingues, 4, 5, 25, 33, 110, 198, 321
Sérgio Farnese, 4, 6, 18, 313
Sérgio Rossi, 17
Sílvia Maria Medeiros Magalhães, 3, 324
Sílvia Parrat-Dayán, 6
Silvio Freitas Soares, 34, 206, 207
Simone de Jesus Ribeiro Almeida, 33, 201
Solange Christina Carneiro Rodriguez, 35, 217
Sonia Maria Barbare Albuquerque Parente, 27, 144
Sônia Vieira Coelho, 4, 325
Stela Maris Bretas de Souza, 42, 286
Stela Maris Bretas Souza, 26, 123
Stella Rodrigues, 6
Sylvia Parrat-Dayán, 338, 355

T

Tânia Cristina Moreira Souza Tavares, 40, 268, 318
Tânia de Freitas Barros Maciel, 6
Tânia Ferreira, 38, 39, 257
Tânia Maciel, 12, 18, 19
Telma de Oliveira Vidigal, 35, 209
Terezinha Rey, 338
Túlio Matheus Gomes de Sousa, 26, 130

U

Ulivânia Faustino Vasconcelos, 35, 209

V

Valéria D. Mori, 38, 248

Valéria Nhome, 339
Vilma Moreira dos Santos, 338

W

Wade Pickren, 338
Waleska Medeiros de Souza, 24, 104
Welessandra Aparecida Benfica, 23, 80
Wellington Marçal de Carvalho., 4, 325
William Barbosa Gomes, 338, 355